

SHUSAKU ENDO

SAMURAI

Do mesmo
autor do
best-seller
SILÊNCIO

鎌倉権五郎景政

鳥海彌三郎保則

青柳信子

TUSQUETS
EDITORES





SAMURAI

SHUSAKU ENDO
SAMURAI

Tradução
Mário Vilela

TUSQUETS
EDITORES

Copyright © Shusaku Endo, 1980

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017

Todos os direitos reservados.

Título original: *Samurai*

Título da versão autorizada em inglês: *The Samurai*

Preparação: Maitê Zickur

Revisão: Thais Rimkus e Ana Lima Cecílio

Projeto gráfico: Jussara Fino

Diagramação: Abreu's System

Capa: Adaptada do projeto original de Companhia

Imagem de capa: Heritage Images/gettyimages

Adaptação para eBook: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E46s

Endo, Shusaku

Samurai / Shusaku Endo; tradução Mário Vilela. – 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2017

Tradução de: The samurai

ISBN 978-85-422-1184-9

1. Ficção japonesa. 2. Romance histórico. I. Vilela, Mário. II. Título.

17-44712

CDD: 895.63

CDU: 821.521-3

Este livro foi traduzido do japonês para o inglês por Van C. Gessel.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21^º andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Sumário

NOTA DA TRADUÇÃO AMERICANA

PREFÁCIO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

PÓS-ESCRITO: FATO E VERDADE EM *SAMURAI*

Nota da tradução americana

O processo de desmontar tijolo por tijolo uma obra de literatura estrangeira e reconstruí-la em nosso solo nativo é raramente uma experiência totalmente satisfatória. Às vezes, os alicerces não se adaptam ao terreno nada familiar; de quando em quando, acontece de o solário parecer um tanto ridículo numa região onde não para de chover. Muitos anos atrás, num ensaio, o sr. Endo se referiu com muita propriedade à tradução literária como sendo um trabalho de “transformação”, pois uma obra literária arrancada à força do ambiente natural e atirada a uma vizinhança estranha sofrerá necessariamente algumas mudanças dolorosas, embora necessárias.

Essas dores advindas da transformação são muito semelhantes ao “choque cultural”, conhecido de qualquer um que tenha vivido tempo considerável no exterior. Às vezes imagino se a parte de um romance que possui vida própria não passa por trauma semelhante ao ser traduzida para um idioma estrangeiro. Recordando-me dos dias de agonia física e espiritual que tive durante minha primeira estada no Japão, esforcei-me para tornar suave a transição de *Samurai* para o inglês. Minha maior preocupação foi preservar a integridade do original do sr. Endo. Foi por isso que, por exemplo, insisti em que o protagonista permanecesse “o samurai” em todo o texto, pois é um termo que conota “serviço a um amo”, tema central no romance. Também mantive certos termos como “Nova Espanha” mesmo quando soavam um pouquinho estranhos, já que o mais conciso “México” é impreciso para aquele período histórico. Notas de rodapé foram acrescentadas para esclarecer itens que normalmente só o leitor japonês conheceria. Todos os nomes estão na ordem normal japonesa, com o sobrenome primeiro.

Em alguns casos, porém, eu e aqueles que tiveram a bondade de ler meu manuscrito chegamos ao consenso de que seriam essenciais algumas pequenas concessões aos gostos e às preferências ocidentais. Com a autorização do sr. Endo, fiz uns poucos cortes no texto. Estes nunca foram profundos o bastante para sair sangue, e, se o leitor pudesse examinar cuidadosamente cada ferida, acredito que ficaria grato, e não enfurecido por essas pequenas cirurgias eletivas terem sido feitas. Os cortes se deram por duas razões: em primeiro lugar, porque o idioma

japonês possibilita mais elasticidade que, em geral, o inglês; em segundo lugar, porque a técnica de repetição que o sr. Endo emprega no texto, embora seja recurso literário familiar e aceitável no Japão, sem dúvida apenas irritaria e alienaria o leitor ocidental. No primeiro caso, o que fiz foi comprimir ligeiramente a prosa; no segundo, fechei os olhos por um instante e me permiti passar por cima das redundâncias. Somente aqueles que lerem o original poderão constatar que não causei nenhum dano perceptível ao romance; todos os outros precisarão aceitar minha garantia de que só tive em mente os melhores interesses do meu amigo Shusaku Endo.

Ao fazer esta tradução, utilizei os conhecimentos e a sabedoria de muitas pessoas. Sou especialmente grato a uma legião de professores e colegas da Columbia University e da University of Notre Dame. Meus agradecimentos especiais ao professor Donald Keene, da Columbia, que, à maneira elegante e meticulosa de sempre, leu e comentou o manuscrito; ao sr. Dan Franklin, editor paciente e atento; e a minha mulher, Elizabeth.

Van C. Gessel

University of Notre Dame, outono de 1981

Prefácio

Samurai se passa no Japão, no início do século XVII. Para ajudar os leitores ocidentais que talvez não estejam familiarizados com a história japonesa, seria conveniente explicar a situação geral do país naquele período.

Embora situado nos confins do Oriente, no início dos anos 1600 o Japão estava prestes a ser engolido pelo redemoinho extremamente complexo e perigoso da política internacional. As nações da Europa – em especial Inglaterra e Holanda, protestantes, e Portugal e Espanha, países católicos – disputavam para estender sua influência à Ásia. Essas nações estabeleceram colônias em todos os cantos do sudeste asiático, construíram navios para aumentar o comércio e a riqueza e lutaram umas contra as outras em mares da Ásia. Tais batalhas não se restringiram a conflitos políticos e comerciais; nelas se incluíram embates religiosos entre católicos e protestantes.

Apanhado no meio desse vórtice, o Japão viu-se obrigado a se proteger. Seu governante, Tokugawa Ieyasu, teve o cuidado de não repetir os erros imprudentes do antecessor, Toyotomi Hideyoshi, que tentara subjugar a Coreia. Ieyasu se lançou à tarefa de esmagar as forças que apoiavam o filho de Hideyoshi para, em última instância, unificar o Japão. Ao mesmo tempo, na política externa, Ieyasu buscou meios de proteger o Japão de invasões por parte de várias nações europeias. Em seu governo, Hideyoshi proibira oficialmente os missionários cristãos de fazer proselitismo no país; mas, por causa do comércio, tolerou as atividades deles. Já Ieyasu era devoto budista e, convencido de que os missionários eram o início da dominação do Japão, reprimiu-os numa série de etapas.

Em consequência, desferiu severo golpe nos esforços de evangelização dos missionários europeus, que agiam com vigor. Mais ou menos ao mesmo tempo, a ação missionária no Japão, que antes se restringira à Companhia de Jesus, foi aberta a agostinianos, dominicanos, franciscanos e várias outras ordens religiosas. O resultado foi um considerável desentendimento entre os jesuítas e as ordens recém-admitidas quanto à condução da obra missionária no Japão.

As táticas de Ieyasu, porém, não se limitaram à eliminação do perigo interno. Para criar um Japão capaz de resistir ao cerco das potências europeias, ele decidiu entrar no conflito que se desenrolava nas águas do Pacífico. Seu plano, que

demonstrava enorme habilidade política, envolveria a participação involuntária de quatro samurais de escalão inferior – vassalos do daimio mais poderoso das províncias do nordeste – e um ambicioso padre espanhol.

É claro que, ao escrever *Samurai*, não tive o objetivo de retratar as condições do Japão no século XVII. No entanto, o pano de fundo do romance ficará sem dúvida mais vívido para o leitor que dispuser de algum conhecimento das circunstâncias históricas.

Shusaku Endo

Tóquio, verão de 1981

1

Começou a nevar.

Até o anoitecer, a tênue luz do sol, atravessando as brechas nas nuvens, banhara o leito de cascalho do rio. Quando escureceu, seguiu-se um silêncio abrupto. Dois, depois três flocos de neve caíram do céu, flutuando.

Enquanto o samurai e seus servos cortavam lenha, a neve lhes tocava os trajes rústicos, lhes roçava o rosto e as mãos e depois derretia, como se para sublinhar a brevidade da vida. Mas, quando os homens continuaram a golpear com machados sem dizer uma só palavra, a neve não fez caso deles e se moveu rapidamente para as áreas vizinhas. A névoa do entardecer se espalhava e se misturava à neve, acinzentando o campo de visão dos homens.

Por fim, o samurai e os servos terminaram o trabalho e carregaram a lenha nos ombros. Eles a estavam estocando para se preparar para a chegada iminente do inverno. A neve lhes castigava a testa quando partiram como formigas em fila e marcava os rastros que fizeram ao longo do leito do rio até o ponto de onde vieram, lá no charco.

Três aldeias, cercadas de morros cobertos de folhagens retorcidas, ficavam bem dentro do charco. Cada casa fora construída de modo que os morros se situavam atrás das moradias, e os campos, à frente; assim, os aldeões podiam ficar atentos a estranhos que entrassem no charco. As casas tinham telhado de palha e se alinhavam uma ao lado da outra, apertadas, como se as tivessem espremido para ficarem juntas. Prateleiras de bambu trançado estavam fixadas aos tetos, e nelas secavam tanto a lenha para o fogo quanto a palha para os telhados. As casas cheiravam mal e eram escuras, como se fossem estrebarias.

O samurai conhecia cada detalhe dessas aldeias. O grão-senhor cedera as aldeias e as terras à família do samurai como herança, na geração de seu pai. Na qualidade de filho mais velho, o samurai tinha a responsabilidade de reunir grupos de camponeses quando chegavam requisições de trabalhadores em corveia; e, em caso de batalha, ele devia conduzir suas tropas à fortaleza do lorde Ishida, o suserano imediato.

A casa do samurai era mais imponente que as dos camponeses, embora não fosse nada além de um agrupamento de várias edificações com telhado de palha. A

diferença entre essa e as moradas dos camponeses era que tinha vários celeiros e um grande estábulo, estando cercada de barreiras de terra. Apesar destas, a casa notadamente não fora concebida como local de batalha. Numa montanha ao norte do charco, ficavam as ruínas da fortaleza que pertencera ao samurai que controlara aquela região até ser aniquilado pelo grão-senhor. Mas agora os combates haviam cessado por todo o Japão, e o grão-senhor se tornara o daimio^[1] das províncias do norte, de modo que a família do samurai não tinha mais necessidade desses bastiões. Na verdade, embora as distinções de hierarquia entre superior e inferior continuassem a ser observadas ali, o samurai dava duro na lavoura e fazia carvão nas montanhas junto com seus servos. Sua esposa ajudava as outras mulheres a cuidar dos cavalos e do gado. As três aldeias precisavam pagar anualmente ao grão-senhor um total de sessenta e cinco *kan* – sessenta pelos arrozais e cinco pelas outras lavouras.

Em certos momentos, a neve era levada por um vento forte. As pegadas do samurai e de seus homens deixavam marcas aqui e ali na longa estrada. Caminhavam por ela como gado dócil, sem dizer sequer uma palavra desnecessária. Ao chegarem a uma pequena ponte de madeira chamada Nihonsugi, o samurai viu Yozo, com o cabelo também rajado de branco pela neve, erguendo-se como uma estátua de Buda no mato.

— Vosso tio chegou.

O samurai balançou afirmativamente a cabeça e, tirando dos ombros o feixe de lenha, colocou-o aos pés de Yozo. Assim como os camponeses que trabalhavam naquelas terras, o samurai tinha olhos fundos, maçãs do rosto salientes e cheiro de terra. Assim como os camponeses, era homem de poucas palavras, que raramente deixava as emoções aflorarem; seu coração, entretanto, agonizou-se com a notícia. Embora, por ser o filho mais velho, tivesse herdado o controle do ramo principal da família Hasekura quando o pai morrera, o samurai ainda consultava o tio antes de tomar qualquer decisão. O tio lutara ao lado de seu pai em muitas das campanhas do grão-senhor. Quando o samurai era menino, o tio costumava sentar-se junto à lareira, com o rosto escarlate pela bebida. Ele dizia algo como “olha isto, Roku” e mostrava ao sobrinho as cicatrizes marrom-claras na coxa. Essas marcas de batalha, ganhas quando o grão-senhor lutara contra o clã Ashina em Suriagehara, eram motivo de orgulho para o tio. Mas, naqueles últimos quatro ou cinco anos, o velho se tornara frágil e, agora, quando visitava a casa do samurai, ficava apenas sentado, bebendo e fazendo ruidosas reclamações. Uma vez registradas as queixas, o tio voltava para casa, arrastando atrás de si a perna ferida, como um cão manco.

Deixando os homens para trás, o samurai subiu sozinho a encosta até sua casa. Flocos de neve volteavam o vasto céu cinzento, e a edificação principal e seus abrigos se erguiam à frente do samurai como uma fortaleza negra. Quando passou

pelo estábulo, o odor de palha misturado ao de esterco de cavalo lhe atacou as narinas. Os cavalos, ao ouvir os passos do dono, bateram os cascos no chão. Quando chegou à casa, o samurai se deteve e espanou cuidadosamente a neve das vestes de trabalho antes de entrar. O tio estava sentado à lareira, ao lado da entrada principal, com a perna direita aleijada esticada, e esquentava as mãos ao fogo. Kanzaburo, o filho mais velho do samurai, um menino de doze anos, estava sentado respeitosamente ao lado do velho.

— És tu, Roku? — perguntou o tio, comprimindo a mão contra a boca e tossindo como se tivesse engasgado com a fumaça da lareira. Quando Kanzaburo viu o pai, curvou-se como se tivesse sido salvo do velho e correu para a cozinha. A fumaça da lareira subia em espiral, passando pelo suporte para panelas e flutuando em direção ao teto manchado de fuligem. Na geração do pai, e agora nos dias do samurai, aquela lareira enegrecida fora o local de muitas conferências, nas quais se haviam tomado várias decisões, além de ter sido onde se resolveram muitas disputas entre os aldeões.

— Fui a Nunozawa e vi lorde Ishida — contou o velho, que tossiu de novo. — Ele disse que ainda não teve resposta do castelo a respeito das terras em Kurokawa.

Sem dizer nada, o samurai pegou alguns galhos secos da pilha atrás de si e os quebrou, colocando-os na lareira. Enquanto ouvia o estalar seco da madeira, tentou ao máximo aguentar as reclamações familiares do tio. O samurai não estava calado por lhe faltarem pensamentos ou sentimentos. Simplesmente não estava acostumado a deixar que as emoções transparecessem em seu rosto, tampouco gostava de discordar de quem quer que fosse. Mais que tudo isso, achava opressivo ter de escutar ao incessante falatório do tio sobre eventos passados que o velho se recusava a deixar quietos.

Onze anos antes, quando o grão-senhor construía um novo castelo e uma nova cidade e redividira os feudos, aquele pedaço de charco com três aldeias foi dado à família do samurai em troca das terras em Kurokawa, onde seus ancestrais tinham vivido por gerações. O objetivo explícito do grão-senhor ao transferir a família dos velhos domínios para uma área erma e empobrecida era desenvolver essa região desolada, mas o pai do samurai tinha suas próprias opiniões quanto aos motivos da mudança. Quando o regente Hideyoshi subjugou o grão-senhor, um grupo de guerreiros liderados pelos clãs Kasai e Ozaki se rebelou, e vários homens remotamente aparentados à família do samurai participaram do movimento. E, como o pai do samurai abrigara os rebeldes derrotados e os ajudara a fugir, estava convencido de que o grão-senhor tinha tomado conhecimento e, por vingança, dado a eles aquele lugar desolado em troca das terras em Kurokawa.

Os galhos mortos que o samurai atirara ao fogo estalavam como os murmúrios e os resmungos do pai e do tio quanto ao tratamento que haviam recebido. Riku, a

mulher do samurai, abriu a porta da cozinha e silenciosamente colocou entre os dois homens copos de saquê e tigelas de missô, moldadas com folhas secas de magnólia. Bastou um olhar pelo rosto dos dois para que ela soubesse qual era, outra vez, o assunto da conversa.

— Sabes, Riku? — o tio voltou-se para ela. — Parece que vamos ter que continuar morando nesta pradaria.

No dialeto local, “pradaria” significava lugar remoto e abandonado. Campos irrigados por riachos pedregosos, que não produziam nada senão a magra colheita de arroz e um pouco de trigo-sarraceno, painço e *daikon*.^[2] Ali o inverno chegava mais cedo que nas terras ancestrais da família, e o frio era intenso. Não demoraria muito, logo o charco, os morros e as florestas estariam profundamente enterrados na neve branca e pura, e os habitantes se apinhariam em casa com ansiedade, escutando os ventos discordantes atravessando as longas noites e esperando a chegada da primavera.

— Se ao menos tivéssemos uma batalha para lutar... Se tivéssemos uma guerra, poderíamos mostrar a eles do que somos capazes e obteríamos ainda mais terras como recompensa.

Massageando vigorosamente as magras pernas, o tio do samurai repetiu a queixa usual. Mas a época em que o grão-senhor passava dia e noite lutando em batalhas acabara fazendo tempo. Embora as províncias do oeste ainda não estivessem pacificadas, os domínios do leste já haviam se submetido à hegemonia Tokugawa, e nem o grão-senhor, daimio mais poderoso do nordeste, podia manipular tropas a seu bel-prazer.

O samurai e a esposa quebravam gravetos e escutavam pacientemente enquanto o tio tentava desviar os pensamentos da insatisfação reprimida bebendo saquê, resmungando para si mesmo e inventando histórias das próprias façanhas. Tinham ouvido essas fanfarrônicas repetidas vezes, até começarem a parecer um tipo de comida mofada que o velho comia em solidão para manter-se vivo.

Quando ia bater meia-noite, o samurai mandou dois servos escoltarem o tio até sua casa. Assim que abriram a porta para sair, uma brecha nas nuvens estava estranhamente bordejada pelo luar, e a nevasca tinha parado. Um cão latiu até o tio do samurai sumir de vista.

No charco, temiam-se mais as fomes que as guerras. Alguns dos mais velhos ainda se lembravam vividamente do estrago causado pelo frio que varrera aquela área muitos anos antes.

Contavam como o inverno daquele ano tinha sido atipicamente quente, com ondas contínuas de tempo primaveril, e como a montanha a noroeste ficava sempre

envolta em névoas e apenas parcialmente visível. Mas, quando terminou a primavera e chegou a estação das chuvas, estas foram incessantes; e, mesmo quando o verão voltou, as manhãs e as noites se mostravam tão frias que era impossível tirar a roupa. Os brotos nos campos não davam sinais de amadurecer, e muitos deles murcharam.

Os suprimentos de comida se reduziram a nada. Os aldeões cataram araruta das montanhas e até comeram o farelo de arroz, o feno e os caules de feijão que se destinavam à forragem dos cavalos. Quando até essas provisões se esgotaram, eles mataram seus preciosos cavalos e seus cães e comeram até a casca das árvores e o mato para combater a inanição. Quando já tinham comido tudo o que puderam encontrar, pais e filhos, maridos e esposas separaram-se, deixando as aldeias em busca de comida. Alguns tombaram de fome ao longo da estrada, mas os parentes não podiam fazer nada por eles e os abandonaram onde estavam. Os cães selvagens e os corvos acabaram devorando os corpos.

Felizmente, não houve outro episódio de fome desde que a família do samurai assumira o feudo, mas o pai ordenara que cada lar das aldeias enchesse sacos de palha com nozes, bolotas e painço arrancado fresco da espiga e os armazenasse acima das vigas das casas. Sempre que o samurai via esses sacos, as imagens do monótono tio saíam de sua mente, e ele se lembrava do rosto gentil de seu pai, que era mais sábio.

No entanto, até o pai guardava lembranças das terras férteis dos ancestrais. “Se estivéssemos em Kurokawa”, observara, “poderíamos sobreviver mesmo em má colheita”. Em Kurokawa, havia ricas planícies capazes de produzir abundantes safras de trigo com o mínimo de cuidado. Mas, naquele lugar desolado, os cultivos principais eram o trigo-sarraceno, o painço e o *daikon*, que não podiam ser comidos todos os dias, já que impostos anuais em gêneros deviam ser pagos ao grão-senhor. Até na casa do samurai havia dias em que tudo o que tinham para comer eram folhas de *daikon* com trigo ou painço. Os aldeões frequentemente sobreviviam à base de cebolinha ou cebola-brava.

Mas, apesar dos resmungos do pai e do tio, o samurai não tinha ódio daquela terra improdutiva. Após a morte do pai, essa fora a primeira terra que ele governara como filho mais velho. Os camponeses, com olhos fundos e maçãs do rosto salientes, como os dele, trabalhavam silenciosamente como gado do nascer ao pôr do sol, sem jamais brigar nem discutir. Cultivavam os campos estéreis e nunca deixavam de pagar os impostos, mesmo que isso significasse diminuir os próprios suprimentos de comida. Quando conversava com os camponeses, o samurai esquecia as diferenças de hierarquia, sentindo que algo o ligava àquelas pessoas. Considerava a perseverança sua única característica positiva; no entanto, aqueles camponeses eram infinitamente mais obedientes e resilientes que ele.

Às vezes, o samurai levava Kanzaburo até a montanha ao norte de sua casa. As ruínas da fortaleza construída pelo samurai rural que outrora governara a região permaneciam ali, enterradas debaixo de montes, de mato; e, de quando em quando, no fosso seco escondido atrás do emaranhado de folhagem, ou na muralha de terra coberta de folhas murchas, encontravam vasilhas esmigalhadas ou grãos queimados de arroz. Do alto da montanha varrida pelos ventos, viam o charco e as aldeias lá embaixo. Um pedaço deplorável, quase ridículo, de terra. Aldeias que pareciam ter sido esmagadas juntas.

Esta... esta é minha terra, murmurava o samurai para si mesmo.

Se não houvesse mais guerras, ele permaneceria ali pelo resto da vida, tal qual o pai. Quando morresse, o filho mais velho herdaria a terra e, sem dúvida, levaria o mesmo tipo de vida. Pois, enquanto vivessem, ele e o filho nunca se separariam daquelas terras.

Às vezes, o samurai ia pescar com Yozo no brejinho situado ao pé da mesma montanha. No fim do outono, entre os juncos escuros e grossos, ele vira três ou quatro aves brancas de pescoço comprido que batiam as asas no meio das outras aves aquáticas e pardacentas. Aqueles cisnes-brancos haviam cruzado o oceano, saídos de uma terra distante onde o frio era intenso. Quando a primavera chegasse, abririam as grandes asas, elevariam-se sobre o charco e desapareceriam. Toda vez que via os cisnes, o samurai pensava: *Eles conhecem terras que nunca visitarei na vida*. Ainda assim, não sentia tanta inveja deles.

Chegou um chamado de lorde Ishida. O samurai recebeu ordens de ir a Nunozawa, pois o suserano tinha um assunto a discutir.

Em outros tempos, a família de lorde Ishida se sublevara várias vezes contra os ancestrais do grão-senhor, mas agora lorde Ishida era um rico vassalo, com posto de general.

O samurai levou Yozo consigo e deixou o charco de manhã cedo, chegando a Nunozawa por volta do meio-dia. Caía uma chuva gelada, e incontáveis gotas se dissolviam tão logo alcançavam a superfície do fosso que cercava a fortaleza murada. O samurai esperou por poucos instantes na antecâmara antes de ser conduzido a uma audiência com seu suserano.

Lorde Ishida, gorducho de *haori*^[3], sentou-se e sorriu para o samurai, que se curvou numa reverência profunda, pressionando as mãos no piso de tábuas escuras e enceradas. Lorde Ishida perguntou pelo tio do samurai e, com um sorriso, observou:

— Dias atrás, ele esteve aqui outra vez, com mais reclamações.

De novo, o samurai se curvou bastante, agora como um pedido de desculpas. Toda vez que o pai ou o tio pediam que o feudo em Kurokawa fosse devolvido, lorde Ishida encaminhava a petição ao castelo. Algum tempo depois, porém, o samurai ficara sabendo por lorde Ishida que tais petições de donos de terras choviam no castelo e se empilhavam à espera de análise pelo conselho dos anciãos. A menos que houvesse alguma razão importante, era improvável que o grão-senhor respondesse a tais solicitações.

— Entendo como o velho se sente. — De súbito, lorde Ishida ficou sério. — Mas não haverá mais guerras. O naifu^[4] quer concentrar energias em Osaka, e o grão-senhor o apoia nessa decisão — disse, com vigor.

Fui chamado até Nunozawa só para ouvir isso?, pensou o samurai. Será que lorde Ishida quer que eu saiba que é inútil apresentar novas petições?

A tristeza lhe fluiu pelo peito como água a transbordar.

Embora ele se sentisse ligado ao charco, não esquecera nem por um único dia as terras encharcadas do suor e das lembranças de seus ancestrais. Agora, enquanto lorde Ishida lhe ordenava rispidamente que abandonasse toda a esperança, o rosto solitário do pai surgiu diante dos olhos do samurai. Ele também conseguia imaginar a fisionomia irritada do tio.

— Sei que não será fácil, mas precisais fazer o velho entender. Ele não consegue aceitar as mudanças que acontecem no mundo.

Lorde Ishida mirou com compaixão o samurai, cujos olhos estavam fixos no chão.

— O conselho dos anciãos não está meramente discriminando vossa família. Muitos outros antigos militares pediram para ter as terras devolvidas. Isso causou aos anciãos bastante preocupação. Se eles tiverem que escutar as demandas egoístas de cada indivíduo, todo o sistema de divisão das terras entrará em colapso.

O samurai pousou as mãos nos joelhos e olhou fixamente para o chão.

— Mas pedi que viésseis aqui hoje por outro motivo. Chegarão novas requisições de trabalhadores em breve. Pode haver algumas instruções especiais para vós. Quero que vos lembreis disso.

O samurai não tinha ideia do que seu suserano queria dizer ou por que ele lhe dera de repente aquela informação. Logo, fez uma reverência com a cabeça e ia se retirar, mas lorde Ishida o fez ficar e continuou falando do agitado estado das coisas em Edo^[5]. No ano anterior, os vários daimios tiveram a incumbência de reconstruir o castelo de Edo para o xogum. O grão-senhor recebera parcela dessa responsabilidade, e ultimamente os lordes Ishida, Watari e Shiraishi e outros generais vinham servindo em Edo em turnos alternados.

— Começaram uma bela caçada aos cristãos por lá. No caminho de volta, vi muitos deles sendo exibidos pelas ruas.

O samurai tinha consciência de que, naquele ano, o naifu, pai do atual xogum, proibira a pregação do cristianismo nos domínios administrados diretamente pelo xogunato. Em consequência, cristãos exilados migraram para as províncias ocidentais ou para o nordeste, onde na prática não se aplicava a proibição. O samurai ouvira várias vezes falar de cristãos que estariam trabalhando nas minas de ouro e em outras áreas das terras do grão-senhor.

Os prisioneiros que lorde Ishida observara tinham sido colocados em cavalos de carga enfeitados com minúsculas bandeirinhas de papel e exibidos ao longo das principais vias das aldeias, a caminho dos locais de execução. Enquanto passavam, os prisioneiros falavam com conhecidos na multidão e não pareciam ter medo da morte.

— Entre eles, havia alguns padres estrangeiros. Já viste algum cristão ou algum padre?

— Não.

Ouvindo a história de lorde Ishida, o samurai não sentiu o menor interesse pelos prisioneiros cristãos. O cristianismo em si não significava nada para ele. Aquela fé não tinha nenhuma relação com o lugar desolado e coberto de neve onde ele morava. As pessoas no charco passariam a vida inteira sem jamais ver os cristãos que tinham fugido de Edo.

— Lamento que tenhais que voltar com toda essa chuva. — A despedida de lorde Ishida foi gentil e paternal.

Do lado de fora da mansão, Yozo, enrolado numa capa de palha encharcada pela chuva congelante, esperava como um cão obediente. Três anos mais velho que o amo, crescera na mesma casa que o samurai e trabalhara todos os dias para o clã Hasekura. O samurai, ao montar no cavalo, pensou no charco iluminado pelo luar a que voltariam. A neve acumulada de vários dias atrás seria agora gelo a brilhar no escuro, e as casas dos camponeses estariam silenciosas como a morte. Apenas a esposa, Riku, e três ou quatro outros ainda estariam acordados, esperando seu retorno, à lareira. Os cães ladrariam ao ouvir passos, e, no estábulo que cheirava a palha mofada, os cavalos acordariam e bateriam os cascos no chão.

O cheiro de palha mofada também permeava a cela de prisão em que o missionário estava. O cheiro se misturava aos odores corporais e ao fedor da urina dos cristãos que estiveram presos ali antes, e essa mistura de odores repulsivos lhe atacava constantemente as narinas.

Estava naquela cela desde o dia anterior, ponderando as chances de ser executado e as de ser libertado. Considerou as alternativas objetivamente, como um mercador que, com frieza, examina dois pratinhos de ouro em pó para

determinar qual pesa mais. Se sua vida fosse poupada, seria porque os políticos do país ainda precisavam dele. Até agora, eles o haviam usado como tradutor sempre que chegavam emissários de Manila, e de fato não restaram outros missionários em Edo que tivessem sua fluência em japonês. Caso os ambiciosos japoneses desejassem continuar o lucrativo relacionamento comercial com Manila ou com a Nova Espanha, do outro lado do Pacífico, não poderiam dar-se ao luxo de dispensá-lo, já que ele poderia servir de ponte nas negociações. *Estou disposto a morrer se for essa a Vossa vontade*, pensou o missionário, erguendo orgulhosamente a cabeça, como um falcão. *Mas sabeis quanto a Igreja do Japão precisa de mim.*

Sim, assim como os governantes desta nação precisam de meus serviços, o Senhor precisa de mim. Insinuou um sorriso exultante. O missionário tinha confiança nas próprias habilidades. Na qualidade de provincial franciscano de Edo, [6] sentira que o fracasso do esforço missionário no Japão até aquele momento sempre fora resultado de erros grosseiros cometidos pela Companhia de Jesus, que não parava de opor-se à Ordem dos Frades Menores e seus devotos franciscanos, em todos os assuntos. Embora os jesuítas tentassem incessantemente ser políticos até nos temas mais triviais, na verdade eles não entendiam nada de política. Em sessenta anos de proselitismo, haviam construído igrejas em Nagasaki com autoridade administrativa e judicial independente, plantando, assim, as sementes da desconfiança e do nervosismo na cabeça das autoridades japonesas.

Se eu fosse bispo, não teria aceitado tal estupidez. Ah, se eu fosse o bispo do Japão...!

Quando essas palavras surgiram em sua mente, ele corou como uma menina.

Percebeu que certa ambição e vaidade mundana subsistiam de forma distorcida dentro de si; havia ainda um quê de interesse no desejo de tornar-se bispo e receber do Vaticano a total responsabilidade pela obra missionária no Japão.

O pai do missionário fora membro do influente cabido de Sevilha, e entre seus ancestrais se incluía um vice-rei do Panamá. Outro fora diretor da Inquisição. E o avô ajudara a subjugar as Índias Ocidentais. Apenas depois de ter vindo para o Japão o missionário reconhecera que o sangue desses políticos em suas veias lhe dava talentos que os sacerdotes comuns não possuíam. Conseguia apresentar-se ante o naifu ou o xogum sem o mínimo vestígio de subserviência, ler os pensamentos dos astutos conselheiros do xogum e conquistá-los.

Mas, por causa da pressão da Companhia de Jesus, até aquele momento lhe fora negado um grande palco em que pudesse demonstrar esses talentos herdados. Sabia que os jesuítas, tendo sido incapazes de manipular Hideyoshi^[7] ou o naifu com habilidade e até mesmo tendo deixado de apaziguar os prelados budistas que

havam se estabelecido firmemente no castelo de Edo, semearam a antipatia e a desconfiança entre aqueles indivíduos poderosos. Por essa razão, embora ele tivesse vergonha das próprias ambições, não conseguia reprimir o desejo de tornar-se bispo.

Pregar o Evangelho nesta terra é uma guerra. Quando há comandantes incompetentes no campo de batalha, derrama-se sem necessidade o sangue dos guerreiros.

O missionário precisava, portanto, continuar vivo naquele país. Enquanto ainda estava escondido, soube que cinco cristãos tinham sido capturados, mas seu senso de obrigação o impelira a evitar destino semelhante.

— Contudo, se Vós não tiverdes mais necessidade de mim — murmurou, esfregando as pernas dormentes —, podereis chamar-me a qualquer momento. Sabeis melhor que qualquer outro que de forma nenhuma sou apegado a esta vida.

Algo macio e negro roçou a perna que ele massageava. Era um dos ratos que faziam ninho na prisão. Na noite anterior, enquanto ele dormia, os ratos ficaram roendo de mansinho em algum canto da minúscula cela. Toda vez que o ruído o acordava, o missionário entoava um pai-nosso por aqueles cinco cristãos, que sem dúvida já haviam sido mortos no pátio de execuções. Ao recitar a prece, ele tentava aplacar as dores de consciência que o atormentavam por tê-los abandonado.

Quando ouviu passos à distância, o missionário recolheu apressadamente as pernas estendidas e sentou-se, apumado. Não queria que o guarda que lhe levava comida o visse numa postura desleixada. Mesmo na prisão, não poderia permitir-se comportamento que instigasse o escárnio dos japoneses.

Os passos estavam mais próximos. Resolveu que deveria tentar sorrir; então, ao ouvir a batida surda da chave inserida na fechadura, o missionário repuxou as bochechas. Sempre queria mostrar um sorriso, mesmo quando a morte se aproximava.

A porta se abriu num rangido, e uma luz que parecia estanho derretido banhou o chão de terra escura. Ele piscou os olhos e sorriu na direção da porta; nisso, viu que não era o guarda de sempre quem viera vê-lo. Dois altos funcionários, trajando quimono preto, o observavam.

— Saia! — gritou um deles. A palavra “libertação”, misturada a um surto de alegria, passou rapidamente pela cabeça do missionário.

— Aonde estamos indo? — Ainda sorrindo, o missionário falava sem pensar, mas suas pernas cambaleavam, sem firmeza. Encarando-o em silêncio, os funcionários o conduziram para fora da cela, balançando os ombros enquanto caminhavam. Essa maneira afetada de andar, peculiar aos japoneses, lembrava-lhe os movimentos ridículos de uma criança; e o missionário, agora confiante de que seria solto, não conseguiu evitar rir daquilo.

— Olhai lá fora. — Um dos funcionários parou abruptamente e olhou por sobre o ombro, apontando com o queixo para o pátio que se via de uma janela no corredor. Lá fora, o sol começava a se pôr. Esteiras de palha haviam sido espalhadas no chão, baldes de água tinham sido colocados ali, e dois banquinhos estavam posicionados um ao lado do outro.

— Sabeis o que é isto? — disse o segundo funcionário, que riu de modo desafiador e, com um dedo estendido, fingiu cortar a própria garganta. — Eis o que é! — Observou, satisfeito, o corpo do missionário enrijecer-se. — O estrangeiro está tremendo!

O missionário cerrou os punhos, lutando para abafar a vergonha e a raiva que se acumulavam dentro de si. Já fazia dois dias que vinha sendo humilhado pelas intimidações desses funcionários medíocres, e, para alguém com orgulho tão esmagador, era insuportável pensar que tinha permitido que aqueles homens vissem medo em seu rosto, mesmo que por um momento. Seus joelhos continuaram tremendo até que ele foi conduzido para fora da prisão rumo ao edifício do outro lado do caminho.

A noite caía, e o edifício estava vazio, sem vestígio de outros seres humanos. Antes de partirem, os funcionários o fizeram sentar em postura formal no chão frio e encerado da sala para onde o haviam escoltado. O missionário, como uma criança que come às escondidas, banqueteara-se na alegre certeza de que a soltura era iminente.

— Vês? É como eu pensava! — murmurou, e a vergonha que logo antes sentira se dissipou, sendo substituída pela típica autoconfiança de que sua percepção não se mostrara errônea. — É tão simples inferir o que um japonês está pensando!

Sabia que, gostassem ou não dele, os japoneses poupariam a vida de alguém que lhes pudesse ser útil, e seus talentos de intérprete ainda eram indispensáveis aos líderes do país, que estavam deslumbrados com a possibilidade de lucros no comércio. Era por isso que o naifu e o xogum, mesmo desprezando os cristãos, continuavam a permitir que missionários residissem na cidade. O naifu queria outro porto como Nagasaki para fazer negócios com terras distantes. Estava particularmente interessado em abrir relações mercantis com a Nova Espanha, do outro lado do oceano, e para tanto enviara algumas cartas ao vice-rei espanhol em Manila. O missionário fora chamado várias vezes ao castelo de Edo para traduzir essas cartas e as respostas que chegaram de Manila.

Ele só vira o naifu uma vez. Ao acompanhar um emissário de Manila ao castelo, na escuridão da câmara de audiências, avistara um velho sentado letárgico numa cadeira revestida de veludo. O naifu não dissera nenhuma palavra; sem expressão, ouvira a conversa entre os conselheiros e o emissário e espiara os

estranhos presentes que esse último levaria. Depois, contudo, aqueles olhos e aquele rosto sem expressão afloraram muitas vezes na mente do missionário, produzindo emoção semelhante ao medo. *Aquele homem era o naifu, e seu rosto era o de um político*, pensou o missionário.

Soaram passos no corredor. O missionário, que estava sentado com a cabeça inclinada para a frente, ouviu o farfalhar seco de mantos.

— Lorde Velasco.

O missionário olhou para cima. Goto Shozaburo, inspetor governamental do comércio (cargo que os japoneses denominavam “inspetor da moeda”), se sentara na plataforma elevada, e dois funcionários estavam acomodados ao lado no assoalho de madeira. Por alguns momentos, lorde Goto olhou para o missionário com aquela expressão grave que é exclusiva dos japoneses. Então, suspirou e disse:

— Estais livre para ir. Foi um erro da parte dos funcionários.

— Entendo.

O missionário exultava. Lançou um olhar de satisfação aos dois altos funcionários que o haviam humilhado. Era bem o tipo de olhar que ele dava aos fiéis quando lhes perdoava os pecados.

— Mas, lorde Velasco... — Os mantos farfalharam outra vez quando lorde Goto se levantou, e o rosto do inspetor se tornou amargo ao dizer, com desdém: — Sabeis que não viveis em Edo como sacerdote cristão. Se alguém de influência não houvesse de novo intercedido por vós, não se sabe o que poderia ter acontecido convosco!

A insinuação era de que o missionário vinha fazendo visitas secretas aos cristãos. Naquele ano, não importando o que se permitisse nos domínios de outros daimios, a construção de igrejas e a prática do cristianismo tinham sido estritamente proibidas nas áreas sob controle direto do naifu. Eles o deixavam morar naquela grande cidade como intérprete, não como padre.

Depois que lorde Goto se retirou, os dois funcionários, com o rosto demonstrando um descontentamento explícito, apontaram com o queixo para a saída pela qual o missionário deveria ir. A noite já caíra sobre a cidade.

O missionário retornou de palanquim para sua habitação em Asakusa. A silhueta de um grupo de árvores contra o céu noturno foi o marco que o guiou para casa. Um grupo de leprosos banidos construíra uma colônia naquela área, e, até dois anos antes, os franciscanos haviam operado ali uma pequena clínica para assisti-los. A clínica fora destruída, mas o missionário obtivera permissão de ficar na pequena cabana que restara da antiga estrutura, junto com um coreano e um padre mais jovem, chamado Diego.

Diego e o coreano lhe deram as boas-vindas com olhares atônitos e se colocaram a seu redor enquanto ele devorava um pouco de arroz e peixe seco. Uma

ave guinchou no bosque próximo.

— Os japoneses não teriam soltado ninguém tão depressa, teriam? — disse o padre Diego enquanto servia o missionário.

Este apenas sorria, embora por dentro estivesse saboreando sentimentos de satisfação e triunfo.

— Os japoneses não me soltaram — explicou a Diego, com um olhar que poderia ser de humildade ou de orgulho. — O Senhor deseja algo de mim. E Ele me libertou para fazer esse trabalho.

Enquanto comia, o missionário rezava em silêncio. *Ó Senhor, Vossas obras nunca fracassam. Por isso poupastes minha vida.*

Naquela prece, havia um orgulho inadequado a um padre, mas ele não tinha consciência disso.

Três dias depois, o missionário chamou o coreano, e eles foram juntos à residência do inspetor do comércio expressar gratidão pela soltura. Sabendo que as autoridades japonesas gostavam de vinho, o missionário levou consigo várias garrafas destinadas ao uso na missa.

Embora o inspetor do comércio estivesse com visita, foram conduzidos até ele sem esperar na antecâmara. Lorde Goto acenou de leve com a cabeça quando o missionário entrou, mas continuou a conversa. Obviamente, queria que o missionário ouvisse o que estava sendo dito.

Dois nomes de lugares, Tsukinoura e Shiogama, foram ditos repetidas vezes. O inspetor e um samurai gorducho e idoso falavam deliberadamente, observando que Tsukinoura daria um porto melhor que Nagasaki.

Embora o missionário olhasse de forma casual para o jardim que se abria diante da sala, ele ouvia com atenção. Com o conhecimento que acumulara em três anos como intérprete, achou que tinha uma ideia, ainda que vaga, do tema da conversa.

Já fazia vários anos que o naifu procurava na parte oriental do Japão um porto para rivalizar com Nagasaki. Em termos nacionais, Nagasaki ficava muito além do setor oriental sob o controle do naifu, e, se algum daimio poderoso da ilha de Kyushu se rebelasse, o porto poderia ser capturado com facilidade. Ademais, alguns daimios poderosos de Kyushu, como os lordes Shimazu e Kato, ainda apoiavam o clã Toyotomi em Osaka, que continuava fora do alcance das garras do naifu. E, do ponto de vista das relações exteriores, não agradava ao naifu que os navios de Manila e Macau só atracassem em Nagasaki. Ele estava ansioso para estabelecer laços mercantis diretos com a fonte do comércio, a Nova Espanha, em vez de ser obrigado a fazer negócios por intermédio de Manila. Assim, procurava

nas províncias orientais um porto bom que pudesse operar o comércio com a Nova Espanha. Havia um em Kanto chamado Uraga, mas, por causa da velocidade das correntes, os navios que tentavam se aproximar de lá invariavelmente naufragavam. Por isso, o naifu ordenara a um influente daimio cujos domínios no nordeste ficavam mais perto da corrente do Japão que qualquer outro do país que procurasse um porto. Tsukinoura e Shiogama talvez fossem locais a considerar.

Mas por que será que o inspetor quer que eu ouça essa conversa?, ponderava o missionário, que olhou furtivamente para o rosto dos dois japoneses.

Lorde Goto se voltou para ele, como se sentisse os olhos do missionário sobre si.

— Conheceis lorde Ishida? Esse é lorde Velasco, a quem foi permitido permanecer em Edo como intérprete.

O samurai gorducho sorriu e fez uma reverência superficial.

— Já estivestes no nordeste?

O missionário manteve as mãos nos joelhos e balançou negativamente a cabeça. Após anos de experiência, conhecia a etiqueta apropriada a tais ocasiões.

— Os domínios de lorde Ishida não são como Edo — disse o inspetor, com um toque de ironia. — Ouvi dizer que lá os cristãos não são punidos. Poderíeis andar de cabeça erguida por lá, lorde Velasco, sem temer absolutamente nada.

O missionário sabia disso, é claro. O naifu banira o cristianismo sob seu domínio, mas não pressionara os demais daimios a seguir o exemplo, com receio de que os fiéis e os guerreiros cristãos se rebelassem. Discretamente, tolerara os muitos cristãos que fugiram para as províncias ocidentais ou para o nordeste após terem sido expulsos de Edo.

— Lorde Velasco, já ouvistes falar de Shiogama ou Tsukinoura? São ancoradouros particularmente bons no nordeste.

— Pretendeis transformá-los em portos como Uraga?

— É parte de nosso plano. Mas nesses portos também poderíamos construir grandes navios, como os que vós, europeus, tendes.

Por um momento, o missionário ficou sem fala. Até onde sabia, os japoneses só tinham embarcações licenciadas pelo xogunato, as quais se inspiravam nos veleiros siameses e chineses. Não tinham nem os estaleiros, tampouco os conhecimentos para produzir galeões capazes de cruzar livremente os vastos oceanos. Mesmo se pudessem construir um navio desses, era pouco provável que fossem capazes de operá-lo.

— Tais navios seriam construídos por japoneses?

— Talvez. Shiogama e Tsukinoura dão para o oceano, e podem-se cortar grandes quantidades de boa madeira por lá.

O missionário perguntava a si mesmo por que o inspetor estava discutindo aqueles assuntos secretos tão abertamente em sua presença. Estudou depressa o rosto dos dois homens e sondou uma explicação.

Isso só pode significar que usarão a tripulação daquele navio...

No ano anterior, o navio que levava de Manila o emissário espanhol para quem Velasco atuou como intérprete no castelo de Edo encontrou uma tormenta na viagem de volta e foi atirado contra a costa em Kishu. Reparos estavam fora de cogitação, de modo que o navio ficou retido em Uraga. O emissário e a tripulação ainda estavam em Edo, esperando pacientemente que outro navio os buscasse. Talvez os japoneses estivessem planejando usar os marinheiros espanhóis para ajudá-los a construir um galeão como aquele.

— Tudo isso já foi decidido?

— Não, não. É apenas uma ideia que foi mencionada.

O inspetor voltou o olhar para o jardim. O missionário sabia que aquele era o sinal para que ele se retirasse, de modo que, após ter dito algumas palavras de gratidão pela soltura, saiu da sala.

Ao curvar-se em reverência para os serviçais nas antecâmaras, pensou: *Então, finalmente, os japoneses planejam cruzar o Pacífico por conta própria e chegar à Nova Espanha?*

São como formigas, tentarão de tudo! Quando formigas encontram uma poça d'água, algumas sacrificam a própria vida para formar uma ponte para as companheiras. Os japoneses tinham uma correição de formigas de jardim, com aqueles mesmos instintos.

Durante vários anos, o naifu se empenhara seriamente em estabelecer relações comerciais com a Nova Espanha; no entanto, o vice-rei de Manila se esquivou a cada uma das solicitações. Os espanhóis queriam manter o monopólio comercial no vasto Pacífico.

Mas, se os japoneses fossem empregar os marinheiros espanhóis detidos na costa para construir o próprio navio, sem dúvida precisariam que o missionário atuasse como intérprete. Aos poucos, ele começou a entender por que Goto providenciara sua soltura. Goto insinuou que a libertação se dera graças aos bons préstimos de certo indivíduo. Talvez esse “certo indivíduo” tivesse sido o conselheiro-chefe responsável por todo aquele plano. Ou talvez tivesse sido esse velho Ishida que, agora mesmo, estivera conversando com Goto. Deus tinha utilidade para todos os homens, mas os japoneses só utilizavam aqueles que podiam lhes ser de algum proveito. Intimidaram e depois pouparam o missionário justamente porque ele podia ser-lhes útil. Era uma técnica que eles gostavam de utilizar.

O missionário não deu a Diego nem ao coreano nenhum detalhe da conversa daquele dia. Diego era clérigo como Velasco, embora um tanto mais jovem, e também partira para o Japão como franciscano. Mas o missionário, no fundo, ridicularizava o companheiro, com seus rubros olhos de coelho. Nos anos que passaram juntos no seminário, Velasco não conseguira reprimir os sentimentos de escárnio que lhe inundavam o coração toda vez que encontrava aquele amigo sincero, mas inútil. Sabia que essa era uma falha de caráter, mas estava totalmente fora de seu controle.

— Chegou carta de Osaka — disse Diego, enfiando a mão no bolso do hábito puído e puxando o rosário e uma carta aberta. Então, encarando com olhos úmidos o missionário, disse: — Os jesuítas nos estão denunciando outra vez.

O missionário pôs a carta sob a chama da vela, que piscou como as asas de uma mariposa. Gotas amarelas de chuva haviam manchado o papel, fazendo a tinta escorrer. Escrita quase vinte dias antes pelo padre Muñoz, seu superior em Osaka, a carta dizia que se intensificava por lá o ódio ao naifu de Edo e que serviçais do daimio que fora derrotado pelo naifu na batalha de Sekigahara estavam, um após outro, colocando-se a serviço do governante de Osaka.

Depois dessas observações introdutórias, o padre Muñoz informava que o provincial da Companhia de Jesus em Kinki despachara para Roma uma carta cheia de reclamações quanto aos métodos de proselitismo dos franciscanos.

“Os jesuítas protestam que nós levantamos desnecessariamente a ira do naifu e do xogum ao permanecermos em contato com o rebanho japonês apesar da proibição do trabalho missionário em Edo e que, em consequência disso, as perseguições logo se ampliarão para incluir as regiões onde ainda temos permissão de pregar.”

O missionário reprimiu a raiva cada vez maior e atirou a carta de volta a Diego.

— Tolos arrogantes! — Sempre que as emoções se inflamavam, o pescoço e as bochechas do missionário ficavam muito rubras.

Censura proveniente dos jesuítas não era novidade. Eles sempre se esgueiravam nas sombras, escrevendo a Roma calúnias contra os franciscanos. A única razão era a inveja. Desde que Francisco Xavier pusera pela primeira vez os pés no Japão, sessenta e três anos antes, os jesuítas que ele organizara haviam monopolizado os esforços missionários ali. Quando um breve pontifício^[8] de Clemente VIII autorizou que se evangelizasse o Japão por mais ordens religiosas, os jesuítas, em desespero, começaram a atacar o bom nome das outras irmandades.

— Os jesuítas esquecem que são eles mesmos o motivo pelo qual se perseguem os cristãos aqui. Eles deviam lembrar quem foi que levantou a ira do finado regente.

Diego ergueu timidamente os olhos inchados e vermelhos. O missionário olhou dentro daqueles olhos e concluiu que não tinha sentido discutir o que quer que fosse com o inepto compatriota. Três anos haviam se passado desde a chegada dos dois franciscanos ao Japão, mas Diego ainda não tinha fluência no idioma. Passava os dias como uma obediente ovelha, fazendo apenas o que os superiores mandavam.

Várias décadas antes, os jesuítas haviam adquirido glebas em Nagasaki que eram essencialmente colônias autônomas, e os lucros que obtinham da terra proviam os fundos para seus esforços de evangelização. Embora não dispusessem de capacidade militar própria, exerciam direitos de taxaço e jurisdição sobre seus feudos. Era público e notório que o regente Hideyoshi, quando ocupara Kyushu e soubera dessa situação, explodiu de raiva, insistindo que aquilo era simplesmente uma invasão a pretexto de trabalho missionário; o regente, então, proibira o cristianismo. Aquelas atividades jesuíticas haviam fornecido o ímpeto para a perseguição que tornava sombrias as perspectivas da obra missionária no Japão; no entanto, os jesuítas tinham convenientemente optado por esquecer seu papel em toda aquela história.

— Mas que tipo de resposta podemos dar a Osaka? — perguntou Diego, perdido.

— Podemos dizer aos jesuítas que não precisam mais se preocupar comigo — disse atabalhoadamente o missionário, dando de ombros. — Em breve, deixarei Edo e vou para o nordeste.

— Nordeste?

O missionário deu as costas ao confuso colega e saiu da sala sem responder. Entrou na despensa que os dois chamavam de “santuário”, apagou a vela e se ajoelhou no duro piso de madeira. Desde os tempos de seminário em Sevilha, assumira aquela postura penitente sempre que seu orgulho era ferido ou desejava reprimir a raiva que fervia dentro de si. O cheiro do pavio chamuscado da vela entrou por suas narinas, e na escuridão ele ouviu o leve ruído de uma barata.

— Não importa quem me recrimine, Vós conheceis minhas habilidades — murmurou, apoiando a testa nas mãos. — Tendes necessidade de mim e, por essa razão, me resgatastes da prisão. Assim como não Vos abatestes ante injúrias e calúnias de saduceus e fariseus, também não farei caso das infâmias que os jesuítas lançam contra mim.

A barata, atrevida, caminhou pelos pés desnudos do missionário, que estavam cobertos de lama. No bosque, uma ave soltou outro grito penetrante; o missionário ouviu o coreano fechar a porta da cabana em que moravam.

Os japoneses vão construir um galeão.

De novo, a imagem de uma grande correição de formigas de jardim a cruzar uma poça d'água em busca de comida passou diante de seus olhos. Em busca dos lucros do comércio com a Nova Espanha, os japoneses estavam, enfim, prestes a cruzar o Pacífico como formigas. O missionário sentiu que poderia usar a ambição deles em benefício da causa missionária.

Podemos dar-lhes seus lucros e, em troca, ganhar a liberdade de evangelizar.

Os jesuítas não tinham habilidade para fazer uma transação daquelas. Tampouco a tinham os dominicanos ou os agostinianos. Monges ineptos como Diego não conseguiriam lidar com isso. O missionário estava confiante de que somente ele poderia arranjar tal permuta. Para tanto, precisaria eliminar os preconceitos entranhados nos japoneses. Não deveria repetir os erros dos jesuítas.

Se ao menos eu fosse o bispo do Japão...

Mais uma vez, reverberavam em seus ouvidos aqueles espasmos de ambição mundana que lhe causavam constante embaraço. *Se fosse bispo, com controle absoluto sobre o planejamento e a execução da obra missionária no Japão, eu poderia corrigir os erros que os jesuítas vêm cometendo há tantos anos.*

Nos morros do charco pardacento e murcho, a fumaça da lenha queimada ondulava para o céu nos dias claros. Com o longo inverno à frente, os camponeses trabalhavam de sol a sol. Depois que o arroz e o painço foram colhidos dos campos inférteis, mulheres e crianças socaram e removeram as cascas. O arroz não era para eles, mas para pagar impostos. A grama murcha que eles haviam ceifado entre uma tarefa e outra foi posta a secar onde tinha sido cortada para servir de palha nos estábulos. Ali, palha fresca se prestava a alimento em tempos de fome. Era picada e depois moída até virar pó em pilão de pedra.

O samurai, usando as mesmas roupas de trabalho *hangiri* que os camponeses, olhou ao longo do charco. Às vezes chamava os camponeses e conversava com eles; em outras ocasiões, ajudava-os a empilhar lenha como uma cerca em volta de sua casa.

Os camponeses tinham alegrias e tristezas. Naquele outono, dois velhos da aldeia haviam morrido, e suas empobrecidas famílias não puderam fazer mais que enterrá-los nos campos próximos às montanhas. Simples pedras marcavam as sepulturas. Também era costume no charco fincar no chão, sobre a sepultura, o cabo da velha foice que o falecido usara em vida e colocar ao lado da pedra funerária suas tigelas de arroz. Muitas vezes, o samurai vira crianças jogarem flores naquelas tigelas quebradas. Mas tais enterros se restringiam a tempos livres da fome. O samurai ouvira do pai que, quando a colheita era ruim, os velhos simplesmente desapareciam de uma hora para outra e ninguém mais perguntava

deles. Também no outono, havia uma festa chamada Daishiko, na qual as pessoas comiam bolinhos de feijão-azuki sem sal embalados em palha e fervidos em caldeirão. No dia da festa, os camponeses, curvados pelas longas horas de labuta, apresentavam seus respeitos na casa do samurai, comiam os bolinhos que lhes eram oferecidos e voltavam para casa.

Em um dia de folga, chegou a requisição para novos trabalhadores de corveia, sobre a qual lorde Ishida havia lhe falado. Dois homens deveriam ser mandados do charco. Ao receber a ordem, o samurai chamou Yozo e foi visitar a aldeia do tio.

— Eu fiquei sabendo. Eu já fiquei sabendo! — O tio estava exultante. — Ouvi boatos de que estão cortando cedro nas montanhas de Ogatsu para construir um navio de guerra. Talvez uma batalha contra Osaka se aproxime!

— Navio de guerra?

— É!

O samurai ainda não contara ao tio o que lorde Ishida lhe dissera. Ele ficou triste ao pensar que teria outra vez de ouvir as incessantes reclamações do lamentoso velho. Mas por que estaria o grão-senhor construindo um navio de guerra, se o tempo das batalhas já passara? O samurai não entendia. Talvez planos secretos a que alguém de sua condição não teria acesso houvessem sido elaborados no castelo pelo conselho dos anciãos.

— Roku, precisas ir a Ogatsu e descobrir o que está acontecendo! — A voz do tio tremia de empolgação, como se uma batalha já houvesse começado.

O samurai não sentia nenhuma vontade de fazer a viagem de um dia e meio até Ogatsu, mas como sempre fora obediente ao pai e ao tio, assentiu em silêncio. Se pudesse ver com os próprios olhos o que estava acontecendo, talvez fosse mais fácil convencer aquele velho, que tinha tanta dificuldade para aceitar o quanto o mundo mudara, a abandonar seus sonhos inúteis.

No dia seguinte, após escolher dois rapazes da aldeia para a corveia, o samurai montou outra vez em seu cavalo. Ogatsu era uma baía no litoral da província de Rikuzen; ela invadia a costa como o dente de uma serra. Saíram do charco de manhã cedo, e ao poente, quando se aproximaram do mar, caía do céu encoberto uma neve que lhes golpeava as bochechas. Alojaram-se numa desolada aldeia pesqueira chamada Mizuhama. Durante a noite toda ouviram a batida do mar, e os dois rapazes que o samurai levava consigo olhavam desconsolados para ele. Segundo os pescadores, os outros trabalhadores da corveia já haviam chegado e começado a cortar árvores nos morros próximos a Ogatsu.

Os três partiram de Mizuhama pela manhã. O céu estava claro, mas ventava forte, e as ondas se erguiam e espumavam no horizonte gelado. Os rapazes tremiam ao caminhar atrás do cavalo. Passado algum tempo, quando a vista que tinham do mar foi obstruída por ilhas, avistaram de relance o calmo porto. Num

morro ao lado, já haviam sido erguidas várias tendas para os trabalhadores, e o som surdo de árvores abatidas era ouvido a distância. Ao contrário da agitação do mar aberto, as águas do porto estavam abrigadas do vento por ilhas e morros, e muitas jangadas já flutuavam por ali.

O trio se apresentou no quartel, e, enquanto os oficiais registravam o nome dos dois rapazes, um servo surgiu correndo para anunciar que lorde Shiraishi, uma liderança famosa, chegaria em breve. Houve um momento de agitação no quartel antes de os oficiais seguirem com grande solenidade para receber lorde Shiraishi na praia.

O samurai os acompanhou para aguardar a chegada do grupo. Logo avistou um grande número de cavaleiros avançando lentamente em sua direção. Para surpresa do samurai, havia quatro ou cinco estrangeiros no cortejo a cavalo. O samurai nunca vira um estrangeiro. Fitou aqueles homens de aparência estranha, esquecendo-se até de inclinar a cabeça.

Todos os estrangeiros usavam trajes de viagem como os dele, roupas que lhes deviam ter sido dadas no Japão. Os rostos eram corados, como se tivessem bebido saquê, e as barbas eram castanhas. Os estrangeiros olhavam com curiosidade os morros, que reverberavam com o som das árvores que caíam. Um dos estrangeiros falava japonês e conversava com os serviçais que o ladeavam.

Alguém disse o nome do pai do samurai quando o cortejo passou em frente à fila de oficiais da guarda:

— Aquele não é o filho de Gorozaemon? — falou lorde Shiraishi. O samurai inclinou respeitosamente a cabeça. — Ouvi falar muito de vós por lorde Ishida. Lutei ao lado de vosso pai nas batalhas de Koriyama e Kubota.

O samurai escutou com profunda humildade as palavras de lorde Shiraishi. Metade dos oficiais da guarda se juntou ao cortejo, que logo desapareceu atrás das montanhas. Os que permaneceram falavam com inveja do samurai, que merecera atenção especial de lorde Shiraishi, um dos conselheiros do grão-senhor.

Ao preparar-se para voltar para casa, o samurai saboreou a imerecida menção que recebera. Agora que estava ali, percebia que o grande navio que construíam no porto não era de guerra; tratava-se, sim, de um barco licenciado pelo xogum, para devolver ao país de origem os marinheiros estrangeiros que naufragaram ao largo de Kishu no ano anterior. Era isso o que eram aqueles estrangeiros, e o navio do xogum estava sendo construído segundo instruções deles.

O samurai passou outra noite em Mizuhama e voltou ao charco no dia seguinte. O tio esperara ansiosamente sua volta, mas, quando ouviu a história do sobrinho, um tom de desapontamento lhe coloriu o rosto magro. Entretanto, a notícia de que lorde Shiraishi demonstrara especial favor ao samurai pareceu

reavivar as esperanças do tio, e ele fez o sobrinho repetir várias vezes aquela parte da história.

Acabou o outono, chegou o inverno. Todas as noites, os ventos sopravam atravessando a neve que revestia o charco. Durante o dia, os servos sentavam-se em volta da lareira trançando cordas de palha. Essas cordas, chamadas *motozu*, eram passadas pelas selas de carga para atrelar fardos aos cavalos e usadas para fazer cintos e cabrestos. Às vezes, Riku contava histórias ao filho mais novo, Gonshiro, ao lado da lareira. Eram as mesmas histórias sobre o exorcismo de demônios em corpo de raposa ou sobre homens que tinham sido enganados por raposas, narrativas que o samurai ouvira da mãe e da avó quando menino.

Chegou o Ano-Novo. Fizeram-se oferendas de bolinhos de arroz aos deuses do novo ano, e bolinhos de arroz com feijão-azuki, que não eram parte da dieta habitual, foram assados. Embora não houvesse nevado naquele dia de Ano-Novo, o vento noturno soprou pelo charco com o mesmo gemido queixoso de sempre.

No salão tenuemente iluminado, os integrantes do conselho dos anciãos do grão-senhor estavam sentados em fileira sobre a plataforma elevada. Os rostos sombrios e impassíveis lembravam ao missionário as estátuas de Buda que, alguns anos antes, ele vira num templo de Quioto. Contudo, tendo vivido vários anos naquele país, sabia muito bem que o rosto inescrutável não significava que a mente estivesse vazia, e sim que a fisionomia escondia os esquemas astutos subjacentes.

Sentado num banquinho ao lado do missionário, estava o engenheiro-chefe espanhol; Velasco recebera autorização especial para trazê-lo de Edo. Ao contrário do missionário, o engenheiro não conseguia sentar-se à maneira japonesa. A alguma distância dos dois, o escrevente do castelo estava sentado imóvel, com as mãos nos joelhos, olhando fixo para um ponto diretamente à frente dele.

As duas partes trocaram longas saudações; quando o missionário terminou de traduzi-las, a conversa se voltou de imediato para o assunto em pauta.

— Primeiro, o navio terá dezoito *ken* de comprimento. A largura será cinco *ken* e meio, e a profundidade, catorze *ken*, um *shaku* e cinco *sun*.^[9] — Os distintos conselheiros estavam muitíssimo interessados em saber a forma do galeão que estavam para construir.

— Haverá dois mastros: o principal terá quinze braças, e o secundário, treze braças. O casco será envernizado.

Enquanto traduzia palavra por palavra a descrição do engenheiro-chefe, o missionário ficou imaginando que propósito exatamente os japoneses tinham em mente para tal navio. Então os conselheiros perguntaram qual seria a diferença entre esse galeão e um barco do xogunato. A razão entre comprimento e largura do

galeão seria de 3,3 para 1, o que serviria para aumentar a velocidade de navegação. Além disso, o navio usaria velas latinas, triangulares, permitindo que mudasse rapidamente de rumo quando mudasse também a direção do vento. Enquanto o missionário traduzia essa resposta do engenheiro-chefe, os conselheiros – em especial lorde Shiraishi, que estava sentado bem no centro deles – ouviam com intensa curiosidade. Uma vez concluída a explicação, as fisionomias ficaram outra vez vazias, como charcos profundos.

Para construir aquele grande navio, o grão-senhor levava a Ogatsu duzentos carpinteiros e cento e cinquenta ferreiros, de todos os cantos de seus domínios. Mas seria necessário quase o dobro daquele número de artesãos para terminar o galeão mais depressa. Assim, o engenheiro-chefe reclamou que o número de trabalhadores ainda era de todo insuficiente.

— Ele diz que há muitas borrascas no outono e que, levando em conta os dois meses necessários para a viagem daqui à Nova Espanha, seria melhor partir no começo do verão.

Os conselheiros do grão-senhor não imaginavam quão grande era o oceano. Durante muitos anos, os japoneses o haviam considerado não mais que um grande fosso que os protegia dos bárbaros. Tampouco tinham ideia de onde se localizava a Nova Espanha. Só agora começavam a perceber que ao longe, do outro lado do mar, estendia-se um território rico e habitado por diversos povos.

— Discutiremos isso oportunamente com Sua Senhoria — disse lorde Shiraishi. — Não precisais vos preocupar com a mão de obra.

O engenheiro expressou sua gratidão.

— Não há por que me agradecer. Como vos disse antes, agora que estamos construindo nosso próprio grande navio, temos algo a vos pedir — disse lorde Shiraishi, sorrindo sardonicamente.

O pedido era que os marinheiros espanhóis extraíssem do vice-rei da Nova Espanha a promessa de, por muitos anos no futuro, enviar navios aos domínios do grão-senhor. Este pretendia obter permissão do naifu para construir, ali no nordeste, um porto comercial que rivalizasse com o de Nagasaki, lá no sul, na ilha de Kyushu. Tudo o que pediam aos tripulantes que regressavam era que consentissem em transmitir os desejos de Sua Senhoria ao vice-rei da Nova Espanha.

O engenheiro-chefe respondeu que teriam prazer em servir de mediadores. Chegou até mesmo a adular os anfitriões, assegurando-lhes que a Nova Espanha ficaria encantada com as mercadorias japonesas, em especial o cobre, a prata e o ouro em pó que se podiam obter daquela província, e que os barcos do xogum carregados com tais cargas seriam bem-vindos em seu país. O único problema, explicou, seria construir um bom porto, onde os galeões pudessem atracar; mas,

felizmente, qualquer das baías que eles haviam inspecionado na semana anterior — Kesennuma, Shiogama e Tsukinoura — seria perfeitamente adequada. Lorde Shiraishi e os outros conselheiros aquiesceram uns para os outros, muito satisfeitos com o relato, e a conversa se voltou para o clima e os habitantes da Nova Espanha.

Quando esse pequeno diálogo terminou, o engenheiro pediu licença e, levantando-se do banquinho, inclinou a cabeça à maneira japonesa. Na sequência, um jovem serviçal que ficara esperando no corredor abriu para ele a porta de correr.

— Lorde Velasco, ficai por um instante — disse um dos conselheiros.

Depois que o serviçal conduziu o engenheiro para fora do grande salão, lorde Shiraishi agradeceu ao missionário aquele trabalho de intérprete e, em seguida, mostrou um sorriso indulgente, bem diverso das expressões que soltara na presença do engenheiro.

— Achais que ele disse a verdade?

Sem saber o que lorde Shiraishi tinha em mente, o missionário ficou sem ter o que responder.

— Ele disse que a Nova Espanha aguardava ansiosamente a chegada dos navios do Japão — continuou Shiraishi. O sorriso desapareceu abruptamente de seu rosto, e ele repetiu a pergunta: — Achais que é verdade?

— O que lorde Shiraishi pensa? — disse o missionário, esperando descobrir a verdadeira intenção das perguntas.

— Não acreditamos nisso.

— Por que não? — O missionário lançou ao conselheiro um olhar que era propositadamente de dúvida.

— É natural. Se viestes para o Japão e adquiristes monopólio sobre os vastos lucros que temos a oferecer, foi porque vosso país é a única nação que tem tanto os navios capazes de atravessar esses vastos mares quanto a capacidade de tripulá-los. Vós certamente não desejais dividir esses lucros com homens de outras nações. A Nova Espanha não gostará de ver navios japoneses cruzarem o oceano.

O conselheiro, embora tivesse enxergado por trás das bajulações insinceras do engenheiro-chefe, fingira satisfazer-se com as respostas. E fizera isso de caso bastante pensado. Era assim que os japoneses tratavam com outros.

O missionário deu um sorriso torto.

— Se percebestes isso, não tenho nada a dizer. Mas, se sabeis de tudo isso, por que seguireis em frente e construireis o galeão?

— Na verdade, lorde Velasco, desejamos mesmo fazer comércio com a Nova Espanha. Os navios que vêm de Luzon, de Macau e das nações da Europa se reúnem em Nagasaki. Nenhum deles vem até os domínios do naifu em Edo, muito menos sobem para cá, em Rikuzen. Ainda que haja muitos excelentes portos aqui

nos domínios de Sua Senhoria, os navios da Nova Espanha precisam passar por Luzon antes de chegar ao Japão. E compreendemos que, uma vez que esses navios chegam a Luzon, as correntes invariavelmente os levam a Kyushu.

— É verdade.

— Então, o que devemos fazer? — Lorde Shiraishi tamborilava lentamente os dedos da mão direita contra a esquerda, como se estivesse muito confuso e perturbado. — Tendes alguma ideia de como estabelecer o comércio entre Rikuzen e a Nova Espanha, padre?

De modo instintivo, o missionário desviou os olhos ao ouvir essa palavra inesperada, “padre”. Não queria expor àqueles homens o tumulto em seu coração. Em Edo, nunca o chamavam de padre.

Nevava lá fora, e tudo estava silencioso.

Os conselheiros o encaravam, e também eles estavam em silêncio.

Dolorosamente cômico dos olhares sobre si, o missionário respondeu:

— Não tenho nada a sugerir. Aqui, como em Edo, não sou... nada mais que um intérprete.

— Não sei quanto a Edo. Aqui, entretanto, sois não apenas intérprete, como também padre — respondeu, suavemente, lorde Shiraishi. — O cristianismo não é proibido nos domínios de Sua Senhoria.

Era exatamente como Shiraishi dizia. Naqueles domínios, os padres não precisavam esconder-se como em Edo. E os fiéis não precisavam cometer perjúrio.

— Pois bem, lorde Velasco. Não gostaríeis de mandar vir muitos outros padres da Nova Espanha? — A voz de lorde Shiraishi era suave, persuasiva. O missionário, tentando não se render àquela voz, crispou os punhos até as mãos se banharem de suor. Com seu forte orgulho, desagradava-lhe que os japoneses brincassem com sua pessoa daquela maneira.

— Por acaso vos estais se divertindo à minha custa? Não acredito em vós.

— Ah, não? E por quê?

— Mais cedo ou mais tarde, o naifu também proibirá o cristianismo nestes domínios.

Ao ouvir a voz irada do missionário, lorde Shiraishi trocou um sorriso de satisfação com os outros conselheiros.

— Não tendes nada com que vos preocupardes. Nestes domínios, o naifu permitiu a prática do cristianismo para sempre. Vede, então, que temos a anuência do naifu e de Sua Senhoria.

— Eles reconhecerão o cristianismo nestes domínios e permitirão que venham mais padres? E, em troca, querem que a Nova Espanha concorde com um acordo comercial? É esse o ponto de vista do naifu e de Sua Senhoria?

Uma raiva ainda mais intensa se acumulou dentro do missionário, e ele se ergueu, teso. Sua irritação se dirigia não àqueles japoneses, mas a sua própria falta de cuidado. Mortificava-o ser arrastado cada vez mais fundo para as armadilhas que as astutas palavras de lorde Shiraishi armavam.

— Não pensais que a Nova Espanha concordará com tal acordo? — perguntou o conselheiro.

— Eu não sei — respondeu o missionário. Balançou negativa e deliberadamente a cabeça, esperando despertar uma pontada de ansiedade nos olhos dos conselheiros, causando-lhes um momento de preocupação que fosse. — Acho que... provavelmente não há nenhuma perspectiva de acordo.

Enquanto estudava as reações dos ministros, alinhados como estátuas budistas no santuário de um templo escuro, o missionário se divertia com a agitação íntima deles.

— Os jesuítas já informaram a Luzon, a Macau e até à Nova Espanha que cristãos foram executados em Edo — continuou. — Mesmo se lhes disserdes que o cristianismo será permitido somente em vossos domínios, não posso imaginar que eles acreditem facilmente em vós.

O missionário não perdia chance de falar mal dos jesuítas. Tocara num ponto vulnerável, e os japoneses, mais uma vez, mergulharam no silêncio. O silêncio anterior fizera parte da estratégia deles, mas o missionário tinha certeza de que esse novo calar era o de homens que haviam sofrido um golpe inesperado.

— Há uma possibilidade... — Então, como se dando aos vacilantes oponentes chance de se recuperarem do golpe, acrescentou: — A única pessoa que poderia convencer o rei da Espanha a consentir com tal acordo seria o papa, em Roma.

Súbito, o rosto de lorde Shiraishi se endureceu. Aquele assunto era demasiado remoto para velhos conselheiros que haviam passado a vida num feudo do nordeste do Japão. Isolados do mundo cristão, não sabiam praticamente nada da existência do papa em Roma nem da autoridade absoluta desse homem. O missionário precisou explicar que a relação entre o papa e os reis da Europa era semelhante àquela entre o imperador em Quioto e os senhores feudais no resto do Japão.

— Só que temos consideravelmente mais reverência pelo papa do que tendes pelo imperador.

Ao ouvir essa explicação, lorde Shiraishi fechou os olhos e começou a tamborilar na mão esquerda com os dedos da direita. A neve lá fora aprofundava o silêncio no grande salão. Os conselheiros ocasionalmente tossiam, aguardando em silêncio a decisão de lorde Shiraishi.

Em segredo, o missionário saboreava o desconcerto dos japoneses.

Aqueles homens que haviam tentado fazê-lo de brinquete agora se contorciam de incerteza. Precisava tirar vantagem da confusão deles e jogar um trunfo

poderoso.

— Nossa ordem — anunciou o missionário, confiante — desfruta de especial confiança junto ao atual papa.

— E?

— E seria bom que enviásseis um membro de nossa ordem ao papa com uma carta de Sua Senhoria. Uma carta com o compromisso de que os domínios de Sua Senhoria tratarão os cristãos cordialmente, de que mais padres serão bem-vindos e de que permitireis a construção de muitas catedrais...

... *E um humilde pedido de que me nomeie o bispo do Japão*, o missionário se flagrou quase acrescentando. Por um momento, teve vergonha de seu orgulho; mas, de imediato, disse a si mesmo: *Não busco a promoção por interesse egoísta. Desejo a posição de bispo para estabelecer uma última e firme linha de defesa neste país que tenta proibir o cristianismo. Somente eu posso lutar contra esses astutos pagãos japoneses...*

2

Terceiro mês, vigésimo dia

Mau tempo. Chuva. Testou-se o armamento. Armazenou-se a pólvora em separado, nos viveiros dos falcões.

Terceiro mês, vigésimo primeiro dia

Um pouco de chuva. Construíram-se três edifícios nos terrenos do palácio.

Terceiro mês, vigésimo segundo dia

Mau tempo. Vieram lorde Shiraishi, lorde Fujita e lorde Harada Sabanosuke. Discutiram mandar o navio a uma terra estrangeira.

Terceiro mês, vigésimo terceiro dia

Conferência entre lorde Shiraishi, lorde Fujita e o estrangeiro Berasuko no grande salão. Berasuko é um homem alto, de rosto vermelho e nariz grande, com mais de quarenta anos. Limpou com frequência os cantos da boca usando um pano de crepe branco.

Terceiro mês, vigésimo quinto dia

Bom tempo. Banho pela manhã. Depois, conferência. Compareceram lorde Shiraishi e lorde Ishida.

Terceiro mês, vigésimo sexto dia Bom tempo. Lorde Ishida partiu.

[Do diário do castelo.]

Chegou de repente a notícia de que lorde Ishida, que participara da conferência no castelo, faria uma parada no charco no dia seguinte para descansar a caminho de seus domínios. Quando ouviram isso, os aldeões saíram em massa e,

freneticamente, derramaram neve solta sobre a congelada, taparam as poças de água e varreram a neve da casa do samurai. Riku supervisionava as mulheres, que corriam em confusão pelo lugar, limpando um cômodo após o outro.

No dia seguinte, o céu estava misericordiosamente limpo quando o samurai e seu tio foram à entrada do charco receber lorde Ishida e seus serviçais. Desde os tempos do pai do samurai, lorde Ishida não passara nenhuma vez por aquele feudo quando fazia o caminho do castelo para casa. Só por essa razão, o samurai estava vagamente apreensivo, imaginando o que poderia ter acontecido. Ressentia-se do alegre estado de espírito do tio, que não se esquecera das palavras gentis que lorde Shiraishi dissera a seu sobrinho em Ogatsu e que estava convencido de que sua petição fora atendida.

Quando os dois grupos se encontraram na entrada do charco, lorde Ishida saudou jovialmente o samurai e seu tio. Em seguida, foi conduzido por eles à casa do samurai. Mas, em vez de ir direto ao quarto que haviam preparado para ele, lorde Ishida pediu para sentar-se ao lado da lareira.

— O fogo é a hospitalidade mais calorosa — brincou, talvez tentando deixar os anfitriões à vontade. Comeu com gosto o arroz cozido que Riku lhe trouxe e fez várias perguntas sobre as condições no charco. Então, entre goles da água quente que sobrara em sua tigela, disse de chofre: — Trouxe-vos um belo presente hoje! — E, vendo os olhos do tio do samurai faiscarem com essas palavras, acrescentou: — Não é anúncio de nenhuma batalha. Não creio que vá haver. É melhor desistirdes do sonho de mostrar valor em combate para retornar para Kurokawa — disse isso e prosseguiu, com os olhos fixos no samurai: — Mas há outro serviço que podeis prestar. Eu trouxe notícias de algo que vos trará muito mais mérito que uma batalha. Estou certo que sabeis que Sua Senhoria constrói um grande navio na baía de Ogatsu. Esse navio levará os estrangeiros que foram atirados à costa em Kishu e navegará até uma terra distante, chamada Nova Espanha. Ontem, no castelo, lorde Shiraishi sugeriu vosso nome; recebestes ordens de viajar para a Nova Espanha como emissário de Sua Senhoria.

O samurai não conseguiu entender o que Ishida dizia. Olhou sem expressão para o rosto do suserano. Sentia-se repentinamente apanhado num evento inesperado e não conseguia respirar nem dizer nada. Tudo o que sabia com certeza era que os joelhos de seu espantado tio tremiam.

— Entendeis? Estais indo para um país chamado Nova Espanha.

Nóvaes Panha? O samurai nunca ouvira aquele nome antes e tentou repeti-lo: NO-VA ES-PA-NHA. Parecia que um grosso pincel de caligrafia inscrevia firmemente cada sílaba em sua cabeça.

— Pelo que entendi, lorde Shiraishi falou convosco em Ogatsu algum tempo atrás. E, no conselho dos anciãos, ele disse que convosco as coisas não dariam

errado. Assim, se vos distingirdes nessa missão, ele talvez possa considerar devolver vosso feudo em Kurokawa quando regressardes.

O tio do samurai tremia. Seus joelhos balançavam visivelmente. O samurai colocou as mãos nos joelhos e sentou-se com a cabeça inclinada. Quando os joelhos do tio pararam de tremer, lorde Ishida riu:

— Suponho que pareça um sonho para vós. — Mas o sorriso de repente lhe sumiu do rosto, e ele arrematou, com determinação: — Não é um sonho.

No entanto, para o samurai, a voz de lorde Ishida parecia saída de muito longe quando falava do grande navio e da Nova Espanha. Tudo o que o samurai guardou na memória foi que embarcariam no navio pelo menos trinta marinheiros estrangeiros e que os japoneses seriam quatro emissários e seus serviçais, alguns moços de convés e mais de cem mercadores. O navio era maior que o maior dos juncos, e a viagem à Nova Espanha duraria dois meses. Além disso, um padre estrangeiro se juntaria ao grupo como intérprete e faria todos os arranjos necessários para os emissários quando eles chegassem ao destino. A Nova Espanha era território da Espanha, e Sua Senhoria, autorizada pelo naifu, iniciava o comércio com aquele país para transformar Shiogama e Kesennuma em portos rivais de Sakai e Nagasaki.

O samurai não tinha como dizer o quanto dessas informações o idoso tio fora capaz de entender. Até para o próprio samurai, tudo parecia um sonho. Morava naquele charquinho estreito e pretendia morrer ali. Nunca pensara que embarcaria num grande navio para fazer longa viagem a uma terra estrangeira. De alguma maneira, aquilo não lhe soava real.

Lorde Ishida enfim se levantou para ir embora. Os serviçais dele se apressaram a buscar os cavalos. Nem o samurai nem o tio tiveram muito o que dizer enquanto acompanhavam a comitiva de volta à entrada do charco; apenas seguiram atrás, apalermados. Mesmo depois que a comitiva sumiu de vista, os dois homens não falaram nada ao voltar para casa. Quando chegaram, Riku, que ouvira a conversa da cozinha, fugiu de novo para lá, pálida – era como se lorde Ishida ainda estivesse sentado junto da lareira. O tio do samurai se acomodou perto do fogo, com as pernas cruzadas. Ficou calado durante longo tempo, até que um suspiro ofegante lhe escapou dos lábios.

— O que significa isso? Não consigo entender! — balbuciou.

O samurai também não conseguia. Se Sua Senhoria estava procurando um emissário especial para enviar a um país distante, poderia encontrar muitos vassalos com posição de destaque dentro das muralhas do castelo. No topo, a hierarquia dos servos de Sua Senhoria consistia em generais e coronéis, que eram seguidos de postos equivalentes a sargento, cabo e anspeçada. À família do samurai cabia apenas o posto de anspeçada, mais que um soldado raso, porém

menos que um cabo. O samurai não entendia como um vassalo de tão baixa posição fora selecionado e incluído de caso pensado entre os emissários de Sua Senhoria.

Será que lorde Shiraishi arranhou isso apenas em meu benefício?

Se fosse o caso, devia ter sido porque lorde Shiraishi se lembrara dos serviços que o pai do samurai prestara nas batalhas de Koriyama e Kubota. O samurai viu outra vez diante de si o rosto do pai.

Riku, ainda pálida, reapareceu da cozinha e sentou-se ao lado da lareira. Olhou para o rosto do tio e do marido.

— Roku está indo... para uma terra longínqua — disse o tio, não tanto para Riku, mas mais para si mesmo. — É uma honra. É uma grande honra. — Então, como se para espantar as próprias apreensões, murmurou de repente: — Se Roku cumprir essa importante missão, talvez possamos reaver nossas terras em Kurokawa... Foi o que lorde Ishida disse!

Riku se levantou e sumiu outra vez na cozinha. O samurai sabia que ela estava lutando para segurar as lágrimas.

O samurai abriu os olhos no escuro. Riku e Gonshiro dormiam em silêncio. Imagens do sonho que ele acabara de ter permaneciam em suas pálpebras. Sonhara que estava caçando coelho num dia de inverno. O estampido da arma de Yozo primeiro cortou o ar gelado por sobre os campos nevados, depois se alargou vagarosamente como as ondas do mar. Um bando de aves migratórias dançou no céu. Contrastando com o azul lá em cima, aquelas asas eram brancas. Todo inverno, o samurai via essas aves brancas que chegavam a suas terras, mas ele não sabia de onde eram.

Tudo o que sabia era que elas eram de uma terra distante, um país distante. Talvez até da Nova Espanha, o país que agora ele estava para visitar.

Mas por que o haviam escolhido como um dos emissários? No escuro, as dúvidas flutuavam como bolhas de água em sua cabeça. Sua família era de samurais rurais com posto de anspeçadas, tendo servido desde os tempos do pai de Sua Senhoria, mas não tinham prestado nenhum serviço excepcional. Não havia razão aparente para que o chefe de uma família assim fosse selecionado em lugar de muitos outros. O ingênuo tio atribuía tudo à intercessão de lorde Shiraishi, mas este bem devia ser capaz de ver que um homem calado e desprovido de talentos como o samurai não estava verdadeiramente à altura daquela importante responsabilidade.

A única coisa boa a meu respeito, pensou distraidamente o samurai, é que tenho sido obediente a meu pai e meu tio. O único talento que tenho é a

capacidade de resistir como os camponeses, nunca indo contra a corrente. Talvez lorde Ishida tenha gostado dessa perseverança.

O filho se virou enquanto dormia. O samurai detestava deixar a família e a casa. Em algum momento, o charco começara a parecer uma concha de caramujo para ele. Agora, o samurai estava sendo extraído de sua concha à força. *E talvez... talvez no decorrer dessa longa viagem eu morra e nunca volte a este charco.* De repente, o medo de talvez jamais rever a mulher e os filhos lhe turvou o coração.

As ondas mansas do porto, onde flutuavam numerosas jangadas, refletiam a silhueta dos morros. Grandes quantidades de madeira haviam sido empilhadas na praia. Ouvia-se de todas as direções o relinchar de cavalos. Madeira de *keyaki* do monte Kenjo, que se erguia sobre o porto, fora usada para as jangadas e as tábuas, e a madeira de cedro tinha sido levada da península de Ojika, por barco. O *keyaki* seria para a quilha do grande navio. Já o cipreste *hinoki* que seria utilizado para a confecção do mastro principal era de Esashi e Kesennuma.

O martelar dos pregos e o cortar e serrar da madeira ressoavam sem parar dos três lados do porto. Vários carros de boi, carregados de barris do verniz que seria aplicado ao casco do navio, rangiam quando passavam em frente ao missionário.

Nos baixios, operários dedicados se apinhavam como formigas na estrutura do navio, que parecia o esqueleto descarnado e desgastado de algum animal selvagem.

O missionário acabara de chegar de seu trabalho de intérprete em outro dos infindáveis debates entre os marinheiros espanhóis e o contramestre japonês. Os espanhóis ridicularizavam o contramestre e não davam nenhuma atenção a sua opinião. O japonês insistia que deveriam usar plataforma inclinada para lançar o navio, e que este deveria ser empurrado ao mar por força humana. Embora o missionário falasse um japonês fluente, ficava perdido com o jargão necessário a tais debates.

Quando enfim se chegou a um acordo, o exausto missionário deixou sozinho a cabana. Era quase meio-dia. Os outros procurariam um lugar à sombra para descansar, mas o missionário precisava usar esse tempo para visitar cada um dos acampamentos de trabalho.

Contratara-se quase uma dúzia de cristãos como trabalhadores braçais. No intervalo de almoço, o missionário celebrava a missa, dava-lhes a comunhão e ouvia suas confissões. Todos aqueles cristãos tinham morado originariamente em Edo, mas quando a prática do cristianismo foi proibida por lá e começaram as perseguições, eles fugiram para o nordeste. Desde então, trabalhavam nas minas de ouro, sem nenhum parente por perto. Então, do mesmo modo que as formigas

farejam comida a distância, eles souberam que chegara um missionário e se reuniram em Ogatsu.

O céu estava claro, mas a brisa era gelada. Em Edo, os salgueiros já estariam dando brotos verdes; ali, entretanto, a neve persistia, cobrindo as montanhas distantes, e as cores dos morros e das florestas eram sem vida. A primavera ainda não chegara.

O missionário estava em pé num dos campos de trabalho, esperando pacientemente que um dos operários cristãos completasse suas tarefas. Por fim, o homem se aproximou. Tinha uma toalha enrolada na cabeça, e lascas de madeira estavam agarradas aos trajes rotos.

— Padre! — gritou o homem.

Sim, pensou o missionário. Aqui, agora, não sou um intérprete para os japoneses. Sou o pastor deste pobre rebanho.

— Padre, por favor, escutai minha confissão.

As pilhas de madeira os abrigavam do vento. O homem ficou ajoelhado enquanto o missionário entoava a prece confessional em latim; ele então fechou os olhos para ouvir as palavras que vinham com o hálito fétido do operário.

— Fiquei sentado, só ouvindo, enquanto meus amigos gentios faziam troça da fé cristã. Eu não disse nada em resposta a eles. Deixei que ridicularizassem Deus e nossa fé cristã. Eu não queria perder meus amigos.

— De onde vieste?

— De Edo — respondeu, timidamente, o homem. — Lá não nos deixam mais acreditar em nossa fé.

O missionário começou a explicar que todo e qualquer cristão deve ser testemunha de Deus para todos os homens. Mas o operário olhava com tristeza para o mar enquanto ouvia aquelas palavras.

— Deixa teu coração ficar em paz. — O missionário tentou encorajá-lo, colocando a mão na rústica roupa coberta de lascas de madeira. — Logo virá o dia em que ninguém mais rirá de tua crença.

Em seguida, recitou a fórmula da absolvição e se levantou de trás das pilhas de madeira. O operário murmurou seus agradecimentos e se foi, acanhado. O missionário sabia que aquele homem cometeria o mesmo tipo de pecado outra vez. Embora esses cristãos devotos tivessem encontrado refúgio na região, ainda eram vistos com desdém pelos colegas operários. Já havia passado, fazia muito, o tempo em que guerreiros e mercadores brigavam para ser os primeiros a receber o batismo naquelas terras. O missionário tinha certeza de que era tudo culpa dos jesuítas. Se estes não tivessem se inflado de orgulho e desafiado com suas ações os governantes do Japão, o clima com certeza ainda seria favorável...

Se eu fosse o bispo do Japão...

O missionário sentou-se numa pedra com vista para o porto e se deleitou mais uma vez com aquele sonho. Era como se fosse um menino deitado na cama, saboreando lentamente alguma comida que tivesse escondido. *Se eu fosse o bispo do Japão, não irritaria os governantes japoneses como os jesuítas fizeram. Eu lhes ofereceria o tipo de benefício que os agradaria e, em troca, obteria liberdade suficiente para pregar o Evangelho. O trabalho missionário neste país não é simples como em Goa ou Manila. Requer estratégia e diplomacia. Se estratégia e diplomacia funcionassem para construir o amor-próprio desses pobres fiéis, então eu seria o primeiro a empregar tais meios.* Pensou com orgulho no tio e nos outros parentes que haviam servido como diplomatas e cardeais da Igreja. Nem uma vez ele tivera vergonha do sangue daquela família correndo em suas veias.

Com esses japoneses astuciosos...

Para lidar com japoneses, os métodos de pregar o Evangelho também precisavam ser astutos. Uma gaivota se elevou com um grito agudo acima do ancoradouro atulhado de jangadas e madeira e depois deslizou rente à superfície da água. O missionário se imaginou usando a mitra e os trajes vermelhos de um bispo. Tentou convencer-se de que o sonho de sagrar-se bispo não era produto da ambição mundana, e sim a responsabilidade que tinha de disseminar os ensinamentos de Deus no Japão.

Ó Senhor, orou, inspirando a brisa salina e fechando os olhos, se for para Vossa glória...

A cabana que os oficiais deram ao missionário em Ogatsu ficava na ponta da baía, a considerável distância dos casebres temporários dos carpinteiros e dos trabalhadores braçais. Assim como todas as outras cabanas, fora construída com toras grosseiramente cortadas e empilhadas. O único cômodo, semelhante a um depósito, era tanto quarto de dormir quanto lugar onde ele podia ficar sozinho para rezar. Desde os tempos de seminarista, tinha o hábito de atar os pulsos antes de se deitar para dormir. Tal prática o ajudava a resistir aos violentos impulsos sexuais que lhe varriam o corpo robusto. Esses ímpetos de luxúria, aos quais ele deveria com justiça renunciar por toda a vida, não o torturavam mais tão ferozmente quanto na juventude. Porém, assim como se amarra um cavalo que pode tentar disparar a qualquer momento, o missionário, depois de terminar suas preces noturnas, continuava a amarrar seus pulsos com uma corda antes de estender-se rigidamente sobre a cama.

Naquela noite, o rugido do mar estava mais forte que de costume. Não muito tempo antes, o missionário ouvira aquele rugido ao caminhar ao longo da praia escura até sua cabana, carregando a carta de padre Diego em Edo, que os oficiais

lhe haviam passado no quartel. Ele golpeou uma pederneira e acendeu uma vela. A chama tremeluziu e fez subir um único fio negro de fumaça, lançando sua sombra grande contra as toras da cabana. À luz da vela, ele abriu a carta de Diego com suas mãos atadas. O rosto de seu incompetente jovem compatriota passou de relance a sua frente.

“Um mês se passou desde que deixastes Edo. A situação aqui não piorou, mas também não melhorou nem um pouco.” A letra de Diego era desajeitada como a de uma criança, mas aqueles garranchos apertados no papel pareciam um reflexo adequado de sua personalidade simples.

“Eles ainda não nos permitem pregar livremente e ignoram o fato de que vivemos aqui porque o escritório do magistrado sabe que não há mais ninguém para cuidar dos leprosos. Sem dúvida, algum dia nós também seremos expulsos e teremos que fugir para o Nordeste, como vós.

“Preciso outra vez ser o portador de uma notícia muito desagradável. A Companhia de Jesus em Nagasaki mandou outra carta para Manila e Macau, criticando-vos. Eles dizem que embora estejais plenamente ciente das perseguições aos cristãos no Japão, estais tentando convencer nosso Santo Padre em Roma a promover o comércio entre o Japão e a Nova Espanha. Alegam que vossas atividades são um experimento apressado que coloca o esforço missionário no Japão sob a mais grave ameaça e que, se levardes isso longe demais, mobilizardes um grande número de jovens padres em Macau e Manila que não conhecem nada deste país e os trouxerdes para o Japão, levantareis a ira do naifu e do xogum. Os jesuítas já mandaram um pedido de censura a vós para Macau. Oro para que tenhais isso em mente e desempenhais vossas atividades com a máxima cautela...”

O rosto retorcido do missionário parecia ainda mais feio à luz da vela. Ele tinha conseguido suprimir seus desejos carnisais, mas ainda não era capaz de curar seu temperamento inerentemente volátil. Às vezes o feroz orgulho de seus ancestrais era uma tortura para ele. Seu rosto lhe fazia parecer mais jovem que seus quarenta e dois anos, mas agora se corava de vermelho com a raiva.

Os jesuítas têm ciúmes de mim porque caíram em desgraça com o naifu e o xogum e não conseguem recuperar seus favores, disse a si mesmo. *Eles não conseguem suportar a ideia de que estamos assumindo o controle do esforço missionário neste país.*

Embora fossem clérigos que acreditavam no mesmo Deus e serviam à mesma Igreja, os jesuítas nutriam um horrível ciúme e cuspiam injúrias e calúnias contra ele, simplesmente porque ele pertencia a uma ordem monástica diferente. O missionário não podia tolerar esse comportamento. A postura que os jesuítas haviam adotado para com ele e a Ordem dos Frades Menores não era a de um

guerreiro lutando uma batalha digna e valorosa. Seus métodos mais se pareciam as calúnias e as intrigas dos eunucos da corte chinesa.

Como se para insuflar sua raiva, o rugido do oceano ficou ainda mais alto. O missionário trouxe a vela até a borda da carta de Diego. A chama envolveu o papel repleto de caracteres desengonçados e o tingiu de marrom, depois o consumiu com um esvoaçar, como o das asas de uma mariposa. No entanto, mesmo depois de ter destruído a causa de sua raiva, seu coração se recusou a se tranquilizar. Ele juntou as mãos e ajoelhou-se para rezar.

— Ó Senhor — murmurou. — Ó Senhor. Sabeis quem, se eu ou eles, pode ser de mais utilidade para Vós nesta terra. Tornai-me uma pedra para esses pobres santos japoneses. Assim como chamastes a um de Vossos discípulos uma pedra... — O missionário não percebeu que aquilo não era uma prece, mas uma maldição contra aqueles que haviam ferido seu orgulho.

— Padre...

Na escuridão, alguém o chamara, e o missionário abriu os olhos. Um homem estava em pé como uma sombra na entrada de sua cabana. O missionário reconheceu suas roupas rústicas. Era o operário cujos pecados ele perdoara naquela mesma tarde, abrigado do vento atrás das pilhas de madeira. Ele olhava para o missionário com o mesmo rosto melancólico.

— Entra.

O missionário espanou as cinzas da carta de seu colo e levantou-se. O aspecto infeliz daquele sujeito lembrava-o dos olhos vermelhos e lacrimosos de Diego. Apoiado no batente da porta, em frases vacilantes o homem pediu que, se fosse permitido que japoneses viajassem no grande navio, ele e seus amigos fossem levados para fazer serviços pontuais. Ele tinha ido para aquela região depois de ser expulso de Edo, mas reclamou que todos zombavam dele por ser cristão, e havia poucos lugares onde ele tinha permissão de trabalhar.

— Todos sentimos a mesma coisa.

O missionário balançou a cabeça.

— Não podes embarcar no navio. Se tu e teus amigos abandonarem este país, quem ajudará os padres que logo virão para cá? Quem tomará conta desses padres?

— Não vêm padres para cá há muitos anos.

— Não, mas muito em breve muitos padres virão da Nova Espanha para os domínios de Sua Senhoria. Não sabes nada sobre isso ainda, mas tenho certeza que Sua Senhoria o permitirá. Um dia eu voltarei aqui, trazendo muitos padres comigo.

Em teu benefício e no meu, o missionário murmurou para si mesmo. *Neste dia, serei nomeado bispo para liderar esses padres.*

O homem esfregou o batente da porta com a mão, seu rosto ficando mais triste à medida que ouvia as palavras do missionário. A vela encolheu e sua chama

brilhou mais forte, iluminando as costas do homem quando ele se virou para ir embora.

— Volta à cabana. Volta e diz aos outros o que eu disse. Logo não será mais preciso ter paciência. Prometo-te isso.

Lascas de madeira do trabalho ainda estavam agarradas aos ombros do homem. Quando ele foi engolido pela escuridão, o missionário se recompôs e apertou as cordas em torno de seus pulsos para que suas mãos atadas não reagissem mesmo que o Adversário tentasse inflamar seus desejos carnaís...

* * *

Um grupo de camponeses aguardava, na entrada de terra, o samurai aparecer. Eram representantes das três aldeias do charco. Estavam pacientemente agachados, tossindo e fungando de vez em quando.

Logo se ouviu um ruído do lado de dentro e a tosse e as fungadas pararam de uma vez quando o samurai, seu tio e Yozo apareceram.

O samurai sentou-se na cadeira de honra ao lado da lareira e olhou para os camponeses. O rosto deles parecia-se com o seu: os olhos fundos, as maçãs do rosto salientes, o penetrante cheiro de terra. Aqueles eram rostos que haviam suportado muitos longos anos de vento e neve, fome e trabalho pesado. Eram rostos completamente acostumados a resistir e a se resignar. Entre rostos como aqueles, o samurai deveria escolher auxiliares para acompanhá-lo pelo grande oceano até a Nova Espanha, país que nenhum deles tinha visto nem em sonhos. Ordens do castelo permitiam que cada emissário levasse um máximo de quatro homens.

— Temos boas notícias para vós.

Antes que o samurai dissesse qualquer coisa, seu tio falou com um ar de satisfação.

— Estou certo que todos ouviram algo a respeito do grande navio em Ogatsu. Por ordens de Sua Senhoria, esse grande navio vai viajar para muito longe, até uma terra estrangeira. — Então, virou-se para o sobrinho. — Rokuemon estará naquele navio. Como um emissário de Sua Senhoria.

Mas os camponeses continuaram com olhos indiferentes, que não expressavam excitação nem surpresa. Eles eram como cães velhos que encaravam todos os assuntos dos homens com apatia.

— Como serviçais de Rokuemon... — O tio do samurai apontou o queixo para Yozo, que, ao contrário dos camponeses na entrada, tinha sido autorizado a

sentar-se num canto da sala da lareira — Já conversamos com Yozo. Três outros homens, um de cada aldeia, acompanharão Rokuemon.

O rosto dos camponeses agachados apertou-se por um momento, como se a rigidez da morte se instalasse. Não era a primeira vez que isso acontecia. Todo ano, quando indivíduos tinham que ser escolhidos para fazer trabalho de corveia, os camponeses reunidos aqui se enrijeciam por um momento enquanto o samurai lia os nomes dos selecionados.

— A viagem será longa, de modo que será uma grande inconveniência para homens com mulheres e filhos. Tende isso em mente e tomai as decisões entre vós.

Sentado ao lado de seu tio, o samurai pensou nas provações que esperavam os três homens que seriam escolhidos das três aldeias. Como ele mesmo, aqueles homens tinham fortes vínculos com aquele charco, como um caramujo com sua concha; no entanto, sem dúvida eles aceitariam aquela ordem com resignação, da mesma forma que baixavam o rosto e suportavam os ventos carregados de neve.

Os camponeses juntaram as cabeças e confabularam baixinho, como um bando de codornas numa gaiola. A discussão, em voz baixa, abafada, continuou por um tempo. Nesse intervalo, o samurai e o tio não disseram nada, olhando sem expressão para os camponeses. Das três aldeias, Seihachi, Ichisuke e Daisuke — todos sem esposa nem filhos — foram os jovens escolhidos. O tio do samurai assentiu em aprovação.

— Lembrai-vos agora. Todos teremos cuidados especiais com os parentes desses homens até que Rokuemon retorne.

Os camponeses restantes pareceram aliviados por não terem sido escolhidos. Mais uma vez, fungaram e tossiram; depois, curvando-se, saíram do caminho de entrada. O cheiro de terra e suor que se agarrava às roupas de trabalho continuou, persistente, na sala.

— Bom! Bom! — Esforçando-se para parecer alegre, o tio do samurai bateu nos ombros do sobrinho com o punho. — Detesto dar ordens assim. Mas é como se fosse uma batalha! O resultado determinará se recuperaremos as terras em Kurokawa ou não. Riku estará ocupada embalando e preparando as coisas para a viagem. Quando os emissários se reunirão no castelo de Sua Senhoria?

— Depois do décimo dia. Receberemos, então, as instruções.

— Agora, Roku, toma conta de tua saúde na viagem. — A voz do seu tio de repente se abrandou.

O samurai baixou os olhos, mas sentiu uma pontada de amargura.

Seu tio não conseguia pensar em nada a não ser nas terras perdidas de seus ancestrais. A única razão de viver do velho era ver aquelas terras devolvidas a eles enquanto ainda estivesse vivo. Mas o samurai, como aqueles camponeses que

havam acabado de sair, tinha pouco desejo de obter novas terras e mudar-se. Ele queria continuar como estava naquele charco e morrer ali.

— Vou cuidar dos cavalos. — O samurai trocou olhares com Yozo e saiu pelo acesso de terra.

Os cavalos no estábulo sentiram a aproximação de seu mestre; ele pôde ouvi-los bater os cascos no chão. Ao inspirar o ranço de palha úmida, o samurai se apoiou contra a prateleira e se virou para o chefe de seus servos.

— Obrigado — disse, baixinho, para Yozo. — Então irás comigo?

Yozo enrolou um único pedaço de palha entre as pontas de seus dedos e assentiu devagarinho. Ele era três anos mais velho que o samurai, e faixas de branco já tinham começado a tingir seu cabelo. Enquanto o samurai olhava o cabelo de Yozo, seus pensamentos de repente voltaram à juventude, quando Yozo o ensinara a lidar com cavalos e a colocar armadilhas para coelhos. Na verdade, aquele servo o tinha instruído sobre o modo de cuidar de sua arma na batalha e lhe dera suas primeiras aulas de nado. Como os outros camponeses, Yozo tinha cheiro de terra e os mesmos olhos fundos, além das maçãs do rosto salientes. Na juventude, quando juntos eles arrancaram ervas daninhas e cortaram lenha da floresta para o inverno, Yozo sempre estivera com o samurai para lhe ensinar uma coisa ou outra.

— Ainda não entendo por que fui escolhido para ser emissário — murmurou o samurai, enquanto acariciava o focinho de um cavalo que pusera a cabeça para fora. Ele falava mais para si que para Yozo. — E não sei quão perigosa será a viagem nem mesmo para que tipo de país estamos indo... É por isso que será bom ter-te comigo.

O samurai sorriu, meio envergonhado da própria franqueza.

Yozo virou o rosto em outra direção para lutar contra as emoções que cresciam dentro de si; entrando no estábulo, ocupou-se silenciosamente de reunir palha suja num canto e espalhar palha seca na terra, como se fazendo isso ele pudesse esquecer sua ansiedade e seus medos quanto à viagem.

Dez dias depois, o samurai e Yozo partiram a cavalo para o castelo de Sua Senhoria. Lorde Shiraishi tinha instruções a dar a cada um dos escolhidos como emissários. Era um dia e meio de viagem desde o charco até o castelo de Sua Senhoria, e os dois homens passaram por muitas aldeias tão pobres quanto a deles antes de emergirem numa vasta planície. Os sinais da primavera já tinham chegado por lá: um sol cáldo brilhava acima deles, nas florestas as magnólias estavam pontilhadas de flores brancas e nos campos ainda não arados um grupo de crianças brincava com uma guirlanda de flores de lótus. Quando o samurai olhou para a cena diante de si, a compreensão de que ia para um país distante e estranho apertou seu coração como da primeira vez.

Além da planície, o castelo de Sua Senhoria se erguia como um navio de guerra – negro, imponente, penetrante. Na base da colina em que o castelo fora construído, a cidade se espalhava debaixo de um véu nevoento de sol de primavera. Um mercado havia sido montado logo na entrada da cidade, e mercadores, que tinham esparramado no chão tudo, de panelas e caldeirões a óleo, sal, roupas de algodão e potes de cerâmica, berravam agressivamente para os transeuntes. O samurai e seu companheiro, acostumados à vida pacata do charco, só conseguiam olhar assombrados para a multidão. Eles vadearam um rio, vendo garças brancas pairando no céu e subindo a colina até o castelo. O espesso portão de aço era protegido por um soldado de infantaria segurando uma lança, e os dois homens tiveram que desmontar antes de prosseguir.

Como mero anspeçada, o samurai não podia entrar na fortaleza sem permissão. Quando chegou ao edifício no terreno do castelo para onde tinha sido encaminhado, os outros emissários já se encontravam no pátio interno. Os três homens sentados em banquinhos, Matsuki Chusaku, Tanaka Tarozaemon e Nishi Kyusuke, eram do mesmo posto que o samurai. Eles trocaram cumprimentos, sem esconder a tensão e a ansiedade.

Mais seis banquinhos foram alinhados no pátio. Os emissários esperaram durante pouco tempo, depois ouviram o som de passos, e um oficial escoltou três estrangeiros em trajes peculiares até o pátio. Os rostos angulosos lembravam aos japoneses corvos. Eles sentaram-se nos banquinhos, de frente para os emissários. Nesse momento, lorde Shiraishi e dois serviçais surgiram de dentro do edifício e também se acomodaram.

Antes de sentar-se, lorde Shiraishi lançou um breve olhar ao samurai cabisbaixo e assentiu, satisfeito. Com grande solenidade, apresentou os estrangeiros ao grupo reunido como os tripulantes-chefes do navio espanhol que naufragara em Kishu dois anos antes. O samurai reconheceu o estrangeiro sentado em um lado como o intérprete que fizera parte da comitiva de lorde Shiraishi na praia em Ogatsu naquele dia.

— Levareis para vossos servos lanças, estandartes e até roupas em quantidade suficiente para garantir que não trareis desgraça para Sua Senhoria nem parecereis pouco apresentáveis na Nova Espanha. Depois que chegardes lá, siga as instruções de lorde Velasco em todos os assuntos. — Lorde Shiraishi voltou o olhar para o intérprete.

O estrangeiro chamado Velasco sorriu com satisfação ao ver o grupo de samurais. Aquele sorriso parecia dizer aos japoneses que sem ele seus emissários não seriam capazes de fazer nada na Nova Espanha.

Os emissários e seus serviçais receberam ordens de se reunir em Tsukinoura dois dias antes do quinto dia do quinto mês, data da partida. O grande navio seria

rebocado até Tsukinoura e zarparia de lá.

Depois de os emissários receberem instruções detalhadas, foi-lhes oferecido saquê numa câmara separada. Quando o grupo começou a deixar o pátio, lorde Shiraishi chamou:

— Rokuemon! — disse, ordenando que o samurai ficasse. — Rokuemon, a viagem não será fácil, mas tereis que desempenhar vossa missão com o melhor de vossa capacidade. Foi ideia minha e de lorde Ishida selecionar-vos como um dos emissários. Em parte, por causa das terras em Kurokawa. Se desempenhardes bem vossas funções de emissário, depois que retornardes o conselho dos anciãos pode reconsiderar sua posição. No entanto, não mencioneis isso para vosso tio.

O samurai ouviu respeitosamente. Seu coração se encheu de gratidão pela bondade de lorde Shiraishi, e ele sentiu um impulso de apertar as mãos contra o chão e curvar-se em agradecimento.

— Na terra dos estrangeiros — acrescentou lorde Shiraishi, abruptamente —, os costumes provavelmente serão bem diferentes dos daqui do Japão. Não deveis agarrar-vos aos costumes japoneses se eles forem um empecilho à missão. Se aquilo que é branco no Japão for preto nas terras estrangeiras, considerai-o preto. Mesmo se não estiverdes convencido no coração, deveis ostentar uma aparência de aquiescência no rosto.

Suas palavras intrigaram o samurai.

Mais tarde, naquele dia, ele deixou o castelo e fez um passeio com Yozo pela cidade. As mansões dos vassalos de alto posto emolduravam as ruas próximas ao castelo; as casas dos mercadores estavam aglomeradas nas regiões O-machi, Minami-machi, Sakana-machi e Ara-machi, e numerosos templos despontavam em cada canto da cidade. Yozo juntou as mãos numa fervente oração em cada templo que eles visitaram. O samurai entendia bem como seu servo se sentia.

Comprou cavalos de brinquedo para seus filhos e um pente para Riku. Ao comprar o pente, de súbito o rosto de sua esposa apareceu vívido diante de seus olhos e, desafiando a si mesmo, ele corou na frente de Yozo. À medida que os dias se passavam, um após o outro, o coração do samurai foi ficando mais pesado, como se pedras o puxassem para baixo. Ele estava para embarcar numa longa viagem marítima para uma terra desconhecida, e a inescapável consciência disso era sufocante. Como os camponeses dali, detestava a ideia de deixar o charco. Cada vez que esse pensamento lhe ocorria, porém, ele se lembrava das palavras de lorde Shiraishi e abafava o acovardamento.

Os sinais da primavera começaram a aparecer. As cavalinhas lançavam brotos parecidos com lanças pela terra, e talos de *fuki* surgiam aqui e ali. Desde a infância, o charco fora parte de sua vida, e o samurai sabia que na viagem teria saudades de cada parte disso. Ele não veria cenas como aquelas de novo por muito tempo.

Os mesmos pensamentos preenchiam sua mente à noite, quando ele se sentava à lareira e estudava o rosto de sua esposa e de seus filhos. Uma vez ele segurou Gonshiro no colo e disse:

— Papai está indo para uma terra distante. — Dessas palavras, o pequeno não conseguiu entender nada. — Papai está indo para uma terra distante e trará na volta presentes para Kanzaburo e também para Gonshiro.

Com Gonshiro em seu colo, o samurai lhe contou uma história que ouvira de sua mãe muitos anos antes.

— Era uma vez — começou, balançando os joelhos para a frente e para trás e falando como se fosse para si mesmo —, uma rã de uma aldeia desta região e outra rã da região de San'in. Na primavera, depois que a neve derreteu, elas decidiram fazer um piquenique e subiram uma montanha. Até bem no alto. — Gonshiro estava quase dormindo, mas o samurai continuou: — Uma vez, uma rã de certo lugar decidiu viajar até Kamigata. Seguiu atrás de um comerciante de cavalos...

O ambiente conhecido como salão dos falcões era escuro e frio. A única coisa lá que atraiu seu olhar foram as portas deslizantes de quatro painéis, decoradas com desenhos de falcões de olhos penetrantes. No castelo de Edo e nas residências de outros homens poderosos, o missionário fora com frequência conduzido a cômodos frios e escuros como aquele. Ele sempre tinha a sensação de que as intrigas dos japoneses se esgueiravam como sombras na escuridão daqueles salões.

— Vimos humildemente perante o grande senhor de toda a terra, Sua Santidade Paulo v, papa de Roma...

Um velho que servia como escrevente no castelo lia um rascunho da carta de Sua Senhoria. Ao contrário dos velhos conselheiros, que estavam sentados numa plataforma elevada com lorde Shiraishi outra vez no centro, aquele velho tinha a cabeça raspada e vestia os trajes pretos de um prelado budista.

— Velasco, um monge da Ordem dos Frades Menores, veio a nossa terra e instruiu-nos sobre o cristianismo. Ele visitou nossos domínios e ensinou-me os mistérios da fé cristã. Como resultado, entendi o sentido desses ensinamentos e decidi abraçá-los sem hesitação. — O escrevente vacilava ocasionalmente enquanto lia o rascunho que ele mesmo redigira. — Assim, em consequência de meu amor e meu respeito pelos monges desta Igreja, desejo erguer catedrais para eles e envidar todos os meus esforços na propagação do bem. Se houver qualquer coisa que Vossa Santidade considere necessária para a difusão das santas leis de Deus, providenciarei isso com prazer em meu reino. Eu mesmo fornecerei quaisquer fundos e terras que sejam necessários para as catedrais; assim, Vossa Santidade não terá qualquer preocupação a esse respeito.

Enquanto ouvia aquela áspera recitação, o missionário estudava o rosto de lorde Shiraishi e dos velhos conselheiros, mas as expressões eram austeras, e ele não era capaz de dizer no que eles estavam pensando.

— Embora a Nova Espanha fique muito distante de nosso país, desejo sinceramente estabelecer relações com aquela terra; assim sendo, rogo a influência de Vossa Santidade para ajudar-me a obter tal intento.

O escrevente pousou lentamente o rascunho da carta em seus joelhos e levantou a cabeça como um prisioneiro aguardando julgamento. Lorde Shiraishi pôs a mão sobre a boca e tossiu duas ou três vezes, então perguntou:

— Lorde Velasco, tendes alguma objeção?

— Está aceitável. Mencionarei apenas duas coisas. A primeira é que eu pediria que, quando vos dirigires ao papa, acrescenteis uma frase tradicional. Acrescentai: “Humildemente beijamos os pés de Sua Santidade, o papa”.

— Desejais que escrevamos que Sua Senhoria beija os pés do papa?

— É o costume — disse o missionário, numa voz firme e impenitente. Os conselheiros olharam para cima irritados, mas as bochechas de lorde Shiraishi se retorceram num sorriso torto. — A outra coisa tem a ver com enviar padres aos domínios de Sua Senhoria — continuou, encorajado pelo sinal momentâneo de fraqueza no rosto de lorde Shiraishi. — Eu pediria que acrescentásseis que “somente padres da Ordem dos Frades Menores”. Sem tal acréscimo, nossa ordem não poderá transmitir essa carta ao papa.

Ele queria acrescentar: “Expulsai os jesuítas do Japão e deixai somente a Ordem dos Frades Menores ter o direito de evangelizar este país”, mas é claro que não podia falar tão francamente.

— Isso é crucial.

— Acrescentaremos — assentiu Shiraishi. Para ele, como para os outros japoneses, os jesuítas e os franciscanos eram todos padres cristãos, e as diferenças entre eles não lhe interessavam nem um pouco. — Tendes certeza de que a carta chegará ao papa? — perguntou lorde Shiraishi, numa tentativa de abrandar o missionário.

Ele tinha plena consciência de que sem o missionário os velhos conselheiros não teriam como alcançar seu objetivo. Depois que o grande navio chegasse à Nova Espanha, os emissários, sem conhecer a língua nem os costumes, seriam totalmente incapazes de fazer qualquer coisa por conta. O missionário era o único que poderia ajudá-los.

— Ela chegará até ele. Se for necessário, irei a Roma e a entregarei a Sua Santidade eu mesmo.

— Iríeis sozinho?

— Eu levaria um de vossos emissários comigo.

— Da Nova Espanha?

— Sim. Tenho certeza de que isso vos faria sentirdes mais seguro.

Anteriormente, o missionário tinha percebido que, em vez de mandar aquela carta ao Vaticano por meio de sua ordem, teria mais efeito se ele mesmo partisse com ela para Roma, acompanhado de um japonês. Tendo agora expressado aqueles pensamentos, ele sentiu como se sua mente tivesse se decidido. *Sim, levarei um japonês comigo para Roma. Os cidadãos de lá certamente olharão assombrados para esses visitantes de uma terra distante. Isso provará aos clérigos do Vaticano quão diligentemente trabalhei aqui.*

— Entendo. — Lorde Shiraishi cobriu a boca com o punho e tossiu de novo. Ao fazer isso, ele pareceu refletir profundamente. — Se isso acontecer, será melhor levardes Hasekura Rokuemon.

— Lorde Hasekura?

O missionário lembrou-se do rosto de um dos emissários que conhecera no pátio do castelo, pouco tempo antes: olhos fundos e maçãs do rosto ligeiramente salientes, como os de um camponês, um rosto estoico, pronto a abandonar tudo e aceitar seu destino. Por alguma razão, o missionário achou que aquele rosto pertencia a Hasekura Rokuemon.

Lorde Shiraishi passou a exaltar a qualidade da construção do grande navio, que estava próximo de ser finalizado, como se para obter os favores do missionário. Ele riu e disse que, se fosse mais jovem, gostaria de embarcar ele mesmo no navio e dar uma olhada na Nova Espanha.

A discussão terminou. Leves sorrisos apareceram no rosto dos velhos conselheiros ao observarem o missionário partir com o serviçal que antes o esperava no corredor. Quando o ruído dos passos desapareceu, lorde Shiraishi olhou sardonicamente para o escrevente.

— O corpo desses estrangeiros fede, não?

— Suponho que seja por causa do que comem.

— Não, esse é o cheiro de um homem que sufocou seu desejo pelas mulheres. Quanto tempo ele viveu aqui no Japão?

— Dez anos, pelo que sei — respondeu, respeitosamente, o escrevente.

— Dez anos? E ele acha que nos tem na palma da mão?

Então se calou, tamborilando a palma da mão esquerda com a mão direita.

A data da partida se aproximava. Já havia vários dias que o charco estava repleto de atividade frenética, exatamente como às vésperas de o pai e o tio do samurai partirem para a guerra. Como o samurai era o chefe da família, até os parentes que viviam em aldeias fora do charco correram para sua casa a fim de dar-lhe as

despedidas, e os camponeses apareciam um atrás do outro para oferecer ajuda. Vários fardos foram amarrados e empilhados na via de entrada.

Desde a madrugada, um clamor enchera o pátio. Cavalos tinham sido levados dos estábulos e fardos foram amarrados a suas costas. Ramos de pinheiro enfeitavam o estábulo e as passagens, como no Ano-Novo, e castanhas secas^[1] tinham sido colocadas nos aposentos. Com os preparativos completos, o samurai sentou-se à lareira e bebeu em três goles o vinho sagrado salpicado de folhas de capim *chigaya* que Riku lhe servira, então passou o copo para o tio. Depois que o copo passou de seu tio para Riku e desta para Kanzaburo, o velho a quebrou no chão da entrada. Esse era o costume da família do samurai na manhã em que os homens saíam para uma batalha.

Do lado de fora, os cavalos relincharam. O samurai se curvou para o tio, depois olhou no fundo dos olhos de Riku. Ao mirá-la, colocou as mãos levemente na cabeça dos dois filhos. No pátio, Yozo, já pronto para partir, segurava a lança do samurai. Seihachi, Ichisuke e Daisuke, os três jovens escolhidos pelos anciãos da aldeia, estavam em pé ao lado de três cavalos carregados de fardos, e ao longo da estrada, fora do portão, os camponeses haviam se reunido para ver o grupo partir.

Quando o samurai montou em seu cavalo, curvou-se uma vez mais para o tio. Atrás do velho estava Riku, com o rosto contraído para segurar as emoções. Uma jovem serviçal segurava Gonshiro, e Kanzaburo estava em pé ao lado. O samurai acenou com a cabeça para todos eles, forçando um sorriso. Naquele momento, imaginou o quanto seus filhos teriam mudado quando ele voltasse para casa.

— Cuida-te! — gritou o tio.

O samurai puxou as rédeas.

O céu estava claro. A primavera chegara ao charco. Nos bosques, flores brancas tinham desabrochado, e, nos campos, cotovias chilreavam. De sua sela, o samurai olhou em volta, esperando não esquecer aquela paisagem que ele não veria de novo por um bom tempo.

Eles seguiram pela mesma estrada que haviam tomado anteriormente para Ogatsu. Notícias da partida do grande navio já tinham se espalhado por toda a região, e o grupo era saudado ao longo de todo o caminho. Algumas pessoas lhes ofereciam água quente para beber, outras, palavras de gratidão por seu serviço. Paisagens inverniais haviam saudado o samurai aqui antes, mas agora flores desabrochavam em profusão, e nos campos, os camponeses conduziam bois preguiçosamente. No dia seguinte, a distância, eles viram o mar. Um sol morno de primavera brilhava nas ondas, e as nuvens flutuando no céu eram macias como algodão.

Depois de um bom tempo, o samurai e seu grupo avistaram o navio no horizonte.

— Oh! Oh! — gritaram, instintivamente parando na praia.

O galeão lembrava a eles uma grande fortaleza marrom. Nos dois altos mastros, velas cinzentas eram infladas pelo vento. O gurupés apunhalava o céu azul como uma lança afiada, e as ondas se agitavam em volta do barco.

O grupo ficou em pé em silêncio na praia por um bom tempo, admirando o galeão. Era um navio poderoso, vigoroso, mais impressionante que qualquer dos navios de guerra de Sua Senhoria. A consciência de que dali a dois dias eles embarcariam naquele navio e de que aquela embarcação determinaria o destino de cada um deles percorreu o samurai dolorosamente. Ele sentiu sua vida tranquila no charco lhe ser arrancada com violência. Seu coração explodiu numa mistura de excitação e medo, como se ele fosse um guerreiro partindo para uma batalha.

— Sua Senhoria construiu um belo navio!

Como anspeçada, o samurai tinha visto Sua Senhoria, que vivia na fortaleza do castelo, poucas vezes, de longe. Sua Senhoria sempre fora remoto e inacessível. Mas no momento em que ele botou os olhos naquele grande navio, a palavra “dever” pareceu vir à tona com força em sua mente. Para o samurai, o navio *era* Sua Senhoria e a autoridade de Sua Senhoria. O obediente samurai se encheu de alegria por servir a Sua Senhoria.

A baía de Tsukinoura estava apinhada de gente, como Ogatsu esti-vera. A praia, cercada de três lados por colinas, parecia o fundo de uma ravina. Operários transportavam grandes pilhas de carga em barcos minúsculos, e vários oficiais carregando cajados gritavam instruções. Quando o samurai e seu grupo abriram caminho por aquela multidão, os funcionários saudaram-nos com palavras de congratulações.

Soldados de infantaria tinham sido designados para guardar o templo que seria o alojamento do samurai. Ele soube pelos soldados que os outros emissários, Matsuki Chusaku, Nishi Kyusuke e Tanaka Tarozaemon, já haviam chegado e que os marinheiros espanhóis estavam hospedados num templo de uma aldeia próxima. A baía ficava diretamente abaixo do quarto que fora providenciado para os emissários, mas o grande navio estava oculto por uma colina e não podia ser visto. Pequenos barcos carregados de carga seguiam um após o outro em direção ao ponto do promontório que escondia o galeão.

— Nunca vi tanta carga! — suspirou Nishi Kyusuke, o mais jovem do grupo.

— Ouvi dizer que haverá mais de cem mercadores, mineiros e artesãos a bordo.

O samurai e Tanaka Tarozaemon ouviam desconfiados Nishi falar do verdadeiro propósito daquele grande empreendimento. A certa distância dos outros, em pé com os braços cruzados, Matsuki Chusaku olhava a baía lá embaixo. Com um olhar triunfante, Nishi anunciou que os mercadores estavam sendo

levados para vender mercadorias e ferramentas japonesas no exterior e para fazer acordos de comércio futuro e que mineiros, metalúrgicos e fundidores estavam sendo enviados para aprender técnicas estrangeiras. Naturalmente, o samurai sabia que havia minas de ouro e depósitos minerais naquelas terras, mas aquela era a primeira vez que ouvia falar de tais pessoas embarcando no navio. Quando ele se deitou naquela noite, porém, lembrou-se de que sua própria missão não tinha nada a ver com aquela gente, que ele devia entregar cartas de Sua Senhoria ao governador da Nova Espanha, ao papa de Roma e a outros dignitários estrangeiros. Teve dificuldade para dormir, por causa do rugido das ondas e das batidas do coração.

Na manhã da partida, os estandartes heráldicos estendidos ao longo da baía balançavam ruidosamente na brisa. Antes de embarcar no esquife, os emissários prestaram reverência a lorde Shiraishi e dois outros membros do conselho dos anciãos que tinham ido de Shiogama num navio militar. Sentado num banquinho, lorde Shiraishi falou palavras de encorajamento a cada um dos enviados. Quando o samurai, acompanhado de Yozo e seus outros três serviçais, apareceu por último e se curvou, lorde Shiraishi chamou Rokuemon, levantou-se de sua cadeira e segurou com as duas mãos uma caixa embalada em brocado de ouro.

— Aqui estão as cartas de Sua Senhoria — disse ele, energicamente, passando a caixa ao samurai. Este tremeu ao aceitar a caixa bastante pesada.

O esquife carregando os emissários zarpou lentamente da praia. Seguiu a linha dos íngremes penhascos antes de avançar silenciosamente para o horizonte. Agarrando a caixa que lhe fora confiada, o samurai e seus quatro serviçais olharam silenciosos para os estandartes brancos e a fileira de oficiais e soldados reunida de ambos os lados dos mastros das bandeiras. *Dali a muitos anos, quando voltassem ao Japão e entrassem outra vez naquela baía, será que haveria tanta gente para dar-lhes as boas-vindas?* O pensamento passou pela mente do samurai.

No momento em que o esquife saiu da baía, o samurai avistou o grande navio que ele tinha visto pela primeira vez dois dias antes. Era diferente de qualquer outro navio japonês que ele conhecesse. A proa, que era como a muralha de pedra de uma fortaleza, erguia-se majestosamente ante seus olhos, e da roda de proa o gurupés atirava-se contra o céu azul como uma lança. As enormes velas estavam enroladas no mastro principal em forma de cruz e amarradas com inúmeros cabos. Os marinheiros estrangeiros já estavam a bordo, observando do convés o esquife se aproximar.

Um após o outro, os japoneses subiram a escada de corda até o convés. O navio tinha três conveses. No superior, os marinheiros japoneses corriam como formigas. A entrada para o casco era no segundo convés.

De lá, os japoneses desceram até as cabines que lhes foram designadas. Os emissários receberam uma cabine minúscula perto da proa, pintada com laca Shunkei. O quarto estava impregnado do odor da laca. Os servos tiveram que ir para a grande cabine em que dormiriam os mercadores; havia vigas expostas e pilhas altas de carga.

Quando os emissários entraram em sua cabine, ficaram em silêncio por alguns momentos, escutando os ruídos do convés. Os mercadores, que tinham ficado em Ojika na noite anterior, embarcavam fazendo barulho. Pela pequena janela da cabine, viam-se as ilhotas de Tashiro e Aji, mas não a baía.

— Será que os conselheiros já partiram? — perguntou Nishi, com o rosto pressionado contra a janela. Quando Nishi saiu para o convés, seus colegas emissários seguiram atrás dele, apressados. Tudo no navio era novo para eles, e eles tinham medo de ficar sozinhos.

O samurai, acotovelando-se entre a multidão de mercadores, abriu caminho até seus serviçais e olhou para a costa. As colinas de Ojika eram cobertas de árvores, de um verde profundo no quinto mês. Era a última paisagem japonesa que ele veria por algum tempo. De repente, as colinas do charco, as aldeias, depois sua própria casa, o estábulo e o rosto de Riku apareceram em sequência diante de seus olhos. Com um espasmo de dor, ele imaginou o que os filhos faziam naquele momento. Houve um grande clamor no convés superior. A tripulação espanhola cantava algo com uma melodia estranha. Vários ajudantes de convés japoneses se amontoaram no mastro principal e, ao comando dos marinheiros espanhóis, soltaram as velas, que pareciam enormes bandeiras. Os cabos rangiam, e gaivotas brancas uivavam como gatos. Antes que qualquer um percebesse o que estava acontecendo, o navio lentamente tomou seu rumo. Ao som das ondas batendo contra o casco, o samurai sentiu que um novo destino se abria para ele.

Nosso navio saiu de Tsukinoura, um minúsculo porto na península de Ojika, no quinto dia do quinto mês. Os japoneses chamam esse galeão de *Mutsu Maru*, enquanto os marinheiros espanhóis chamam-no *San Juan Baptista*. O navio balança enquanto prosseguimos na direção nordeste pelo frio oceano Pacífico. As velas estufadas parecem o arco de um arqueiro. Na manhã de nossa partida, fiquei em pé no convés e olhei fixamente para as ilhas do Japão, que foram meu lar por dez anos.

Dez anos – entristece-me dizer, mas a Palavra de Deus ainda tem que fincar raízes no Japão. Pelo que conheço, os japoneses são abençoados com uma inteligência e uma curiosidade em nada inferiores às dos vários povos da Europa. Mas quando se trata de nosso Deus, eles fecham os olhos e tapam os ouvidos. Por vezes, esse país me pareceu mesmo ser uma ilha isolada e desafortunada.

Ainda assim, não perdi as esperanças. Acredito que as sementes dos ensinamentos de Deus foram plantadas no Japão, e os métodos de cultivá-las é que têm sido insatisfatórios. Os jesuítas não se preocuparam com a natureza do solo daqui e não escolheram os adubos certos. Aprendi com os erros dos jesuítas e, sobretudo, conheço o povo japonês. Se eu for nomeado bispo, não repetirei os erros deles.

Três dias atrás, tivemos nossa última vista das ilhas japonesas. No entanto, estranhamente, voaram gaivotas para cá, pairando sobre as ondas e aninhando-se sobre o mastro. Nosso navio está orientado para a latitude de quarenta graus norte, mas o mais provável é que ainda não estejamos longe da ilha japonesa de Ezo.^[1] A direção dos ventos é favorável, e a corrente ajuda o *San Juan Baptista* na viagem.

Na verdade, as ondas ficaram bastante violentas quando atingimos o alto-mar. No entanto, isso não é nada comparado à fúria do oceano Índico e às tormentas que nos assolaram quando viajei à Ásia, treze anos atrás. Ainda assim, todos os japoneses nas cabines estão com enjoo; as pobres almas não conseguem nem engolir uma refeição. Embora seu país seja cercado pelo mar, os japoneses sempre viveram como um povo da terra. O único mar que conhecem é a estreita faixa de águas próxima à costa.

Alguns dos emissários também parecem torturados pelos enjoos. Tanto para Hasekura Rokuemon quanto para Tanaka Tarozaemon, esta parece ser a primeira viagem marítima, e quando os visitei na cabine, tudo o que puderam fazer foi forçar um sorriso dolorido.

Os emissários são cavaleiros de posto intermediário entre os servos de Sua Senhoria, mas cada um também é titular de um pequeno feudo nas regiões montanhosas. Talvez, em vez de escolher entre os poderosos velhos conselheiros de seu castelo, Sua Senhoria tenha selecionado esses guerreiros de classe intermediária porque a aristocracia japonesa tende a dar pouca importância ao papel de um emissário. Seja qual for o caso, prefiro um arranjo destes. Não preciso consultá-los quanto a instruções e posso agir de acordo com minha vontade. O provincial jesuíta Valignano uma vez levou um grupo de rapazes não melhores que mendigos e, fingindo que eram filhos de aristocratas, enviou-os como emissários a Roma. Porém, em Roma ninguém teve a menor dúvida. Mais tarde, muitos o criticaram por essa manobra, mas de minha parte admirei a argúcia de Valignano.

Devo registrar os nomes dos quatro emissários que dependem de mim para tudo de agora em diante: Nishi Kyusuke, Tanaka Tarozaemon, Matsuki Chusaku e Hasekura Rokuemon.

Com exceção de Nishi Kyusuke, nenhum deles tentou me conhecer desde que zarpamos. Suponho que seja por causa da cautela e da timidez únicas que os japoneses sentem em relação aos estrangeiros. Apenas o jovem Nishi Kyusuke demonstrou uma curiosidade quase infantil e, como está muito animado com sua primeira viagem marítima, perguntou-me sobre a construção do navio e a operação de uma bússola e me pediu para ensinar-lhe espanhol. O mais velho dos emissários, Tanaka Tarozaemon, desaprova a falta de discrição do jovem Nishi; esse roliço Tanaka parece determinado a aparentar sobriedade não importa o que aconteça e a não deixar a dignidade dos japoneses escorregar na frente dos espanhóis.

Matsuki Chusaku é um homem franzino cujo rosto é nublado por sombras escuras. Falei com ele apenas três ou quatro vezes, mas é óbvio que é o mais inteligente dos quatro emissários. Às vezes ele sai para o convés e aparenta estar profundamente imerso em seus pensamentos. Ao contrário dos outros emissários, não parece considerar uma honra ter sido escolhido para a missão. Hasekura Rokuemon lembra mais um camponês que um samurai e é o menos impressionante de todos os enviados. Ainda não foi decidido se iremos a Roma, mas não tenho a menor ideia de por que lorde Shiraishi me encorajou a levar Hasekura se formos. O homem faz uma figura lamentável e não tem a inteligência de Matsuki.

A alguma distância do quarto dos emissários, há uma grande cabine compartilhada por todos os mercadores japoneses. Só pensam em comércio e

lucros. Sua ganância é prodigiosa. Logo após embarcarmos, vários mercadores me crivaram de perguntas sobre quais artigos japoneses eu achava que poderiam ser vendidos na Nova Espanha. Quando sugeri seda, biombos, armamentos e espadas, acenaram com a cabeça uns para os outros em satisfação e, em seguida, perguntaram se poderiam comprar fio cru de seda, veludo e marfim mais barato que na China.

— Na Nova Espanha — retruquei, com óbvia ironia —, só se tem confiança nos cristãos. Só um fiel é considerado digno de confiança em assuntos de comércio.

Como os japoneses costumam fazer quando se sentem desconfortáveis, eles retorceram os cantos da boca em tímidos sorrisos.

Dias monótonos seguem-se uns aos outros, cada um indistinguível do anterior. O mar nunca muda, tampouco mudam as nuvens que flutuam sobre o horizonte, e o rangido das velas é sempre o mesmo. O *San Juan Baptista* prossegue vagarosamente em sua viagem. Toda vez que celebro a missa matinal, percebo que o Senhor miraculosamente nos concedeu uma viagem tão sossegada para ajudar-me a alcançar meus propósitos. A mente do Senhor é difícil de perscrutar, mas acredito que, comigo como instrumento, o Senhor deseja que o Japão, de uma teimosa resistência, torne-se uma nação que siga Seus ensinamentos.

O capitão Montaña e o primeiro imediato Contreras, porém, não aprovam minhas intenções. Eles não disseram isso abertamente, mas não há dúvida de que se opõem a meu plano. Isso porque, durante sua detenção no Japão, os dois homens não tiveram uma só boa impressão do país e dos japoneses. Eles não procuram se relacionar com os emissários nem com outros japoneses mais que o necessário e não gostam que os marinheiros espanhóis conversem com os tripulantes japoneses. Sugeri duas vezes ao capitão que convidássemos os emissários a nossa mesa de jantar, mas ele recusou.

— Quando estive detido no Japão, não aguentava a arrogância e o temperamento explosivo dos japoneses — disse-me o capitão ao jantar, dois dias atrás. — Nunca vi um grupo de pessoas com tamanha falta de franqueza, gente que acha que é uma virtude não deixar ninguém mais saber o que se está pensando.

Argumentei que o sistema político deles é tão refinado que é difícil acreditar que sejam uma nação pagã.

— Isso é exatamente o que torna um país como esse difícil de lidar — insistiu o primeiro imediato. — Não demorará muito até que eles tentem controlar o Pacífico. Se desejais convertê-los ao cristianismo, seria mais fácil subjugá-los com armas que com palavras.

— Com armas?! — gritei, impulsivamente. — Vós ambos subestimais o Japão. Não é como a Nova Espanha ou as Filipinas. Os japoneses estão familiarizados com a guerra e são ferozes em batalha. Tendes consciência de que os jesuítas fracassaram no passado porque tiveram essa mesma ideia?

Nenhum deles pareceu interessado, mas prossegui enumerando os erros da estratégia de evangelização dos jesuítas, um a um. Por exemplo, o padre Coelho e o padre Fróis, da Companhia de Jesus, planejavam tornar o Japão uma colônia espanhola a propagar o cristianismo. Os governantes japoneses ficaram furiosos quando souberam desses planos. Pareço perder toda a cautela quando começo a discutir sobre os jesuítas.

— E assim, para difundir os ensinamentos de Deus no Japão — concluí, arrebatado num acesso de paixão —, só há um método possível. Devemos bajulá-los. A Espanha deve propor compartilhar os lucros do comércio no Pacífico com os japoneses, em troca de extensos privilégios de evangelização. Os japoneses sacrificarão todo o resto pelos lucros. Se eu fosse o bispo...

A essas palavras, o capitão e o primeiro imediato olharam um para o outro e abruptamente ficaram em silêncio. Não foi um silêncio de aprovação; pareceu mais resultar da impressão de que meu esquema era indigno de um sacerdote. Embora eu esteja bem consciente da necessidade de discrição em tais observações na presença de pessoas mundanas, fui descuidado.

— O padre parece mais interessado na evangelização do Japão — disse, ironicamente, o capitão — que no interesse nacional da Espanha.

E não disse mais nada. Era óbvio que aqueles dois homens tinham tomado minhas palavras “se eu fosse bispo...” como a expressão de uma mesquinha cobiça por cargos. Mas só o Senhor conhece o coração de cada homem para julgá-los. *Sabeis bem que não falei aquelas palavras por causa de uma vã ambição. Escolhi o Japão como o lugar onde morrerei. É apenas que sinto ser necessário a Vós para que vozes cantando em louvor a Vós possam ecoar por todo o Japão.*

Aconteceu uma coisa interessante. Quando eu caminhava no convés recitando o breviário, um dos mercadores japoneses aproximou-se de mim. Ele me estudou curiosamente enquanto eu recitava minhas preces e, então, como se observando alguma estranha criatura, perguntou:

— Lorde intérprete, o que estais fazendo?

Tolamente, pensei que talvez aquele sujeito tivesse algum interesse em preces, mas não era o caso. Ele me deu um sorriso bajulador e, de repente, baixando sua voz, começou a instigar-me a arranjar para que lhe fossem concedidos privilégios exclusivos de comércio na Nova Espanha. Afastei o rosto para escutá-lo, como se seu mau hálito me incomodasse, mas ele continuou sorrindo e murmurou:

— Quando chegar a hora, serei generoso em minha gratidão. Ganharei dinheiro, e nisso haverá algo para vós também.

Deixei minha desaprovação transparecer no rosto e disse-lhe bem claramente que, embora eu fosse intérprete, também era um padre que renunciara ao mundo secular. Nisso, mandei-o de volta à cabine.

Receio que os dois meses que esta viagem durará serão de inatividade para mim como padre. Celebro a missa todos os dias na sala de jantar para os marinheiros espanhóis, mas nenhum dos japoneses vem sequer para dar uma olhada. Para eles, a felicidade parece não significar nada senão a obtenção de lucros temporais. Se uma religião lhes prometer todos os benefícios da vida — acumulação de riquezas, vitória na guerra, cura de doenças —, os japoneses a agarrarão, mas eles parecem totalmente insensíveis ao sobrenatural e ao eterno. Mesmo assim, durante nossa viagem serei negligente se não pregar a Palavra de Deus aos mais de cem japoneses neste navio.

Os emissários sofreram cruelmente de enjoos. Nishi Kyusuke e Matsuki Chusaku não foram tão gravemente afetados, mas por vários dias depois que o navio partiu de Tsukinoura, Tanaka Tarozaemon e o samurai se deixaram cair na cama como mortos, ouvindo apenas o rangido melancólico da amarração e dos mastros. Eles não tinham ideia de onde estavam agora, mas nem se importavam mais. O navio balançava com frequência, e eles, mesmo quando fechavam os olhos, não escapavam à sensação de que alguma tremenda força lentamente os levantava e depois os forçava para baixo. O samurai sentiu náuseas, revulsão e desamparo, tudo ao mesmo tempo. Ele dormia pouco e, às vezes, pensava vagamente no rosto de Riku, nas crianças e no tio sentados ao lado da lareira.

Os servos dos emissários eram responsáveis por levar-lhes as refeições. Quando Yozo entrou cambaleando na cabine com uma bandeja para o samurai, seu rosto também estava pálido e emaciado do enjoo. O samurai não tinha apetite, não importava o que lhe servissem, mas se forçou a comer no interesse de sua vital missão.

— Não há nada com que se preocupar. — Velasco foi à cabine e, com um olhar de compaixão para com o samurai e Tanaka, tentou consolá-los. — O enjoo é só uma questão de condicionamento. Em mais uns quatro ou cinco dias, vereis que nem mesmo grandes vagas ou tempestades vos incomodarão.

O samurai não conseguia acreditar nisso. Mas teve inveja do jovem Nishi Kyusuke, que podia caminhar por todo o navio expressando admiração e pedindo a Velasco para ensinar-lhe frases estrangeiras.

Estranhamente, depois de três ou quatro dias, as agonias do enjoo começaram a ceder, como Velasco dissera que aconteceria. Na manhã do quinto dia, pela primeira vez o samurai deixou a cabine que cheirava a laca e óleo de peixe e subiu ao convés. Quando pisou no convés deserto, um vento forte bateu sem aviso em sua testa. Ele recuperou a respiração e, de repente, as ondas oscilantes se estendiam em todas as direções diante de seus olhos.

Ele estava vendo o grande oceano pela primeira vez. Não havia nenhum traço de terra, nem mesmo a silhueta de uma ilha. Ondas colidiam, empurravam-se e soltavam gritos de guerra como uma barafunda de incontáveis guerreiros. A proa do navio se projetava como uma lança no céu cinzento, e o casco, fazendo jorrar um jato alto de água, parecia prestes a precipitar-se num vale no oceano para depois erguer-se de novo.

Os olhos do samurai rodavam. Ele mal podia manter sua respiração com os sopros de vento que golpeavam sua testa. A leste, um oceano de ondas se levantando. A oeste, um oceano de ondas ruidosas. Ao sul e ao norte, oceano até onde ele podia ver. Pela primeira vez na vida, o samurai compreendeu a vastidão do oceano. Comparado, seu próprio charco não era mais que uma única e minúscula mancha. Ele gemeu ante a imensidão daquilo tudo.

Ouviu passos. Matsuki Chusaku juntou-se a ele no convés. Aquele homem magro e melancólico também olhava assombrado para o vasto espetáculo diante deles.

— O mundo é realmente enorme.

Mas o vento pegou as palavras do samurai e levou-as para longe no mar, como um fragmento de papel.

— Não posso acreditar que um oceano como este se estenda até a Nova Espanha.

Matsuki pareceu não escutar. Ficou de pé imóvel, de costas para o samurai. Por um longo tempo, olhou o mar, depois se virou para seu companheiro. O mastro lançava sombras sobre seu rosto.

— Demoraremos dois meses para cruzar este oceano — disse Matsuki. Mas o vento também levou suas palavras, e o samurai teve que perguntar o que ele dissera. — Lorde Hasekura, o que pensais de nossa missão?

— Nossa missão? É uma honra maior que a que eu mereço.

— Não foi o que eu quis dizer. — Matsuki balançou a cabeça com raiva. — O que pensais de anspeçadas como nós recebendo ordens de levar a cabo uma missão tão importante? É tudo em que penso desde que o navio saiu do Japão.

O samurai não disse nada. Desde sua partida, ele lutava com a mesma questão.

— Lorde Matsuki? O que quereis...?

— Não somos nada mais que peões — murmurou Matsuki, irônico, seus olhos fixos no mar. — Somos peões para o conselho dos anciãos sacrificar.

— Peões?

— Pela lógica, um dos velhos conselheiros deveria ter assumido tal importante missão; no entanto, nós fomos os escolhidos. Por quê? Porque um anseçada de baixa hierarquia pode afogar-se no caminho ou tombar doente em alguma terra desconhecida, e isso não fará a menor diferença para Sua Senhoria nem para o conselho.

Matsuki saboreou o efeito de suas palavras enquanto observava o rosto do samurai empalidecer.

— Que tipo de emissários seremos nós, se ninguém compreender o que dizemos? Não somos nada mais que mensageiros que dependem daquele Velasco para entregar as cartas de Sua Senhoria. Contanto que o comércio com a Nova Espanha seja estabelecido e que seja decidido que navios estrangeiros visitarão os portos de Shiogama e Kesenuma, podemos apodrecer em qualquer parte do mundo, e isso não terá nenhuma importância para Sua Senhoria nem para os velhos conselheiros.

Uma rajada de espuma trazida pelo vento molhou os pés dos dois homens. A amarração rangeu acima deles.

— Não foi... não foi isso que Lorde Shiraishi disse — protestou o samurai, quase num gemido.

Irritava-o ser desajeitado demais ao falar para poder refutar as alegações de Matsuki com eloquência. Se realmente fossem peões, por que teriam lorde Shiraishi e lorde Ishida insistido para que ele cuidasse de sua saúde até a volta? Por que teriam dito que considerariam devolver-lhe as terras em Kurokawa quando ele retornasse?

— Lorde Shiraishi não poderia ter lhe dito algo assim — zombou Matsuki. — Quando Sua Senhoria dividiu os feudos, doze anos atrás, muitos samurais rurais perderam seus feudos hereditários e receberam terras estéreis e desoladas selecionadas pelo conselho dos anciãos. Pedimos que nossas antigas terras nos fossem devolvidas, mas não tivemos resposta satisfatória, e os anseçadas fervem de descontentamento. Vós e eu, Tanaka e Nishi, somos todos do mesmo posto. Então, eles nos escolheram dentre os descontentes e nos mandaram numa viagem miserável, e, se morrermos no caminho, nossas famílias serão deserdadas. Se não completarmos nossa missão com sucesso, seremos punidos. Isso é um aviso a todos os anseçadas descontentes. Não importa o que aconteça, o conselho ganha.

— Não acredito em vós.

— Não tendes que acreditar em mim. Mas sabíeis que o conselho dos anciãos se partiu em duas facções opostas antes que este navio fosse enviado? —

perguntou Matsuki, enigmático, apoiando o pé num degrau da escada que levava ao interior do casco. — Não faz mal. É tudo apenas conjectura de minha parte.

Depois que Matsuki desceu, o samurai ficou em pé sozinho no convés, encarando o mar furioso.

Esta missão é como uma batalha, pensou. No campo de batalha, um anspeçada tem que conduzir guerreiros comuns e soldados de infantaria pela chuva de flechas e projéteis. Por sua vez, os velhos conselheiros ficam na retaguarda e dirigem as forças combinadas. Para espantar a angústia de seu coração, o samurai tinha que acreditar que os velhos conselheiros não tinham se tornado emissários eles mesmos pelas mesmas razões pelas quais não participavam das batalhas, mas as palavras de Matsuki o incomodavam.

Quando ele desceu, o turbilhão feroz do vento e o eco trovejante das ondas desapareceram. O samurai não queria voltar à cabine dos emissários. O cheiro de laca nas colunas expostas no casco era sufocante. Ele deu uma olhada na grande cabine em que os mercadores se alojaram. Ele sabia que seus servos, Yozo, Seihachi, Daisuke e Ichisuke, tinham achado um canto.

O cheiro do acolchoado de palha enrolado em torno da carga misturava-se com os odores de suor e de corpos humanos. Alguns dos cem ou mais mercadores estavam esparramados no chão ou sentados em círculos jogando dados. Yozo e os outros estavam deitados ao lado da carga, ainda aparentemente em agonia, mas quando sentiram a presença de seu senhor junto aos travesseiros, apressadamente tentaram levantar-se.

— Está tudo bem. Não se levantem. — Ele consolou os quatro homens curvados em reverência. — O enjoo do mar é terrível, não é? O oceano é ainda mais miserável para aqueles como nós, criados no charco.

Ele sugeriu que, quando finalmente voltassem ao Japão, não deveriam dizer nada sobre o aspecto deplorável que tiveram sob a influência do enjoo. Isso levou o primeiro sorriso ao rosto dos servos. Enquanto estudava aqueles rostos rudes, o samurai tinha plena consciência de que aqueles quatro homens seriam seus únicos e inseparáveis companheiros naquela viagem longa e dolorosa. Se voltassem ao Japão, algum tipo de recompensa esperaria por ele. Mas, para aqueles homens, haveria apenas a mesma vida amarga de trabalho duro.

— Deve ser estação das chuvas no charco agora.

Naquela estação, as chuvas caíam sem parar todos os dias. Os camponeses, nus e cobertos de lama, trabalhavam debaixo da enxurrada. No entanto, até aquela cena amarga agora evocava memórias saudosas no samurai e em seus servos...

— *Somos japoneses.*^[2] Isso quer dizer: “Somos japoneses”.

Nishi voltou à cabine falando palavras estranhas para Tanaka e o samurai, que se sentavam em posições diferentes, escrevendo em seus diários de viagem. O

samurai olhou para cima com um olhar incerto.

— Por que não vindes? Lorde Velasco, o intérprete, está ensinando a língua estrangeira aos mercadores.

— Nishi, se nós, emissários, nos misturarmos aos mercadores, atrairemos o desprezo dos espanhóis — resmungou Tanaka, amargamente.

Nishi corou ligeiramente com a reprimenda.

— Mas se não pudermos entender uma palavra quando chegarmos ao destino...

— Temos um intérprete, sabeis? Um intérprete.

Enquanto olhava o decepcionado Nishi, por dentro o samurai invejou a habilidade daquele sujeito de aproximar-se de qualquer um e ajustar-se a qualquer lugar. Tendo sido criado no charco, ele mesmo era tímido e reservado, como Tanaka. No entanto, dia após dia aquele jovem passeava por todos os cantos do navio, demonstrando uma curiosidade ilimitada sobre sua construção e sua operação. Ele copiava palavras usadas pelos marinheiros espanhóis em pedaços de papel e foi ele quem informou a todos os outros que o capitão do navio era chamado *capitán*; o convés, *cubierta*; e a vela, *vela*.

— Mas até lorde Matsuki está lá estudando, bem ao lado dos mercadores — protestou Nishi, suas bochechas ainda coradas.

Tanaka fez uma careta. Como mais velho dos emissários, ele vivia em constante pavor de que sua dignidade fosse comprometida. Assim, na presença dos estrangeiros, fazia o melhor que podia para não demonstrar surpresa com nenhuma das novas e variadas ocorrências a bordo do navio.

— Até lorde Matsuki? — perguntou o samurai, surpreso.

— Sim.

O samurai não podia imaginar o que aquele homem pálido e sombrio tinha em mente. Antes, como se cuspindo as palavras, ele alegara que eram os peões que Sua Senhoria e o conselho dos anciãos estavam sacrificando e que o conselho os havia enviado naquela viagem perigosa para abafar o descontentamento dos anspeçadas quanto a seus novos feudos. O samurai não contou sobre essa conversa com Matsuki para Tanaka ou Nishi. Por alguma razão, teve medo de contar.

O samurai se levantou, na esperança de afugentar as palavras de Matsuki de sua cabeça. O corredor que se estendia pelo casco era longo, com um lado curvo como um arco para formar o depósito de carga. Do lado oposto ficavam compartimentos com pilhas altas de carga, a grande cabine dos mercadores, depois a despensa e a cozinha usada pelos japoneses. Os compartimentos de carga cheiravam a poeira e acolchoado de palha; a cozinha cheirava a missô.

— Lorde Hasekura. — Nishi correu atrás dele e deu um sorriso infantil. — Não gostaríeis de vir e aprender um pouco de espanhol?

O samurai assentiu com solenidade. Eles deram uma olhada na grande cabine. Os mercadores estavam sentados em quatro fileiras em frente às pilhas de carga, cada um segurando um pincel e um papel e atentamente copiando as palavras estrangeiras que o intérprete lhes ensinava.

— “Quanto custa?” é *¿cuanto cuesta?*

Cada um dos mercadores copiava, com zelo, as palavras. Os servos dos emissários observavam aquela cena peculiar com leves sorrisos.

— Vou falar mais uma vez. *¿Cuanto cuesta?*

Ao lado do samurai, Nishi repetia a frase baixinho. Um mundo totalmente diferente de tudo o que o samurai havia conhecido no charco se abria ali, diante dele. No meio das cabeças pretas e abaixadas dos mercadores, ele notou a cabeça magra de Matsuki, sentado com os braços cruzados.

— Tende em mente, porém, que simplesmente aprender a língua não vos capacitará a fazer negócios na Nova Espanha — disse Velasco, tirando um lenço e esfregando-o em sua boca. — Como vos disse, não tereis sucesso lá a menos que tenhais alguma compreensão do cristianismo. Olhai em volta. Até neste navio, os marinheiros espanhóis dão todos os sinais à música das orações. Aqueles cantos que ouvis todos os dias são canções de louvor ao Deus cristão. Percebestes que aqueles cantos eram sinais de trabalho?

Era verdade. No dia em que partiram, os marinheiros estrangeiros tinham chamado uns aos outros em canções com melodias peculiares. Aqueles chamados se repetiam todos os dias no convés.

— Não estou dizendo que devais estudar os ensinamentos cristãos, mas tenho aqui um livro que conta a vida do Senhor Jesus.

Sussurros se espalharam entre os mercadores como pequenas ondas, mas logo pararam. Matsuki se levantou e deixou o grupo. Ele reparou no samurai e em Nishi e se aproximou deles.

— Olhem para eles. Os mercadores vão escutar isso. Suponho que até mesmo se tornariam cristãos se isso lhes gerasse mais dinheiro. Velasco pode encher a cabeça deles com os ensinamentos cristãos, porque conhece a cobiça que têm. É esperto, esse nosso intérprete.

Dando de ombros, Matsuki voltou à cabine. O simplório samurai, na verdade, sentiu algo desagradável ao observar as costas magras de Matsuki, que olhava para tudo com malícia; ao samurai ele pareceu ser um homem impertinente.

Passado meio mês, o *San Juan Baptista* vem seguindo sempre para leste pelo grande oceano. Não vimos uma única ilha. Felizmente, não tivemos nenhuma calmaria, tampouco grandes tempestades vieram em nossa direção. Naturalmente,

calmarias não são tão comuns na rota setentrional quanto em volta do Equador, mas há tempestades com frequência. Assim, o capitão Montañó comentou o quanto é incomum ter uma viagem tão tranquila. Lembro agora que, quando viajei pela primeira vez ao Japão, os marinheiros detestavam qualquer um que assobiasse durante a calmaria. Eles têm uma superstição de que assobiar intensifica a agonia. Toda manhã no *San Juan Baptista* começa com a lavagem dos conveses. Os ajudantes japoneses têm que desempenhar todas as tarefas mais simples: lavar os conveses, inspecionar os cabos o dia todo, remover a ferrugem das correntes e preparar os cabos. Os marinheiros espanhóis cuidam dos postos de observação, do manejo do leme, da transmissão de ordens do capitão e do primeiro imediato e do trabalho na cabine de comando.

A cada dia, o oceano muda de cor – ou melhor, passa por uma variedade de tons entre a manhã, o meio-dia e o pôr do sol de um único dia. As formas sutis das nuvens, a luz resplandecente do sol e as mudanças de pressão atmosférica tingem o mar de tons profundos, alegres e tristes, que fariam qualquer pintor parar para admirar. Quando olho para tal variedade de cores, sou eu o único impelido a louvar a sabedoria do Criador que fez este oceano? As gaivotas já pararam há muito tempo de nos seguir em nossa viagem, mas em seu lugar cardumes de peixes-voadores prateados pulam de uma onda a outra deliciando nossos olhos.

Para meu espanto, vários mercadores japoneses esgueiraram-se para dar uma olhada na missa dessa manhã. Isso foi bem no momento em que eu dava a comunhão. Eu estava segurando o cálice e colocando a hóstia na boca dos marinheiros espanhóis ajoelhados quando percebi que um grupo de japoneses observava a cena; eles estavam hesitantes, mas cheios de curiosidade. Teriam eles vindo dar uma olhada na missa por estarem cansados do tédio diário a bordo do navio? Ou tinham ficado comovidos pelos breves trechos da Bíblia que tenho traduzido para o japonês nos últimos seis dias, depois de suas aulas de espanhol? Ou teriam, na verdade, acreditado em minha sugestão irônica de que, a menos que se tornassem cristãos, não mereceriam confiança como comerciantes na Nova Espanha?

Fosse como fosse, fiquei satisfeito com o resultado. Quando terminou a missa, coloquei meus paramentos e o cálice no armário e saí apressadamente para o salão a fim de falar com os japoneses que ainda matavam tempo por ali.

— O que achastes? Não gostaríeis de aprender o significado profundo da missa?

O homem de dentes amarelos que uma vez pedira que eu lhe desse privilégios exclusivos estava no meio do grupo. Ele sorriu levemente e respondeu:

— Lorde intérprete, os mercadores japoneses aceitarão qualquer coisa que lhes traga vantagens. Então, não fará mal a nossos negócios se aprendermos

alguma coisa sobre os ensinamentos cristãos nesta viagem.

Sorri ante aquela resposta franca. Era uma resposta tão tipicamente japonesa e, mesmo assim, um tanto direta *demais*. Como se para bajular-me ainda mais, eles pediram que nos dias seguintes eu lhes contasse mais sobre a vida abençoada de Cristo.

“Não fará mal aos nossos negócios se aprendermos alguma coisa sobre o cristianismo.” Acho que essa resposta do homem de dentes amarelos diz um bocado sobre a atitude japonesa quanto à religião. Em meus muitos anos no Japão, vi com meus próprios olhos quão fervorosamente os japoneses buscam os benefícios desta vida na religião. Eu poderia mesmo dizer que suas supostas crenças existem para o único propósito de oferecer-lhes tantos benefícios mundanos quanto for possível. Eles adoram deuses e budas para fugir das doenças e das calamidades. Os senhores feudais prometem doações a santuários e templos para que possam vencer nas guerras. Os bonzos budistas sabem disso e fazem seus seguidores adorarem a imagem do demônio Yakushi Nyorai,^[3] que dizem que possui mais poder curativo que qualquer medicamento. Não há imagem budista mais reverenciada entre os japoneses que esse Nyorai. E seus cultos não se limitam àqueles que oferecem a fuga de doenças e calamidades. Há numerosas seitas pagãs que prometem aumentar a riqueza e proteger a propriedade de seus seguidores, e muitos correm para juntar-se a elas.

Quando olho para os japoneses, às vezes imagino se uma religião de verdade – uma que busque a eternidade e a salvação da alma, como as entendemos – pode se desenvolver naquele país. Há um abismo muito grande entre a forma como eles entendem a divindade e aquilo que nós, cristãos, chamamos de fé. Assim, preciso combater o fogo com fogo. Se os japoneses forem procurar benefícios mundanos na religião, então é essencial que eu descubra como canalizar suas ambições carnis para os ensinamentos de Deus. Por algum tempo, os jesuítas habilmente conseguiram isso. Eles mostraram aos senhores feudais novas armas, como as de fogo, e toda sorte de artigos estranhos dos mares do Sul; em troca desses artigos, ganharam permissão para pregar o Evangelho. Mas, depois disso, fizeram muitas coisas que provocaram a ira dos japoneses. Eles demoliram os templos e os santuários que os japoneses adoravam e, aproveitando-se da fraqueza dos senhores feudais absortos em guerras internas, criaram pequenas povoações coloniais para proteger os próprios privilégios especiais.

Antes de deixarmos o Japão, escrevi cartas a meu tio, dom Diego Caballero Molina, ao padre Don Diego de Cabrera e ao superior do mosteiro franciscano de Sevilha. Informei-os de que possivelmente irei a Sevilha saindo da Nova Espanha,

levando alguns japoneses comigo. Pedi que, em tal hipótese, providenciassem uma produção tão elaborada e extravagante quanto possível para demonstrar ao povo da Espanha que a glória de Deus se estendeu até uma pequena nação do Oriente. Nada poderia ser mais notável para o povo de Sevilha que a oportunidade de ver um grupo de japoneses, e é claro que se espera que grandes números deles apareçam para dar uma olhada, mas temos que nos assegurar de que o impacto será ainda maior. Esse impacto, é claro, seria todo para a glória de Deus e, escrevi, promoveria a difusão de Sua palavra no Japão. Pretendo mandar essas cartas por carruagem especial de Acapulco a Veracruz e pelo meio mais rápido possível de lá para Sevilha.

Ontem, depois de ensinar aos japoneses as mesmas frases essenciais mais uma vez, contei a eles, na grande cabine, um pouco sobre a vida de Jesus. “Tua fé te salvou.” Com fervor, contei-lhes como o Senhor curou os enfermos, um após o outro, na Galileia. Narrei sonoramente como os aleijados passaram a andar, os cegos começaram a enxergar e como os corpos dos leprosos foram limpos. Os japoneses escutaram atentamente, com olhares de profunda emoção. Deliberadamente enfatizei essas histórias de milagres, sabendo que a cura dos enfermos era uma das coisas que eles sempre procuravam numa religião.

— Mas o poder do Senhor não se restringe às aflições do corpo. Ele também pode curar as aflições da alma. — Com essas palavras, concluí minhas observações do dia.

Acho que escolhi o assunto certo para os japoneses se identificarem. No entanto, com toda a honestidade, meu trabalho mais importante ainda está por vir. O caminho ainda é muito longo. Pois sei, por experiência acumulada, que embora os japoneses possam ser atraídos por histórias de milagres ou falar dos próprios pecados sem esperança, quando se fala da Ressurreição — ponto central de todo o cristianismo — ou de um amor que requer o sacrifício de todo o ser, naquele momento surge no rosto deles um olhar de desapontamento sem compreensão.

Durante a refeição da noite, o capitão Montaña nos contou que a pressão barométrica tinha caído e que a tormenta que temíamos lentamente se aproximava do sul. De fato, eu já tinha notado naquela tarde que as ondas haviam se encorpado consideravelmente. O belo azul profundo do mar mudara gradualmente para um preto frio, e, mostrando suas presas brancas, as ondas ruidosas cuspiam espuma da proa e começaram a varrer o convés. O capitão disse que manobraria as velas totalmente para estibordo a fim de tentar sair da área da tempestade.

Logo antes da meia-noite, a tempestade estava quase sobre nós. No começo, a vibração não era tão intensa, de modo que escrevi em meu diário na cabine que compartilho com o primeiro imediato Contreras. Ele e todos os marinheiros, espanhóis e japoneses, estavam em alerta de emergência, usando coletes salva-

vidas enquanto esperavam no convés a chegada da tempestade. Então, a inclinação do navio tornou-se violenta. A vela na minha escrivaninha caiu no chão, e meus livros escorregaram da estante. Fugi apavorado da cabine e tentei subir ao convés, mas quando pisei na escada, o navio balançou num feroz solavanco. Quase rolei escada abaixo. A primeira grande onda tinha atingido a embarcação.

Uma torrente de água desceu jorrando pela escadaria. Tentei me firmar, mas as águas furiosas me golpearam e acabei no chão. Meu rosário foi arrancado de minha cintura enquanto eu me arrastava pela água; apoiei-me contra a parede, onde mal consegui impedir-me de ser varrido de lá. O navio começou a rodar violentamente. Era evidente que havia entrado água também na grande cabine, pois ouvi os gritos dos japoneses, e uns dez deles se acotovelavam para sair de lá. No escuro, gritei para que não fossem ao convés. Se eles subissem ao convés sem coletes salva-vidas, certamente seriam varridos para o mar pelas ondas que arrebetavam na lateral do navio.

Gritei, e Tanaka Tarozaemon correu para o salão, segurando sua espada. Dei ordens para ele conter os mercadores. Tanaka sacou sua espada e gritou ameaçador para os homens que estavam se arrastando para as escadas. Os mercadores hesitaram, mas depois recuaram.

O navio começou a balançar para a frente, também para os lados, e precisei de toda a minha força para permanecer de pé contra a parede. Do convés, a feroz arrebetação das ondas ecoava como um canhão, e o som de objetos caindo e se quebrando reverberava por todo o navio. Os gritos dos homens continuaram sem interrupção. Tentei voltar à cabine, mas não conseguia nem andar. A muito custo rastejei pelo corredor inundado, de quatro como um cão. Quando finalmente abri a porta da cabine, objetos caídos das estantes estavam numa mixórdia a meus pés. Afundei na cama, apoiando-me firmemente numa alça presa à parede. Cada vez que o navio balançava, os objetos nas estantes escorregavam para a frente e para trás. Esses sons continuaram até a manhã. Próximo ao alvorecer, a comoção abaixo do convés finalmente cessou, e o balanço do navio diminuiu por um tempo.

Quando a luz branca da alvorada entrou pela janela, percebi que livros e cestos de palha estavam espalhados pelo chão. Graças a Deus, nossa cabine, que fica um nível abaixo da dos japoneses, não foi inundada. A grande cabine dos mercadores havia sofrido os maiores danos – a área de dormir próxima à carga estava alagada e não podia mais ser usada. Disseram-me que a água também entrou na sala onde as provisões são armazenadas.

Peguei algumas de minhas roupas pessoais e de cama e dei-as a um homem que estava de pé, apalermado, do lado de fora da grande cabine. Ele não era um mercador, e sim o servo de um dos emissários. Tinha cara de camponês com cheiro de terra, como o de Hasekura Rokuemon.

— Pegue — eu disse a ele, mas ele olhou para mim como se não pudesse acreditar no que eu dissera. — Quando tuas próprias coisas tiverem secado, podes devolver-me estas.

Perguntei seu nome. Timidamente, ele me disse que era Yozo e que era um dos servos de Hasekura Rokuemon.

À tarde, encontrei Contreras, que vinha descendo alvoroçado do convés. Ele disse que um mastro auxiliar se quebrara e que dois marinheiros japoneses tinham sido varridos para o mar e perdidos na tempestade da noite anterior. Naturalmente, ainda não tínhamos permissão de subir ao convés.

As ondas estavam mais altas que nunca, mas à tarde o navio finalmente saiu do alcance da tempestade. Eu não podia suportar o cheiro de sujeira e vômito dos japoneses enjoados abaixo do convés, de modo que, com a permissão de Contreras, subi até a escotilha de acesso. As ondas rugiam e cuspiam espuma, e o mar ainda estava preto. No convés, marinheiros japoneses lutavam freneticamente para desembaraçar os cabos de esteio e consertar o mastro quebrado.

Na refeição da noite, por fim consegui conversar demoradamente com Montaña e Contreras. Os dois homens não haviam tido quase nenhum descanso o dia inteiro. Anéis escuros circundavam seus olhos e as sombras do cansaço estavam marcadas profundamente em seus olhos. Eles me disseram que não havia esperança de resgatar os marinheiros japoneses que tinham sido lançados ao oceano. Senti tristeza pelos dois tripulantes, mas foi o destino que Deus concedeu a eles.

Quando estava recitando meu breviário no convés agora já firme, apareceu o homem a quem eu emprestara algumas roupas depois da tempestade de quatro dias antes. Ele desapareceu de novo e, então, voltou com seu mestre. Hasekura se curvou para mim e me agradeceu por ter piedade de seu servo. Desculpou-se por não ter podido expressar gratidão a bordo do navio, depois me ofereceu um pouco de papel japonês e vários pincéis de escrita. Apesar de suas dificuldades para falar, tentou o melhor que pôde expressar seus agradecimentos. Ao estudar o rosto dele, senti algo semelhante à piedade por aquele homem que estava sendo forçado a ir a uma terra distante, mesmo sendo sob as ordens de seu senhor. Yozo estava em pé a uma ligeira distância de seu mestre e baixou a cabeça com seriedade. Aquele servo me lembrava os fazendeiros simples da Espanha, e esse pensamento me fez sorrir.

Não fazia muito tempo que eles tinham ido quando Matsuki Chusaku apareceu no convés e ficou em pé olhando atentamente para o mar. Isso se tornara hábito para ele. Em geral, quando nos encontramos por lá, ele só acena para mim e não faz menção de falar, mas hoje ele me observou a distância caminhar pelo convés recitando meu breviário. Enquanto o sol forte nos castigava, senti em seu olhar ódio e hostilidade profundos.

— Não poderei descansar tranquilo até que a embaixada tenha chegado em segurança à Nova Espanha — arrisquei.

Matsuki continuou quieto como uma pedra, então comecei a recitar meu breviário de novo.

— Lorde Velasco. — Havia um tom de acusação em sua voz. — Gostaria de perguntar-vos uma coisa. Realmente viestes neste navio para ser nosso intérprete? Ou tendes algum outro propósito?

— Para auxiliar-vos como intérprete, é claro. — Eu estava intrigado. — Por que perguntais?

— Então faz parte de vossas funções como intérprete contar histórias cristãs aos mercadores no navio?

— É para seu próprio bem. Na Nova Espanha, até pessoas de terras estrangeiras são bem recebidas como irmãs se forem cristãs. Mas, se não forem, poderão fazer poucos progressos em negociações comerciais.

— Então presumo — provocou Matsuki — que não faria diferença para vós caso os mercadores japoneses se convertessem ao cristianismo, se seu único motivo fosse beneficiar seus negócios.

— Não faria diferença para mim — assenti. — Há mais de um caminho que leva ao alto da montanha. Há os caminhos do leste e do oeste, assim como caminhos do norte e do sul. Chega-se ao topo não importa qual deles se siga. Com os caminhos que levam a Deus, certamente acontece o mesmo.

— Sois um belo de um maquinador, lorde Velasco. Jogais com a ganância deles e os tornais cristãos. Compreendo que usastes a mesma estratégia no conselho dos anciãos. Eles me disseram que fizestes uma barganha para ajudar a abrir o comércio com a Nova Espanha, em troca de permissão para converter as pessoas ao cristianismo.

Espiei dentro de seus olhos. Eram diferentes dos de Nishi, cheios de curiosidade infantil. Também não se pareciam com os olhos teimosos de Tanaka nem com os olhos submissos de Hasekura. Percebi que aquele emissário japonês não era tolo.

— Se isso for verdade, lorde Matsuki, o que fareis? Renunciareis a vossa missão? — retruquei, calmamente.

— É claro que não. Mas deixai que vos diga isso. Os mercadores deste navio podem ganhar dinheiro na Nova Espanha e provavelmente se tornarão cristãos. Mas, se descobrirem que não há lucros em vossa religião, eles a abandonarão num instante. Da mesma maneira, o conselho dos anciãos autorizará vossa pregação do cristianismo apenas enquanto continuar o comércio com a Nova Espanha. Se o comércio cessar e os navios estrangeiros não mais aportarem em nossos domínios, o cristianismo será proibido. Tendes consciência disso, lorde Velasco?

— É claro que tenho. Assim sendo, se tudo correr bem, os mercadores prosperarem e o comércio continuar, não haverá problemas, certo? — Tentei encerrar o assunto com bom humor. — No entanto, mesmo que a relação comercial com a Nova Espanha seja interrompida, uma vez semeada, uma semente brotará. Nós, homens, não podemos perscrutar a mente de Deus.

— Lorde Velasco — falou Matsuki, agora com sinceridade, abandonando o tom de interrogatório. — Não sei nada sobre isso. A mim, pareceis ser um maquinador astuto que cruzou muitos oceanos para vir ao Japão e trazer provações sobre vós por causa de algum Deus. Realmente acreditais que há um Deus, lorde Velasco? Por que acreditais que há um Deus?

— Não posso explicar a existência de Deus em termos lógicos, pois Ele manifesta Sua existência na vida de cada indivíduo. Na vida de todo homem, há algo que testemunha que Deus vive. Se vos pareço ser um maquinador, então talvez Deus esteja manifestando Sua existência até na vida de um maquinador como eu.

Eu mesmo me surpreendi com as palavras que forçaram caminho por meus lábios. Era quase como se alguma força tivesse me impelido a dizer que Deus dá o testemunho de Sua existência por meio da vida de cada indivíduo.

— Pensais assim? — O olhar de escárnio reapareceu no rosto de Matsuki. — Vosso Deus não pode demonstrar Sua existência na vida daqueles mercadores japoneses.

— Por que não?

— Não faz diferença para eles se há um Deus ou não. E eles não são os únicos. A maioria dos japoneses sente o mesmo.

— E quanto a vós, lorde Matsuki? — pressionei-o. — É esse tipo de vida morna que desejais? Vim ao Japão porque acredito que estar vivo significa viver ardorosamente, como o relacionamento entre um homem e uma mulher. Assim como uma mulher busca paixão ardente em um homem, Deus busca paixão em nós. Um homem não pode viver duas vezes. Não ser quente nem frio, apenas morno... é isso o que quereis, lorde Matsuki?

Pela primeira vez, Matsuki fraquejou ante minha voz firme e meu olhar penetrante. Ele gaguejou, como se envergonhado da própria aparência de consternação.

— O que posso fazer quanto a isso? Fui criado no Japão... Os extremos não são bem vistos lá. Vós e vosso tipo parecem muito estranhos para mim.

Por um instante, vi uma sombra de inefável exasperação piscar no rosto de Matsuki. Não parecia ser exasperação comigo, por eu esquecer que era um simples intérprete e argumentar obstinadamente com ele, e sim exasperação consigo

próprio. Talvez, mesmo me odiando, aquele homem fosse atraído por algo dentro de mim.

Numa tarde calma, avistou-se um baleal. Todos os japoneses a bordo estavam tirando um cochilo. Só o rangido regular da amarração e o soar do sino anunciando a hora quebravam o lânguido silêncio.

— Avistei algumas baleias! — gritou um marinheiro que observava da gávea.

Alguns que ouviram o chamado acordaram os outros. Todos a bordo do navio aglomeraram-se no convés.

Várias baleias mergulhavam e emergiam entre as ondas escuras, nadando resolutas pelo alto-mar. Elas desapareciam por um instante ao mergulhar em um vale entre as ondas, mas logo seus corpos negros, que pareciam brilhar com uma camada de óleo, reapareciam para lançar jatos de água a grande altura no ar. Assim que uma baleia desaparecia, o dorso de outra emergia com um gêiser de vapor. Elas brincavam juntas, ignorando completamente o navio. Cada vez que as baleias apareciam, espanhóis e japoneses que as observavam emitiam um grito de surpresa.

Ao lado do samurai, Nishi sorria, deliciado:

— Tudo o que vemos é novo e diferente.

O samurai observou imóvel até que as baleias desaparecessem no horizonte. Raios de sol passavam pelas nuvens como feixes, tingindo acentuadamente de prata a borda do oceano agora deserto. Nunca ocorrera ao samurai que houvesse tantas coisas novas e diferentes a experimentar. Ele nunca percebera como o mundo era vasto. Os domínios de Sua Senhoria tinham sido o único universo que ele pudera conceber. Mas agora uma transformação sutil ocorria em seu coração, e com ela surgiram um vago desconforto e um medo disforme. Ele estava pondo os pés num novo mundo. E temia que rachaduras comesçassem a se formar na parede que até então tinha suportado seu coração e que ela desmoronasse em poeira.

Quando o baleal desapareceu de vista, os japoneses que haviam se reunido no convés começaram a voltar para a grande cabine. O sino do navio soou. A sesta tinha acabado, e horas de lânguido ócio se estendiam diante deles até a noite.

— Não virás à grande cabine aprender um pouco de espanhol? — Nishi convidou o samurai ao descerem as escadas.

Velasco entrou na ruidosa cabine irradiando seu habitual sorriso. Era um sorriso confiante, como o de um adulto olhando para crianças pequenas incapazes de fazer qualquer coisa por si mesmas.

— *Más barato, por favor.* — À medida que Velasco, com as mãos pousadas num caixote de carga, pronunciava as palavras, os mercadores registravam-nas fielmente num papel com seus pincéis. — *No quiero comprarlo.*

Aquela aula estranha, mas dedicada, continuou por uma hora. Quando já tinha quase terminado, Velasco começou mais uma vez a recitar trechos da vida de Cristo.

— Era uma vez uma mulher. Por muitos anos, ela sofreu de uma doença do sangue, gastando tudo o que tinha e visitando muitos médicos, sempre sem resultado, pois ela só piorava. Nesse tempo, Jesus passou pelo lago de barco e muitas pessoas se reuniram em volta dEle. Quando a mulher soube de Jesus, passou pela multidão e hesitantemente tocou as vestes dEle com seu dedo. Pois ela pensou: *Se eu apenas tocar em suas vestes, estarei curada.* Jesus virou-se e disse: “Mulher, fica bem”. E a mulher foi curada.

O samurai prestou pouca atenção às palavras de Velasco. Os ensinamentos cristãos até então eram desconhecidos para ele e não parecia fazer sentido escutar aquela conversa agora.

Então, de repente, a pobre mulher da história de Velasco o fez lembrar as mulheres do charco. As aldeias aglomeradas do charco, onde viviam dúzias de pessoas mais miseráveis e mais patéticas que aquela mulher aflita. Seu pai com frequência lhe contara das velhas e moças que foram abandonadas à beira do caminho nos tempos de fome.

Os mercadores deram seu melhor para não rir da história de Velasco. Eles olharam para o padre demonstrando assombro, mas o samurai sabia que eles não estavam ouvindo com seriedade. Como Matsuki Chusaku dissera, os mercadores simplesmente achavam que seria conveniente para os futuros negócios na Nova Espanha saber alguma coisa das histórias cristãs.

Velasco fechou sua Bíblia e com o habitual sorriso olhou para os mercadores em volta e tentou definir o efeito que sua recitação causara. Entre os rostos de assombro, encontrou um que o encarava como se estivesse irado. Era o servo do samurai, Yozo.

Quando Velasco deixou a grande cabine, os mercadores puseram os pincéis de volta em seus estojos, depois bocejaram e bateram em seus ombros cansados com os punhos. As expressões de intenções sérias haviam desaparecido completamente e a grande cabine estava cheia do ar de lassidão que vem depois que se cumpriu uma obrigação. Alguns começaram a jogar dados ao lado das pilhas de carga em que Velasco estivera.

Ao sair da cabine com o samurai, Nishi falou de um de seus sonhos juvenis.

— Quando navios estrangeiros finalmente começarem a atracar nos portos de nossos domínios, Sua Senhoria e os velhos conselheiros certamente precisarão de

intérpretes. Eu gostaria de fazer esse tipo de trabalho. Espero aprender o suficiente de espanhol na viagem.

O samurai sentiu uma familiar inveja e um leve ciúme daquele jovem. Ele mesmo era velho e obtuso demais para aprender uma língua estrangeira.

* * *

Enquanto os emissários comiam o desjejum que seus servos levavam à cabine, Tanaka Tarozaemon repreendeu Nishi Kyusuke outra vez. Nishi estava contando entusiasmado como ele, com Velasco de intérprete, aprendeu com o primeiro imediato a usar uma bússola, quando Tanaka inesperadamente começou a fustigá-lo.

— Não podeis ser um pouco mais sério? Se parecermos frívolos aos estrangeiros, isso prejudicará nossa reputação como emissários.

Por um momento, Nishi ficou sem fala, surpreso. Então, retrucou:

— Por quê? Mesmo que sejam estrangeiros, há muitas coisas que podemos aprender com eles. Foram os estrangeiros que nos trouxeram armas e pólvora quando ainda usávamos apenas arcos e flechas. Como emissários, o que há de errado se aprendermos as coisas boas de seu país e adquirirmos conhecimentos úteis deles?

— Não estou dizendo que haja algo de errado nisso. — A expressão contrariada de Tanaka tornou evidente que não esperava que um homem mais jovem argumentasse com ele. — Quero dizer que estais vos comportando frivolamente ao andardes pavoneando pelo navio e abrindo a boca em espanto com cada quinquilharia estrangeira.

— É claro que fico espantado quando vejo algo novo. E fico pensando no quanto os equipamentos estrangeiros do navio e coisas assim seriam úteis se os levássemos de volta para nossos domínios.

— Cabe ao governo adotar ou não novos equipamentos. O conselho dos anciãos decidirá. Quando foi que iniciantes como vós começaram a dizer ao governo o que fazer? É só porque sois jovem que pensais que tudo é bom, contanto que seja novo.

O perfil lívido de Tanaka fez o samurai pensar em seu tio. Era típico dos samurais rurais daqueles domínios valorizar a honra acima de tudo, considerar um insulto o cúmulo da vergonha, desdenhar novas maneiras de fazer as coisas e não se esforçar para rever hábitos ultrapassados. Tanto Tanaka quanto seu tio possuíam essas características em grande medida. O próprio samurai tinha atitudes

semelhantes. Porém, a bordo do navio, às vezes ele sentira certa repulsa pelo lado rústico de si mesmo e inveja da mente sempre curiosa de Nishi.

— Nishi! — Sentado à frente do samurai, Matsuki colocou a tampa em seu bentô e falou abruptamente. — Estivestes na cabine interna onde os estrangeiros estão alojados?

— Sim.

— O que pensais do cheiro desses estrangeiros?

— Do cheiro deles?

— Desde que entramos neste navio, aquele cheiro podre tem sido demais para mim. Toda vez que Velasco entra em nossa cabine, traz consigo aquele repugnante fedor de estrangeiro.

Desde sua conversa no convés, o samurai tinha ficado perturbado com o jeito de sabe-tudo de Matsuki. Particularmente, ele não tinha nenhum interesse no cristianismo nem nos missionários cristãos, mas sentia uma ponta de vergonha toda vez que via Velasco, que emprestara suas escassas roupas pessoais e de cama a Yozo. Para ele, afinal, Yozo era um criado, um servo. Mas Velasco parecia não fazer tais distinções.

— De que vos serve pensar mal de tudo? — interview o samurai. — Eu também não gosto dele, mas...

— O cheiro de Velasco é a veemência dos estrangeiros — continuou Matsuki. — É por causa desse cheiro no corpo que ele se deu ao trabalho de viajar até o Japão. E não é só Velasco. Os estrangeiros construíram grandes navios e vagaram pelas nações da terra por causa dessa paixão. Nishi, roubar o que os estrangeiros criaram sem ter consciência de sua paixão não passa de imitação cega. E lembrai-vos de que essa paixão é veneno para nós.

— Mas... — murmurou Nishi, em consternação — ... Lorde Velasco parece ser um homem muito manso.

— Velasco finge ser manso para esconder as paixões que o assolam por dentro. Não posso deixar de achar que sua fé no cristianismo é uma tentativa de sufocar os próprios desejos. Quando o vejo caminhar sozinho sob o sol o dia inteiro, sinto algo assustador a respeito dele. — Matsuki percebeu o quanto estava falando alto e sorriu azedo. — Velasco não veio conosco para ser nosso intérprete por causa de algum senso de dever para com o conselho dos anciãos. Ele embarcou neste navio para gratificar o próprio coração cheio de paixão.

— O que ele planeja fazer? — perguntou Tanaka.

— Ainda não sei. Isso ficará claro com o tempo. Mas seja lá o que aconteça, devemos ter cuidado para não sermos atraídos para seus esquemas.

— Se ele fizer qualquer coisa para interferir em nossa missão — disse Tanaka, olhando para sua espada —, eu o matarei, mesmo que seja nosso intérprete.

— Idiota! — Matsuki riu. — Se matardes nosso intérprete, como esperais que desempenhemos nossa missão na Nova Espanha?

Vários dias atrás, nosso navio entrou num nevoeiro. É aquele nevoeiro denso que envolve todos os navios que passam pela rota setentrional do grande oceano. A vastidão infinita das ondas agora está escondida na névoa cinzenta e, em pé no convés, tudo à frente está oculto, como se um fino véu tivesse sido estendido à volta. A tripulação parece mover-se como fantasmas. A cada dois minutos, escuto o sino que o vigia soa. Abaixo do convés, tudo está quieto, e na grande cabine e na dos emissários, as roupas de cama e até o papel em que escrevo meu diário de viagem estão desagradavelmente úmidos do nevoeiro que desce pela escadaria.

A ração diária de água tinha sido reduzida alguns dias antes. Os quatro emissários, que vinham recebendo duas conchas providas de um balde de madeira, agora recebem apenas uma. Felizmente, não encontraram mais tempestades nem calmarias, e o navio avançou para leste sem imprevistos pelo nevoeiro.

Então, um incidente inesperado acabou com a monotonia. Um marinheiro espanhol roubou um relógio e várias peças de ouro da cabine do capitão Montañó. O capitão buscou Velasco e foi à cabine dos emissários, onde, com o rosto corado, explicou que o ladrão teria de ser punido.

Montañó disse aos emissários que havia regulamentos estritos para punições a bordo do navio e que era sua obrigação como capitão executá-los. Se, por exemplo, o marinheiro de vigia fosse apanhado dormindo, suas mãos seriam amarradas e jogariam água sobre elas. Se ele ainda não se corrigisse, seria açoitado. Era um costume náutico estabelecido havia muito, explicou o capitão. O atual transgressor precisaria ser punido na presença de todos no navio, incluindo os japoneses.

A punição foi aplicada no convés envolto pelo nevoeiro. Os ajudantes japoneses e os mercadores se reuniram, todos, e os marinheiros espanhóis observaram de outra parte do convés quando seu camarada foi arrastado e amarrado com cabos de esteio. Um trapo foi empurrado na boca do prisioneiro para impedi-lo de morder a língua. Ele ajoelhou-se e foi despido. O nevoeiro mexia-se ocasionalmente ao vento, afinando-se, depois engrossando de novo. Velasco estava de pé ao lado do capitão, observando em silêncio a punição. Os dois homens pareciam grandes estátuas pretas.

Na escuridão, o chicote estalou, e uma voz gemeu. O chicote estalou mais uma vez e mais outra; então, quando finalmente o vento afastou o nevoeiro, o prisioneiro jazia encarquilhado no convés como um pedaço de pano. Enquanto os outros observavam, Velasco correu para o lado do homem, levantou-o e limpou o

sangue com as próprias vestes. Então, apoiando o corpo do homem, Velasco ajudou-o a descer ao porão.

O samurai sentiu uma repulsa indescritível. A sensação não era por causa do açoitemento. Ele ainda podia ver a figura imóvel de Velasco no convés, observando-o com compostura enquanto o chicote estalava por entre o nevoeiro. Como Matsuki dissera, havia algo desagradável no rosto daquele estrangeiro enquanto ele esfregava o sangue do homem semiconsciente com as próprias vestes e o levava para o porão. O samurai não conseguia acreditar que aquele Velasco e o Velasco que compartilhara as roupas com Yozo fossem o mesmo homem.

Cinco dias se passaram, depois seis, e o nevoeiro não se dissipou. As velas e o convés começaram a emanar um odor repulsivo, pútrido, por causa da umidade, e a cada dois minutos podia-se ouvir o sino pela cortina leitosa. Às vezes o sol espiava como um disco branco por uma brecha no nevoeiro, mas em seguida a nuvem densa rapidamente o apagava. Cada vez que o sol aparecia, os marinheiros espanhóis logo montavam seus sextantes e tentavam determinar a posição do navio.

Uma semana depois que o navio entrou na cortina de nevoeiro, a elevação das ondas de nordeste aumentou gradualmente. Quando o navio manobrou na direção do vento, a oscilação frontal se intensificou. Outra tempestade se aproximava. A tripulação corria pelo convés, abrindo as varredouras à proa e à popa.

A pressão barométrica começou a despencar. Quando a névoa se dissipou, ondas negras se elevaram de todos os lados. O vento enfurnava as velas, e uma chuva oblíqua começou a cair sobre os homens enquanto trabalhavam. Tendo aprendido a lição da tempestade anterior, os mercadores da grande cabine e os emissários tiraram todos os baús das estantes e os puseram no alto dos caixotes de carga. Eles amarraram as roupas de cama firmemente no alto das pilhas de carga para impedir que ficassem encharcadas.

Após um tempo, o jorro das ondas começou a inundar o convés. As ondas arrebentavam furiosas contra a proa do navio balançante, chacoalhando suas vergas. Os emissários, preparando-se para qualquer eventualidade, estenderam um cordão salva-vidas entre as pilastras de sua cabine; o samurai enfaixou a caixa contendo as cartas de Sua Senhoria às costas e prendeu sua espada firmemente a seu lado. Todas as lâmpadas a óleo tinham sido apagadas para evitar incêndios e, embora a noite ainda não tivesse caído, sua cabine estava escura.

O balanço para a frente e para os lados do navio ficou atroz. Até os pesados caixotes de carga começaram a se mover aos poucos. A água evidentemente já alcançara a grande cabine, porque os mercadores se encolheram aos gritos. Por

toda parte, homens se agarravam à amarração das cargas e rezavam baixinho ao Deus Dragão. Cada vez que o navio jogava, os emissários se abraçavam ao cordão salva-vidas para não ser atirados ao longo da cabine. Ficou cada vez mais escuro. As preces murmuradas cessaram por um tempo, então de repente um grito de angústia ou um uivo de raiva ecoou da grande cabine. A escotilha frontal tinha estourado e a água jorrava para dentro. As ondas derrubaram de lado dois homens que estavam de pé junto à escotilha e bateram contra as pilhas de carga. Os homens engolfados pelas ondas tentaram freneticamente se segurar algum apoio com as mãos, mas quando estavam prestes a agarrar a carga, a água da cabine mudou de direção com o balanço do navio e jorrou na passagem. Homens colidiam uns com os outros, eram atirados contra caixotes ou voavam pela cabine. Um ruído trovejante ecoava do fim do corredor.

Os homens não conseguiam mais escutar as ordens do capitão nem do primeiro imediato. As ondas se erguiam como montanhas e quebravam sobre o navio.

A torrente varreu tudo sobre o convés, bateu contra os mastros, formou redemoinhos e caiu furiosamente pela escadaria, indo até o fundo do navio. Um marinheiro, engolido pelas ondas, ergueu-se novamente com o cordão salva-vidas, mas naquele momento a onda seguinte tomou-o de assalto. Sua cabeça desapareceu no vagalhão.

Nas cabines dos japoneses, a água batia nos joelhos e eles tropeçavam, se arrastavam e cambaleavam, berrando de terror. Os pesados caixotes oscilavam para a frente e para trás, como se possuídos por um demônio. Alguns, esquecendo-se das ordens do capitão, correram para a escadaria a fim de procurar refúgio no convés, mas foram varridos instantaneamente pelas cachoeiras de água que jorravam escada abaixo.

Por fim, depois de quatro horas, o navio saiu do alcance da tempestade. As ondas ainda estavam fortes, mas já não quebravam sobre o convés. Este estava coberto com os restos irrecuperáveis de equipamentos destroçados pelas ondas e um mastro cruelmente danificado. Diversos marinheiros tinham sido lançados ao mar, e ouviam-se gemidos de vários cantos do porão. A grande cabine ficaria inabitável até que fosse seca, de modo que os mercadores exaustos, como ratos afogados, caíram empilhados no compartimento inferior, usado pelos marinheiros espanhóis, na sala de jantar e nos corredores, onde ficaram deitados até o amanhecer. Ninguém tinha forças para ajudar um companheiro. Apenas Velasco caminhava entre os corpos semimortos apoiados contra as paredes ou inclinados no chão, enfaixando os ferimentos dos que necessitavam.

Finalmente, veio a manhã. Uma vez passada a tempestade, o horizonte milagrosamente mudou de dourado para rosado. Enquanto as cores do céu se

estendiam gradualmente pelo horizonte, a superfície do mar começou a brilhar. Não havia nenhum som senão o bater das ondas contra o casco do navio. À luz da alvorada, o *San Juan Baptista*, desfalcado de uma de suas velas, vagava no mar ainda encrespado como um navio fantasma — nem uma alma podia ser vista no convés, e o sino estava quieto. Drenados de energia até as profundezas da alma, os marinheiros se esparramavam por todo o navio, dormindo pesado.

No meio da manhã, o samurai reuniu o pouco de forças que ainda possuía e saiu cambaleando de sua cabine encharcada para procurar Yozo e seus outros servos. A cabine dos emissários, ao contrário da grande, ficava a certa distância da escadaria e tinha sido construída mais alta que o corredor, de modo que embora tenha sido inundada, a água logo escoou, e o ambiente sofreu poucos danos. E graças à providência dos céus, as cartas de Sua Senhoria não tinham sido encharcadas. O samurai caminhou pelo corredor, onde a água ainda estava na altura dos tornozelos, e desceu ao nível inferior. Os mercadores lotavam o andar, mal deixando espaço para andar. Mesmo aqueles que perceberam o samurai não tinham energia para sentar-se e curvar-se para ele. Alguns dormiam profundamente; outros olhavam atordoados para algum ponto indistinto com olhos pesados.

O compartimento de cargas também estava apinhado de homens. Entre eles, o samurai descobriu seus serviçais esparramados no chão. Pulando cabeças e corpos, ele os chamou. Yozo, Ichisuke e Daisuke sentaram-se dolorosamente, mas Seihachi, que estava deitado sobre o rosto, não se moveu. Um pesado caixote de carga tinha caído sobre seu peito na noite anterior, e ele desmaiara por algum tempo em meio à enxurrada escura. Os outros três o tinham tirado de sob o caixote.

— Lorde Velasco cuidou dele — Yozo baixou o olhar, como se tal coisa fosse indesculpável para seu mestre. — Ele ficou com Seihachi até o amanhecer.

O samurai se lembrou de como Velasco havia emprestado roupas a Yozo depois da tempestade anterior. Outra vez, Yozo parecia comovido pela compaixão demonstrada a alguém de sua posição por um estrangeiro que até então ele nem conhecia. E, mais uma vez, o samurai sentiu-se envergonhado. O certo teria sido ele, o mestre, ter demonstrado a consideração com que Velasco tratara seus serviçais.

Ao lado de Yozo estava uma pequena corrente de contas. Ele explicou que eram contas cristãs que Velasco esquecera.

— Lorde Velasco usou estas contas para rezar por Seihachi e pelos outros — gaguejou Yozo, como se tivesse sido pego em algum ato proibido.

— Escutai-me — disse o samurai, elevando ligeiramente a voz. — Sou grato a lorde Velasco, mas não deveis ouvir os ensinamentos cristãos.

Seus servos não disseram nada. O samurai baixou a voz, de modo que os mercadores que dormiam próximos não escutassem.

— Os mercadores escutam as histórias cristãs para que possam fazer negócios na Nova Espanha. Mas não sois mercadores. Enquanto fordes serviçais de Hasekura, não deveis vos familiarizardes com os ensinamentos cristãos.

Ao falar, ele de repente se lembrou do que Matsuki Chusaku lhe dissera. Matsuki falara de certa intensidade de Velasco que de alguma forma era assustadora, que o estrangeiro tentava parecer manso para mascarar aquela intensidade, e o alertara contra a possibilidade de ser envolvido por ele. O samurai não tinha compreendido o intuito de Matsuki ao dizer aquilo, mas receava que seus próprios servos pudessem ser influenciados pelo homem.

— Fazei o que tiverdes que fazer por Seihachi. Não vos preocupeis comigo.

Depois de falar algumas palavras de encorajamento para Seihachi, que parecia incapaz de responder, o samurai caminhou pulando mais corpos e saiu para o corredor. Depois, subiu ao convés, onde o sol batia impiedosamente.

Agora o mar estava calmo. Os mastros lançavam sombras negras. Uma brisa suave acariciou seu rosto. A brisa era agradável contra seu corpo lânguido. Os ajudantes japoneses, finalmente mobilizados por ordens dos marinheiros espanhóis, estavam consertando os cabos rompidos e substituindo as velas rasgadas. As ondas faiscavam ofuscantes, quebradas ocasionalmente pelo salto de um peixe-voador. Ao sentar-se à sombra do mastro, o samurai percebeu que tinha inadvertidamente levado o rosário consigo. O cordão de contas era feito de sementes, e um crucifixo estava pendurado na extremidade da corrente. A figura nua de um homem emaciado tinha sido gravada no crucifixo. O samurai olhou para aquele homem, cujos braços estavam estendidos e cuja cabeça pendia sem vida. Ele não conseguia compreender por que Velasco e todos os outros estrangeiros chamavam aquele homem de “Senhor”. Para o samurai, apenas Sua Senhoria podia ser chamada de “Senhor”, mas Sua Senhoria não era uma figura miserável e enfraquecida como aquela. Se os cristãos realmente adoravam aquele homem emaciado, então sua religião parecia algum tipo de heresia incrivelmente bizarra.

O samurai teve um sonho embaraçoso. Num quarto úmido e escuro no charco, estava fazendo amor com sua esposa, tentando não perturbar as crianças, que dormiam. “Preciso ir agora.” Ele tinha vergonha de que, embora o dia seguinte fosse determinado pelo conselho dos anciãos como data da partida do navio, apenas ele, entre os emissários, ainda estava em casa, incapaz de se separar do corpo nu de sua esposa. “Tenho que ir.” Ele repetia as mesmas palavras incessantemente. Mas embaixo dele, Riku apertava o rosto molhado contra o seu.

“Mesmo se fores”, murmurou, ofegando pesadamente, “não dará em nada. Eles não devolverão as terras em Kurokawa”. Ele se afastou da esposa e balbuciou: “Meu tio também sabe disso?”. Observou Riku assentir, então se levantou confuso. E acordou.

Ele teve uma poluição. De um canto da cabine, ainda encharcada das águas da tempestade, podia ouvir os roncoss de um de seus companheiros, primeiro alto, depois baixo. Era Tanaka. *Então foi um sonho?* Suspirou e percebeu que tivera aquele sonho porque em algum lugar, nas profundezas de sua consciência, fora perturbado pelas palavras de Matsuki. O samurai não contara a Tanaka, nem a Nishi, sobre sua conversa com Matsuki. Era como se, ao contar para eles, ele de alguma forma concordasse com o que Matsuki dissera. *Lorde Shiraishi e lorde Ishida nunca fariam algo assim conosco*, tranquilizou-se enquanto trocava a roupa de baixo suja.

O samurai fechou de novo os olhos, mas não conseguiu dormir. Ele teve uma vívida imagem de seus filhos brincando no jardim e do perfil de Riku pendurando as roupas lavadas para secar. Ele podia visualizar cada cômodo de sua casa. Numa tentativa de pegar no sono, tentou se lembrar de uma cena após a outra do charco. As colinas e os campos cobertos com a neve da primavera...

O *San Juan Baptista* sofreu consideráveis danos na segunda tempestade. Ele perdeu um mastro, uma vela e um bote salva-vidas; uma tremenda quantidade de água inundara o interior do navio, e equipamentos destruídos pela tempestade estavam espalhados por todo o convés. Estou com um corte na testa, mas não tem importância. A tripulação trabalha incessantemente para retirar água do navio. No entanto, comparado às agonias que o capitão Fernão de Magalhães e seu navio suportaram neste mesmo oceano Pacífico noventa e três anos atrás, nosso desconforto é de pequena monta. A tripulação de Magalhães não tinha provisões, sua água estava contaminada e eu soube que eles até comeram ratos do porão e lascas de madeira. Felizmente, ainda temos nossos tanques de água e não faltam alimentos. Na tempestade da noite passada, porém, perdemos alguns tripulantes japoneses lançados ao mar, e há vários feridos e aflitos na grande cabine. Até o amanhecer, caminhei entre os japoneses que gemiam, não na função de intérprete, mas enquanto padre.

Os mais seriamente feridos são um velho mercador chamado Yahei e Seihachi, um dos serviçais de Hasekura. Ambos foram atingidos no peito por caixotes de carga. Yahei cuspiu sangue. Estou certo que Seihachi quebrou algumas costelas. Dei vinho a ambos e apliquei compressas, mas eles mal conseguem falar e

ficam mais fracos a cada dia. Preocupa-me que eles estejam vivos para ver a Nova Espanha.

Embora tenha se passado somente um mês desde que deixamos o Japão, sinto como se nossa viagem já tivesse durado vários meses. A vida a bordo do navio é pouco diferente do que era quando vim pela primeira vez ao Oriente, treze anos atrás – talvez minha mente esteja inquieta porque estou ansioso para meu plano se tornar realidade na primeira oportunidade possível.

Nesta noite, depois de terminar as preces no convés, perguntei-me outra vez: *Por que desejo voltar ao Japão? Por que sou tão atraído por aquela terra?* Era quase como se eu adentrasse a mente inescrutável de um estranho. Não é que os japoneses sejam mais fervorosamente religiosos ou mais capazes de compreender a verdade que os demais povos da Ásia. De fato, embora os japoneses realmente possuam faculdades mentais e curiosidade superiores, não pode haver nenhum povo no mundo que tenha tão consistentemente rejeitado coisas que não lhe proporcione benefícios mundanos. Embora finjam por algum tempo escutar os ensinamentos de nosso Senhor, só o fazem porque desejam aumentar seu poder militar e sua riqueza, não porque almejam a Palavra de Deus. Com que frequência experimentei o desespero naquele país! O talento dos japoneses para adquirir riquezas mundanas é afinado quase sensivelmente demais, mas eles não têm o menor sentimento pelas coisas eternas. No entanto, de alguma forma o Japão e os japoneses intensificam meu anseio de pregar a palavra. Sinto que é minha missão retornar ao Japão porque, da mesma forma que se doma uma besta obstinada, quero derrotar cada uma das adversidades que ergue a cabeça ali. Em minhas veias corre o sangue de meu avô, que ajudou a conquistar as Índias Ocidentais e, assim, ganhou o favor do rei dom Carlos. Também descendo de Vasco Balboa, um tio-avô materno que se tornou vice-rei do Panamá. Meus ancestrais, o orgulho da família, governaram aquelas ilhas com navios e espadas, mas quero tentar subjugar o Japão com a Palavra de Deus.

A lua está brilhante. À noite, o oceano resplandece. Todas as lâmpadas desnecessárias são apagadas às dez. Ao luar, cada equipamento do convés aparece nitidamente definido. *Ó Senhor, tornai-me um comandante indispensável pelo bem daquela nação. Usai meu sangue em prol do Japão, assim como Vosso sangue foi usado em prol da humanidade.*

Durante a noite, a condição dos dois feridos piorou. Metade da cabine inundada foi finalmente drenada e tornada habitável, então muitos dos japoneses que estavam dormindo no corredor central voltaram a seus aposentos. Mas não pudemos mover os dois feridos.

Pouco depois de meio-dia, o mercador Yahei morreu. Então, quase imediatamente, o serviçal de Hasekura Rokuemon, Seihachi, também deu seu último suspiro. Os japoneses se reuniram em volta dos dois, entoando o nome de Buda e enchendo os olhos dos homens mortos com descrições do *Gokuraku*, que corresponde a nosso Paraíso. Esse é o costume deles. Os companheiros de Seihachi ficaram lamentavelmente abalados. Seu mestre, Hasekura, com lágrimas brotando dos olhos, cobriu o corpo do morto com uma veste de algodão e continuamente entoou os sutras budistas. Esse samurai, o menos imponente dos quatro emissários, parece ser um mestre bondoso para seus serviçais.

O capitão deu ordem para que os dois corpos fossem jogados no mar. Os japoneses se reuniram no convés, como tinham feito para o açoitamento algum tempo atrás, e os marinheiros espanhóis também se colocaram em fila. O mar naquela tarde estava calmo, de um jeito quase melancólico. Normalmente, o capitão ou um padre a bordo do navio recita uma prece, mas, como nenhum dos japoneses era cristão, Montañó e eu deixamos a cerimônia por conta deles.

Um dos mercadores parecia ter certo conhecimento de budismo. Ele cantou alguns sutras, um cântico que me soou incompreensível. Os outros japoneses se juntaram a ele, e os dois corpos foram atirados ao mar. Os corpos foram engolidos pelas ondas e desapareceram. O melancólico oceano estava em silêncio, como se absolutamente nada tivesse acontecido. Depois que todos os outros já haviam deixado o convés, Hasekura e seus serviçais ficaram de pé, imóveis na borda do navio, por um longo tempo. Por fim, desapareceram nas entranhas do navio, deixando Yozo sozinho no convés. Enquanto eu observava curioso, a distância, ele se aproximou.

— Ofereceríeis uma prece para Seihachi? — sussurrou, quase como se estivesse com medo.

— Preces cristãs são em benefício dos cristãos. Tais orações só podem ser um aborrecimento para vós.

Yozo olhou para mim tristemente. Percebi que tentava dizer algo que não poderia ser dito e comecei a recitar a prece latina pelos mortos. Yozo juntou as mãos, olhando para o mar e movendo os lábios.

Requiescant in pace

Dominus vobiscum et cum Spiritu tuo

Requiem aeternam dona eis.

O oceano que engolira os mortos estava em silêncio, e peixes-voadores saltavam entre as ondas. A amarração das velas rangia monotonamente, e nuvens

enfeitadas de ouro flutuavam além do horizonte.

— Eu... — murmurou Yozo. — Eu gostaria de ouvir a respeito do cristianismo.

Surpreso, examinei seu rosto.

Hoje nosso navio finalmente passou da metade do trajeto.

O desgastado navio era agora pouco mais que uma casca, e os japoneses estavam exaustos. A água ficou escassa, e alguns adoeceram de escorbuto por causa da falta de vegetais.

Pouco depois do sexagésimo dia de viagem, dois pássaros, talvez narcejas, voaram na direção do navio e pousaram no mastro. Os marinheiros comemoraram. Os pássaros, de bicos amarelos e asas marrons e brancas, arremeteram pela borda do navio e desapareceram, mas, por sua aparição, era óbvio que havia terra por perto.

Ao entardecer, o horizonte a bombordo estava pontilhado com a silhueta de montanhas. Era o cabo Mendocino. Não havia nenhum porto no cabo, de modo que o galeão ancorou longe da costa. Cinco marinheiros espanhóis e cinco tripulantes japoneses embarcaram num esquife e foram à terra reabastecer os suprimentos de água e comida.

O capitão Montaña, alegando perigo, não permitiu que nenhum outro japonês desembarcasse.

No dia seguinte, o navio prosseguiu para o sul. Com novos estoques de água e vegetais, os homens a bordo se reanimaram como se devolvidos à vida e novamente puderam aproveitar a viagem sobre as ondas calmas. Na manhã do décimo dia depois de deixarem o cabo Mendocino, avistaram uma costa coberta de árvores estendendo-se para longe. Foi o primeiro trecho de terra da Nova Espanha que os japoneses viram. Aqueles que estavam reunidos no convés gritaram; alguns até choraram. Embora fizesse pouco mais de dois meses e meio desde que saíram do Japão, a sensação de que tinham viajado por quase uma eternidade tomou conta deles. Eles se cumprimentavam com tapas nas costas, deliciados por, de alguma forma, terem sobrevivido à viagem.

No dia seguinte, o navio se aproximou da costa. O calor era opressivo. A larga praia resplandecia ao sol escaldante, e fileiras ordenadas de árvores estranhas se estendiam nas colinas adiante. Os japoneses souberam pelos marinheiros espanhóis que aquelas árvores se chamavam oliveiras e que seu fruto provia óleo e alimento. Homens e mulheres nativos, bronzeados e de torso nu, começaram a gritar e se aproximaram, correndo do bosque.

Avistaram uma ilha. Ao se aproximar, puderam ver as ondas batendo e se quebrando contra os rochedos da ilha, coberta por uma densa floresta. Gaivotas voavam próximas ao navio. Quando o navio lentamente navegou em volta da ilha, atrás dela apareceu um promontório densamente coberto por oliveiras.

— Acapulco! — berrou uma voz em êxtase do mastro. Um marinheiro espanhol apontava na direção da baía.

No mesmo instante, os espanhóis e os japoneses reunidos no convés lançaram um grito de comemoração. Assustado pelos gritos, o bando de gaivotas se elevou no céu. Os emissários estavam enfileirados de pé, estudando atentamente a baía e o cabo vizinho. Era o primeiro porto estrangeiro que viam, e aquele seria o primeiro solo estrangeiro em que poriam os pés. Os rostos de Tanaka e do samurai ficaram tensos, os olhos de Nishi brilharam e Matsuki se manteve em pé de braços cruzados, com o olhar um tanto irado.

A baía estava calma. Nem uma única onda. O porto era mais largo que o de Tsukinoura, mas, por alguma razão, não havia outros navios. Do lado oposto da baía, havia uma praia amarela com um único edifício branco em sua ponta mais distante. Uma muralha com canhões circundava o edifício, mas não se via viva alma ali. O navio parou.

Os marinheiros espanhóis se ajoelharam. Velasco subiu ao convés superior e fez o sinal da cruz sobre eles. Até alguns dos mercadores japoneses os acompanharam e juntaram as mãos.

— Hosana. Benditos sejam aqueles que vêm em nome do Senhor.

Os gritos agudos das gaivotas se misturavam à voz de Velasco. A brisa do oceano soprou revigorante nas bochechas dos homens. Quando a oração terminou, o capitão, o primeiro imediato e Velasco embarcaram num esquife e partiram para a costa a fim de obter uma permissão de desembarque.

Os homens a bordo olharam distraidamente para a cena densa e quente diante de seus olhos enquanto esperavam os três regressarem. Os raios do sol batiam na baía e na praia. O profundo silêncio encheu os japoneses com uma inquietante angústia. Sem nenhuma razão, eles começaram a sentir que não eram bem-vindos ali.

Passou-se um longo tempo, e os três homens ainda não haviam regressado. Dois marinheiros embarcaram em outro esquife e foram descobrir o que tinha acontecido. O sol queimava o convés, e os impacientes japoneses voltaram às cabines. Três horas mais tarde, ficaram sabendo que somente os marinheiros espanhóis teriam permissão de desembarcar. Aparentemente, o comandante da fortaleza de Acapulco não tinha autoridade para conceder privilégios de desembarque àquele inesperado navio japonês e enviara um mensageiro ao vice-rei da Nova Espanha na Cidade do México.

Houve um coro de descontentamento. Durante a viagem, emissários e mercadores tinham começado a acreditar que quando chegassem àquele país tudo estaria pronto para eles, que seriam calorosamente recebidos e que tudo ocorreria sem percalços. Eles não entendiam por que só os japoneses estavam sendo detidos a bordo do navio.

À noite, quando o sol quente já se pusera e uma tênue brisa finalmente soprou pelo convés, com um bando de pequenos pássaros pairando sobre o navio, os três homens voltaram. Os emissários, como representantes de todos os japoneses, foram buscar explicação de Velasco.

— Não há motivo para preocupação — disse Velasco, confiante, exibindo seu habitual sorriso. (Ele tinha o hábito de dizer “não há motivo para preocupação”.) — Estou certo de que todos vós podereis ir a terra amanhã.

Tanaka Tarozaemon não se deixou amolecer.

— Sua Senhoria construiu este grande navio para os espanhóis e o mandou até aqui. Compreendeis, naturalmente, que ao nos tratar de forma rude, estais insultando Sua Senhoria e o conselho dos anciãos.

— Mas também sei que Sua Senhoria e o conselho dos anciãos vos disseram para seguides minhas instruções depois que chegássemos à Nova Espanha. — Velasco continuou com seu sorriso.

No dia seguinte, os marinheiros espanhóis foram a terra. Não foi senão à tarde que o comandante da fortaleza mandou um barco pilotado por índios buscar os japoneses e sua carga. Soldados armados da fortaleza perfilavam-se na costa, olhando apreensivos para os mercadores e os emissários estranhamente vestidos que desembarcavam.

Os quatro emissários, acompanhados de Velasco e dos oficiais do navio, solenemente partiram para a fortaleza, que estava cercada de colinas cobertas de oliveiras. A fortaleza era feita de argamassa e rodeada por uma muralha pontilhada de portinholas de canhões. Vasos com plantas de vários formatos ficavam em nichos na parede, e flores vermelhas como fogo desabrochavam em profusão.

Eles passaram por um portão guardado e entraram no pátio cercado de todos os lados por edificações. Dois guardas ficavam posicionados em lugares estratégicos. Os emissários seguiram em silêncio pelo caminho de pedra. O cheiro de flores saía de algum lugar, e eles podiam ouvir o zumbido de abelhas. A fortificação, naturalmente, era modesta em comparação com o castelo de Sua Senhoria e parecia mais uma prisão que um castelo.

O comandante da fortaleza, que saiu de seu escritório para dar as boas-vindas aos emissários, era idoso. Ele saudou os japoneses com um longo discurso que eles

não puderam entender, depois os examinou de forma brusca enquanto Velasco traduzia suas palavras. Suas boas-vindas foram cheias de exageros de apreciação, mas, pelo olhar desconcertado do homem, o samurai percebeu que eles não estavam sendo recebidos de braços abertos.

Quando as saudações terminaram, os emissários foram convidados para jantar.

A esposa do comandante e vários oficiais já os esperavam na sala de jantar. Quando os japoneses entraram com o capitão e Velasco, os presentes os encararam como se fossem criaturas grotescas, depois lançaram olhares furtivos uns aos outros. Determinado a não passar vergonha diante daquelas pessoas, Tanaka ergueu os ombros num gesto irado. Usando uma faca e um garfo pela primeira vez, Nishi acabou derrubando ambos no chão. À mesa de jantar, com Velasco como intérprete, o comandante e sua esposa educadamente perguntaram aos quatro emissários sobre a distante terra do Japão, mas logo se envolveram nas próprias conversas, e os quatro japoneses ficaram entregues a si mesmos, sem entender uma palavra do que era dito.

Eles voltaram ao navio exaustos. Não havia em Acapulco hospedarias nem mosteiros para acomodar os japoneses, de modo que os mercadores também retornaram à grande cabine. Os emissários estavam aborrecidos, com o orgulho ferido. O sol do crepúsculo brilhava fortemente através da janela, e o quarto estava quente. No momento em que entraram na cabine, Tanaka primeiro repreendeu Nishi por se comportar frivolamente, depois insistiu uma segunda vez que estavam sendo tratados rudemente pelos estrangeiros e, então, terminou denunciando Velasco e o culpando pela recepção.

— Creio que Velasco nem sequer lhes disse o que o conselho dos anciãos pretende ou quais são os sentimentos de Sua Senhoria.

— É inútil revoltar-se contra Velasco — exclamou Matsuki, com um sorriso típico de quem sabe das coisas. — Eu soube desde o começo.

— Soubestes o quê?

— Como Velasco se sentia. Pensai um pouco. Se tudo correr sem problemas, não será vantagem para ele. Isso lhe deixaria com pouco a fazer como intérprete. Se tivermos problemas, isso por si só aumentará o papel que Velasco desempenhará. Se acontecer de a missão dos emissários ter sucesso apenas por causa de Velasco, o conselho não poderá negar suas solicitações sem mais nem menos. O homem é sagaz.

A explosão de raiva de Tanaka se originou de um desconforto indefinível. O samurai sentia aquele mesmo desconforto. Ele reconhecia que o comandante da fortaleza de Acapulco não tinha autoridade para aceitar a carta de Sua Senhoria nem para dar permissão de comércio aos mercadores japoneses, mas ele podia perceber pela atmosfera nas poucas horas que ele passara ali que a Nova Espanha

não estava de forma nenhuma satisfeita com o fato de os japoneses terem cruzado o oceano. Se fosse o caso, então era bem possível que eles recebessem a mesma recepção ainda que fossem à Cidade do México para se encontrar com o vice-rei. Talvez as cartas de Sua Senhoria fossem atiradas contra o rosto deles e os mercadores tivessem que carregar suas mercadorias de volta ao navio e retornar ao Japão. Se isso acontecesse, os emissários ficariam desprestigiados e qualquer esperança de que seus antigos domínios lhes fossem devolvidos seria perdida. Ou talvez, como Matsuki dissera, o fracasso de sua missão fosse usado como pretexto para punir severamente todos os anspeçadas.

Passou-se um dia. Na manhã seguinte, Velasco, o capitão, o primeiro imediato e os emissários montaram em cavalos fornecidos pelo comandante da fortaleza e partiram de Acapulco. Os serviçais dos emissários, carregando lanças e estandartes, eram seguidos pela companhia dos mercadores a pé e carroças carregadas com suas mercadorias. A peculiar comitiva partiu em meio a tiros disparados no ar pelos soldados da fortaleza.

A paisagem da Nova Espanha, que eles viam pela primeira vez, era cegante, quente e branca. À frente, estendia-se uma região desolada, cravejada de cactos gigantes, e a distância espalhavam-se montanhas pontilhadas de granito, como se polvilhadas com sal. Eles podiam ver cabanas miseráveis, as casas dos índios, telhados feitos de barro, folhas e ramos. Um menino, quase nu, avistou o cortejo e correu para se esconder em uma das cabanas. Os japoneses se assustaram com o rebanho de animais pretos e de pelos longos que o menino conduzia. Eles nunca tinham visto tais criaturas antes; aliás, nem mesmo conheciam cactos.

As montanhas de granito continuavam até o infinito. O sol castigava sem cessar. Enquanto balançava para a frente e para trás no cavalo, o samurai pensou no charco. Seu próprio feudo era pobre, mas a pobreza agora era diferente. No charco, havia verde, campos e riachos. Aqui não havia água, e a única vegetação eram aquelas plantas espinhosas e retorcidas.

Ao lado do samurai, Nishi falou:

— Nunca vi paisagem como esta antes.

O samurai assentiu. Ele cruzara um oceano sem fim. Agora ele viajava ao longo de um deserto estranho. Era como uma alucinação. Será que ele tinha realmente ido para um país desconhecido de seu pai, de seu tio, de sua esposa? Por um momento, sentiu que aquilo tudo poderia ser um sonho.

Logo antes do meio-dia do décimo dia, eles avistaram uma aldeia à frente. Cabanas cinzentas de adobe pontilhavam a encosta da montanha como brotos de arroz, e a torre de uma igreja erguia-se do centro da aldeia.

— Aquela aldeia agrada a Deus. — Velasco, do cavalo, apontou.

A aldeia, ele explicou, tinha sido construída recentemente para os índios nativos daquela região. Ali eles estudavam os ensinamentos do cristianismo com um padre espanhol e compartilhavam não apenas a terra, mas todas as suas posses. Uma aldeia como aquela, Velasco disse, era chamada “redução”, e, no momento, muitas estavam sendo construídas em várias partes do país.

— Os próprios habitantes escolheram o chefe da aldeia. Não há trabalhos forçados nem serviço militar obrigatório. Os padres fazem visitas frequentes não apenas para pregar a Palavra de Deus, mas também para ensinar aos aldeões como criar gado e cavalos, como tecer em teares e como falar espanhol.

Ele olhou em volta, tentando avaliar a reação dos japoneses.

Aquele tipo de aldeia era uma das coisas que ele queria que os japoneses vissem na Nova Espanha. Um lugar onde as pessoas não tinham que trabalhar para seus senhores nem prestar serviço militar, onde as pessoas viviam em uma pobreza digna e com trabalho honesto, observando as leis de Deus — um dia Velasco esperava criar uma aldeia como aquela no Japão. Mas os mercadores viajavam desde o alvorecer e meramente espiaram as construções brancas com olhos desprovidos de interesse ou curiosidade. Quando, por fim, entraram na aldeia, as pessoas, que usavam cabelo preso em rabos de cavalo que iam até os ombros, ficaram em pé amedrontadas à beira da estrada de pedra e encararam os invasores. Cães latiram, e manadas de cabras-montesas se dispersaram, balindo. Enquanto os japoneses saciavam sua sede no poço da praça principal e enxugavam o suor da viagem, Velasco levou um homem idoso para apresentar-lhes.

— Este é o chefe da aldeia.

Velasco cutucou o ombro do velho índio e o posicionou à frente dos japoneses. Ao contrário dos aldeões, ele usava um chapéu de palha de abas largas; ficou em pé rigidamente, como uma criança nervosa.

Velasco o questionou como um padre que ouve o catecismo de uma criança.

— Todas as pessoas que vivem aqui são cristãs?

— Sim, padre.

— Vossa gente está contente por ter abandonado as crenças equivocadas dos ancestrais e escutado os ensinamentos do verdadeiro Deus?

— Sim, padre.

— O que vossa gente aprendeu dos padres que vêm aqui?

— Sim, padre. Aprendemos a ler e escrever. E a falar espanhol. — O chefe olhou fixamente para o chão. Suas respostas eram mecânicas, como se ele murmurasse frases memorizadas. — E a plantar sementes e cultivar campos. E a curtir couro.

— Vossa gente toda está contente com isso?

— Sim, padre.

Em algum lugar da aldeia, um galo cantou, e de uma extremidade da praça um grupo de crianças nuas observava tenso aquele fac-símile de julgamento.

Velasco virou-se triunfante para os japoneses. Ao fazê-lo, um odor forte e agri-doce subiu de suas axilas, mas o padre não percebeu.

— Construímos essas aldeias de Deus na Nova Espanha. Estou certo de que todos os índios que se tornaram cristãos estão contentes.

Então ele colocou a mão sobre o ombro do velho, como se pretendesse demonstrar o amor fraternal e a compaixão que sentiam um pelo outro.

— Essa deve ser a primeira vez que vês um japonês, não?

— Não, padre.

Seguiu-se uma comoção. Os japoneses entendiam “*no, padre*” mesmo sem a tradução de Velasco. Eles não podiam acreditar que qualquer de seus compatriotas tivesse ido àquela terra distante antes deles. Tanto os que lavavam o corpo quanto os que bebiam água, todos passam a ouvir o diálogo discordante entre Velasco e o velho.

— O chefe não sabe a diferença entre um japonês e um chinês. Deve ter sido um chinês. — Velasco deu de ombros. — Mas ele diz que dois anos atrás, um padre espanhol e um irmão japonês vieram a esta aldeia. E que o japonês lhes ensinou a plantar arroz.

— Perguntai-lhe o nome do homem — gritou alguém. — Se perguntardes o nome do homem, poderemos dizer se era japonês ou chinês.

O chefe da aldeia balançou a cabeça como uma criança repreendida. Era inútil questioná-lo mais. O velho não conseguia se lembrar da ordem a que o irmão japonês pertencia ou mesmo se ele viera da Cidade do México.

O grupo tinha que partir antes do entardecer. O chefe serviu aos japoneses uma comida chamada “tortilhas”. Eram feitas de pão de milho moldado numa forma como a de biscoitos de arroz e enroladas em um queijo que parecia nata de soja. O cheiro era suspeito, e os japoneses lutaram para engoli-las aos engasgos.

O cortejo se reagrupou e desceu a montanha. Eles foram saudados pela mesma paisagem monótona de antes. Agaves e cactos erguiam-se rígidos como lápides abandonadas na terra ressecada. Montanhas nuas brilhavam enevoadas ao fundo. Piolhos enxameavam ruidosamente sobre os rostos suados.

Espanando os insetos, Nishi virou-se para o samurai e Tanaka e disse:

— Pensais realmente que há outro japonês em algum lugar por aqui?

— Eu gostaria de encontrá-lo — respondeu o samurai, olhando em volta para os largos platôs. — Mas essa viagem não é um passeio. Não devemos ter nenhuma distração.

O grupo viajava havia duas horas quando, de repente, uma coluna de fumaça preta se ergueu de uma das montanhas mais próximas. O capitão e Velasco levantaram as mãos e interromperam o cortejo, olhando fixamente por alguns momentos a fumaça. Então uma coluna semelhante de fumaça subiu de outro lugar. Ao longe, eles viram um único índio, de rabo de cavalo e torso nu, pulando de um penhasco a outro.

Arrastando-se, o cortejo recomeçou a andar. Ao circundarem o lado oposto da montanha nua, apareceu uma fileira de cabanas, com os telhados queimados e apenas as paredes de adobe ainda de pé. As paredes estavam esturricadas, como se um incêndio tivesse irrompido, e as árvores queimadas e desnudas que permaneceram estavam enegrecidas. Não havia viva alma à vista.

— Eu planejava ir a uma aldeia chamada Taxco — disse Velasco aos japoneses, depois de examinar aquela cena desolada. — Mas acho melhor ficarmos na próxima redução nessa noite — disse e, depois, deu seu habitual sorriso confiante. — Acho que a fumaça lá atrás era um sinal dos índios que ainda são hostis aos espanhóis. Devemos chegar à Cidade do México em sete dias.

Por causa dos sinais de fumaça dos índios que vimos nas montanhas pelo caminho, passamos uma noite na aldeia de Iguala. Aqueles índios são de uma tribo selvagem que detesta espanhóis e não sabe nada de Deus. Para que não houvesse qualquer eventualidade, evitamos Taxco e, uma semana depois, entramos na Cidade do México no encalço de uma tempestade.

Quando avistamos a Cidade do México do alto de uma colina, de repente os japoneses ficaram calados. Nem mesmo os mercadores, normalmente curiosos, fizeram qualquer movimento. A recepção fria que eles tiveram em Acapulco tinha abatido completamente seu estado de espírito, e percebi um sentimento de insatisfação entre eles. Mesmo assim, os emissários reagruparam sua comitiva, equipando seus serviçais com lanças e estandartes.

Ao passarmos pelos portões da cidade, avistamos uma feira que havia sido montada na praça varrida pela chuva e pessoas que tinham se reunido ali para fazer compras. A multidão ficou tão espantada ao ver os japoneses que se esqueceu do trabalho e das compras e nos seguiu.

Fomos recebidos no portão por irmãos do mosteiro, que saíram para nos dar as boas-vindas. Eles nos levaram ao mosteiro de São Francisco. A subida da planície quente para essa altitude elevada havia exaurido totalmente os japoneses. Alguns reclamavam de dificuldade para respirar por causa do ar rarefeito da Cidade do México, enquanto outros tinham acessos de tontura. Imediatamente depois do jantar (a cozinha espanhola pareceu não os agradar; eles evitaram as

carnes, que são proibidas pelo budismo e comeram apenas peixe e vegetais), todos se recolheram. As sombras do cansaço também estavam profundamente marcadas no rosto dos emissários, que, depois de comer, curvaram-se em agradecimento ao superior do mosteiro, padre Guadalcázar, e a nossos outros irmãos e retiraram-se para os quartos.

No momento em que os japoneses se foram, o superior me olhou como quem quer algo e disse:

— Gostaria de conversar convosco.

Fomos para uma sala mobiliada apenas com um altar de orações, um colchão de palha e um crucifixo na parede. Assim que entramos, o superior lançou um olhar de perplexidade que escondera por toda a noite.

— Fizemos tudo o que pudemos por vós. Mas o vice-rei Acuña ainda não consentiu em uma audiência com os emissários.

Em resposta à carta que eu havia confiado ao comandante da fortaleza em Acapulco, o superior apelou aos senadores e aos grupos influentes na Cidade do México para garantir que os emissários japoneses fossem tratados com o devido respeito. O vice-rei, porém, ainda estava relutante em conceder-lhes uma audiência formal.

O superior suspirou profundamente.

— É porque há algumas pessoas que se opõem a vossos planos.

— Estou ciente.

Eu soube sem perguntar quem trabalhava contra mim. Aqui há aristocratas e barões do comércio que têm negócios com os mercadores espanhóis em Manila. Eles têm medo de que seus lucros diminuam se o Japão começar a fazer comércio diretamente com a Nova Espanha, sem passar por Manila. E, por trás de tudo, como bem sabia o superior, estavam os jesuítas.

— Eles estão dizendo que a petição que submetestes está... cheia de mentiras.

— Em que sentido?

— Escrevestes que o rei dos japoneses receberia mais missionários com prazer. Mas os relatos de Manila dizem que os japoneses são hostis ao cristianismo e que distorcestes a verdade.

— Não posso negar que a situação política do Japão é instável — respondi, falando mais alto do que pretendia. — Ainda há uma luta pelo poder; a família do governante que invadiu a Coreia caiu, e agora um novo xogum está solidificando seu controle do país. No entanto, certamente não poderíamos ter feito esta viagem e vindo à Cidade do México sem a aprovação do xogum.

— Compreendeis o Japão melhor que nós. — O superior sorriu levemente, como se para consolar-me. — Se dizeis que essa é a situação, acreditaremos em vós.

A única preocupação daquele bondoso superior era que eu me tornasse motivo de risos e objeto de escárnio. Seu rosto tímido lembrava o do padre Diego. Imaginei se o padre de olhos vermelhos ainda estava em Edo.

Deixei o escritório do superior e retornei aos aposentos que haviam sido preparados para mim. Ali, acendi uma vela e amarrei os pulsos para evitar as tentações da carne. Eu tinha previsto essas maquinações por parte de meus inimigos. Eu nunca presumi que tudo correria sem percalços desde o começo. É verdade, como os jesuítas dizem, que os cristãos no Japão estão sendo perseguidos e que o naifu e o xogum não estão contentes com o trabalho missionário lá. Mas não há razão para recuarmos e abandonarmos aquela nação ao satã e às religiões pagãs. O trabalho missionário é como a diplomacia. De fato, parece a conquista de uma terra estrangeira. No trabalho missionário, assim como na diplomacia, é necessário recorrer a subterfúgios e estratégias, ameaçando às vezes, cedendo outras – se tais táticas servirem para fazer avançar a difusão da Palavra de Deus, não as considero desprezíveis nem detestáveis. Por vezes, é preciso fechar os olhos a certas coisas para poder compartilhar o Evangelho. O conquistador Cortez desembarcou aqui na Nova Espanha em 1519 e, com apenas um punhado de soldados, capturou e matou multidões de índios. À luz dos ensinamentos de Deus, ninguém diria que esse ato foi apropriado. Mas não podemos nos esquecer de que, como resultado desse sacrifício, hoje incontáveis índios entraram em contato com a palavra de Nosso Senhor e, dessa forma, foram salvos de seus costumes selvagens e começaram a trilhar os caminhos da virtude. Ninguém pode julgar levianamente se teria sido melhor deixar os índios entregues a seus costumes demoníacos ou fechar os olhos até certo ponto ao mal e trazer-lhes a Palavra de Deus.

Se o vice-rei suspeita do conteúdo de minha petição e hesita em conceder aos emissários japoneses uma audiência, então terei que empregar certa estratégia para tranquilizar sua mente. Preparei meu trunfo a bordo do navio...

* * *

Executei minha estratégia. Nos últimos três dias, levei os emissários para visitar pessoas influentes aqui na Cidade do México. Parecíamos mendigos suplicando esmolas. O arcebispo, um homem que engordou com a vida luxuosa, recebeu-nos muito amistosamente no início e olhou com curiosidade para os quatro emissários, que olharam de volta em silêncio e com expressões graves, típicas dos japoneses. O arcebispo tinha o coração fraco e às vezes pressionava a mão atarracada contra o peito, enquanto fazia algumas perguntas superficiais sobre o Japão. Estava claro, porém, que ele não tinha interesse naquela nação asiática.

Atuando quase como porta-voz dos japoneses, enfatizei quão benéfico o comércio com o Japão seria para a Nova Espanha. Por exemplo, os equipamentos navais, a pólvora, os pregos, o ferro e o cobre que eram transportados a Acapulco todos os anos de Sevilha poderiam ser conseguidos a preços muito mais baixos do Japão, enquanto os japoneses estavam ansiosos para comprar seda crua, veludo e lã, que podiam ser obtidos baratos na Nova Espanha. Também apontei que o estanho necessário na Nova Espanha podia ser adquirido em grandes quantidades das regiões japonesas de Nagasaki, Hirado e Satsuma e enfatizei os inconvenientes no caso de as negociações comerciais entre a Espanha e o Japão fracassarem, já que o comércio com o Japão seria monopolizado pela Holanda ou pela Inglaterra.

O arcebispo desfez o sorriso e apertou a mão contra o peito.

— Mas o Japão começou a perseguir os cristãos dezessete anos atrás. Pelo que sei, as perseguições continuam. Será possível enviar missionários espanhóis a um país desses?

Eu sabia que a notícia da execução de vinte e seis mártires em Nagasaki, em 1597, já tinha chegado até mesmo à Nova Espanha.

— A situação está melhorando — expliquei. — Os novos governantes do Japão perceberam que o comércio e o trabalho missionário são inseparáveis e deram ordens ao senhor desses emissários, permitindo o reconhecimento do cristianismo apenas nos domínios daquele senhor. Se o comércio florescer ali, estou certo de que outros nobres farão o mesmo e darão as boas-vindas aos missionários. De fato, os mercadores japoneses que fizeram a viagem comigo se aproximaram por vontade própria e estão escutando a palavra do Senhor.

Fiz uma pausa e, prendendo a respiração, esperei a resposta do arcebispo.

— Eles pretendem ser batizados?

Com seu interesse despertado pela primeira vez pelo trunfo que coloquei diante dele, o arcebispo levantou-se de sua cadeira.

— Acredito que serão batizados.

— Quando? Onde?

— Aqui na Cidade do México. Em breve.

Incapazes de compreender nossa conversa, os quatro emissários ficaram firmes em pé, sem expressão e imutáveis. Era uma bênção para mim o fato deles não entenderem espanhol.

— Por favor, dai vossa bênção a estes emissários.

O arcebispo levantou sua mão gorda e deu aos japoneses a bênção, e os inocentes emissários a receberam. Minha intenção era que aquele arcebispo sobrenutrido informasse imediatamente às pessoas influentes da Cidade do México que alguns dos japoneses seriam batizados em breve. Quando a história se espalhasse, a má reputação dos japoneses certamente seria amenizada.

Encerrando a visita, retornamos ao mosteiro. Lá, reuni os mercadores.

— A carga que trouxestes a Acapulco deve chegar à Cidade do México em breve.

Enquanto eles comemoravam, eu disse-lhes bem claramente que teriam grandes dificuldades para vender as mercadorias. Expliquei que a notícia da perseguição dos japoneses aos cristãos havia chegado ali e que, como resultado, as autoridades não tinham boa vontade para com eles. Depois, dei as costas ao agitado grupo e voltei a meu quarto.

Os mercadores confabularam. Eu sabia do que eles estariam falando. Rezando — sim, rezando —, esperei por sua resposta. Não demorou muito e o mercador de dentes amarelos, o sujeito que no navio havia implorado que eu lhe desse privilégios especiais de comércio na Nova Espanha, arrastou-se até meu quarto com vários companheiros.

— Padre... — O sujeito de dentes amarelos deu um sorriso bajulador. — Padre, todos os homens dizem que querem se tornar cristãos.

— Por que razão? — Minha voz era gélida.

— Porque percebemos o valor dos ensinamentos cristãos — continuou, gaguejando monotonamente, explicando como ele e os outros se sentiam.

Aconteceu exatamente como eu pensara. Conheço muitos cristãos virtuosos que criticariam essa tática. Mas métodos comuns não adiantam para tornar o Japão uma nação de Deus. Ainda que aqueles mercadores pretendessem usar o batismo e mesmo o próprio Senhor para fins de riqueza e comércio, Deus não os abandonaria depois de eles terem recebido o batismo. O Senhor jamais abandona alguém que pronunciou Seu nome ao menos uma vez. É nisso que quero acreditar.

Como eu previra — ou melhor, planejara —, a notícia de que um grupo de japoneses estava para ser batizado passou do arcebispo para as pessoas influentes, da boca de um monge para outro e se espalhou pela cidade. Todos os que encontrei nos últimos dias perguntaram-me sobre esse assunto. Agora espero, como uma aranha espera que a presa caia em sua teia, que os rumores cheguem aos ouvidos do vice-rei. Então, em meio à curiosidade e à satisfação dos cidadãos da Cidade do México, os japoneses receberão um glorioso batismo. E quando isso acontecer, eles terão que admitir que eu, que proclamei essa grande conquista ao povo, sou digno de me tornar o bispo do Japão.

Ó Senhor, serão desprezíveis as atitudes que tomei? Proferi essas mentiras e tramei essas estratagemas para que um dia hinos louvando Vosso nome permeiem todo o Japão e as flores da fé desabrochem por lá em profusão. O solo do Japão é tão duro e estéril que não tive escolha senão empregar tais estratégias para que Vossas sementes brotem lá. Alguém tinha que sujar as mãos. Já que não havia outro, não hesitei em lambuzar-me de lama por Vossa causa. No entanto, por que

sou tão apegado àquela terra e a seu povo? Há muitas outras nações onde o trabalho missionário é mais facilmente desempenhado. Ah, Japão... Quanto mais inflexível és, mais meu espírito de luta se inflama. Sou atraído para ti, Japão, até parece que não há outro país no mundo.

“Assim, buscais o reino de Deus e Sua virtude.” No dia de São Miguel, na capela do mosteiro franciscano aqui na Cidade do México, trinta e oito japoneses foram batizados pelo superior, padre Guadalcázar. Às dez horas, o sino da torre da igreja soou, seu repique ecoando pelo céu azul, e as pessoas correram para presenciar a cerimônia. Os japoneses se alinharam em duas fileiras, cada um segurando uma vela em suas mãos. Ao se levantarem diante do superior, ele perguntou:

— Acreditais no Senhor, em Sua Igreja e na vida eterna?

Todos ergueram as vozes e juraram:

— Eu acredito.

Quando a multidão reunida na capela ouviu aquelas palavras, algumas pessoas se ajoelharam, outras choraram, e todos louvaram ao Senhor e deram graças pelo amor que Deus derramara sobre aqueles estrangeiros. O sino da igreja soou de novo. Enquanto eu servia de assistente do superior, fui tomado por um sentimento de gratidão. Mesmo que aqueles trinta e oito mercadores japoneses estivessem motivados apenas pela perspectiva de riqueza e comércio, certamente o sacramento do batismo poderia suplantar sua ganância. Um a um, os japoneses se ajoelharam diante do superior. Quando ele borrifou a água batismal sobre as testas, eles voltaram às cadeiras com olhares curiosos. Orei fervorosamente por eles.

Para os japoneses, o superior, padre Guadalcázar, proferiu um sermão dizendo que hoje, na Nova Espanha, muitos índios, sob a proteção dos espanhóis, abandonaram costumes bárbaros e crenças heréticas e agora trilhavam o caminho de Deus. Da mesma maneira, aqueles trinta e oito japoneses haviam descartado suas crenças pagãs e tinham sido recebidos entre os virtuosos. Ele pediu que toda a congregação se juntasse a ele e rezasse para que o Japão logo se tornasse um país de Deus. Ele se persignou, e o burburinho na capela silenciou. Todos os presentes se ajoelharam e baixaram a cabeça.

Do altar, dei uma olhada furtiva para os emissários, a quem tinham sido dados assentos na terceira fileira a partir da frente. Nishi observava o andamento da cerimônia com curiosidade e interesse, enquanto Tanaka e Hasekura estavam sentados de braços cruzados, seguindo meus movimentos com os olhos. Só o assento de Matsuki estava vazio, num óbvio sinal de sua oposição à cerimônia.

Depois da missa, falei com Tanaka e Hasekura, apontando para os mercadores, que estavam cercados de gente e recebiam muitos buquês de flores.

— Suponho que pensais que esses mercadores são desprezíveis. No entanto, o povo da Cidade do México agora lhes dá as boas-vindas como amigos. Sem dúvida, suas negociações comerciais correrão tranquilas daqui para a frente. — Os dois homens ficaram calados. — Isso não é tudo. Suspeito que as cerimônias de hoje não deixarão de influenciar a decisão do vice-rei de permitir o comércio com o Japão.

A essa ironia minha, Tanaka desviou o olhar. Hasekura pareceu bastante desconfortável.

O batismo dos japoneses deixou o arcebispo muito satisfeito, e, por meio de seus bons ofícios, foi providenciado um encontro entre o vice-rei Acuña e os emissários ainda mais cedo do que eu imaginara. Os emissários ficaram deliciados quando lhes dei a notícia — até Tanaka conseguiu soltar um sorriso desajeitado.

Na segunda-feira da audiência, os emissários embarcaram na carruagem que o vice-rei enviara para buscá-los e equiparam cada um dos servos com lanças. Acompanhei-os do mosteiro até a residência oficial do vice-rei. A notícia do batismo tinha se espalhado por toda a cidade, e as pessoas que caminhavam pelas ruas acenavam e nos saudavam. Mas os emissários estavam extremamente apreensivos quanto à audiência iminente e nem mesmo as vozes que os cumprimentavam suavizaram as expressões sombrias.

Seu nervosismo aumentou quando nossa carruagem passou pelo portão da residência do vice-rei, que fica situada no coração da Cidade do México; quando avançamos por uma fileira de guardas solenes e a carruagem parou na entrada, senti os joelhos do jovem Nishi tremerem ligeiramente. O vice-rei, um espanhol alto de aparência aristocrática, estava esperando com dois de seus secretários numa sala de audiência decorada com armaduras e lanças reluzentes. Ele ostentava um bigode. Os emissários se curvaram para ele à maneira japonesa, sem ligar para a mão que lhes foi estendida; o vice-rei encolheu os ombros, embaraçado.

O contraste entre esse estilo japonês de saudação e o bombástico discurso de boas-vindas do vice-rei, feito à tradição espanhola, proporcionou um espetáculo divertido. Embora em essência essas duas nacionalidades sejam completamente diferentes, elas se assemelham em seu respeito à formalidade e em seus maneirismos exagerados. O vice-rei expressou gratidão ao rei japonês pela boa vontade que ele demonstrara ao proteger os marinheiros espanhóis naufragados e enviá-los de volta a casa. Ele então parabenizou os emissários pela chegada em segurança do navio japonês à Nova Espanha e expressou esperança de que o Japão e a Espanha prosperassem e florescessem juntos. Quando ele terminou sua longa saudação, Hasekura reverentemente elevou a carta de Sua Senhoria acima da

cabeça e avançou em direção ao vice-rei. Os dois homens agiam com seriedade mortal, sem perceber o papel absurdo que desempenhavam.

O vice-rei, porém, evitou dar qualquer resposta à questão mais importante, meramente me dizendo:

— Faremos o melhor para garantir que os emissários japoneses descansem e relaxem aqui na Cidade do México.

À medida que o tempo passava, os emissários começaram a demonstrar sinais de exasperação, até que o sagaz Matsuki, incapaz de suportar aquilo por mais tempo, pressionou-me a pedir uma resposta à carta de Sua Senhoria.

— Pessoalmente — falou o vice-rei aos borbotões —, não tenho autoridade para responder à carta. Mas é claro que lhes dou minha firme promessa de que transmitirei vossa solicitação a Madri...

Os emissários me olharam surpresos. Os rostos se encheram de preocupação, e eles pareciam crianças procurando ajuda de um adulto.

— Estou certo que os japoneses gostariam de saber quando poderiam esperar uma resposta de Madri — intercedi por eles.

— Devido aos problemas relativos a esse assunto e levando em conta o tempo necessário para deliberar, imagino que demorará meio ano — respondeu o vice-rei, dando de ombros. — Tenho certeza de que sabeis disto, padre, mas o comércio da Espanha com o Extremo Oriente está indissolúvelmente ligado ao esforço missionário, de modo que a opinião do papa também terá que ser considerada.

É claro que eu sabia disso. Eu também sabia muito bem que o vice-rei da Nova Espanha não tinha autoridade para conceder a permissão de comércio com o Japão. Eu tinha ido com os emissários japoneses exatamente por essa razão. Mas fingi estar bastante surpreso, como se aquela fosse a primeira vez que eu ouvia tal coisa; então, expliquei a situação aos japoneses. Meu objetivo era mergulhá-los em confusão, deixá-los impotentes e, na sequência, dirigi-los exatamente como eu desejava.

— O vice-rei diz que a resposta da Espanha demorará um ano — menti.

— Um ano? Devemos esperar um ano?

Os emissários pareciam ter sido golpeados com uma maça. Ignorei a reação deles e me virei para o vice-rei como se estivesse arrasado.

— Os emissários dizem que seis meses é tempo demais para esperar. Se for o caso, afirmam que é melhor irem eles mesmos à Espanha transmitir os desejos do rei do Japão ao rei da Espanha.

— Isso não faz diferença para mim, mas...

Percebendo que o que o vice-rei realmente queria era mandar aqueles incômodos emissários japoneses para longe da Cidade do México, facilitei as coisas nesse sentido.

— Podemos então contar com vossos gentis ofícios para que eles sigam até a Espanha?

— Não posso recusar, se é isso o que os emissários desejam. Mas, por favor, diga-lhes que a viagem daqui à costa oriental está repleta de perigos.

— Perigos? O que quereis dizer?

— Não sabíeis? Estourou uma revolta de índios perto de Veracruz. E não podemos ceder nenhum guarda para acompanhar os emissários japoneses.

Era a primeira vez que eu ouvia tal coisa. Para viajarmos da Nova Espanha até a Espanha pelo oceano Atlântico, tínhamos que primeiro chegar ao porto de Veracruz. E, próximo a Veracruz, uma tribo indígena estava queimando aldeias, demolindo as mansões dos donos de terras e até atacando clérigos.

— Não podemos ficar aqui um ano — pressionou Tanaka, sem entender nada da conversa. — O conselho dos anciãos ordenou que voltássemos no próximo inverno.

— Deixai-me dizer isso ao vice-rei.

É claro que não traduzi a observação de Tanaka ao vice-rei. Pensei rapidamente. A finalidade desta viagem é dar à ordem, não aos jesuítas, o direito exclusivo de evangelizar o Japão e obter minha nomeação como bispo do país. Para conseguir esses objetivos, preciso viajar à Espanha, não importa quais perigos encontre, pois somente o cardeal da Espanha pode nomear-me bispo.

— Eles reconhecem os perigos, mas ainda desejam ir a Veracruz. Eles dizem que assumem toda a responsabilidade. — Agora eu também estava mentindo para o vice-rei. — Gostaria de apontar que, embora algumas pessoas aqui se oponham ao comércio da Nova Espanha com o Japão, esse comércio não é de forma nenhuma sem propósito. Nossos inimigos, a Inglaterra e a Holanda, estão no momento disputando acordos de comércio com o Japão.

Expliquei ao vice-rei as mesmas coisas que havia argumentado com o arcebispo, enfatizando que os protestantes na Inglaterra e Holanda agora estavam de olho no Japão, desde que souberam que abundantes suprimentos de estanho e prata podiam ser obtidos lá por um custo extremamente baixo, mas que o rei do Japão desejava fazer comércio com a Nova Espanha, não com a colônia espanhola de Manila, e que, já que os jesuítas estavam interferindo nas relações comerciais com Manila, seria interessante para nossa ordem atuar doravante como intermediária.

— Eu ficaria grato se pudésseis enviar prontamente à Espanha a notícia de que nossa ordem aqui na Cidade do México foi responsável por batizar certo número de japoneses.

Seus olhos frios faiscaram pela primeira vez.

— Meus relatos não lhe serão desfavoráveis. — Ele bateu suavemente em meu ombro. — Pareceis ter escolhido a profissão errada, padre. Deveríeis ter vos tornado diplomata, não missionário.

Senti pena dos emissários, que deixaram a residência do vice-rei arrasados, mas pessoalmente estava grato a Deus e bastante satisfeito.

Era quase meio-dia quando regressamos, e os transeuntes outra vez gritaram saudações ao verem passar nossa carruagem.

— Já que não há outro jeito — eu disse aos emissários —, irei à Espanha sozinho e tentarei trazer de volta uma resposta favorável.

Eles não disseram nada. Não estavam zangados, apenas não sabiam o que fazer. Passo a passo, seguiam precisamente na direção que eu desejava...

Da residência oficial do vice-rei, os emissários retornaram desanimados ao mosteiro. Ao desembarcarem da carruagem, um índio saiu da multidão que os saudava e puxou insistentemente a manga do samurai. Seu rabo de cavalo pendia às costas e seus olhos brilhavam com uma luz peculiar. Quando o samurai parou, espantado, o homem rapidamente balbuciou algo para ele. Por sobre o clamor da multidão, o samurai não entendeu o que ele disse, então o homem repetiu:

— Eu sou... japonês.

O samurai ficou boquiaberto. Embora tivesse ouvido rumores de que havia um japonês ali, não imaginara que eles se encontrariam tão cedo, num lugar tão inesperado. O homem agarrou firmemente a manga do samurai e não se moveu, como se quisesse sentir o cheiro do Japão por meio de seu rosto e suas roupas. Por fim, algo como um gemido escapou de seus lábios, lágrimas brotaram em seus olhos e escorreram pelas suas bochechas.

— Estou na aldeia de Tecali — disse, rapidamente. — Mas, por favor, não conteis aos padres sobre mim. Eu já fui monge, mas abandonei o cristianismo. — Então o homem percebeu Velasco se aproximando e acrescentou apressado: — A aldeia de Tecali é perto de Puebla. A aldeia de Tecali.

Com isso, desapareceu na multidão. Quando o assombrado samurai recuperou a compostura, procurou o homem entre as pessoas que os observavam. O rosto molhado de lágrimas o encarava e sorria no meio da multidão.

Depois que voltaram aos quartos, o samurai contou aos outros emissários o que acontecera. Os olhos de Nishi brilharam.

— Vamos a Tecali! Talvez possamos usá-lo como intérprete.

— Pensais que podemos ir sem que Velasco descubra? — zombou Tanaka. — Não podemos fazer nada sem Velasco. Tudo acontece do jeito que aquele bastardo quer.

— É por isso que precisamos de nosso próprio intérprete.

— Não podemos usá-lo. — Matsuki também balançou a cabeça. — Ele não disse para não contar aos padres sobre ele, porque rejeitou o cristianismo?

Como sempre nesses debates, o samurai ficou silenciosamente em pé num canto do quarto. Ele não disse nada, em parte porque não expressava bem seus sentimentos em palavras, mas também porque tinha a timidez característica das pessoas do charco. Dentro dele, sempre agia a crença de que ao entrar numa discussão ou nutrir sentimentos desagradáveis por outra pessoa só se obtinha sofrimento. Um homem não expressava seus próprios sentimentos nem suas ideias a menos que, antes, os tivesse analisado com cuidado. Aquela era a natureza dos camponeses do charco, e nisso o samurai não era diferente deles.

— Então vamos ficar parados e fazer só o que Velasco nos diz?

Nem Tanaka nem Matsuki tinham resposta para a pergunta de Nishi. Nenhum deles conseguia decidir como agir.

— Vamos ficar aqui na Cidade do México?

Nishi reiterou a pergunta atrevidamente, como se em retaliação às constantes reprimendas que ele recebia de Tanaka.

— Lorde Velasco disse que iria à Espanha sozinho.

— Velasco não tem nenhuma intenção de ir à Espanha sozinho. — Matsuki balançou a cabeça. — No fundo, ele acha que iremos atrás dele.

Os outros três voltaram sua atenção para Matsuki. Seu sarcasmo e sua maneira cáustica de falar perturbavam o samurai, mas ele tinha que admitir que o homem contava com uma mente aguçada.

— Como sabeis disso? — perguntou Tanaka.

— Colocai-vos no lugar de Velasco — respondeu Matsuki. — De seu ponto de vista, é sem dúvida um grande plano levar os emissários japoneses à Espanha e entrar triunfalmente na capital, exibindo sua conquista diante de superiores e companheiros. Podeis adivinhar o que ele tem em mente se vos lembrais do quão orgulhosamente tem pavoneado aqui pela Cidade do México desde que tornou aqueles mercadores cristãos. A Espanha é a terra natal de Velasco. Na capital, ele converterá os emissários japoneses ao cristianismo e nos exhibirá ao rei, aos dignitários e aos padres cristãos, e todos cairão a seus pés. Esse é o objetivo dele.

— Então seria melhor se ignorássemos os argumentos de Velasco e não fôssemos à Espanha. — Nishi olhou para os outros à volta.

— Mas se ir à Espanha ajudasse a estabelecer relações entre o conselho dos anciãos e a Nova Espanha... — murmurou o samurai, como se para si mesmo.

Tanaka, que estava em pé de braços cruzados, assentiu.

— O que Hasekura diz é verdade. Não importa o que Velasco tenha em mente, cumprir nossa missão é nossa maior prioridade.

— Não tenho tanta certeza. — Matsuki deu um leve sorriso. — Em primeiro lugar, o conselho dos anciãos ordenou que completássemos nossa missão quanto antes e voltássemos ao Japão. Se formos à Espanha, adiaremos muito nosso regresso.

— Mesmo se demorarmos a voltar... Mesmo que demore dois anos, nossa primeira obrigação é completar nossa missão.

— Nesse caso, lorde Tanaka, se isso ajudar nossa missão, seguireis a sugestão de Velasco e vos tornareis um cristão quando chegardes à Espanha? — Matsuki soltou seu sarcasmo generosamente, sabendo que Tanaka desprezava o cristianismo.

— Isso seria tão errado? — perguntou Nishi. — Os mercadores se tornaram cristãos para incentivar os negócios. Se isso ajudasse nossa missão...

— Não faleis bobagens! — A ferocidade na voz de Matsuki assustou os outros. Seu leve e desafiador sorriso desapareceu. — Nishi, não deveis tornar-vos cristão, nem mesmo como meio para vossos objetivos!

— Por que não?

— Não sabeis de nada. — Matsuki olhou compassivo para Nishi.

— Não sabeis nada das lutas internas no conselho dos anciãos. Nunca nem pensastes por que nós, anspeçadas, fomos escolhidos como emissários para essa viagem?

— Não tenho ideia. E vós sabeis, lorde Matsuki?

Nishi e Tanaka olharam fixamente para Matsuki, esperando uma resposta.

— Eu só pensava nisso a bordo do navio. Várias razões ocorrem-me.

— Que razões?

— Uma delas é que eles desejam acabar com as petições dos anspeçadas para a devolução de nossas antigas terras. Se eles enviarem alguns de nós nessa árdua jornada e desaparecermos em meio aos sargaços no caminho, melhor. Ou se formos incapazes de cumprir nossa missão, eles poderão, então, nos punir por deslealdade, como um aviso aos outros.

— Ridículo! — Tanaka pulou da cama. — Lorde Shiraishi me disse muito claramente que consideraria devolver minhas antigas terras se cumpríssemos nossa tarefa como enviados.

— Lorde Shiraishi? — Matsuki sorriu outra vez sarcasticamente. — Mas lorde Shiraishi não é o único membro do conselho. Há velhos conselheiros que não veem com bons olhos as ações da facção de lorde Shiraishi. Estou falando do grupo de lorde Ayugai. Ao contrário de lorde Shiraishi, lorde Ayugai detesta Velasco e os cristãos. Desde o começo, ele se opôs a enviar Velasco como intérprete. Lorde Ayugai acha que espalhar o cristianismo pelos domínios de Sua Senhoria será a raiz de grandes males no futuro.

— Então por que até o naifu e o xogum deram permissão para nossa viagem?

— Lorde Ayugai acha que é uma armadilha para Sua Senhoria, colocada pelo clã do xogum. Sua Senhoria, assim como os daimios dos outros grandes domínios, tem um formidável poder, e lorde Ayugai é da opinião de que Edo pretende esmagá-lo. É por isso que a facção de lorde Ayugai se opôs à nomeação de Velasco, que foi expulso de Edo. As opiniões de lorde Shiraishi acabaram prevalecendo, mas depois de muitos debates o conselho concordou em abandonar a ideia de mandar conselheiros como emissários. Em seu lugar, anspeçadas de baixa hierarquia foram escolhidos.

Matsuki explicou o curso dos eventos em detalhes, como se tivesse observado pessoalmente as discordâncias dentro do conselho dos anciãos. Nem o samurai nem o calado Tanaka, tampouco o jovem Nishi, puderam contestar a lógica articulada de Matsuki. No entanto, apesar da surpresa, algo que eles não podiam abafar pulsava na garganta dos três homens.

Tanaka não conseguiu se controlar.

— Tudo isso é apenas conjectura de vossa parte, não é?

— Suponho que sim.

— Não acredito em nada disso.

— Sois livre para acreditar ou não — retrucou Matsuki. — Mas há algo que preciso dizer a lorde Hasekura e a Nishi. Não vos deixeis enganar pela intensidade de Velasco. Se cairdes em suas armadilhas, mesmo que seja em prol de vossa missão, isso pode ser vossa ruína quando voltardes ao Japão. Se lorde Shiraishi perder influência no conselho antes de voltarmos e a facção de lorde Ayugai assumir o controle, haverá uma mudança na maneira como seremos tratados. Durante nossa viagem, temos que nos adaptar a qualquer maré de mudança nos domínios de Sua Senhoria.

Sua cabeça doía. O debate entre Matsuki e Tanaka se arrastava. O samurai queria ficar sozinho. Discretamente, ele escapuliu do quarto. Ainda era a hora da sesta e os corredores do mosteiro estavam silenciosos. Ele saiu para o pátio. Junto ao lago, um homem emaciado estava pendurado numa cruz, com a cabeça pendendo. Água jorrava da fonte com um ténue gorgolejo e escorria. Flores que ele nunca vira no Japão desabrochavam como chamas sobre a figura esculpida.

Tendo sido criado acreditando que seu pequeno torrão de terra era a soma total do mundo, as manobras políticas de que Matsuki falava não significavam nada para ele. Ele nunca considerara a possibilidade de existirem no conselho dos anciãos complexas redes de inimizade velada totalmente além de sua compreensão.

Simplesmente fizera aquela viagem em resposta zelosa às instruções de lorde Shiraishi.

Esfregou as pálpebras, então olhou indiferente para as flores brilhantes do pátio e escutou o jorro da fonte.

— Posso ir da Nova Espanha... para a terra distante da Espanha — murmurou, pensando no rosto de Riku. — Tudo o que posso fazer é acreditar no que lorde Shiraishi me disse.

Mas isso não era tudo. Em seu coração, sentia uma ânsia de desafiar o sabeduto Matsuki. Ele se sentia compelido a resistir às conjecturas de Matsuki quanto ao que o conselho dos anciãos tinha em mente.

Ele ouviu passos atrás de si. Nishi estava em pé ali. Ele soltou um suspiro.

— Estou exausto.

— Por causa de Matsuki?

O samurai assentiu.

— Ele sempre pensa o pior a respeito de tudo. Não gosto disso nele.

— Lorde Matsuki diz que um de nós deve voltar ao Japão com os mercadores e relatar a situação ao conselho e que os demais devem permanecer na Cidade do México. Ele insiste que, ao entregar a carta de Sua Senhoria ao magistrado da Nova Espanha, cumprimos nossa obrigação. Ele diz que agora devemos simplesmente esperar aqui por notícias de Velasco, uma vez que ele chegar à Espanha.

— Não cumprimos nossa obrigação. Lorde Shiraishi disse para irmos até o fim. Lembro-me de ouvi-lo falar isso. Não posso apoiar o plano de Matsuki.

— Então ireis à Espanha? Eu também quero ir. Nossa missão é uma coisa, claro, mas agora estou fascinado por terras desconhecidas e cidades estranhas. Quero saber quão vasto o mundo realmente é.

O oceano, com ondas batendo umas nas outras. O grande oceano, sem um único traço de terra visível até onde os olhos alcançam, lampejou diante dos olhos do samurai. O jovem Nishi queria ver mais daquele vasto mundo. Mas, para ele, a ideia de entrar naquela vastidão era opressiva. Ele estava cansado. Uma intensa vontade de voltar a seu charco subitamente apertou seu peito, e ele olhou com inveja para Nishi.

Tanaka apareceu no pátio. Ele chutou uma pedra no lago, indicando que a raiva ainda não havia se dissipado.

— Aquele bastardo esperto... — Tanaka soltou uma pilha de insultos a Matsuki. No entanto, ele ainda parecia incapaz de se decidir ao jogar-se sobre uma cadeira no pátio. — Hasekura, não importa o que diga Matsuki, não temos esperança de progredir, a menos que completemos nossa missão. Eu... eu não sei

de nada sobre as intrigas no conselho dos anciãos. Mas, como anspeçada, se quisesse recuperar minhas antigas terras, eu não tinha escolha senão vir à viagem.

O rosto abatido de Tanaka ficou nublado de aflição, e sua voz vacilava como se ele estivesse chorando.

Naquela noite, o samurai visitou os aposentos de Yozo e de outros serviçais. “Aposentos” não é um termo apropriado – em vez de quartos, colchões de palha tinham sido dispostos para os mercadores e os serviçais nos corredores do mosteiro.

Os três homens se levantaram quando viram o samurai. Eles sentiram alguma coisa em sua expressão rígida e esperaram quietos como cães que o mestre falasse.

— Precisamos continuar a viagem. — O samurai piscou. — Vamos atravessar o mar de novo e viajar para outro país distante.

Ele viu que Ichisuke e Daisuke tremiam.

— Foi decidido que lorde Matsuki e os mercadores ficarão aqui; eles embarcarão no grande navio no fim do ano e voltarão a Tsukinoura. — De um só fôlego, o samurai cuspiu as palavras que ele sabia que seriam as mais dolorosas para seus serviçais: — Nós e os outros dois emissários partiremos para a Espanha.

Embora Yozo apenas o olhasse em silêncio, o samurai sabia que, não importando o que acontecesse com Ichisuke e Daisuke, nunca seria abandonado por Yozo. Ele sabia que, assim como ele, Yozo nunca desafiava o curso do destino.

Fiz tudo que tinha que fazer. Deixarei a Cidade do México sem arrependimentos. O superior da ordem e o arcebispo bonachão escreveram uma carta para Madri detalhando o serviço missionário que prestei e relatando que, sob minha tutela, muitos mercadores japoneses foram batizados. E o vice-rei Acuña relatou aos assessores da corte que o comércio com o Japão seria valioso para afastar incursões das nações protestantes. Essas duas cartas servirão para neutralizar as manobras dos jesuítas mais que qualquer carta de recomendação. Posso dizer que minha estada na Cidade do México foi um sucesso.

Enquanto se aproxima o dia da partida, o tempo ainda está claro. Celebro a missa no mosteiro e dou a comunhão aos mercadores japoneses recém-batizados. Eles de fato se tornaram cristãos por causa dos lucros, mas, independentemente dos motivos, entraram em contato com Deus. Aqueles que encontraram Deus não podem fugir de Sua presença. Graças ao batismo, esses mercadores japoneses têm vendido suas mercadorias aos comerciantes daqui e comprado quantidades abundantes de lã e tecidos. Daqui a quatro meses, eles carregarão essas mercadorias no navio e voltarão ao Japão para conseguir um considerável lucro.

— Quando voltardes à cidade do castelo, padre — anunciaram, agradecidos, os mercadores radiantes —, teremos uma igreja construída esperando por vós.

Uma esplêndida proposta! Aquele sujeito de dentes amarelos fez questão de discretamente me chamar de lado e sussurrar em meu ouvido que, se eu lhe providenciasse direitos exclusivos sobre o mercado de lã na Nova Espanha, ele teria prazer em doar um décimo de seus lucros a minha ordem. Meus planos não deram errado. Fico extasiado em imaginar como se parecerá aquela cidade do castelo quando for transformada numa capital cristã mais resplandecente que Nagasaki.

Ainda assim, nem tudo correu como planejado. Como presumi, os emissários japoneses disseram que vão comigo até a distante Espanha, mas Matsuki ficará na Cidade do México sozinho e voltará ao Japão com os mercadores. Presumo que ele solte calúnias contra mim nos ouvidos dos outros emissários, mas é incrível que se separe de seus companheiros e abandone sua missão de emissário na metade. Ele deve ter alguma razão para se atrever a voltar correndo para seu país, pois tal ação

certamente atrairá a censura do conselho dos anciãos. Às vezes fico imaginando se Matsuki teria sido enviado a esta viagem não como emissário de verdade, mas sob as ordens do conselho para observar e relatar meus movimentos a eles. Tal astúcia seria bem típica dos japoneses.

De outro ponto de vista, a retirada de Matsuki é oportuna. Será mais fácil eu fazer as coisas a minha maneira na viagem vindoura se só tiver que lidar com Hasekura, que é a própria encarnação da lealdade; Tanaka, que bravateia como um galo, mas não tem a esperteza de Matsuki; e Nishi, que ainda é um menino. Por essa razão, quando vejo Tanaka explodir com Matsuki, faço o que posso para aplacá-lo.

Não é isso que me preocupa. Estou ansioso a respeito da sublevação da tribo huasteca, que irrompeu em nosso caminho até Veracruz. Essa insurreição é culpa dos estúpidos *encomenderos*. Desde o início, o rei permitiu que *encomenderos* espanhóis, que migraram para a Nova Espanha, tivessem a propriedade de fazendas e pastos, como se fossem da aristocracia. Mas eles se aproveitaram desse privilégio para forçar os índios ao trabalho impiedoso como meeiros. Eles até enganaram os peões para tirar-lhes o pouco de terra que lhes sobrara. Nossa ordem tem se oposto continuamente a esses *encomenderos*, e esse novo levante é resultado de sua tirania. Os huastecas eram originalmente uma tribo dócil, que usava como armas pouco mais que pedras. Porém, disseram-me que conseguiram armas de fogo.

Tolos como esses podem ser encontrados em toda terra subjugada. Aqui os proprietários de terras não tiveram a sabedoria de garantir lucros oferecendo incentivos apropriados aos índios. Talvez não seja exagero dizer que a situação aqui se parece bastante com o fracasso da evangelização do Japão. As falhas em nossos esforços missionários – pressionando apenas pelos objetivos e ignorando a posição e os sentimentos dos japoneses – aparecem aqui na Nova Espanha de um jeito diferente, como conflito entre os *encomenderos* e os índios.

Para meu pesar, nossa jornada deverá levar-nos pela região onde a insurreição está ocorrendo. Não contei aos emissários japoneses sobre esse distúrbio e pedi aos irmãos do mosteiro que se calassem a esse respeito. Meus planos seriam atrapalhados se os emissários hesitassem por causa da rebelião.

Nos últimos dias, tenho recorrido aos Coríntios e ponderado sobre as tribulações de São Paulo em suas viagens missionárias. “Em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos de minha nação, em perigos dos gentios, em perigos no deserto, em perigos no mar”, escreve o Apóstolo. Tudo com o propósito de levar os ensinamentos de Deus aos povos pagãos. Como Paulo, não poupo “vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez”. Porque para mim há o Japão. Aquelas pequenas ilhas, com a forma de um unicórnio, são as terras que o Senhor me deu para

conquistar, o campo de batalha onde devo lutar. Essa certeza tem me fortalecido cada vez que rezo, desde nossa chegada à Nova Espanha.

Duas noites antes de partirmos, o bom superior convidou os japoneses para um banquete de despedida. Bem à moda da festa de Caná, os mercadores tomaram vinho e cantaram. As melodias japonesas soaram monótonas e tediosas a nossos ouvidos, mas os irmãos que compartilharam da mesa observaram que eram bem parecidas com as canções dos índios. Nesse banquete, os japoneses, ligeiramente bêbados, por fim confessaram, rindo, que o ar rarefeito das grandes altitudes da região da Cidade do México tinha sido sufocante para eles e que o cheiro da comida e do azeite de oliva que lhes fora servido tinha sido nauseante. Tanaka foi quem mais bebeu dentre os emissários, mas não ficou nem um pouco desordeiro. Os emissários conservaram a etiqueta japonesa apropriada ao comer sua comida, para a grande admiração dos irmãos.

O banquete terminou. Quando saí da sala de jantar com os monges e caminhei para a capela, com as mãos unidas para as preces da noite, Matsuki chamou-me de lado. Sem que nossos rostos nos traíssem enquanto tentávamos adivinhar os pensamentos um do outro, trocamos palavras de despedida.

— Padre — disse ele, baixinho —, não nos veremos de novo.

— Por que não? Quando a missão estiver completa, eu voltarei...

— Não. Não volteis novamente ao Japão.

— Por que não? — falei, com firmeza, balançando a cabeça.

— Padre... — Matsuki olhou para mim quase suplicante. — Por que quereis perturbar nossa terra?

— Perturbá-la? Não compreendo.

— Nós... não, não somos só nós. Todo o Japão tem vivido em paz até agora. Por que vós, padres, perturbastes nossa paz?

— Não viemos para perturbar. Viemos para compartilhar a verdadeira felicidade convosco.

— Verdadeira felicidade? — Os lábios de Matsuki se retorceram num sorriso atormentado. — Vosso tipo de verdadeira felicidade é intenso demais para o Japão. O remédio forte torna-se veneno no corpo de alguns. A felicidade que vós, padres, pregais é veneno para o Japão. Isso tem sido muito claro para mim, desde que chegamos à Nova Espanha. O país teria vivido em paz se os navios espanhóis não tivessem aparecido. Vossa versão de felicidade perturbou esse país.

— Esse país... — Compreendi o que Matsuki estava tentando dizer. — Não nego que muito sangue foi derramado. Mas reparamos isso. Os índios aprenderam muitas coisas... O mais importante de tudo é que eles aprenderam o caminho que leva à felicidade.

— Então pretendes tratar o Japão como tratastes a Nova Espanha?

— Eu? Não sou tão tolo. Simplesmente desejo oferecer vantagens ao Japão e, em troca, receber permissão para difundir os ensinamentos de Cristo.

— O Japão terá prazer em aprender conhecimentos e habilidades superiores de vossos países. Mas não precisamos de mais nada.

— Que bem vos fará simplesmente copiar nossas habilidades? O que ganhareis obtendo mero conhecimento? Essas habilidades e esse conhecimento foram criados por corações humanos procurando a felicidade que vem do Senhor.

— A felicidade de que falais é uma inconveniência para nossas pequenas ilhas — repetiu Matsuki.

Nenhum de nós cedeu. Por fim, Matsuki se calou, lançou um olhar fixo de ódio em mim, depois se virou e foi embora. Senti, então, como ele dissera, que não nos veríamos novamente.

No dia de nossa partida, o tempo estava claro. Os mercadores se reuniram no portão do mosteiro para se despedir do grupo e desejar que fossem em segurança. Os três emissários lhes confiaram cartas e presentes para suas famílias. Na noite anterior, o samurai escrevera para o tio e para o filho mais velho.

“Escreverei apenas brevemente”, registrou a Kanzaburo. “As coisas estão toleravelmente bem por aqui. Nada de mau aconteceu a Yozo, Ichisuke ou Daisuke. Infelizmente, Seihachi morreu a bordo do navio. Sê obediente e cortês com tua mãe. Eu deveria dar-te muitos detalhes, mas só posso escrever o essencial nesta carta apressada.”

O samurai desprezava aquela carta — ela não transmitia nem um milésimo do que ele sentia em seu coração. Ele pensou no rosto aflito de Riku quando lesse aquelas palavras várias vezes.

Os emissários e Velasco viajaram a cavalo, enquanto os serviçais conduziam burricos carregados de bagagem. O superior e os monges acenaram do meio da multidão de mercadores. O sol brilhava. Quando o samurai pôs os pés no estribo, Matsuki Chusaku inesperadamente correu para o lado dele.

— Escutai. — Ele segurou a calça do samurai. — Tomai conta de vós. Lembrai-vos de cuidar de vossa saúde. — O samurai estava espantado, mas Matsuki continuou: — O conselho dos anciãos não protegerá nem defenderá um anspeçada. A partir do momento em que nos tornamos emissários, fomos sugados para o redemoinho da política. Uma vez nesse redemoinho, não podeis depender de ninguém senão de vós mesmo.

O samurai parou de cavalgar com esse astucioso pequeno discurso. *Acredito no conselho dos anciãos*, pensou em gritar, mas engoliu as palavras.

De sua sela, o samurai acenou para monges e mercadores que davam adeus. Matsuki estava de pé entre eles, com os braços cruzados. A inveja apunhalou o peito do samurai quando ele pensou que aqueles homens voltariam ao Japão antes dele. Mas no charco o samurai sempre fora obediente, e também neste momento ele estava preparado para aceitar o destino que lhe fora dado. Atrás, Yozo, Ichisuke e Daisuke seguiam em silêncio, conduzindo burricos.

Mais uma vez, como na estrada de Acapulco até a Cidade do México, um deserto pontilhado de agave e cactos estendia-se diante dos viajantes. Quando desceram para as planícies, o calor tornou-se intenso. Os índios trabalhando em campos interrompiam suas tarefas, e as crianças correndo atrás de carneiros e cabras ficavam quietas para encarar o estranho cortejo.

À luz implacável do sol, o céu resplandecente não era azul, mas mais para a cor da mica. Um pássaro solitário – a primeira águia-calva que os japoneses tinham visto – pairava lentamente nas correntes de ar. O deserto deu lugar a pobres plantações de milho e pomares de oliveiras. Estes continuaram por mais um tempo, depois se tornaram outra vez um deserto de cactos. Onde havia campos, os índios construíram cabanas, com telhados revestidos de folhas e ramos e paredes feitas de barro. Nos telhados, empoleiravam-se águias-calvas.

Os japoneses passaram pelas ruínas de várias aldeias, com paredes de pedra encaixadas em recessos das colinas polvilhadas de granito. Ainda permaneceram praças desertas, por meio das quais um vento seco estava quase invariavelmente chocalhando. Ao ouvir o som do vento, o samurai se lembrou das palavras que Matsuki berrara quase de modo desafiador:

— Uma vez pego no redemoinho da política, não podeis depender de ninguém senão de vós mesmo.

Tanaka perguntou se as aldeias tinham ficado arruinadas por causa da fome.

— Não foi a fome — disse Velasco. — Nosso ancestral Cortez conquistou as terras dos índios com menos de cem soldados. — Ele parecia quase orgulhoso de sua resposta.

De que adianta especular?, perguntou-se o samurai, enquanto balançava na sela. *Um sujeito ignorante como eu tem que pensar apenas em cumprir sua missão. Tenho certeza de que seria isso o que meu pai diria se estivesse vivo.*

Eles chegaram a um rio. Não havia uma gota de água. Apareceu uma montanha desnuda salpicada de granito. No topo, outra enorme montanha, coberta de neve branca, erguia-se majestosamente no horizonte. Esta era incomparavelmente mais alta e grandiosa que qualquer outra dos domínios de Sua Senhoria.

— É mais alta que o monte Fuji? — perguntou Nishi, assombrado.

Velasco se virou para o jovem e sorriu indulgente.

— É claro que é. Essa montanha é chamada Popocatepetl. Tomado de emoção, Nishi disse as mesmas palavras que já havia falado.

— O mundo é verdadeiramente... vasto.

A alta montanha continuou à vista o tempo todo enquanto eles desciam a colina como uma correição de formigas. Ela não ficava mais próxima, não importava o quanto caminhassem, mas parecia olhar em silêncio para o mundo dos homens. Quando o samurai olhou para ela, as opiniões de Matsuki começaram a parecer triviais. Ele estava agora a caminho de um mundo do qual Matsuki não podia saber nada.

Na quinta noite, os japoneses exaustos e encharcados de suor entraram cambaleando numa cidade que tinham visto antes à distância. Ao se aproximarem das muralhas da cidade, o ar finalmente esfriou, misturando-se ao aroma das árvores, à fragrância das flores e aos odores da vida humana. Tendo caminhado penosamente por terras estéreis, fustigadas pelo sol e desertas, os emissários inspiraram aqueles cheiros profundamente em seus pulmões, como se estivessem tomando água.

— Esta cidade é chamada Puebla.

Quando avistaram os japoneses, os soldados que guardavam os portões da cidade desapareceram apressadamente do lado de dentro. Velasco levantou a mão e interrompeu o cortejo, depois desmontou de seu cavalo para mostrar aos soldados seu passe do vice-rei. Ele não percebeu os três emissários trocando olhares. Puebla. Eles já tinham ouvido aquele nome. Foi mencionado por aquele japonês que se parecia tanto com um índio. “A aldeia de Tecali é perto de Puebla. A aldeia de Tecali.”

O grupo finalmente obteve permissão para entrar e passou pelo portão. Do lado de dentro, fora montado um mercado como aquele da Cidade do México. Os índios de rabo de cavalo, sentados no chão abraçando os joelhos, pareciam estátuas de pedra. Eles haviam colocado em exposição frutas e vegetais, utensílios de cerâmica chamados *talavera*, longos ponchos e *sombreros* de abas largas para vender. Rebanhos de cabras se arrastavam entre essas mercadorias, tinindo os pequenos sinos pendurados no pescoço. Os índios não se mostraram surpresos ao verem os japoneses, talvez pensando que fossem de uma tribo de alguma região montanhosa. Uma pontada aguda de saudade do charco apunhalou inesperadamente o peito do samurai. Ele imaginou o que sua esposa e seus filhos estariam fazendo naquele momento. Talvez a dor fosse do fato de terem viajado durante tanto tempo por uma região deserta e desabitada e agora tivessem chegado a um lugar repleto dos cheiros da humanidade.

Velasco conduziu os japoneses até o mosteiro franciscano em Puebla. Conhecendo o procedimento depois das experiências na Cidade do México, os

japoneses apertavam as mãos dos monges que foram saudá-los, sorriam e assentiam com a cabeça mesmo sem entender o que os anfitriões diziam. Eles foram alojados num quarto grande. O aroma de flores entrava flutuando pelas janelas abertas.

— O que fareis? — sussurrou Nishi ao samurai quando removeu a calça manchada de poeira. — Ireis visitar aquele japonês?

— Eu gostaria, mas tenho uma missão a cumprir. — O samurai baixou a voz, para que Tanaka não pudesse ouvi-lo. — Ele deve saber que chegamos a Puebla. Tenho a sensação de que aparecerá de novo.

Caiu a noite. Quando se deitaram depois do jantar, ouviram o repicar de sinos, tal como tinham ouvido na Cidade do México. Aquele sino soava a partir da grande catedral erigida trinta anos antes, na principal praça da cidade. Ao ouvir o sino, os japoneses, cansados de sua jornada pelo deserto, caíram num sono profundo. Logo houve passos no corredor; Velasco, carregando uma vela, deu uma olhada no quarto deles. Depois de constatar que todos dormiam em paz, escapuliu discretamente.

Em seu sonho, o samurai estava outra vez de volta a sua casa. Um céu baixo, de chumbo, que parecia prestes a soltar um turbilhão de flocos finos de neve, pendia sobre tudo. Ele e Yozo, envoltos em casacos de palha e com os pés em botas também de palha, esperavam com a respiração suspensa na borda do charco. O lugar ainda estava salpicado de neve congelada. De trás de uma moita de caniços secos, eles podiam ver um bando de patos reunidos na superfície negra do lago. Yozo cutucou o ombro do samurai e apontou para um único cisne branco, com seu longo pescoço estendendo-se para a água, debaixo de uma árvore bem dentro do charco.

O samurai assentiu e escutou quando Yozo assoprou as brasas do fogo. Ele imaginou vagamente de onde aquele pássaro teria migrado. Todo ano, bandos daqueles cisnes voavam alto pelos céus de inverno para visitar o charco. Eles cruzavam o oceano de alguma terra distante e estranha.

A um sinal de Yozo, o samurai apressadamente enfiou os dedos nos ouvidos. O estrondo do mosquete foi trovejante. Dúzias de patos ergueram-se no ar. O cisne branco saltou e depois caiu na água. Ele foi embora deslizando, batendo as asas. O estrondo da arma se propagou pelo ar gelado como as ondas que se formaram na superfície da água. *Estou contente de termos errado o tiro*, pensou o samurai. A reverberação do tiro continuou em seus ouvidos, e o cheiro de pólvora agarrou-se persistentemente em suas narinas...

A conjectura do samurai se provou correta. Quando os emissários japoneses e seus serviçais visitaram um mercado próximo ao mosteiro na noite seguinte, o japonês observava de perto.

Alguns dos índios do mercado imitavam os espanhóis usando *sombrero* e sandálias de couro, mas a maioria estava nua da cintura para cima, com o longo cabelo caindo em volta dos largos ombros. Os japoneses ficaram fascinados com as mercadorias que os índios haviam espalhado no chão e com a peculiar conversa quando eles juntaram suas trouxas e se prepararam para partir. Quando Daisuke colocou de brincadeira um *sombrero* em sua cabeça e fez todos rirem, o samurai olhou para cima e percebeu o japonês observando-os com inveja de trás de um sicômoro grande e empoeirado, a uma pequena distância.

— Olá! — O samurai correu para junto do homem. — Viestes, afinal. Por que não viestes aos alojamentos?

— Não posso ir lá, mas estou esperando aqui por vós desde o início da tarde.

Tanaka e Nishi também se aproximaram para conversar com o monge renegado.

— Tecali fica perto daqui?

— Fica junto ao charco, nos arredores da cidade.

Com os olhos fechados, como se estivesse se lembrando de algo, o homem passou as mãos pelas roupas deles, como fizera antes.

O sino da igreja tocou. Era o sino do Ângelus, mas para os japoneses também era um sinal de que o jantar estava pronto. Velasco os tinha instruído a voltar ao mosteiro quando ele soasse.

— Temos que voltar — ordenou Tanaka. — Se nos atrasarmos, as pessoas dirão que não temos modos.

— Por favor, contai-me sobre o Japão. Quando ireis embora daqui?

— Amanhã. Logo depois do meio-dia, pelo que sei.

— Tecali é muito perto. Amanhã cedo terei um guia índio esperando por vós aqui na praça.

— Não podemos fazer isso. — Inflexível, Tanaka balançou a cabeça. — Viemos a este país para cumprirmos uma missão. Se sairmos dos limites e algo nos acontecer, isso poderá prejudicar nossa missão.

O monge assentiu, desconsolado. Ele ficou em pé ao lado do sicômoro e observou os japoneses voltarem ao mosteiro.

O frio o despertou. À luz do luar, ele viu Nishi enrolar suas pernas em volta das canelas, tomando cuidado para não acordar ninguém. Então, sentindo o olhar do

samurai sobre ele, o jovem mostrou seus dentes brancos, embaraçado. Aquele sorriso tornou evidente ao samurai aonde ele estava indo.

— Não vos causarei nenhum problema. Estarei de volta antes do amanhecer.

O samurai deu uma olhada rápida para Tanaka, que dormia profundamente.

— Não compreendeis o idioma. Como conseguireis?

— Ele disse que mandaria um guia.

O samurai se lembrou do monge renegado alisando suas roupas e implorando-lhes para contarem notícias do Japão. No entanto, ele entendia a firmeza de Tanaka ao dizer que sua missão era mais importante que qualquer outra coisa.

— Por favor, deixai-me ir. — Nishi levantou-se silenciosamente.

O samurai invejava a ardente curiosidade de Nishi e sua personalidade juvenil e resoluta. Ele mesmo e Tanaka, cuja única esperança era que nenhum contratempo compromettesse sua missão, não tinham esses atributos.

— Estais determinado a ir?

— Sim.

— Esperai. — O samurai sentou-se na cama e deu uma olhada em Tanaka, que roncava. Ele foi acometido de um desejo de rebelar-se contra Tanaka e contra algo dentro de si mesmo. — Vamos — disse, levantando-se.

O samurai vestiu-se rapidamente, e os dois homens saíram de mansinho do quarto.

Nenhum deles tinha uma vela, mas o luar, brilhando através das janelas do corredor, guiou-os até a porta que dava para o pátio. Enquanto o mosteiro dormia, o pátio estava banhado na luz pálida da lua e perfumado com o aroma intenso das flores tropicais.

A cidade ainda estava num silêncio mortal quando os dois homens escapuliram do mosteiro sem ser vistos. Debaixo de uma árvore em que havia burricos amarrados, vários índios se esparramavam deitados, como uma pilha de trapos. Um deles abriu os olhos e disse algo incompreensível.

— Tecali — repetiu Nishi, oferecendo ao homem um estojo de remédios como presente. — Tecali.

O homem pegou o estojo de remédios, cheirou-o e desamarrou as rédeas de três burricos da árvore, dizendo:

— *¡Vamos!*^[1]

Eles passaram pela cidade adormecida e saíram pela alta muralha negra.

Quando os burricos cruzaram um rio seco, a escuridão da noite começou a romper-se, e o horizonte tingiu-se de um tom rosado. Enquanto aquela linha rosada gradualmente se alargava, os homens chegaram a um charco. Sua superfície era vermelha como sangue, e aqui e ali pássaros aquáticos agitavam as asas ao voar

dos caniços. Para além do charco, uma cadeia de montanhas repousava sob o sol dourado.

— *Para aquí.* — O índio puxou as rédeas de seu burrico, que ofegava soltando baforadas brancas. — Tecali.

O sol da manhã iluminava um amontoado de aproximadamente dez cabanas com telhados feitos de caniços. Na entrada de uma das cabanas, uma índia de rabo de cavalo e nariz achatado lavava-se com a água de um balde. Quando Nishi gritou em espanhol, numa voz alta, ela virou a cabeça na direção deles.

— *¡Japoneses!*

Mas a mulher, que parecia uma relíquia de tempos antigos, olhou para eles sem expressão e não respondeu. O sol começou a bater nos campos de cana-de-açúcar e milho mirrados, num presságio do calor que faria durante o dia. Por toda a parte, índios de torso nu apareceram das cabanas. Um deles soltou um grito. Era o monge renegado.

— Obrigado por verdes. Obrigado por verdes! — Ele estava ofegante, correndo para encontrar os emissários. Enquanto ele falava, a saliva se acumulava em sua boca, mas ele continuava falando, como se tivesse sido proibido de dizer qualquer coisa por muitos anos e finalmente tivesse permissão para falar.

Ele contou que tinha nascido em Yokoseura, na província de Hizen. Na juventude, perdera o pai e a mãe numa guerra e fora adotado por um padre cristão que pregava o Evangelho naquela área, tornando-se serviçal do padre. Juntos, viajaram por toda a ilha de Kyushu. Quando começaram as perseguições aos cristãos e os missionários decidiram entrar na clandestinidade, aquele padre providenciou, com a ajuda de um colega, que o jovem fosse num navio para Manila, a fim de estudar no seminário de lá. Embora tivesse se ordenado monge, ele começou a ficar desapontado com o clero. Por insistência de um conhecido que era marinheiro, embarcou num navio rumo à Nova Espanha, convencido de que iria para um mundo completamente novo. Depois de uma viagem longa e difícil, chegou à Cidade do México, onde por algum tempo fez tarefas diversas no mosteiro. Mas também lá sentiu que era impossível sentir-se próximo aos padres e se desencantou cada vez mais. Ele fugiu, juntou-se a um grupo de índios e agora vivia com eles naquele povoado.

— Não retornareis jamais a vosso lar no Japão? — perguntou o samurai.

O monge renegado deu um sorriso triste.

— Não tenho parentes. Mesmo se retornasse, não haveria ninguém para dar-me as boas-vindas. E os cristãos são...

— Mas abandonastes o cristianismo, não?

— Não, não, ainda sou cristão. É só que... — Ele interrompeu a fala. Então soltou um olhar de resignação, sugerindo que não conseguia expressar seus

sentimentos em palavras. — É só que... eu não acredito no cristianismo que os padres pregam.

— Por que não?

— Coisas atrozes aconteceram aqui na Nova Espanha antes de os padres virem. Os estrangeiros tomaram as terras destes índios e expulsaram-nos de suas casas. Muitos foram brutalmente assassinados; os sobreviventes foram vendidos como escravos. Por toda parte que olhardes, vereis aldeias que tiveram que abandonar. Ninguém vive nelas agora, só as casas e paredes de pedra ainda estão de pé.

Os dois emissários se lembraram das ruínas que haviam visto no deserto entre Acapulco e a Cidade do México e na viagem de lá para Puebla. Enterradas na areia e cobertas de mato, as praças dessas aldeias arruinadas só eram visitadas pelo uivo lamentoso do vento.

— Mas a guerra é assim mesmo — murmurou o samurai. — É a mesma coisa em todo país derrotado.

— Não estou falando de guerra. — O homem fez uma careta. — É que os padres que vieram mais tarde para este país esqueceram os muitos sofrimentos do povo indígena... Não, eles não esqueceram. Eles fingem que nada jamais aconteceu. Eles simulam ignorância e, num tom aparentemente sincero, pregam a misericórdia e o amor de Deus. Foi isso que me desagradou. Só palavras de beleza saem dos lábios dos padres deste país. Eles nunca sujam as mãos na lama.

— Foi por isso que abandonastes o cristianismo?

— Não, não! — O monge renegado olhou para trás. Vários índios estavam de pé na frente da cabana atrás dele, olhando para os japoneses. — Não importa o que os padres digam, acredito em meu próprio Jesus. Meu Jesus não é encontrado nas catedrais suntuosas. Ele vive entre estes índios miseráveis... É nisso que acredito.

De um só fôlego, o monge renegado cuspiu tudo o que segurara por tantos anos. O samurai estudou o homem, como se mirasse algo bem distante. Quase parecia que não ouvira nada senão conversa sobre o cristianismo desde o dia em que saíra de Tsukinoura. A contar de sua chegada à Nova Espanha, em todo lugar por onde passaram, eles viram homens e mulheres se ajoelhando nas igrejas e imagens de um homem repulsivo e emaciado iluminadas pelas chamas de muitas velas. A própria vida daquele vasto mundo parecia centrada no fato de as pessoas acreditarem naquele homem detestável ou não. Mas, como japonês criado num pequeno charco, ele não sentia interesse nem preocupação por aquele homem chamado Jesus. Tal religião lhe era estranha e continuaria assim enquanto ele vivesse.

O homem parou de falar e tocou as roupas de Nishi com os dedos. Ele as acariciou várias vezes e exclamou:

— Ah, elas têm o cheiro do Japão!

— Por que não retornais?

O samurai sentiu pena do homem, não mais distinguível como japonês nem como índio.

— Os mercadores que vieram conosco pegarão um navio de volta ao Japão no fim do ano. Gostariéis de ir com eles?

— Estou velho demais para voltar. — O monge renegado baixou os olhos para o chão. — Eu... aonde os índios forem, eu irei; onde eles ficarem, ficarei. Eles precisam de alguém como eu para enxugar seu suor quando ficam doentes, para segurar suas mãos no momento da morte. Os índios e eu... estamos todos sem casa.

— Então não vos veremos de novo?

— Estes índios não ficarão aqui para sempre. Quando esta terra perder sua riqueza, eles se mudarão para outro lugar. Então, se for a vontade do Senhor, talvez nos encontremos de novo.

Na sequência, perguntou ao samurai e a Nishi para onde eles estavam viajando.

— Veracruz — disse Nishi. — Lá, pelo que entendi, embarcaremos em outro navio.

— Veracruz? — O homem pareceu perplexo. — É muito perigoso!

— Perigoso?

— Não sabíeis que a tribo huasteca daquela região se rebelou? Estão queimando aldeias espanholas e botando fogo nas casas.

— Uma rebelião?

— Quando são pisados a esse ponto... nem mesmo índios dóceis suportam.

Velasco não lhes dissera nada. Aquela era a primeira vez que ouviam falar do levante. O samurai olhou para o rosto assombrado de Nishi e apertou seu punho suado. Desde a partida da Cidade do México, Velasco tagarelara confiante do alto de sua sela, constantemente exibindo um sorriso arrogante.

— Tendes certeza?

— Todos sabem que os huastecas estão usando armas de fogo e pólvora. É melhor pensardes duas vezes antes de irdes a Veracruz.

— Temos que ir.

O samurai repetiu as palavras com veemência para animar-se:

— Temos que ir!

Surpreendentemente, ele não tinha absolutamente nenhum desejo de voltar à Cidade do México. Apesar de ter com frequência vacilado por causa das observações de Matsuki Chusaku, ele agora estava decidido.

— Desejais retornar, Nishi?

— Se fordes continuar, lorde Hasekura, não tenho objeções.

O monge renegado os acompanhou até o limite dos campos.

Os pés de milho empoeirados balançavam languidamente na brisa que soprava do charco. Uma imagem entalhada em madeira de um homem numa cruz erguia-se à beira dos campos como a divindade guardiã daquele povoado. O homem emaciado no crucifixo tinha rabo de cavalo, nariz achatado e olhos cheios de uma resistência sombria, como aqueles dos índios que haviam sido vendidos como escravos pelos espanhóis. A seus pés jazia uma poça de cera derretida, como se fossem lágrimas derramadas pelo próprio homem.

— À noite, os índios vêm aqui rezar — disse o ex-monge. — Eles contam a este Jesus suas dores e suas tribulações.

Ele enfiou as mãos na camisa suja e puxou um rosário feito de sementes e um pequeno maço de papéis, gasto nas bordas.

— Não tenho nada para lhes dar. Por favor, aceitem isto. É um relato da vida do Salvador, escrito por mim.

Não havia razão para recusar o presente. Ao lado dos caniços do charco, o homem que os guiara até ali os esperava pacientemente com os burricos. De alguma forma, os olhos dos burricos pareciam os do monge renegado. Numa língua que os japoneses não compreendiam, seu compatriota deu instruções ao índio.

O sol já estava alto quando eles retornaram a Puebla. Vários índios em pé na estrada repararam neles e olharam quando os dois homens desmontaram de seus burricos. Eles entraram discretamente no pátio do mosteiro e deram uma olhada no quarto. Tanaka estava polindo, carrancudo, a bainha de sua espada.

— Fostes a Tecali? Depois que eu vos disse para não irdes? — Ele olhou zangado e de modo acusador para os colegas emissários.

Nishi lhe contou sobre a rebelião dos índios, da qual tinham ficado sabendo pelo japonês.

— Será que lorde Velasco pensou que teríamos medo?

Aquela observação enfureceu Tanaka.

— Será que ele pensou que nos encolheríamos como os índios? Verei o que Velasco tem a dizer sobre isso! — Ele pôs de lado a espada e se levantou.

— Não fazei isso. — O samurai balançou a cabeça. — Velasco simplesmente inventará desculpas astutas para o que fez. Não importa o que tenha a dizer, esta é uma jornada que temos que fazer.

Mais uma vez, o samurai teve a sensação de desafiar o próprio destino ao ir naquela viagem. Enquanto não conhecia nada senão o charco, ele nunca pensara em nada, apenas em sua vida ali. Mas agora ele percebia que tinha mudado. O charquinho, o tio com as tediosas queixas ao lado da lareira, as ordens do conselho dos anciãos — pela primeira vez desde sua partida da Cidade do México, o samurai

desejou rebelar-se contra aqueles inexoráveis elementos do destino que tinham sido atirados contra ele.

* * *

Os japoneses avançavam como formigas carregando comida. Eles não pareciam progredir muito, apenas prosseguir lentamente por um planalto vasto e de aparência imutável. Velasco e os três emissários montavam cavalos, rodeando os burricos carregados de vários fardos de sela cada um. Os serviçais se arrastavam ao lado em silêncio. Ao norte, eles podiam ver uma cadeia de montanhas; uma águia-calva circulava sobre eles, flanando nas correntes de ar.

Velasco e os três emissários sabiam que ainda estavam a uma grande distância do local da revolta indígena. Colinas salpicadas de calhaus brancos, pedaços de terra torrados e rachados pelo sol, leitos de rios em que árvores retorcidas jaziam como ossos embranquecidos... Depois que deixaram essa paisagem esturricada para trás, apareceram campos de milho cobertos com uma camada de poeira. Nenhuma dessas cenas se parecia com as paisagens suaves e gentis do Japão. O samurai sentiu saudades do charco, da água fria dos campos de arroz e das rodas-d'água girando.

Sem dúvida, memórias semelhantes eram saboreadas pelos outros emissários e por seus servos, mas nenhum deles expressava esses sentimentos. O calor e a exaustão os haviam feito ficar calados, taciturnos.

Mas quando lutaram para chegar ao alto de uma pequena colina de granito no quinto dia depois de saírem de Puebla, uma paisagem inesperada se estendeu abaixo. O primeiro bosque de pinheiros que eles viram desde a chegada àquele país cercava um grupo de cabanas indígenas de barro, e campos bem cultivados se espalhavam ao lado do bosque. Ao contrário dos pinheiros japoneses, aquelas árvores eram de uma variedade com espinhos moles, mas um pinheiro era um pinheiro, afinal.

— Oh! — gritaram, em uníssono, os japoneses.

Eles correram para as árvores, arrancando os espinhos e avidamente sorvendo o aroma. Alguns apertaram os espinhos com as mãos suadas e desfrutaram o toque. Os pinheiros tinham um cheiro inconfundível de Japão.

— Lá em casa deve ser época do *mushiokuri* — disse Ichisuke a Daisuke.

Os olhos do samurai ficaram distantes quando ele ouviu aquelas palavras.

O *mushiokuri* era um festival realizado para afastar as doenças do charco. De acordo com o costume, os homens, carregando tochas, marchavam tarde da noite percorrendo as aldeias de oeste para leste.

— Quero ir para casa — murmurou Daisuke para Ichisuke. — Quero voltar agora!

Yozo ouviu aquilo e repreendeu Daisuke.

— Idiota!

Mas o samurai se aproximou e balançou a cabeça.

— Eu sei que desejais voltar. Eu mesmo não sei quando poderemos retornar nem que tipo de país encontraremos quando chegarmos à Espanha. Mas farei de tudo para que vossas tribulações não sejam em vão.

Quando o samurai falou essas palavras, seus três serviçais olharam seus olhos fundos e assentiram tristemente. Como estátuas, ficaram de pé olhando uns para os outros. De repente, surgiram lágrimas nos olhos de Yozo, mas ele virou a cabeça para os outros não verem.

No sétimo dia, eles avistaram o primeiro local povoado que encontraram naquela etapa da viagem: Córdoba. Chegaram logo depois de uma chuva vespertina e, à sombra das casas em estilo espanhol e suas cercas brancas, flores parecidas com chamuscas tremiam na brisa fria, enquanto nuvens cor de palha flutuavam lentamente pelo céu. Aos gritos das crianças, as pessoas do lugar reuniram-se na entrada da cidade.

Quando os japoneses chegaram à pequena praça, foram recebidos pelo prefeito e pelos principais dignitários locais. O prefeito, um dos proprietários de terras da região, apertou as mãos de Velasco e depois examinou os japoneses cobertos de poeira da mesma forma que inspecionaria ovelhas que um índio tivesse levado para vender. Mas não deixou de falar suas palavras de boas-vindas, acompanhadas de gestos espanhóis exagerados.

— Padre — disse o prefeito, mantendo os olhos fixos nos japoneses —, se não vos importardes em nos dizer por que esses orientais vieram até aqui...

— Deveis ter ouvido isso do vice-rei na Cidade do México — rosnou Velasco, como se ele mesmo tivesse sido menosprezado. — Estes homens são enviados diplomáticos do Japão; suponho que serão tratados aqui, como em todo lugar, como embaixadores estrangeiros.

No entanto, de alguma forma, a aparência dos japoneses era miserável demais para eles serem embaixadores. Suas roupas e suas pernas estavam cobertas de poeira da longa viagem, e eles mantinham um rígido silêncio, com o rosto azedo e sem o menor sinal de afabilidade.

— Gostaríamos de convidá-los para jantar nesta noite — anunciou o prefeito, depois de deliberar aos sussurros com seus colegas influentes, dos quais nenhum tinha a menor ideia de onde ficava o Japão nem que tipo de país poderia ser.

O samurai e os outros emissários estavam com muito mais vontade de dormir que de comer. Nem o samurai nem Tanaka tinham apetite pela comida espanhola, embora Nishi fosse uma exceção. Mas Velasco ignorou seus sentimentos e respondeu:

— Tenho certeza de que os embaixadores terão prazer em juntar-se a vós.

Os serviçais foram escoltados até a sala de reuniões da cidade, que serviria de alojamento naquela noite. Os três emissários e Velasco caminharam com o prefeito até a residência dele. Então, num estado de total exaustão, os emissários foram forçados a ouvir uma saudação interminável, que eles não entendiam. Na sequência, a comida foi servida.

— Japoneses não comem carne.

Ao ouvir a explicação de Velasco, o prefeito e os dignitários mais uma vez olharam para os japoneses como se avaliassem o preço de animais domésticos.

Depois do jantar, o prefeito mandou um serviçal buscar um globo em seu escritório. Ele queria perguntar a Velasco onde ficava o país chamado Japão. No globo, que tinha a forma de um ovo de avestruz, só estavam grosseiramente delineados os contornos da Índia e da China. O Japão era mostrado como uma península escorrendo da borda oriental da China, como se fosse uma gotícula de água.

— Isso não está correto. — Incapaz de suportar a ignorância de seus compatriotas e a imperfeição do globo, Velasco deu de ombros, exasperado. Ver o Japão diminuído era ter ridicularizado o objeto em que ele investira sua vida. — Isto não é o Japão!

— Qual é o tamanho do Japão, padre?

— É uma pequena nação insular. Provavelmente, menos de um quinto do tamanho da Nova Espanha.

— Então é um quinquagésimo do tamanho do Império espanhol? — Um dos dignitários riu. — Por que o vice-rei das Filipinas simplesmente não toma essas ilhas? Isso tornaria vosso trabalho missionário muito mais fácil, padre. E poderíamos criar novas estâncias lá.

— O Japão é pequeno, mas não fica atrás de nenhuma nação no que se refere à guerra. Não séreis capazes de pisoteá-los até a submissão, como fizestes como os índios aqui.

Incapazes de compreender a língua, os emissários ficaram excluídos da conversa e abafaram bocejos enquanto olhavam para o globo. Um dos dignitários, ainda escutando os comentários de Velasco sobre o Japão sem acreditar muito neles, apontou a Espanha e suas muitas colônias.

— *España. Sí, España* — repetia como os interlocutores fossem crianças. Por fim, ele apontou para a pequena gota pendurada no continente a partir da China. —

Japão — disse, suavemente.

— Não compreendeis. — Velasco virou seus olhos penetrantes para o homem. — Com um porto no Japão, uma nação pode dominar o Pacífico. É por isso que os protestantes na Inglaterra e na Holanda estão neste exato momento fazendo tudo o que podem para estabelecer relações amistosas com os japoneses. A Espanha deve tomar a iniciativa primeiro. Por essa mesma razão, o vice-rei Acuña, da Cidade do México, solicitou que Sua Majestade, o rei, concedesse a estes embaixadores uma audiência.

A essas palavras, o silêncio envolveu a sala de jantar. É claro que Velasco tinha inventado que o vice-rei na Cidade do México solicitara uma audiência com o rei, mas a observação teve efeito. Os *encomenderos* da Nova Espanha ficaram devidamente impressionados com a palavra “rei”.

Com um olhar triunfante, Velasco olhou para os exaustos japoneses e falou lenta e suavemente:

— Estes tolos estão impressionados de saberem que vós vos encontrareis com o rei da Espanha.

— Rei? O que quereis dizer com “rei”? — perguntou Tanaka.

— É o governante supremo. No Japão, por exemplo, o naifu é o rei.

— Vamos nos encontrar com esse rei da Espanha?

— Por que não? — Velasco soltou seu habitual sorriso confiante. — Sois embaixadores do Japão, afinal...

Exauridos pelo cansaço da viagem, os três emissários pareciam quase atordoados com aquela notícia inesperada. Anspeçadas que nem tinham autorização para uma audiência com Sua Senhoria agora encontrariam o rei da Espanha.

— Isso é verdade?

— Por favor, deixai tudo por minha conta. — Em algum momento, Velasco começara a acreditar que sua mentira não era mentira, mas algo que ainda se tornaria realidade. Não, não era mentira. Era um objetivo, uma aspiração que ele deveria tornar real.

— Os embaixadores estão cansados e gratos por vossa gentileza.

Ansiosamente, o prefeito puxou Velasco para um canto.

— Padre, estais de partida amanhã?

— Esse é o plano.

— Estais sabendo que o caminho para Veracruz é perigoso?

— Os huastecas podem nutrir antagonismo contra vós, *encomenderos* espanhóis. — Velasco olhou de modo irônico para o prefeito. — No entanto, duvido que sintam qualquer ódio contra embaixadores de uma nação insular que parece tão pequena e distante para vós.

Ao retornarem aos alojamentos na prefeitura, os emissários estavam fisicamente exauridos, mas sua empolgação não tinha diminuído. Eles teriam uma audiência com um rei, algo que nunca imaginaram.

Depois que as velas se apagaram, a voz empolgada de Nishi ecoou no escuro:

— Agora que vamos encontrar o rei, praticamente completamos nossa missão.

— Isso se de fato tivermos uma audiência direta com ele — retrucou o samurai, virando-se na cama para ficar de frente para Nishi. — Mas... não sabemos se o que Velasco diz é verdade.

— Concordo com Hasekura. — A voz de Tanaka foi ouvida da direção da janela aberta.

Depois disso, os três homens ficaram calados, mergulhados em pensamentos, deitados com os olhos abertos no escuro. Embora ainda não confiassem em Velasco, pensaram em si mesmos sendo recebidos por um rei. Homens que não eram mais que insignificantes samurais rurais podiam atravessar o mar e ter uma audiência com o rei de um país! Era inconcebível, o equivalente a viajar para Edo e ter uma audiência com o naifu ou o xogum. A euforia dominou como ondas do fundo de seus corações a cada canto dos corpos. Era quase suficiente para desfazer todas as dúvidas e as suspeitas que eles tinham a respeito de Velasco. Finalmente, o cansaço do dia os conduziu a um sono profundo.

Quando o grupo partiu de Córdoba sem nuvens na manhã seguinte, cercado de burricos e serviçais, seus passos eram suavizados pela euforia. As preocupações quanto à rebelião indígena tinham praticamente desaparecido de seus pensamentos. Enquanto os emissários avançavam em cavalos, era Velasco que ocasionalmente olhava numa luneta para a cadeia de colinas a distância. Nuvens de tempestade bordejadas de ouro pairavam sobre as colinas, que pareciam cobertas de um fino pó.

Eles chegaram a uma planície coberta de pedregulhos. As sombras das nuvens fluíam sobre seu caminho. Cactos se erguiam austeros como velhos mal-humorados inspecionando o grupo, e piolhos zumbiam e roçavam os rostos banhados de suor.

Ao olhar para o atordoante horizonte daquela ampla planície, o samurai pensou no oceano que ficava atrás dela e no país chamado Espanha, que ficava na extremidade mais distante daquele oceano. Oceanos e países que ele nunca vira. Um destino que ele nunca imaginara para si, mas que agora se sentia impelido a aceitar sem reclamar.

Aqui e ali, observaram as ruínas de altares abandonados pelos índios. Velasco explicou que, assim como os japoneses, os índios daquela região adoravam o Sol

desde muito tempo. Pedestais feitos de pedra vulcânica vermelha e pilares de pedra, agora jazendo em ruínas no chão, tinham sido entalhados com estranhas marcas. Lagartos, com o dorso brilhando ao sol, corriam entre as inscrições.

À tarde, o grupo descansou por um tempo em meio a algumas daquelas ruínas. Languidamente, os integrantes beberam a água que carregavam em tubos de bambu e espantaram os piolhos.

Eles olharam distraidamente para a planície ondulada, ainda pontilhada com sombras de nuvens. O plano era cruzá-la ao anoitecer até alcançar uma estância onde passar a noite. Na outra extremidade da planície, uma nuvem de areia subia ondulando para o céu como um borrito d'água. Depois de um tempo, seus olhos cansados perceberam que o que eles estavam vendo não era areia, e sim uma coluna de fumaça amarela.

— Parece um sinal de fumaça... — Tanaka saltou do pilar de pedra em que estivera sentado e fez sombra em seus olhos com a mão.

— Não, não creio que seja. — Nishi balançou a cabeça.

Os japoneses se lembraram do sinal de fumaça indígena espiralado sobre a montanha desnuda perto de Iguala, muitos dias antes. Aquela fumaça era grossa demais para ser um sinal, e não havia outros sinais em resposta.

— Estou vendo chamas. — Em pé, separado dos outros, Velasco segurava a luneta na altura dos olhos.

Os três emissários olharam para ele, esperando um relato.

— Devem estar queimando um bosque numa das estâncias. — Ele baixou a luneta dos olhos, com ar de indiferença. — Neste país, costumam queimar bosques de árvores para dar lugar a campos.

— Lorde Velasco... — A voz de Tanaka estava cheia de raiva. — Não há razão para nos esconderdes mais nada. Sabemos de tudo.

Desprevenido, o rosto de Velasco se ruborizou, e ele gaguejou quando tentou se explicar.

— Lorde Tanaka, não escondi nada por maldade.

— Isso não tem importância. — Tanaka balançou a cabeça, emburrado. — Vossa preocupação desnecessária conosco é mais um aborrecimento que qualquer outra coisa. Não somos mulheres nem crianças. Isso não é nada além de uma revolta de camponeses, afinal. O que vistes?

— Estão queimando as estâncias.

O único caminho para chegar a Veracruz era em frente, atravessando a planície castigada pelo sol; se eles desviassem dando uma volta na cadeia de montanhas, sua viagem se estenderia por muitos dias a mais. Velasco insistiu que deveriam acampar ao ar livre naquela noite e continuar na manhã seguinte, mas Tanaka balançou a cabeça, com mais convicção.

— Os índios não têm nada contra os japoneses. Essa rebelião não tem nada a ver conosco.

— Precisamos evitar percalços desnecessários ao atravessarmos. Vossa missão é vossa maior preocupação, não é?

— Sabemos mais de luta que vós, lorde Velasco. De agora em diante, deixai tudo por nossa conta. — Tanaka sorriu, com superioridade. — Alguma objeção, Hasekura e Nishi?

A bravata juvenil de Tanaka incomodou o samurai. *Se Matsuki Chusaku estivesse aqui...*, ele pensou.

— Não tenho objeções, mas não creio que haja necessidade de darmos o primeiro golpe — repreendeu o samurai. — Há algo de verdade no que lorde Velasco diz. Nossa missão vem primeiro.

A bagagem no lombo dos burricos só continha vinte mosquetes. Eles os tiraram e formaram um círculo para proteger Velasco e a tropa de burricos, depois mandaram os serviçais na frente para fazer o reconhecimento. Tanaka deu todas as ordens.

Ao longe, a fumaça tingia o céu de amarelo, cor de gema de ovo. Quando prosseguiram, puderam distinguir dentro da fumaça chamas alaranjadas esvoaçando tenuemente como asas de mariposa. Por vezes, havia um som distante, como o de feijões estourando.

— São tiros?

Tanaka levantou as mãos para parar o grupo e escutou atentamente. Então, como um verdadeiro líder, balançou a cabeça solenemente e disse:

— Não há o que temer. Não são tiros. É o som do fogo estalando. — Ao contrário do samurai e de Nishi, Tanaka falava por experiência própria: na juventude, ele lutara nas guerras de Sua Senhoria.

Adentraram uma faixa de terras cultivadas. Os campos de milho tinham sido impiedosamente derrubados, e metade das cabanas com tetos de palha entre as plantações de banana tinha sido queimada.

A fumaça subia de uma das plantações de banana como uma névoa fina. Havia um cheiro de queimado. Os japoneses não conseguiam enxergar através a fumaça para determinar se havia índios escondidos ali, de modo que Tanaka desmontou do cavalo e, tirando o mosquete de um dos serviçais, entrou sozinho, marchando na nuvem de fumaça, como se para demonstrar ousadia. Os outros o ouviram tossir. Finalmente, sua voz ecoou:

— Não há nada com que se preocupar. É só um celeiro queimando.

Um grande celeiro estava queimando. O interior tinha sido reduzido a cinzas. Agora as chamas tinham se enfileirado e subiam rapidamente pelas colunas e pelas

vigas queimadas como uma trupe de anões dançarinos. De vez em quando, o som de vigas ruindo adicionava certa desolação à cena.

Estudando o terreno atentamente como um guerreiro calejado, Tanaka encontrou um amontoado de pegadas.

— Os nativos já passaram por aqui — anunciou ao samurai e a Nishi. Então ele se virou para Velasco, que ainda agarrava as rédeas do cavalo e olhava distraidamente para a cena. — Qual é o problema? Estais com medo, lorde Velasco? — provocou.

Velasco forçou um sorriso. Era a primeira indicação de fraqueza que eles tinham visto no missionário.

— Bem... — Tanaka reuniu o grupo, como se para indicar que agora era ele, não Velasco, quem dava as ordens. — Vamos andando, pois logo estará escuro.

Com o celeiro em chamas atrás deles, os japoneses partiram. Eles tomaram um caminho pela sombria plantação de bananas, atentos a cada som. Entre os troncos brancos das árvores, tiveram relances do céu abafado e das colinas encurvadas como gatos dormindo, recobertas de oliveiras. Quando emergiram da plantação, o sol bateu forte nas testas. Um borrão humano maltrapilho começou a correr de baixo da sombra de uma oliveira. Era uma índia de rabo de cavalo e três crianças.

— *Soy padre* — gritou Velasco. — *Soy padre*. Não precisa correr.

A mulher e as crianças se viraram para Velasco com um medo animalesco em seus olhos.

— Não compreendes espanhol?

A mulher gritou alguma coisa numa voz aguda e penetrante como a de um pássaro, mas Velasco não entendeu o que ela disse.

— Quietos! — Tanaka aguçou os ouvidos e calou Velasco. Ele ouvira algo que os outros não ouviram.

O grupo ficou em pé, imóvel, em meio ao calor e ao silêncio, olhando fixamente para as colinas.

Eles ouviram o som tênue de passos pisando no mato. Uma única cabeça preta apareceu cautelosamente. Sangue escorria no rosto queimado de sol. Ao mesmo tempo, um grupo de espanhóis armados apareceu do meio da grama. Ao perceberem os japoneses, olharam espantados para eles, como bobos. Finalmente, viram Velasco.

— Sou padre. — Velasco levantou a mão e aproximou-se deles, desviando-se das oliveiras no caminho. Depois de conversar com o homem, cuja face tinha uma mancha de sangue como a pétala de uma flor, Velasco voltou-se para os japoneses. — Não há nada com que se preocupar. Estes são um *encomendero* e seus servos,

que vieram nos escoltar. — Ele perguntou ao homem o que tinha acontecido. — Os huastecas chegaram a esse ponto?

— Não, padre. — O *encomendero* balançou a cabeça. — Os índios daqui ouviram falar da rebelião e agora estão criando problemas por toda parte e incendiando celeiros. Eles atearam fogo aos campos e agora estão escondidos em algum lugar por aqui.

— Temos que chegar a Veracruz...

— Iremos convosco. Os japoneses sabem usar mosquetes?

— Imagino que saibam atirar melhor que vós. Eles são um povo encharcado de guerra.

O *encomendero* e seus homens lançaram um olhar de dúvida a Velasco, mas não disseram nada. A índia que estivera escondida debaixo da oliveira puxou as crianças para junto de si, olhou para cima e gritou alguma coisa em sua voz aguda de pássaro. O *encomendero* explodiu com ela.

— O que ela disse?

— Que nós atiramos no irmão dela... e que agora ele está morrendo. — O *encomendero* deu de ombros. — Que diferença faz? — Mas ela diz que, se vós sois padre, gostaria que oferecesses a extrema-unção e uma prece por seu irmão.

Ele cuspiu no chão e limpou o sangue agarrado à bochecha como se fosse uma medalha por bravura.

— Eles nos atacam, mas, quando as coisas dão errado, vêm a nós suplicando. Isso é típico dos índios. Não vos incomodeis com eles.

— Onde está o moribundo?

— Não sejais idiota. Se fordes lá, eles vos tomarão como refém ou vos matarão. É um velho truque deles. Eles usam mulheres e crianças para baixar vossa guarda, depois vos atacam de surpresa.

— Sou padre — respondeu Velasco, com calma. — Se fordes cristão, deveis compreender. Um padre tem certas obrigações a desempenhar. Mesmo se o beneficiário for um índio...

— Não podeis ter pena deles. Padre, simplesmente não podeis confiar nesses índios.

— Sou padre. — O rosto e o pescoço de Velasco de repente se coraram de escarlate. Isso sempre acontecia quando ele tentava suprimir a raiva ou outra emoção violenta.

— Padre, parai!

Como se para sacudir as palavras do homem e libertar-se, Velasco subiu correndo a colina. Quando a índia o viu, largou as crianças para trás e correu descalça até ele, como uma besta no encalço de uma presa. Os emissários, sem saber o que estava acontecendo, os seguiram.

— Por favor, esperai aqui — gritou Velasco, da metade da colina. — Não estou indo como intérprete. Estou indo na obrigação de padre cristão.

A mulher e Velasco entraram numa escura plantação de bananas. O fedor de folhas podres enchia o ar. Em algum lugar, um pássaro gritou. Para Velasco, o som parecia o guincho sinistro de um abutre banquetecendo-se de carniça. A mulher corria ágil entre as árvores, virando-se de vez em quando para trás, olhando o missionário, mais lerdo. Estranhamente, ele não sentiu medo nem apreensão. Um índio seminu de nariz chato estava em pé com olhos faiscantes à sombra de uma espessa moita de bananeiras. A uma palavra da mulher, deixou Velasco passar pela plantação.

Um índio jovem de peito desnudo estava deitado ofegante numa pequena depressão no chão. Havia uma jovem sentada ao lado dele, abstraída de tudo. Tornava-se óbvio ao olhar para a calça do homem que ele também era um peão que trabalhava nas fazendas. Havia um ferimento de bala claramente definido em seu pescoço, coberto de terra e sangue.

— Falas espanhol? — perguntou Velasco.

O homem continuou ofegando pesadamente pela boca aberta. Seus olhos tinham parado de focalizar, como se um véu fino tivesse sido colocado sobre eles. A morte estava tomando conta do corpo daquele jovem índio como a escuridão da noite.

— *Habeas requiem aeternam* — murmurou Velasco, tomando a mão enlameada e manchada de sangue do jovem. Por aquele momento, ele deixou de ser um missionário possuído pela ambição incendiária de converter o Japão. Ele agora não era diferente de um padre numa pequena aldeia que faz vigília enquanto uma mulher idosa dá seu último suspiro. — *Requiescat in pace*.

Como se fechasse o último portão da vida, Velasco estendeu a mão e fechou os olhos que pareciam ter se congelado abertos. Olhando aquele rosto miserável, pensou no cristão japonês que o abordara na serraria em Ogatsu a fim de buscar a remissão de seus pecados. Aquele homem vestido em trapos, com lascas de madeira ainda agarradas aos ombros. E aquele rosto japonês...

O vento varria Veracruz, fazendo saltar amontoados de capim morto como bolas pelas paredes das casas de estuque e pela estrada cinzenta, tingindo a água agitada do mar de marrom-escuro.

Era a estação dos ventos. O cortejo de japoneses exaustos cambaleava contra o vento ao entrar na cidade. Tal como acontecera quando eles entraram na Cidade do México e em Puebla, dois monges encapuzados de braços cruzados os esperavam em pé como estátuas de bronze na entrada da cidade. Um dos

emissários tinha quebrado a perna e mal conseguia manter-se sobre seu cavalo, e um dos serviçais estava deitado numa carroça puxada por um burrico. Eles tinham sido atacados por índios no caminho.

Das janelas de seu quarto no mosteiro, os emissários viam o mar turbulento exibindo suas presas brancas. Embora diferente do grande oceano que cruzaram por mais de dois meses, os emissários tinham consciência de que aquele oceano era igualmente vasto e de que, depois que o tivessem atravessado, poriam os pés no continente da Europa, onde países como Espanha, Portugal, Inglaterra e Holanda estavam localizados.

Ao olhar para o mar agitado, o samurai pensou: *Comparados com este mundo, os domínios de Sua Senhoria, onde eu vivia, são tão pequenos! O charco e as terras de Kurokawa eram como um grão de areia. No entanto, minha família foi à guerra, lutou e viveu até este dia por causa daquele único grão de areia.*

No dia em que eles saíram de Tsukinoura, com o som de cabos de amarração rangendo e os gritos agudos das gaivotas ecoando à volta deles, o samurai tivera a impressão de ser arrastado para frente por um novo destino. No mar, e outra vez na Nova Espanha, sentira uma mudança intangível em seu coração. O que era essa mudança, ele não sabia expressar em palavras; tudo de que podia ter certeza era que ele não era mais a pessoa que fora no charco. E de alguma forma, tinha medo, imaginando aonde aquele destino o levaria, como seria mudado por ele.

O vento sacudiu as janelas do mosteiro por toda aquela noite. À meia-noite, começou a chover.

Os ventos da estação sopravam quando chegamos a Veracruz. Estamos hospedados no mosteiro franciscano daqui.

Não posso deixar de sentir que de alguma forma pudemos sobreviver ao ataque da tribo huasteca porque o Senhor nos protegeu pelo bem do trabalho no Japão que me esforço tão dedicadamente a realizar. Pois o Senhor me concedeu a oportunidade inesperada de escapar ao perigo.

No dia em que saímos de Córdoba, próximo a uma das estâncias, ministrei os últimos ritos e ofereci as preces finais para um peão índio que participara dos conflitos com os huastecas. O jovem índio sofrera um ferimento mortal das balas dos *encomenderos* espanhóis. Eu segurava sua mão quando ele morreu num pequeno buraco em meio a uma plantação de bananas. Que o Senhor lhe conceda a vida eterna. Só fiz o que tinha que fazer como padre.

Por gratidão, dois peões índios que viram o que eu tinha feito pelo morto escoltaram-nos até os arredores de Veracruz. Eles foram nossos aliados mais

dedicados e, de fato, foi por causa deles que sobrevivemos a um perigoso ataque dos huastecas.

Foi no dia anterior a nossa chegada prevista a Veracruz. Tínhamos desviado para evitar as estâncias que eram os pontos focais dos ataques. Como sempre, o sol estava impiedoso, e tanto os homens como os cavalos estavam cansados. Marchávamos enfileirados entre os rochedos que pareciam ter sido polvilhados de sal. Com nossa percepção imprecisa, às vezes confundíamos os aglomerados de cactos com grupos de seres humanos.

Descansamos um pouco. Eu distraidamente observava os movimentos de um abutre voando em círculos sobre as colinas. O vale estava tão silencioso que comecei a ficar um tanto inquieto.

De repente, alguma coisa preta saltou de uma colina ao lado. Inicialmente, pensei que fosse um pássaro. Mas não era. Quase uma dúzia de huastecas de rabos de cavalo carregando redes apareceram no topo do rochedo. Eles haviam nos visto de longe e tinham se deitado para nos esperar. Eles começaram a atirar redes cheias de pedras em nossa direção.

Eu já tinha ouvido falar que os índios atiravam pedras envoltas em redes. Eles reagiram com tais armas quando nossos ancestrais conquistaram a Nova Espanha. Lutei para acalmar meu cavalo empinado enquanto os japoneses, a um comando rápido de Tanaka, correram para se esconder atrás dos cactos.

Um dos homens não foi suficientemente veloz e caiu no chão. Era um dos serviçais de Tanaka. Este correu de trás do cacto onde estava escondido para resgatar seu serviçal. Contra o sol, vi um huasteca alto apontar sua rede de pedras para os dois homens. Vi claramente seu nariz achatado, seus dentes brancos e o rabo de cavalo que chegava até os ombros. E vi quando uma pedra branca do tamanho da cabeça de um homem despencou na direção dos dois japoneses.

Os dois índios que leváramos conosco correram na direção de Tanaka. A pedra seguinte caiu ao lado deles. Num tom suplicante, gritaram para os huastecas no penhasco. Eles devem ter dito a eles que aquele era um grupo de japoneses, não de espanhóis. Então, milagrosamente, como se tivessem evaporado, nossos atacantes desapareceram dos penhascos.

Foi tudo como num sonho. O vale ficou em silêncio de novo, e o sol queimava. Os japoneses e eu corremos de trás dos cactos e nos reunimos em volta do homem ferido. A perna direita de Tanaka estava quebrada, e o joelho de seu serviçal tinha sido aberto como se fosse uma romã; o sangue escorrendo da ferida estava manchando sua perna de um vermelho vivo. É possível que a articulação tenha se rompido. Ele tentou ficar em pé, mas não conseguiu. Depois que o colocamos numa carroça puxada por um burrico, continuou a gritar de dor e, de vez em quando, urrava um “sinto muito” para seu senhor.

— Por favor, levai-me convosco — gemia. — Mesmo se tiverdes que amarrar uma corda em volta de meu pescoço e arrastar-me. Preciso voltar para casa!

Suportando a própria dor sem nem um murmúrio, Tanaka repetidamente consolava seu serviçal.

— Sim, nós te levaremos conosco. Nós te levaremos conosco.

A relação entre um samurai japonês e seus serviçais é exatamente como aquela entre os nobres e os escravos na antiga Roma, mas há laços nesse relacionamento que vão além do mero interesse pessoal, e há um senso de amor quase familiar. No Japão, muitas vezes senti que deveria servir a Deus da maneira como aqueles serviçais japoneses servem a seus senhores.

Pensando bem, só conseguimos escapar da emboscada dos huastecas com esses poucos ferimentos graças àqueles dois peões índios. Não posso evitar sentir que o Senhor também nos deu Sua força naquele momento. Tínhamos um aspecto lastimável quando entramos em Veracruz, mas todas as minhas preocupações tinham se dissipado.

Veracruz é uma cidade portuária, às vezes varrida por ventos sazonais. Dois dias depois de nossa chegada, Hasekura, Nishi e eu tivemos uma amostra dos ventos quando fomos visitar o comandante da fortaleza de San Juan de Ulúa, situada no que poderia ser chamado de porto externo da cidade. Tínhamos esperanças de solicitar passagem num dos navios da frota espanhola que ocasionalmente ancoram aqui para se preparar para viagens oceânicas e de pedir que um bom médico do Exército tratasse de Tanaka e de seu servo. Eu sabia que não haveria problemas com a primeira solicitação, pois tinha comigo ordens do vice-rei na Cidade do México.

Quando chegamos a San Juan de Ulúa, os ventos uivavam tão fortemente que mal conseguíamos respirar. O mar estava anuviado de um marrom barrento, e três navios se amontoavam temerariamente atrás do molhe. A fortaleza, parecida com a de Acapulco, estava cercada de uma muralha tediosa e cinzenta, e o comandante roliço e careca nos saudou com bom humor. Ele já tinha sido notificado sobre nossa vinda pelo vice-rei e deu apenas uma breve olhada em nossas ordens antes de colocá-las numa gaveta em sua mesa.

— Padre, há uma carta para vós aqui, escrita por vosso tio — disse e, como se em resposta às nossas ordens, imediatamente tirou uma carta da mesma gaveta. — Conheço vosso tio.

Eu não imaginara que meu bom tio, dom Diego Caballero Molina, respondesse tão rapidamente à carta que eu lhe enviara apressadamente de Acapulco. Guardei-a, dentro de seu envelope à prova d'água, cuidadosamente em meu bolso.

O comandante ficou encantado como uma criança com a espada japonesa que os emissários lhe deram e concedeu-nos permissão para embarcarmos no *Santa Verónica*, que está para zarpar assim que estes ventos ferozes amainarem. Então, pediu desculpas a Hasekura e Nishi pelas provações que os japoneses haviam suportado.

Retornamos ao mosteiro e, naquela noite, finalmente tive a chance de abrir a carta de meu tio. Ele escreveu que tinha recebido minha correspondência em Sevilha e que a família faria tudo que pudesse para ajudar-me a alcançar meus desejos.

“Mas debes estar preparado para encontrar obstáculos formidáveis. Fica claro que tais obstáculos surgirão a partir de uma petição dos jesuítas ao rei, que conseguimos obter por certos meios. Junto uma cópia a esta carta. Ela está cheia de calúnias e censuras dirigidas a ti pelos jesuítas.

“Além disso – e isto também se baseia em informações que a família obteve –, parece que os jesuítas têm planejado por algum tempo convocar um conselho dos bispos depois de tua chegada a Madri, a fim de garantir que os propósitos dos embaixadores japoneses sejam malogrados. Nesse conselho, provavelmente serás confrontado pelo famoso padre Valente, que viveu no Japão por trinta anos. Sei que não preciso explicar-te, mas o padre Valente é um amigo próximo e confidente do padre Valignano, que foi o provincial do Japão; ele também é um estudioso de história e um homem respeitado aqui tanto pelas altas autoridades quanto pela aristocracia. Por essa razão, debes fazer todos os preparativos necessários para um confronto com ele.”

À noite, os fortes ventos continuaram a bater contra a janela do quarto. Levantei-me e pressionei a testa contra o vidro, olhando para o pátio embaixo, ao lado do mosteiro. Estava deserto. Os únicos objetos à vista eram alguns montinhos de grama murcha espalhados aqui e ali pelo vento. A petição da Companhia de Jesus que meu tio anexou à carta diz o seguinte:

“Já submetemos um relatório a Vossa Majestade a respeito da viagem dos embaixadores japoneses à Nova Espanha. Se pudermos começar expressando nossas conclusões quanto a esse assunto, acreditamos que é necessária uma atitude de cautela ao lidar com sua solicitação de comércio recíproco. De acordo com relatos de padres jesuítas que residem no Japão, o padre Velasco dos franciscanos, que acompanha os embaixadores, é um homem imprudente, cujas ações excedem de longe o que é necessário. No Japão, o rei continua a perseguir os cristãos, e nós, da Companhia de Jesus, achamos que há pouca possibilidade de que a liberdade de evangelização seja concedida, como Velasco alega. Isso não é tudo: devemos acrescentar que os japoneses estão usando a liberdade de evangelizar como isca, quando na verdade seu único objetivo é obter lucros para si mesmos por meio do

comércio. Além disso, sem consultar nenhum de nossos missionários no Japão, o padre Velasco, por iniciativa própria, convenceu um senhor feudal japonês a construir um navio e enviar os anteriormente mencionados embaixadores para solicitar o envio de missionários a seus domínios. Se sua missão for bem-sucedida, inevitavelmente levará calamidades aos poucos missionários e cristãos que restaram no Japão, e o resultado será trágico. Seus planos exagerados e desmedidos são um amontoado de falsidades; portanto, desejamos que Vossa Majestade responda a eles com a determinação apropriada.”

O vento que se infiltrava pelas rachaduras da janela apagou a chama do toco de vela. Não tentei reacendê-lo; sentei-me no escuro por um longo tempo, apoiando a cabeça com as mãos enquanto tentava imaginar como o padre Valente, que eu logo confrontaria cara a cara, seria. Todo missionário que tenha estado no Japão já ouviu seu nome. Ele é o autor de *Uma história da evangelização no Japão*, e um missionário cujo trabalho cobriu todas as regiões de Kyushu e Kamigata, homem respeitado por Hideyoshi e seus servos, como Konishi Yukinaga e Takayama Ukon.^[2] Se o problema fosse só esse, porém, eu não estaria tão perdido em meus pensamentos. Mas ele não é um padre comum – eu já tinha ouvido falar havia muito tempo que é um debatedor sagaz e dotado de uma habilidade sutil. Como meu tio disse, eu teria que me preparar bem. Como um soldado pronto para um ataque do inimigo, não importando que forma ele assumia ou de onde venha, eu teria que preparar defesas impenetráveis contra as dúvidas que ele me atiraria, as perguntas que me lançaria. No escuro, caí no sono com a cabeça apoiada na escrivaninha.

Nosso navio agora está subindo o rio Guadalquivir em direção a Coria.

A viagem ao longo do Atlântico demorou porque o *Santa Verónica* encontrou fortes ventos e sofreu consideráveis danos; ele teve que ficar parado no porto de Havana por seis meses enquanto eram feitos reparos. Em Havana, o pobre serviçal de Tanaka Tarozaemon morreu. Ele tinha sofrido ferimentos críticos em seu joelho. O desânimo de Tanaka depois do enterro do homem tem dado dó. Muitas vezes vi aquele homem altivo olhando taciturno para o mar do Caribe, como se tivesse perdido o próprio irmão. Mais tarde, enfrentamos outras duas tempestades geradas pelos ventos da estação. Só dez meses depois de sairmos de Veracruz avistamos o porto de Sanlúcar em minha terra natal, a Espanha.

Nem por um momento durante a viagem meus pensamentos se desviaram das palavras de alerta que meu tio me escrevera de Madri. A figura do padre Valente, com quem eu logo teria que debater diante de um grupo de bispos, flutuava constantemente diante de meus olhos.

Em minha imaginação, o padre Valente era um homem alto e magro, com bochechas fundas, como um asceta. Sua sagacidade parecia emanar da luz que brilhava em seus olhos. Senti como se sua voz baixa agarrasse as partes mais fracas de meus argumentos e escancarasse aquelas feridas abertas para todos verem. Se eu relaxasse por um momento, era certo que ele se lançaria sobre mim com uma barragem de perguntas ou colocaria uma armadilha com suas palavras e esperaria até que aparecesse uma discrepância em minha linha de raciocínio.

Tentei prever cada uma das perguntas com que ele poderia me atacar. Ele certamente perguntaria em que papel aqueles emissários tinham sido enviados e, sem dúvida, exporia a contradição do fato de que, por um lado, o naifu estava perseguindo os cristãos e, por outro, despachando embaixadores. Com certeza me criticaria por encobrir o estado quase desesperador do trabalho missionário no Japão – não apenas o encobrindo, mas ainda insistindo que havia razões para otimismo no futuro.

Ao conjurar todas as perguntas em que pude pensar, tentei colocar minhas respostas em palavras, como um aluno de seminário antes de uma prova. Ao fazê-lo, surgia um sentimento ao mesmo tempo irado e triste. Por que clérigos que

professavam a mesma fé que eu deveriam tentar frustrar minhas tentativas de tornar o Japão uma nação do Senhor? Por que deveriam tentar interferir?

Pensei então em São Paulo, que teve que enfrentar os apóstolos em Jerusalém porque levou o Evangelho aos gentios. Até ele foi entravado, injuriado e abusado por outros cristãos. Os cristãos da sede da Igreja em Jerusalém espalharam que São Paulo não tinha qualificações para ser um apóstolo e até criticaram seu trabalho missionário, porque ele tentou levar a palavra do Senhor além das fronteiras nacionais e sem considerações de raça. Da mesma maneira, os jesuítas me consideram um padre indigno de evangelizar no Japão.

Enquanto tento conter a raiva que brota em mim, uma tristeza indescritível consome meu peito. Embora acreditemos no mesmo Deus, adoremos o mesmo Senhor Jesus e compartilhemos o mesmo desejo de tornar o Japão um país de Deus, discutimos e brigamos entre nós. Por que os homens precisam sempre ser tão tenebrosos e egoístas? Em vez de nos tornarmos mais puros dentro da estrutura das ordens religiosas, às vezes nos tornamos mais vis que qualquer leigo. No momento parecemos estar muito distantes da obediência, da resignação e da ilimitada mansidão que os santos possuíam.

Na noite passada, uma chuva forte desabou sobre nosso navio enquanto ele subia a correnteza. Acordei com o feroz tamborilar da chuva. Para minha vergonha, tive um sonho molhado. Amarrei meus pulsos justamente para não cometer pecados num momento como este. Foi assim que tive que lutar por toda a noite contra os poderosos desejos da carne, embora eles não sejam tão violentos agora quanto na juventude. Ajoelhei-me e rezei. Como o corpo físico é detestável! Enquanto rezava, de repente fui tomado por uma aterrorizante sensação de desespero. Gota a gota, senti o gosto do veneno em minha alma – e foi como se tivesse acabado de descobrir minha cara feia no espelho. Meus desejos da carne, meu ódio pelos jesuítas, minha confiança quase arrogante em meu trabalho no Japão, minha sede de conquistas – um a um, eles emergiram das profundezas de minha alma, até o ponto em que eu não conseguia mais crer que o Senhor escutaria minhas preces e meus pedidos. Senti como se Ele apontasse um dedo para mim, mostrando-me a abominável feiura da ambição egoísta que espreitava por trás de minhas preces e minhas aspirações.

— Não, não é verdade! — protestei, freneticamente. — Tenho um amor ilimitado pelo Japão e pelo povo japonês. É por causa desse amor que desejo despertá-los de seu morno estupor. Como padre, não me arrependeria de dedicar toda a vida a esse propósito. Tudo que faço é por Vossa causa.

Mas o pequeno crucifixo na mesa... Daquele crucifixo, o Senhor olhava para mim tristemente e, com tristeza, escutava meus protestos.

— Então, Senhor, gostaríeis que eu abandonasse o Japão? Devo deixar os japoneses, tão abençoados de talentos e forças superiores, entregues a seu torpor? De alguma maneira, essas pessoas parecem determinadas a defender, como se fossem uma parte peculiar delas mesmas, aqueles sentimentos que não são “nem frios nem quentes”, como a Bíblia os descreve. O que desejo dar-lhes é aquele calor que busca a Vós.

Só há uma maneira de vencer o padre Valente: providenciar para que os emissários se tornem cristãos em Madri, assim como fiz os mercadores japoneses serem batizados na Cidade do México. Se isso acontecer, os bispos acreditarão que o que digo é verdade. Tal como o vice-rei da Cidade do México cedeu a minhas posições por causa daqueles gloriosos batismos.

Os emissários subiram o rio Guadalquivir e finalmente puseram os pés em solo europeu. Eles desembarcaram na cidade espanhola de Sevilha. Um ano e meio antes, eles nem sequer tinham ouvido o nome dessa cidade, muito menos tinham consciência que tal lugar existia.

Era o começo do outono. Atrás de campos banhados numa suave luz do sol, casas brancas estendiam-se até onde a vista alcançava. Podiam-se ver em todas as direções torres de catedrais arremessando-se contra o céu claro. Muitos navios subiam e desciam o rio, e, nas margens, uma profusão de flores desabrochava fresca sob o sol. Todos os cantos da cidade cheiravam a flores, vasos enfeitavam os peitorais brancos de todas as casas e, por entre portões adornados, viam-se pátios ladrilhados decorados com esculturas e vasos de flores. O interior das casas era cercado de paredes ornamentadas com um padrão ultramarino intrincado, e um odor profundo e peculiar emanava do lado de dentro.

A primeira cidade espanhola que eles viram. Até aquela viagem, os três anspeçadas nunca tinham visto nada além do feudo de Sua Senhoria, não conheciam nem Quioto nem Edo, de modo que tudo naquela grande cidade era fonte de surpresa para eles. Velasco explicou que em tempos antigos, antes de ser conquistada pelos espanhóis cristãos, Sevilha fora habitada por árabes. Mas os emissários não tinham ideia de onde a terra dos árabes se localizava nem de que vestígios os árabes tinham deixado naquela cidade. Eles perdiam o fôlego com a grandiosidade de palácios como o Alcázar e ficavam assombrados e sem fala com as altíssimas catedrais.

Cada dia era repleto um alvoroço de atividades que não se parecia em nada com o que eles tinham experimentado na Cidade do México. Com a assistência da

família de Velasco, que era nativa da cidade, os emissários iam de carruagem se encontrar com o prefeito, visitavam os conselheiros e recebiam convites de membros da aristocracia e do alto clero. Eles foram engolfados num redemoinho de palavras incompreensíveis, forçados a engolir uma variedade de comidas estranhas e lutaram com todas as forças para aguentar até o fim.

— *Isso é a Europa!*

Do alto de uma catedral muito alta, à tarde, eles olharam Sevilha enquanto Velasco apontava cada uma das muitas torres, identificando uma como a igreja de Santo Estêvão e outra como a catedral de São Pedro. Então, num tom sardônico, ele disse:

— Esta é a Espanha de que todos falam no Japão. — Riu alto. — Nessa viagem, tivestes alguma ideia do quanto o mundo é grande. Não é exagero dizer que a Espanha é a nação mais rica desse vasto mundo... E agora estais justamente aqui. Estais na terra dos estrangeiros!

Tanaka manteve os braços cruzados e baixou os olhos para não deixar sua excitação transparecer. Nishi foi o único que tirou um estojo de escrita e zelosamente copiou os nomes de todos os edifícios e as igrejas que Velasco apontou.

— Mas Sevilha nem se compara em tamanho a Madri, capital da Espanha. Em Madri, encontrareis o rei. — Velasco percebeu que Tanaka e o samurai estavam tremendo. — No entanto, há outra pessoa diante da qual até o rei da Espanha se ajoelha humildemente. Sabeis quem é?

Os três emissários não tinham resposta.

— Essa pessoa é o rei dos cristãos, que é chamado de papa. Se compararmos a situação com a do Japão, o naifu seria como o rei da Espanha, e o imperador em Quioto seria como o papa. Mas o papa tem um poder infinitamente maior que o de vosso imperador. No entanto, até o papa não é mais que um servo de outra pessoa. — Com um sorriso, Velasco olhou para o rosto dos emissários. — Acho que sabeis sem que eu diga quem é essa pessoa. Vistes Sua Imagem por toda parte na Nova Espanha. E não só na Nova Espanha nem só aqui na Espanha. Todas as nações da Europa O adoram e cultuam, curvam-se diante dEle.

Com um propósito definido, Velasco levou os três emissários à catedral de São Francisco no domingo seguinte. Naquele dia, o bispo Lerma celebraria uma missa especial para os embaixadores japoneses. Desde o início da manhã, rodas gemeram pelas ruas pavimentadas enquanto as carruagens convergiam, uma após a outra, para a entrada da grande catedral. Nobres e mercadores luxuosamente vestidos se juntavam em volta das colunas de pedra, chamas de uma profusão de velas iluminavam o altar dourado e as melodias do órgão reverberavam contra as

paredes de pedra da capela. Do púlpito decorado com ornamentos espiralados, o bispo Lerma abençoou as pessoas e proclamou:

— Hoje, na companhia do padre Velasco, nativo de Sevilha, emissários que cruzaram milhares de léguas de oceano desde a nação oriental do Japão juntaram-se a nós para celebrar a missa. Por essa razão, gostaríamos de oferecer essa missa em benefício desses emissários e de todo o povo japonês. Assim como ao longo dos anos nossos ancestrais erigiram igrejas em muitas terras estrangeiras e moldaram-nas em nações de Deus, oremos para que um dia a terra destes emissários também louve ao Senhor.

As multidões que lotavam a capela ajoelharam-se, e o coro cantou um hino.

Sanctus, sanctus, sanctus
Dominus Deus Sabaoth
Pleni sunt coeli et terra.

Velasco enterrou o rosto nas mãos e cedeu às emoções que surgiam dentro dele.

— Ó Japão, Japão — ele chamou do fundo do coração. — Ouvi estas vozes. Japão, Japão. Não importa o quanto ignorais o Senhor, quantos padres massacrardes, quanto sangue dos fiéis derramardes, um dia servireis ao Senhor. — Ele se curvou e rezou: — Ó Senhor, para tanto... deixai-me ganhar a batalha. Deixai-me vencer o padre Valente.

Quando a missa terminou, a multidão, ainda em êxtase, formou um enxame ao redor dos emissários e, como uma torrente de água, arrastou-os para fora da catedral. Eles cercaram os japoneses, dando tapinhas em seus ombros e apertando suas mãos, e não se moveram para ir embora até que o bispo Lerma escoltou Velasco e os emissários a um refúgio numa sala subterrânea debaixo da catedral.

— Bem, meu filho. — Ao chegarem à sala subterrânea escura e bolorenta, longe das vozes exultantes da congregação, o bispo Lerma olhou para Velasco com preocupação. — As cerimônias terminaram. Agora deveis voltar à realidade. Não deveis vos enganar com todo esse furor. A situação não vos é alvissareira. Está sendo reunido um conselho dos bispos para vós em Madri, mas esse conselho de forma nenhuma verá com bons olhos vossas ideias.

— Estou ciente disso — assentiu Velasco, olhando rapidamente para os emissários. — Mas Vossa Reverendíssima acabou de dizer que gostaria de oferecer a missa de hoje em benefício dos emissários e do povo japonês. Pedistes junto com todos nós que um dia o Japão se torne uma nação que louve a Deus.

— É verdade que eu disse “um dia”. Mas não hoje. Mesmo a essa distância, sabemos o quanto os japoneses têm odiado os missionários e perseguidos os fiéis nos últimos vinte anos.

— A situação está mudando. — Velasco fez o mesmo discurso que fizera ao arcebispo na Cidade do México. — Se não fosse assim, o Japão não teria enviado emissários à Espanha.

— Meu filho. Nossos irmãos da Companhia de Jesus relatam que a situação piora a cada dia. Eles nos dizem que estes emissários não são representantes oficiais do rei do Japão, mas cavaleiros a serviço de um só senhor japonês... Não queremos que mais padres derramem seu sangue naquela terra.

— Acredito que o trabalho missionário é como uma batalha. Estou lutando contra o Japão. Um missionário é como um guerreiro que não deve ter medo de morrer pelo Senhor. O apóstolo Paulo certamente não hesitou em derramar o próprio sangue pelo bem dos gentios. O trabalho missionário não é o mesmo que sentar-se confortavelmente ao sol ou num mosteiro e falar do amor de Deus.

— Sim. — A ironia de Velasco não passou despercebida ao bispo. — Concordo que o trabalho missionário é como uma batalha. E assim como todo guerreiro deve obedecer a seu líder, também deveis ser obediente.

— Há momentos em que o líder está distante do campo de batalha e não sabe nada da real natureza da luta.

— Meu filho... — O bispo olhou firmemente para o rosto de Velasco. — Estais por demais tomado de paixão. Deveis examinar vosso coração para terdes certeza de que, no futuro, vossa paixão não cause mal a vossa alma.

Velasco corou e não respondeu. Era bem como o bispo dissera. O fervor de seu caráter tinha provocado palavras de cautela de seus superiores durante todo o longo período de treinamento religioso. *No entanto, sem este fervor, pensou Velasco, eu nunca teria ido para o Japão. Para batalhar lá, tenho que ter paixão.*

— Daqui, vamos a Madri. Tenho um pedido que gostaria de fazer diretamente ao arcebispo...

— O que é?

— Eu gostaria que o rei concedesse uma audiência aos embaixadores japoneses...

O bispo Lerma lançou a Velasco um olhar de pena e estendeu a mão para aceitar um beijo.

— Rezo para que o arcebispo conceda vosso pedido. — Então, num tom desesperado, ele repetiu: — Mas tendes paixão demais. Tomai cuidado para que vosso fervor não destrua vossa alma.

Após a multidão se dispersar e o bispo Lerma ter desaparecido nos escritórios da diocese, e depois que os japoneses voltaram numa carruagem aos alojamentos

no mosteiro, Velasco se ajoelhou sozinho no altar da grande catedral. Exceto por alguns raios de sol brilhando através dos vitrais, a espaçosa capela estava escura e silenciosa. As velas eucarísticas no altar queimavam vermelhas, e, ao lado delas, o Cristo glorificado olhava para Velasco abaixo dele, com a mão estendida. Era assim que Ele olhara quando disse aos discípulos: “Ide a todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”.

— Ó Senhor — suplicou Velasco, com as mãos juntas enquanto olhava nos olhos do Cristo. — Vós nos comandastes a pregar o Evangelho até os confins da terra. Devotei minha vida a essas palavras e viajei até o Japão. Pretendeis agora retirar Vossa mão de lá? Ó Senhor, por favor, respondei-me. O Japão está para ser lançado para longe da Vossa voz. A Igreja que estabelecestes está para abandonar o Japão. Os arcebispos, os bispos e os cardeais têm medo do Japão; eles abominam a ideia de mais padres derramando seu sangue naquela terra e abandonariam os santos que ainda permanecem por lá. Ó Senhor, por favor, respondei-me. Devo eu também me submeter às ordens daquela Igreja? Ó Senhor, ordenai-me que lute. Estou sozinho. Por favor, dizei-me para lutar contra aqueles que me obstruem e me invejam. Não posso abandonar o Japão. Aquela pequena nação asiática é o único país que preciso conquistar com o poder de Vosso Evangelho.

O suor escorreu pela testa de Velasco, correndo para os olhos, enquanto ele mantinha a cabeça elevada para olhar para o rosto de Cristo. Uma multidão de rostos japoneses atravessou sua mente. Seus sorrisos débeis debochavam de Velasco. Eram como os rostos das estátuas budistas que ele vira uma vez no santuário de um templo em Quioto. Em uníssono, os rostos murmuravam: *O Japão não quer que venham os padres cristãos. O Japão não quer que igrejas sejam construídas. O Japão pode sobreviver sem Jesus. O Japão...*

Ide. De repente, uma voz soou nos ouvidos de Velasco. *Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos; sede, pois, prudentes como serpentes e simples como pombas. E odiados de todos sereis por causa de meu nome; mas aquele que perseverar até o fim será salvo. Sede prudentes como as serpentes.*

Aquelas foram as palavras que Jesus falou aos discípulos quando os enviou às aldeias da Judeia. “Sede, pois, prudentes como as serpentes.” Por um longo tempo, Velasco ficou imóvel, rosto enterrado nas mãos. Ele sentiu como se o próprio futuro e tudo o que ele devia fazer dali em diante estivessem contidos naquelas palavras. *Serei odiado por todos. Pelos irmãos da Companhia de Jesus. Pelos bispos daqui. Mas irei a Madri e, lá, confrontarei os jesuítas e o conselho dos bispos. Para conseguir a vitória nesse encontro, devo demonstrar sabedoria como a de uma serpente. Minhas armas são as palavras e os japoneses que eu trouxe até aqui. Devo fazer os bispos acreditarem que minhas palavras são as palavras dos japoneses, que meus desejos são os desejos dos japoneses. Para tanto...*

Velasco voltou ao mosteiro e foi ao quarto dos emissários. Estes e seus serviçais tinham se reunido na varanda banhada de sol para observar o fluxo de pessoas e o tráfego de carruagens passando pela torre da Giralda, orgulho dos cidadãos de Sevilha. O rio Guadalquivir estava lotado de navios, e eles podiam ouvir as vozes dos mercadores vendendo sua carga.

Quando os serviçais perceberam a presença de Velasco, curvaram-se e se retiraram em silêncio. O missionário ficou em pé ao lado dos três emissários na varanda, apontando para os barcos que se moviam para cima e para baixo no Guadalquivir debaixo do suave sol do outono e explicando que inúmeros navios saíam daquele porto para muitas nações.

— Daqui a dois dias, partiremos para Madri, capital da Espanha. Lá tereis vossa audiência.

— Foi-nos mesmo concedida uma audiência com o rei? — A voz de Tanaka tremia de excitação.

— Tenho que ser honesto convosco... Algo inesperado aconteceu. — Velasco hesitou por um instante, depois continuou: — Há algumas pessoas em Madri que não nos veem com bons olhos.

Os emissários olharam um para o outro e esperaram que Velasco explicasse. Enquanto o missionário falava, Tanaka olhava sombrio para lugar nenhum, e o samurai piscava os olhos sem oferecer nenhuma palavra. Era impossível determinar a partir de rostos rústicos o que eles estavam pensando, mas o jovem Nishi alternadamente cruzava os braços e apertava as mãos, tenso. De alguma maneira, os emissários pareciam compreender o que Velasco lhes dizia sobre a situação da Igreja e a história do conflito entre as duas irmandades a respeito do trabalho missionário no Japão.

— Assim, devo ir até o conselho para debater. Sacerdotes de alta posição comparecerão e julgarão se minhas palavras ou as alegações daqueles que me caluniam estão corretas.

Velasco fez uma pausa. Depois, como se falando consigo mesmo, murmurou:

— Eu... eu preciso vencer.

Os emissários estavam imóveis, como se tivessem congelado e enrijecido. E ele continuou:

— Aqueles que me caluniam... eles dizem que o cristianismo foi proscrito em todo o Japão e estão espalhando rumores de que as cartas de Sua Senhoria dando as boas-vindas aos padres são uma fraude. Para dissipar as dúvidas... se pelo menos um de vós se tornasse cristão...

A essas palavras, uma expressão de espanto quase infantil correu pelos rostos normalmente sem expressão de Tanaka e do samurai. Velasco continuou, na esperança de abafar aquele espanto:

— Se isso acontecesse, os clérigos daqui acreditariam no que digo. Eles aceitariam a promessa de Sua Senhoria de que os cristãos não serão maltratados e os padres serão recebidos de braços abertos. Neste momento, as autoridades da Igreja daqui aceitam sem questionar os relatos daqueles que dizem que os japoneses estão massacrando os cristãos e torturando os padres.

O samurai lançou um olhar furioso para Velasco. Pela primeira vez, Velasco viu raiva no rosto daquele homem normalmente dócil.

— Padre. — A voz do samurai tremia. — Por que não nos dissestes isso na Nova Espanha? Devíeis ter sabido de tudo isso na Nova Espanha.

— Para dizer-vos a verdade, eu não fazia ideia de que as calúnias tinham ido tão longe. Na verdade, quando ainda estávamos na Nova Espanha, eles estavam mandando cartas frequentes do Japão para a Espanha, tentando impedir nossa viagem.

— Eu... — anunciou o samurai, numa voz que era quase um suspiro. — Eu não me tornarei cristão.

— Por que não?

— Eu não gosto do cristianismo.

— Se não sabeis nada dos ensinamentos do cristianismo, não podeis gostar ou não dele.

— Mesmo se eu os estudasse, não acreditaria neles.

— Não podeis acreditar se não os estudardes.

O rosto e o pescoço de Velasco ficaram cada vez mais corados. Naquele momento, ele não era mais um maquinador, e sim um missionário explicando suas crenças àqueles que não as entendiam.

— Na Cidade do México, os mercadores japoneses se converteram ao cristianismo, mas não foi sincero. Foi pelo lucro. E eu permiti aquilo. Porque eu acreditava que aqueles que aceitam o nome do Senhor, mesmo que só uma vez, acabarão se tornando seus cativos.

Uma voz soou nos ouvidos de Velasco. *O que estás tentando fazer agora? Batizar homens que não acreditam no Senhor, em teu próprio benefício, é uma blasfêmia e uma profanação. É um ato de arrogância; por meio do sacramento do batismo, juntas os pecados dos infiéis sobre o Senhor.*

Velasco lutou para exorcizar a voz. Ele tomou uma das frases de Cristo como escudo. Quando João se irritou ao descobrir infiéis curando os doentes em nome de Jesus, o Senhor disse: “Aquele que não está contra nós está conosco”.

O samurai continuava teimosamente calado. Aquele homem tímido ficava obstinado nessas circunstâncias, exatamente por causa da timidez. Tanaka olhava, como sempre, para um ponto no ar, enquanto Nishi, também à própria maneira, esperava preocupado que os mais velhos respondessem antes de formar sua

opinião. Finalmente, o samurai respondeu numa voz firme, como um calhau pesado e inamovível:

— Não. Eu não posso. Não posso tornar-me cristão.

Depois que Velasco saiu do quarto, os três emissários sentaram-se em suas cadeiras e ficaram imóveis por algum tempo. Ruídos de atividade na Porta Toriana entravam pela janela aberta. À tarde, Sevilha se aquietava por algum tempo. Os moradores se trancavam em casa e tiravam uma demorada sesta.

Nishi olhou encabulado para o rosto cansado dos companheiros.

— Lorde Shiraishi disse que deveríamos seguir as instruções de lorde Velasco para todos os assuntos durante a viagem.

— Mas, Nishi — suspirou o samurai —, quantas vezes lorde Velasco já nos enganou desde que saímos do Japão? É como Matsuki disse. Primeiro Velasco nos falou que, se fôssemos para a Nova Espanha, poderíamos completar a missão de uma vez. Quando chegamos lá, ele disse que não poderíamos ter uma resposta definitiva a menos que continuássemos até a Espanha... E agora ele nos diz que as coisas não estão indo bem, que, se quisermos que nossa missão tenha sucesso, devemos nos tornar cristãos. Não acredito mais em nada do que ele diz. Não concorda, Nishi?

Era a primeira vez que o samurai revelava seus sentimentos dessa maneira. Por ele ser um homem de poucas palavras, cada coisa que ele dizia tinha peso, e quando ele terminou de falar, ambos os companheiros ficaram calados.

— Mas não podemos fazer nada sem a ajuda de lorde Velasco.

— É disso que lorde Velasco está se aproveitando. Tudo o que ele realmente deseja é nos forçar a nos tornarmos cristãos.

— Mas poderíamos nos tornar cristãos como uma formalidade para avançar nossa missão. Seria simples.

— Sim. — O samurai olhou para cima e suspirou. — Quando os feudos foram reorganizados, a família Hasekura recebeu um charco estéril. Mal conseguimos arroz ou trigo daquela terra. Mas movemos as sepulturas de nossos ancestrais e de meu pai para aquela terra rodeada de colinas. Não posso ser o único da família a se converter a uma religião estrangeira que meu pai e meus ancestrais nunca conheceram.

O samurai piscou os olhos. Ele sentiu o sangue de muitas gerações da família Hasekura correndo pelo corpo, seus caminhos permeando a própria vida. Ele não podia deliberadamente mudar aquele sangue nem aqueles caminhos sozinho.

— Além disso — continuou —, lembrai-vos do que Matsuki nos disse na Cidade do México. Que Velasco tem paixão demais. Que não devemos ser

apanhados no fervor de Velasco e nos tornar cristãos. Não vos lembrais disso, Nishi?

— Eu me lembro, mas... — Talvez por medo de ser repreendido, Nishi olhou ansiosamente para os colegas emissários. — O conselho dos anciãos parece pensar que o futuro do Japão não está em guerras, mas no comércio com a Índia e os países da Europa. E eles sabem muito bem que, independentemente do que possa acontecer com relação à Índia, o comércio com as nações da Europa não será possível se ignorarmos o cristianismo. Enquanto essa for sua política, eles certamente compreenderão que, se nos tornarmos cristãos, só teremos feito isso como meio de cumprir nossa missão.

— Pretendei tornar-vos cristão? — perguntou Tanaka, abruptamente.

— Eu não sei. Terei que pensar muito nisso enquanto viajamos para Madri. Mas nessa viagem, percebi o quanto o mundo é grande. Aprendi que as nações da Europa superam o Japão em riqueza e grandeza. É por isso que eu gostaria de aprender suas línguas. Não creio que possamos simplesmente fechar nossos olhos às crenças de todas as pessoas desse vasto mundo.

Como sempre, o samurai sentiu inveja de Nishi e de sua vibrante juventude. Ao contrário dele mesmo ou de Tanaka, aquele jovem aproveitava sem esforço, quase inspirando com o ar, tudo o que era novo e surpreendente naquelas terras estrangeiras. Mesmo assim, embora o samurai tivesse se rendido ao novo destino, em última instância seu apego ao charco e à família, apego do qual ele não poderia se separar mais que um caramujo pode se separar de sua concha, impedia-o de fazer isso.

— O que pensais, lorde Tanaka? — Ao olhar para os braços grossos e as costas largas de Tanaka, o samurai sentiu o mesmo sangue fluindo pelas veias do camarada. O sangue de um samurai rural — aquele sangue que teimosamente procurava defender as terras e os costumes que seus antepassados tinham protegido por tantos anos.

— Eu... também não gosto dos cristãos. — Tanaka emitia um débil suspiro. — Mas, Hasekura, eu não assumi a missão porque fui ordenado pelo conselho dos anciãos. Assumi-a porque queria obter de volta nosso velho feudo em Nihonmatsu. Foi porque eu queria essas terras de volta que aguentei as viagens marítimas miseráveis, o calor e essa comida estrangeira repulsiva...

Com o samurai, não era diferente. Se o que lorde Shiraishi e lorde Ishida disseram era verdade, as terras em Kurokawa poderiam ser devolvidas à família Hasekura como recompensa por ele fazer aquela difícil viagem.

— Se não tivermos nossas terras de volta — murmurou Tanaka, em lágrimas —, será uma desgraça. Não poderei encarar minha família com honra. Não gosto

dos cristãos. Mas para obter nossas terras de volta... se me dissessem para comer terra, eu comeria terra.

— É para o bem da missão — acrescentou Nishi.

— Matsuki disse-me para não me tornar cristão. — O samurai balançou a cabeça obstinadamente. — Não gosto de Matsuki, mas não posso me tornar cristão.

Eles recomeçaram a longa viagem; o destino agora era Madri. Numa única fila, os japoneses, carruagens e carroças avançavam pela planície da Andaluzia.

Colinas e plantações de oliveiras apareciam uma após a outra, como ondas no mar. As colinas eram marrons avermelhadas e as folhas prateadas das oliveiras brilhavam como lâminas de miríades de espadas ao balançar ao vento. Ao cair da tarde, o chão esfriou rapidamente.

Algumas vezes, eles viram de relance as mesmas aldeias brancas, parecendo-se mais com pilhas de sal, que eles avistaram na Nova Espanha. Algumas dessas aldeias se penduravam nas laterais das colinas como se tivessem sido presas ali com cola. Uma fortaleza antiga elevava-se ameaçadoramente no alto de uma das colinas.

Depois que passaram as plantações de oliveiras e as manchas de terra avermelhada, campos de trigo se estenderam numa curva em forma de arco até o horizonte. Na borda mais distante do horizonte, o grupo enxergou algo que parecia uma pequena agulha. Ao se aproximarem, perceberam que a agulha era a torre de uma igreja. A ponta perfurava o céu azul e era engolida por ele.

— *Isso é a Europa!* — Velasco puxou as rédeas de seu cavalo e apontou com orgulho. — A terra tem seus próprios trabalhos a fazer. Como símbolo desses trabalhos, essa torre sobe aos céus à procura do Senhor.

Desde a partida de Sevilha, ele não pressionara os emissários novamente por cooperação. Não tentara nem mesmo indiretamente convertê-los. No entanto, ele sorria confiante em seu cavalo, como se tudo já estivesse decidido. À sua maneira usual, os emissários não mencionaram o assunto, como se fosse algo a ser temido.

No ponto onde as cores do rio Tejo mudavam e água tingida de marrom corria pelos campos, o grupo entrou na velha capital de Toledo. Ali também a torre da grande catedral construída sobre uma colina podia ser vista de longe. O grande sol da tarde estava se pondo no céu dourado, e a cruz no alto da catedral refulgia ofuscante em seus raios refletidos. Os japoneses encharcados de suor subiram silenciosamente o caminho pavimentado de pedras que levava à catedral, mais conscientes que nunca dos olhares curiosos das pessoas da cidade.

— *Japoneses!* — gritou, em espanhol, alguém na multidão que se alinhava na ladeira. — *Me he encontrado con japoneses antes.* — Era um homem sorridente de

dentes quebrados. Ao ouvir a voz, Velasco parou seu cavalo, surpreso, e falou com o homem.

— Este homem — disse Velasco aos emissários — contou que, quando menino, viu um grupo de jovens japoneses que visitaram a cidade.

— Japoneses?

— Ele diz que uns trinta anos atrás, uns rapazes de Kyushu, talvez de uns treze ou catorze anos de idade, vieram à Espanha como emissários cristãos, como vós. Ouvistes falar alguma coisa disso?

Eles não tinham ouvido nada a respeito. Eles tinham despreocupadamente presumido serem eles mesmos os primeiros japoneses a visitar aquelas terras estrangeiras. Mas aquele homem da cidade alegava que um grupo de japoneses, liderado por quatro rapazinhos e acompanhado de um missionário, fora a Toledo e Madri uns trinta anos antes e até tivera uma audiência com o papa em Roma.

Velasco virou-se novamente para o homem. Ele estava sorrindo orgulhoso, parecendo deliciado por alguém à volta escutar o que ele dizia.

— Os jovens japoneses visitaram a casa de um velho da cidade, o relojoeiro Toriano. Eles ficaram muito contentes com a visita. Esse homem diz que trabalhou como aprendiz na casa do velho naquela época.

O homem de meia-idade arregaçou seus dentes amarelados, apontou para o próprio rosto e balançou a cabeça várias vezes em concordância. Os emissários também ficaram sabendo que na ocasião um dos jovens japoneses fora acometido por uma febre alta, mas, graças aos cuidados intensos e às orações das pessoas da cidade, ele se recuperara e partira junto com seus companheiros para Madri num comboio de quatro carruagens.

Os japoneses olharam as ruas de pedra em volta e as casas iluminadas pelo sol poente. Uma sensação de espanto tomou conta deles quando perceberam que os próprios compatriotas tinham subido aquela mesma ladeira antes deles e olhado para aquelas mesmas casas estrangeiras tingidas de rosa pelo sol que se punha.

— Crianças de treze ou catorze anos de idade! — suspirou Tanaka.

Os outros japoneses também pensaram na própria jornada longa e dolorosa e mal podiam acreditar que um grupo de adolescentes passara pela mesma provação.

— Aquelas crianças voltaram em segurança ao Japão? — perguntou Nishi a Velasco.

— Sim, voltaram — assentiu Velasco em amplos gestos. — Assim como um dia cada um de vós voltará.

Ao ouvirem a resposta de Velasco, um profundo silêncio caiu sobre os japoneses. Será que eles realmente poderiam voltar para casa em segurança um dia? Todos eles compartilhavam do mesmo pensamento. Por fim, um sorriso tênue, quase um choro, abriu-se no rosto de cada um dos homens.

No dia em que o grupo por fim chegou a Madri, chovia. A chuva molhava a praça de Castela e caía suavemente na rua de Alcalá. Contra o céu nublado, o palácio do Escorial pairava como uma miragem cinzenta. Carruagens enchiam as ruas pavimentadas, esparramando lama e água em todas as direções.

No mosteiro franciscano, os japoneses dormiram como pedras por um dia inteiro. Agora que tinham alcançado seu destino, a fadiga física e mental que vinha se acumulando desde a chegada à Espanha apossou-se deles. Cientes da situação, os monges do mosteiro mantiveram distância do edifício em que os japoneses dormiam e abstiveram-se de soar o sino que normalmente marcava as horas.

Em seus sonhos, o samurai viu cenas de sua partida. Cavalos relinchavam; os anciãos da aldeia estavam alinhados diante do portão de sua casa; Yozo levava a lança do samurai; Seihachi, Ichisuke e Daisuke conduziam três cavalos carregados de bagagem. Quando o samurai montou em seu cavalo, baixou a cabeça em reverência ao tio. Riku estava em pé atrás dele, lutando para conter as lágrimas. Ele sorriu para seu filho mais velho, Kanzaburo, e para seu filho mais novo, Gonshiro, aninhado nos braços de uma serva. Então, por alguma razão, lorde Ishida estava esperando em seu cavalo do lado de fora do portão. O samurai não conseguia entender por que lorde Ishida tinha viajado a longa distância até o charco para encontrá-lo.

— Agora escutai. — Lorde Ishida sorriu e balançou a cabeça. — Daremos a vós apenas mais uma chance de completar a missão. Da próxima vez, com certeza, providenciarei para que recebais vossas terras em Kurokawa.

Então terei que repetir esta viagem terrível? O pensamento quase sufocava o samurai. Mas ele percebeu que era seu destino e que não tinha escolha senão obedecer. Tenacidade e submissão – como nos camponeses do charco, esses traços tinham se tornado parte dele...

Depois que abriu os olhos, demorou um pouco até perceber que ali não era o Japão, e sim um mosteiro num país desconhecido. A chuva escorria pela janela de um edifício estranho numa cidade estrangeira. O lugar estava quieto. O samurai sentiu-se tão sozinho que quase poderia chorar.

Silenciosamente, para não acordar Nishi, ele se vestiu e escapuliu para o corredor. Ele olhou o quarto dos serviçais. Yozo estava sentado distraído na beirada da cama. Ao lado dele, Ichisuke e Daisuke dormiam profundamente.

— Estás acordado? — sussurrou o samurai para Yozo. — Eu... sonhei com o charco.

— Devem estar começando a cortar lenha lá agora.

— Suponho que sim.

Quase um ano e meio se passara desde que eles partiram naquela viagem. O samurai pensou nos dias que vivera mais ou menos naquela época dois anos antes,

trabalhando com os camponeses no bosque para cortar lenha para as lareiras. Quando os machados golpeavam as árvores, o som ecoava penetrante por entre o bosque silencioso onde as folhas tinham começado a cair. Kanzaburo e seu irmão mais novo colhiam cogumelos naquele bosque.

— Só temos que aguentar um pouco mais — murmurou o samurai, olhando para a janela nublada de chuva. — Quando nossa missão estiver cumprida aqui na capital... só nos restará voltar para o charco.

Yozo assentiu, repousando as mãos nos joelhos.

— Mas isso se tudo correr bem... Lorde Velasco diz que para isso acontecer, temos que nos tornar cristãos.

Yozo olhou para cima, surpreso. O samurai perguntou:

— O que... o que farás?

— Desde que Seihachi morreu... — começou a dizer Yozo, mas logo se interrompeu e respondeu: — Não, farei seja lá o que ordenardes.

— O que eu ordenar? — O samurai sorriu, desconsolado. — Nada assim jamais aconteceu na família Hasekura. Meu tio nunca permitiria tal coisa.

O samurai ficou pensando no sonho com o charco, apinhado de casas de camponeses que pareciam ter sido espremidas para ficarem juntas. Naquele charco, todos compartilhavam a vida de todos os demais, com a família do samurai como núcleo. As vidas, a própria maneira de viver, estavam todas em harmonia. Cada família trabalhava em seus campos da mesma maneira, plantava suas sementes da mesma maneira e observava seus festivais da mesma maneira. Quando alguém morria, todos participavam dos ritos fúnebres. O samurai pensou no hino de louvor ao Amida Buda que seu tio costumava cantar enquanto massageava a perna ferida ao lado da lareira.

Dez éons se passaram

Desde que Amida entrou no Nirvana

O halo emanando do corpo sublime de Buda

Ilumina cada canto deste inferno de escuridão.

Quando terminava de cantar o hino, o tio sempre repetia:

— Louvado seja o Amida Buda. Louvado seja o Amida Buda — repetia isso várias vezes em voz baixa, e uma expressão de alívio aparecia em seu rosto.

O samurai quase podia ouvir a voz dele agora. Sim, no charco tudo era uma só união. O samurai não entoava esses hinos, mas não podia abandonar a fé professada por seu pai e seu tio. Seria o equivalente a trair sua própria carne e seu sangue, a trair o charco.

Saí de carruagem para a casa de meu primo, dom Luís. Seu pai, dom Diego Caballero Molina, que está hospedado com ele, é um ex-prefeito de Sevilha que ainda hoje, cavalheiro idoso, exerce considerável influência na Igreja e na corte. Dom Luís é o presidente do Tribunal da Inquisição.

Quando cheguei à casa de meu primo, parecia que tinham sido avisados da visita, porque um enxame de homens, mulheres e crianças veio correndo pela escadaria saudar-me. As crianças pulavam sobre mim. As mulheres me abraçavam de maneira tipicamente exagerada e os homens me davam todos os apertos de mão que sua dignidade podia permitir. Eles me cercaram, como parente que retornara de um estranho país asiático, e estavam ansiosos para ouvir minhas experiências. Na sala de visitas e depois na sala de jantar, ficaram presos a minhas palavras como se fossem histórias de como nossos ancestrais conquistadores tinham invadido continentes e cadeias de ilhas inexploradas.

Quando terminamos o jantar, em nossa conversa de amenidades na sala de visitas, meu tio Molina me fez um sinal com os olhos. Ele me acompanhou ao escritório, juntamente com seu filho Luís. Pareceu-me que os outros tinham sido avisados que isso aconteceria, pois todos obedientemente se despediram de mim.

Conversamos durante algum tempo sobre nossa estratégia para o debate iminente. Meu tio, alto e magro, caminhava pelo escritório enquanto me informava que minhas perspectivas no conselho dos bispos pareciam sombrias. Luís ficou em pé, rígido como uma sentinela, ouvindo a conversa.

— Dizes que o trabalho missionário é como uma batalha, mas há momentos na batalha em que é preciso recuar. Agora, os bispos daqui querem recuar no Japão. Se o conselho não deliberar em teu favor, a família terá que obter para ti uma posição de superior da ordem... Não no Japão, mas em Manila.

Meu tio explicou que eles pretendiam esgotar os esforços para conseguir para mim a posição de superior do mosteiro franciscano em Manila.

— Tuas chances parecem muito boas. Duvido seriamente que os cardeais ou os bispos se oponham a ti.

O som de seus passos parou, e meu tio sentou-se numa cadeira, juntando as mãos e olhando para mim para ver qual reação eu teria às palavras.

— Não estou certo de que compreendi o que quereis dizer...

— Ninguém te quer exposto ao perigo, mesmo se for pela causa do Senhor. Estou certo que haverá oportunidades ainda maiores para cultivares teus talentos como superior do mosteiro de Manila.

Fechei os olhos e pensei na cabana de mendigo em Edo, na qual Diego e eu vivêramos. Aquele hospital em que admitíamos leprosos tinha apenas três quartos. Baratas e ratos andavam por toda parte do edifício, e um esgoto imundo corria do lado de fora de nossa porta. No mosteiro em Manila, em vez de pragas, haveria

pássaros cantando nas árvores do jardim e não seria preciso comer peixe estragado nem arroz malcheiroso.

— Sou missionário — murmurei, ainda sorrindo. — Estou certo que devo ter nascido para ser missionário. Meu trabalho não é pregar em catedrais seguras e resplandecentes. Meu trabalho é pregar a Palavra de Deus em terras onde a perseguição continua feroz.

Meu tio deu de ombros e suspirou. Seu gesto foi exatamente o mesmo do bispo de Sevilha quando ouviu minha resposta.

— Tens sido assim desde menino. Quando eras só um garotinho, eras fascinado por marinheiros como Colombo...

— Se minha mãe não tivesse me colocado no seminário menor, teria me tornado um soldado ou marinheiro — eu falei e ri.

— Tua mãe mandou-te para o seminário a fim de controlar um pouco teu fervor.

— Bem, afinal, o sangue de ancestrais conquistadores corre em minhas veias...

Meu tio e meu primo nunca tinham visto o Japão e não sabiam nada sobre o país; então era difícil fazê-los entender como eu me sentia. E meu primo, em pé como uma sentinela, olhava para mim com preocupação. Ele tinha medo de que, ao se envolverem em meus esquemas, ele e sua família atraíssem o desprezo da nobreza e do clero de Madri.

— Eu gostaria de ver o arcebispo. Se Sua Majestade, o rei, conceder uma audiência aos emissários...

— Já estivemos em contato com o secretário do arcebispo. — Meu tio balançou a cabeça em consternação.

A resposta que veio foi que tudo dependeria do resultado do conselho dos bispos. O arcebispo não pode simplesmente interferir e arranjar uma audiência para os japoneses sem considerar a opinião dos bispos. Não é apenas questão de comércio... É um problema que diz respeito ao esforço missionário na Ásia. Mas faremos o que pudermos por ti.

Senti pelas palavras de meu tio que o arcebispo tentava evitar o problema embaraçoso que eu representava. Apertei as mãos dele e de meu primo. Eles me acompanharam até o vestíbulo, onde embarquei em minha carruagem.

Caía uma chuva fria. Voltei para o mosteiro pela estrada de pedra. A luz dos lampiões da rua iluminava as imagens de Nossa Senhora fixadas nas paredes e à beira da estrada, mas, fora isso, a cidade estava escura e silenciosa. Com a batida dos cascos dos cavalos em meus ouvidos, fechei os olhos e mais uma vez conjurei uma imagem do padre Valente, um homem que eu ainda não encontrara. Tentei

imaginar como ele refutaria meus argumentos e me atacaria. De uma janela, em algum lugar, ouvi o riso alto de uma mulher.

Abri a porta do prédio do alojamento e acendi uma vela na passagem. Quando percorri o longo corredor até meu quarto, vi umas figuras japonesas de pé em frente à porta.

— Quem é?

A chama da vela iluminou o rosto e o traje dos três emissários. Percebi gotas de chuva reluzindo em minha própria roupa.

— Ainda não fostes dormir?

— Lorde Velasco. — A voz de Hasekura estava tensa. — Quando tereis notícias da nossa audiência com o rei?

— Por que me perguntais isso? Estou fazendo o possível. Em mais um mês...

O conselho dos bispos deveria ser convocado em meados de janeiro. Naquele conselho, eu enfrentaria os jesuítas. Segurando a vela, expliquei isso aos emissários. Seus serviçais já estavam dormindo e fazia frio dentro do edifício. Expliquei aos três emissários, que escutaram com uma expressão dura, a enorme influência que as decisões do clero tinham sobre a política externa formulada pela corte deste país.

— Então, se vosso debate correr bem...

— Espero que corra. O resultado determinará se tereis uma audiência com o rei.

— Vencereis o debate?

— Isso eu não sei. — Sorri. — Mas, como samurais, estou certo que cada um de vós iria para um campo de batalha mesmo se não houvesse esperanças de vitória. Também sou assim.

— Lorde Velasco... — Nishi se adiantou. — Se isso vos ajudar, estou disposto a tornar-me cristão.

À luz da vela, vi que a confiança habitual tinha sido drenada do rosto de Tanaka.

— Lorde Tanaka e lorde Hasekura sentem-se da mesma maneira? — perguntei.

Nem Tanaka nem Hasekura responderam. Mas senti que nenhum deles estava tão obstinado quanto quando discutimos o assunto em Sevilha.

Chovia outra vez no dia em que o conselho dos bispos se reuniu. A água escorria do telhado do Tribunal da Inquisição, formando poças negras no pátio. Carruagens entravam no pátio uma atrás da outra, espalhando lama e água atrás de si. Quando

os guardas abriam a porta das carruagens, bispos em capas esvoaçantes encolhiam-se debaixo dos guarda-chuvas que lhes eram oferecidos e desapareciam no tribunal.

Dois homens de uniforme preto estavam de pé em frente à pesada porta para guiar cada bispo à cadeira determinada. Velasco sentou-se de frente para aquelas cadeiras, ao lado do padre Valente.

— Então esse... é o padre Valente. — Ligeiramente surpreso, Velasco deu uma olhada no velho baixinho que estava sentado numa cadeira a curta distância, com as mãos cruzadas sobre o colo.

Aquele velho em trajes surrados, aquele velho com os olhos firmemente fechados e uma expressão de cansaço, era o padre Valente.

Desde que a carta do tio chegara a Veracruz, Velasco passara quase todos os momentos tentando imaginar como se pareceria seu oponente. Em suas divagações, o padre Valente ostentava um olhar de inteligência cortante e ocasionalmente soltava um sorriso sardônico. Não se parecia em nada com aquele velho enrugado cujos ombros caíam como se tivessem sido arruinados pela vida. Em vez de ficar aliviado pela aparência do adversário, Velasco se sentiu afrontado. Parecia quase indesculpável que tivesse sido atormentado por tanto tempo por causa daquele velho tão frágil.

Como se sentisse o olhar penetrante de Velasco sobre ele, o padre Valente abriu os olhos e mirou na direção de Velasco. Então, fez um ligeiro gesto com a cabeça e deu um sorriso cheio de simpatia.

Um homem uniformizado tocou um sinete. Era o sinal para o debate começar. Os bispos, que lembravam a Velasco um bando de abutres, tomaram seus assentos numa fileira única à frente de Velasco e do padre Valente, tossiram solenemente várias vezes e juntaram as cabeças para deliberar.

O bispo que atuava como presidente do conselho se levantou e começou a ler um papel. Sua declaração expressava a intenção dos bispos de debaterem, na qualidade de membros do conselho de Madri, a discordância entre os jesuítas e os franciscanos em relação aos métodos de evangelização no Japão e seu desejo de determinar as qualificações dos emissários japoneses que haviam chegado a Madri.

Enquanto sua voz suave se infiltrava em cada canto da sala silenciosa, os outros bispos ficaram imóveis, olhando para Velasco e o padre Valente com olhos que pareciam ser de homens mortos.

— Para resumir o problema em questão... — O bispo presidente, tendo terminado sua recitação, dirigiu-se aos colegas. — Quinze anos atrás, Sua Santidade, o Papa Clemente VIII, emitiu a constituição apostólica *Onerosa Pastoralis*, na qual o direito de evangelizar no Japão, antes restrito apenas à Companhia de Jesus, foi concedido a outras ordens. Imediatamente, os franciscanos enviaram onze missionários ao Japão. O padre Velasco, aqui presente,

foi um deles. Ele acredita que a deterioração do esforço missionário no Japão desde a chegada de Francisco Xavier, em 1549, é resultado de erros dos jesuítas; ele deseja uma melhora da situação e alega haver razões suficientes para otimismo. Os jesuítas, por outro lado, garantem que as mudanças abruptas na liderança do Japão obstruíram o trabalho missionário e insistem que os presentes problemas não resultam de falhas nos métodos de evangelização, e sim de outras causas. Por essa razão, nos propomos a ouvir relatos detalhados da situação dos dois lados da disputa.

Os bispos conferenciaram em voz baixa com seus vizinhos dos dois lados e, então, concordaram com a proposta. Enquanto deliberavam, Velasco olhou para eles com sua habitual confiança. O padre Valente, da Companhia de Jesus, continuou imóvel, com as mãos reunidas no colo.

Velasco levantou-se quando chamaram seu nome. Ele deliberadamente fixou um sorriso. De modo respeitoso, expressou gratidão pela honra a ele concedida de descrever sentimentos e experiências com relação ao esforço missionário no Japão.

— Durante meio século, o trabalho missionário no Japão correu sem percalços, inquestionavelmente por causa da dedicação de nossos irmãos da Companhia de Jesus. Quanto a isso, tenho o mais profundo respeito pelo trabalho e pelos sacrifícios da Companhia de Jesus.

Havia algo de prazeroso em enaltecer aqueles que o haviam caluniado. Ele sabia que essa abordagem daria objetividade a suas observações. Ele não poupou elogios ao enumerar as realizações dos jesuítas. Quando finalmente uma faísca de curiosidade se agitou nos olhos dos bispos, ele contrapôs:

— Porém... — Porém... sem perceberem o que estavam fazendo, os jesuítas cometeram um grave erro. Eles não previram os sérios reveses que seus erros infligiriam ao esforço missionário.

Ao pronunciar essas palavras, Velasco desviou seu olhar até o padre Valente. Mas o velho padre continuava imóvel, com seus olhos fechados como se de cansaço, e era impossível determinar até mesmo se ele estava escutando o pronunciamento de Velasco.

— O erro dos jesuítas foi pensar que o Japão era como qualquer outro país. O Japão não é como nenhuma das outras nações que nossos ancestrais conquistaram. O Japão tem sido protegido por um grande oceano, o Pacífico, e, embora não conhecesse o cristianismo, seu povo foi capaz de manter uma ordem invejável e equipar-se com um exército poderoso. Ao contrário das raças indolentes, os japoneses são inteligentes, astutos e cheios de orgulho, e sempre que eles ou sua nação foram insultados, reuniram-se como um enxame de abelhas e retaliaram. Num país como esse, precisamos adotar métodos de evangelização adequados. Não

devemos insultá-los. Não devemos enfurecê-los. No entanto, as ações da Companhia de Jesus fizeram exatamente isso.

Nesse ponto, Velasco fez uma pausa. Uma vez tendo constatado traços de interesse e preocupação nos rostos dos bispos que inicialmente tinham olhado para ele com olhos sem vida, Velasco baixou a cabeça e perguntou:

— Tenho a permissão de descrever tais ações em detalhe?

— É para isso que estamos aqui — assentiu um dos bispos.

— Por exemplo, os jesuítas obtiveram um terreno totalmente desnecessário na cidade portuária de Nagasaki. Para eles, era uma fonte de renda para desempenharem seu trabalho missionário; para os japoneses pagãos, aparentemente era uma fonte de inquietação e desconfiança. Os japoneses não podem permitir que qualquer parte de suas estreitas ilhas seja transformada em colônia estrangeira. Isso não é tudo. Alguns irmãos da Companhia de Jesus, num excesso de zelo missionário, atearam fogo às estátuas budistas que muitos japoneses veneram. É verdade que na Nova Espanha eles puderam queimar os altares dos índios sem que isso se tornasse um empecilho a sua evangelização. Mas quando isso é feito no Japão, provoca animosidade desnecessária no coração daqueles que um dia poderão se tornar filhos de Deus. Isso é ilustrado pelo fato de que quando o *taiko*, governante do Japão, soube o que os missionários estavam fazendo, abandonou a atitude magnânima de antes e instituiu uma política de perseguição. As perseguições foram, na verdade, causadas pelos erros dos missionários. Os jesuítas não podem fugir à responsabilidade por isso. No entanto, fecham os olhos a esses fatos e relatam a Roma e a vós em Madri que fizeram o que podiam, mas o trabalho missionário se tornou extremamente difícil.

Velasco arremeteu com essa acusação de um só fôlego e, quando terminou, mais uma vez baixou a cabeça em reverência e calou-se. A pausa foi deliberada, com a intenção de atizar a curiosidade dos ouvintes.

— Porém... — continuou Velasco, vigorosamente. — Porém ainda há esperança para o trabalho missionário no Japão... É verdade que a situação atual é desfavorável, mas isso pode ser remediado. Estou convencido. Essa esperança não é, como os jesuítas alegaram, um sonho dissociado da realidade. Se fosse assim, eu não teria vindo de tão longe trazendo embaixadores japoneses portando uma carta de seu governante.

Nesse ponto, o padre Valente elevou a cabeça do peito. Velasco viu um fino sorriso esboçar-se lentamente. Era como o sorriso piedoso de um adulto assistindo a um bufão desajeitado. Velasco abafou sua raiva crescente e continuou seu discurso.

— Os embaixadores... Não, o próprio povo japonês, está ansioso para lucrar com o comércio com a Nova Espanha. O Japão é um país pequeno e empobrecido.

Por essa razão, os japoneses farão absolutamente qualquer coisa por lucro. Essa disposição é sua maior força, assim como sua maior fraqueza. A Igreja não tem o que possivelmente perder ao conceder-lhes mínimos lucros em troca da liberdade de desempenhar o trabalho missionário. Se não os humilharmos, se não despertarmos sua ira, se em vez disso lhes oferecermos lucros em troca do reconhecimento de nossos trabalhos de evangelização, estou certo de que as perseguições terão fim.

Ainda se podia ouvir na sala o som da chuva. Os bispos escutaram as propostas de Velasco em silêncio.

— Os japoneses darão qualquer coisa para ter lucros — repetiu Velasco. — Podem até nos dar seu coração.

O som da chuva ainda era audível. O samurai sentou-se em sua cama e olhou com desconforto para o quarto à volta. Era como todos os muitos quartos de mosteiro em que ele dormira desde a chegada à Nova Espanha. Uma única cama simples e uma única escrivaninha, também simples, um jarro d'água de porcelana e uma bacia adornada com arabescos. Na parede nua, um homem emaciado com ambas as mãos pregadas numa cruz estava pendurado com a cabeça caída.

— Um homem como esse... — Mais uma vez, o samurai teve a mesma incompreensão. — Por que eles o adoram?

Ele se lembrou de que uma vez vira um prisioneiro em condição semelhante. Cavalgando sem sela, ele tinha sido exibido em público com as mãos atadas a um poste. Como aquele homem no crucifixo, o prisioneiro era feio e imundo. Suas costelas sobressaíam e sua barriga tinha encolhido, como se ele não tivesse comido nada por muito tempo. Ele vestia apenas um pano sobre os quadris e apoiava-se no cavalo com as pernas magras. Quanto mais ele olhava para a imagem na parede, mais ela lembrava ao samurai daquele prisioneiro.

— O que as pessoas no charco pensariam, se eu adorasse alguém assim?

Ele se imaginou adorando aquele homem e foi varrido por uma sensação insuportável de vergonha. Ele não acreditava sinceramente nos budas da mesma maneira que o tio, mas, quando fazia uma peregrinação a um templo, sua cabeça automaticamente queria se baixar perante os ídolos magníficos; quando ele ficava diante de um templo em que águas puras corriam, sentia a necessidade de juntar as mãos em súplica. Mas ele não podia detectar nada de sublime nem de sagrado num homem tão miserável e impotente quanto aquele.

Aqueles mercadores...

Com certeza, aqueles mercadores que ele deixara para trás na Nova Espanha tinham sentido o mesmo. No entanto, eles se ajoelharam na catedral e receberam o

batismo dos estranhos por vontade própria, de modo a garantir relações comerciais com a Nova Espanha. Ao observá-los, o samurai sentiu uma mistura confusa de desprezo e inveja. Ele desprezava a mesquinhez que permitia que mercadores vendessem alegremente a alma para obter lucros e tinha inveja da audácia que lhes permitia aceitar absolutamente qualquer coisa por proventos. No entanto, agora Nishi Kyusuke dizia planejar ser batizado como formalidade para executar sua missão como emissário. Um ato desses certamente não era mais que formalidade, e não algo do coração. O samurai sabia que ele também deveria se engajar em toda forma possível de fraude em nome de Sua Senhoria, de modo a completar sua missão. Ele percebia isso, mas não conseguia fazê-lo.

Não posso...

Tornar-se cristão era trair o charco. E o charco não era feito apenas daqueles que viviam lá agora. Os ancestrais e os parentes dos que viviam mantinham silenciosamente guarda sobre o charco. Enquanto a casa Hasekura continuasse, o pai e o avô falecidos do samurai seriam parte do charco. Aquelas almas não permitiriam que ele se tornasse cristão.

O padre Valente, da Companhia de Jesus, levantou-se vagarosamente da cadeira. Ele também baixou a cabeça para os bispos, depois cruzou os dedos e segurou as mãos sobre o peito. Numa voz ligeiramente rouca, falou:

— Vivi no Japão por trinta anos e presenciei eu mesmo o que o padre Velasco alega serem erros dos jesuítas. Por causa dessa experiência, não negarei agora o que ele relatou. É verdade que nossa Companhia teve excesso de zelo. Por causa desse excesso de zelo, às vezes levamos as coisas longe demais. Mas nem todas as perseguições no Japão são resultado apenas desses excessos. Há um engenhoso exagero nas palavras do padre Velasco. E há um elemento desejoso em suas esperanças para o futuro.

Velasco apertou os punhos que repousavam nos joelhos, mas se forçou a sorrir. Na presença dos bispos, tinha que demonstrar completa compostura.

— Devo dizer-vos que os embaixadores que o padre Velasco trouxe não são representantes do rei do Japão, que é conhecido como xogum. Seu senhor, que governa sobre um domínio no leste do Japão, é um entre muitos nobres. Mesmo supondo que essa delegação tenha a autorização do rei do Japão, dificilmente se poderia dizer que sejam emissários oficiais, representando a nação como um todo.

O padre Valente levou a mão à boca e tossiu de leve. Ele não falou vigorosamente nem tentou arrebatrar os bispos com pausas dramáticas, como Velasco fizera, mas se contentava em descrever a situação numa voz tediosa e

monótona. No entanto, desde o início investiu contra o ponto mais vulnerável de Velasco.

— O padre Velasco acabou de dizer-vos quão formidável ele considera o povo japonês. Ele disse que são tão inteligentes, astutos e ansiosos por lucros que não devem ser tratados como os povos de outras nações. Concordamos com ele. E porque concordamos, gostaríamos que vossas excelências considerassem o seguinte: já que os embaixadores japoneses que acompanharam o padre Velasco até aqui não são emissários oficiais, não importa quão tentadoras possam ser suas promessas de trabalho missionário na carta que carregam, em algum ponto no futuro os japoneses poderão dizer: “Essas não foram as promessas do rei. Não foram nada mais que as promessas de um único nobre. Aqueles não eram embaixadores oficiais. Eram meros emissários privados”. — O padre Valente fez uma pausa e outra vez soltou uma tosse fraca. — Com muitos anos de experiência, posso vos dizer que essa é uma tática que os japoneses empregam com frequência. Eles preparam suas desculpas com bastante antecedência para que possam escorregar do que disseram sempre que isso lhes convenha — é o modo japonês de fazer as coisas. Quando uma batalha começa, por exemplo, se um nobre japonês não tiver certeza de qual lado sairá vitorioso, muitas vezes ele fará seus irmãos se aliarem a ambos os lados. Não importa qual lado vença, a família do nobre pode se justificar perante o vencedor, alegando: “Nossa família não é responsável por nosso irmão ter se aliado ao inimigo. Ele fez isso por iniciativa própria”. Foi com essa mesma astúcia que os japoneses enviaram esses emissários à Nova Espanha. O que quero dizer é que os japoneses não estão interessados no trabalho missionário. Eles estão apenas sacudindo a promessa de liberdade para evangelizar como isca a nossa frente, enquanto seu real objetivo é outro.

— Então, o que é que eles querem? — perguntou um dos bispos, com o queixo aninhado nas mãos. Para Velasco, ele lembrava um abutre. — O que os japoneses desejam, além do comércio com a Nova Espanha?

— Eles querem roubar nossas rotas marítimas pelo Pacífico e se apoderar de nossas habilidades de navegação. Sem dúvida, conseguiram surrupiar todo esse conhecimento na presente viagem.

Houve um tumulto entre os bispos. Quando o alarido diminuiu, a atenção se desviou do padre Valente para Velasco, cujo rosto endurecera enquanto escutara de sua cadeira. Velasco levantou levemente a mão, solicitando permissão para responder. Quando um dos bispos assentiu, ele falou numa voz vacilante, seu rosto corado:

— Há algo que vossas excelências devem compreender. Sem a permissão do rei, nenhum nobre japonês tem autoridade para libertar espanhóis detidos no Japão. Viajamos para a Nova Espanha juntamente com um grupo de marinheiros

espanhóis que tinham sido mantidos em custódia. Isso prova que os embaixadores vieram do Japão com a autorização de seu rei. Também é evidente pela carta que o rei do Japão enviou diretamente às Filipinas, dez anos atrás, que ele mesmo está ansioso para fazer comércio com a Nova Espanha. E já que estamos falando disso, é do conhecimento geral que, trinta anos antes, a Companhia de Jesus, à qual o padre Valente pertence, tentou fazer quatro crianças japonesas não melhores que mendigos se passarem por filhos de distintos daimios e enviou-as à Espanha e a Roma sob a alegação de que eram embaixadores oficiais.

Quando Velasco tomou seu assento, o padre Valente se ergueu com lentidão da cadeira rangente. Novamente, colocou os braços sobre o peito e tossiu secamente duas ou três vezes.

— É verdade que o rei do Japão já desejou fazer comércio com a Nova Espanha. Mas mesmo naquela época, seu plano era permitir o comércio e proibir o trabalho missionário, e de fato, muitos cristãos foram queimados em estacas na capital, e os missionários foram expulsos de todos os domínios. É óbvio que eventualmente esses embaixadores também terão que se submeter a essa política. Por essa razão, mesmo que o senhor desses embaixadores prometa proteger os missionários e conceder a liberdade de evangelizar, isso não constitui uma promessa do rei do Japão.

— Vós... — Velasco interrompeu. — Vós e toda a Companhia de Jesus pareci ter abandonado todas as esperanças de acabar com as perseguições. Mas eu... acredito que podemos extinguir a animosidade contra o cristianismo que provocastes nos japoneses.

Velasco elevou a voz até um grito, se esquecendo de que os bispos observavam. Vendo o rosto vermelho de Velasco, o padre Valente sorriu para ele com pena.

— Podeis extingui-la? Duvido que seja tão fácil.

— Por quê?

— Porque acredito, e digo isto depois de muitos anos vivendo entre eles, que, de todos os povos do mundo, os japoneses são os menos receptivos a nossa religião.

O sorriso sardônico desapareceu do rosto do padre, que agora olhava para Velasco com tristeza.

— Os japoneses são insensíveis a tudo que seja absoluto, a qualquer coisa que transcenda o nível humano, à existência de qualquer coisa além dos domínios da natureza, ao que chamaríamos de sobrenatural. Percebi isso depois de trinta anos lá como missionário. Era coisa simples ensinar-lhes que esta vida é transitória. Eles sempre foram sensíveis a esse aspecto da vida. O que é assustador é que os japoneses também têm a capacidade de aceitar e até apreciar a fugacidade da vida.

Essa capacidade é tão profunda que eles chegam a se deleitar com o conhecimento desse fato. Até escreveram muitos versos inspirados por essa emoção. No entanto, os japoneses não fazem nenhuma tentativa de ir além desse conhecimento. Eles não têm desejo de progredir para além dele. Eles abominam a ideia de fazer distinções claras entre o homem e Deus. Para eles, mesmo que haja alguma coisa maior que o homem, isso é algo que o próprio homem pode vir a se tornar um dia. Buda, por exemplo, é um ser que o homem pode se tornar uma vez que abandone suas ilusões. Até a natureza, que para nós é algo totalmente separado do homem, para eles é uma entidade que abraça e envolve a humanidade. Nós... falhamos em nossas tentativas de corrigir essas atitudes deles.

Os bispos receberam essas observações inesperadas do padre Valente com um silêncio pesado. De todos os missionários que foram enviados a terras distantes, nenhum jamais falara com tamanha desesperança.

— A sensibilidade deles está firmemente ancorada na esfera da natureza, nunca se eleva a um reino mais alto. No reino da natureza, sua sensibilidade é notavelmente delicada e sutil, mas é incapaz de compreender qualquer coisa num plano mais elevado. É por isso que os japoneses não concebem nosso Deus, que vive num plano separado do homem.

— Então... — Um dos bispos balançou a cabeça, como se não pudesse aceitar o argumento de Valente. — Os cristãos japoneses, que uma vez chegaram a quatrocentos mil, no que eles acreditavam?

O padre Valente respondeu com suavidade, com os olhos fixos no chão:

— Eu não sei. — Dolorosamente, ele fechou os olhos. — Quando o rei baniu o cristianismo, metade deles desapareceu como névoa.

— Desapareceu?

— Sim. Uma torrente aparentemente interminável de japoneses que considerávamos entre os melhores fiéis renunciaram à fé no momento em que a perseguição começou. Quando um senhor feudal abjurava o cristianismo, sua família inteira e seus cavaleiros o acompanhavam, e quando o chefe de uma aldeia apostatava, quase todos os aldeões também deixavam a Igreja. Para nosso espanto, pelos rostos ninguém poderia dizer que algo acontecera.

— Eles não sentiam nenhuma pontada de remorso por terem abandonado Deus?

— Quando eu olhava num mapa — murmurou o padre Valente, com os olhos ainda fechados —, a forma do Japão às vezes me lembrava a de um lagarto. Muito mais tarde, ocorreu-me que a verdadeira natureza dos japoneses era bem a mesma. Nós, missionários, éramos como crianças que se divertem cortando a cauda de um lagarto. O lagarto continuou vivendo mesmo sem sua cauda, e por fim sua cauda cresceu de novo até voltar a ser o que era antes. Apesar de sessenta anos de

evangelização por nossa Companhia de Jesus, os japoneses não mudaram nada. Eles voltaram a ser como originalmente eram.

— Como originalmente eram? Explicai o que quereis dizer, padre Valente.

— Os japoneses nunca vivem como indivíduos. Nós, missionários europeus, não tínhamos consciência desse fato. Supondo que tenhamos um único japonês aqui. Tentamos convertê-lo. Mas nunca houve um único indivíduo que pudéssemos chamar de “ele” no Japão. Ele tem uma aldeia por trás de si. Uma família. E mais. Há também seus pais e seus ancestrais mortos. Aquela aldeia, aquela família, aqueles pais e aqueles ancestrais estão amarrados a ele firmemente. É por isso que ele não é um ser humano isolado. Ele é um agregado que precisa suportar a carga da aldeia, da família, dos pais e dos ancestrais. Quando digo que ele voltou à maneira como originalmente era, quero dizer que voltou ao mundo ao qual é tão arraigado.

— Não estais vos fazendo entender muito claramente, padre Valente.

— Então, por favor, permiti-me que vos dê um exemplo. Quando o primeiro missionário no Japão, Francisco Xavier, começou seu trabalho nas províncias do sul, esse foi o obstáculo mais formidável que ele encontrou. Os japoneses diziam: “Acredito que os ensinamentos cristãos são bons. Mas eu estaria traindo meus ancestrais se fosse para um Paraíso onde eles não poderiam viver. Nossos laços para com pais e ancestrais são muito firmes”. Deixai-me apontar que isso não é uma simples questão de culto aos ancestrais. É uma fé absoluta. Sessenta anos não foram suficientes para obliterarmos essa fé.

— Vossas reverendíssimas excelências! — gritou Velasco, interrompendo o padre Valente. — O que este padre acaba de dizer é um exagero grosseiro. Também houve no Japão mártires que deram a vida pelos ensinamentos de Cristo. Como pode ele dizer que os japoneses não acreditaram em nosso Senhor? As esperanças para o trabalho missionário no Japão não estão de forma nenhuma extintas!

Ele, então, apostou o trunfo que ele esperava que confirmasse sua alegação.

— Isso fica evidente pelo fato de que trinta e oito dos mercadores japoneses que eu levei à Nova Espanha foram batizados na catedral de São Francisco, na Cidade do México. E neste exato momento, um dos três emissários japoneses que pacientemente aguardam uma justa decisão de vossas excelências tomou a iniciativa e prometeu que se tornará um filho da Igreja.

Enquanto escutava a chuva, o samurai se estendeu na cama; cruzando os dedos atrás da cabeça, olhou para o homem nu suspenso na parede. Não havia ninguém no quarto senão ele e aquele homem.

A porta se abriu, e Tanaka entrou. Gotas de chuva brilhavam como orvalho em seus trajes.

— Deveis estar cansado. Nishi voltou convosco?

O samurai sentou-se e cruzou as pernas. Embora os dois homens tivessem o mesmo posto, ele mantinha a deferência para Tanaka, que era mais velho.

— Ele ainda está caminhando pela cidade na chuva. Cansei-me de todos olhando para mim e voltei — disse Tanaka, irritado.

Ele removeu a espada da cintura e enxugou a bainha de couro molhada com um pano. As pessoas ficavam olhando para eles quando andavam pelas ruas da Nova Espanha, mas ali na Espanha isso era ainda mais incômodo. As multidões que andavam atrás deles tocavam com curiosidade suas roupas e suas espadas e falavam sobre eles. Havia até crianças que pediam dinheiro. Os adultos competiam para apanhar o lenço de papel que os japoneses jogavam fora nas ruas depois de assoar o nariz. No início, os japoneses riam desse comportamento, mas, com o tempo, olhares e perguntas impertinentes tinham ficado cansativos.

Suponho que o debate de Velasco já tenha terminado, Tanaka resmungou para si mesmo, enquanto tirava suas botas encharcadas de chuva.

O samurai, Nishi e seus serviçais tinham comprado botas de couro semelhantes em Sevilha.

— Não creio que já tenha acabado.

— Estou preocupado.

O samurai assentiu. Tanaka sentou-se na própria cama e cruzou as pernas.

— Hasekura, o que acontecerá conosco se Velasco perder o debate? Rastejamos humildemente de volta ao Japão?

O samurai piscou e não disse nada. Ele não sabia responder. Velasco dissera a eles que a audiência com o rei e a apresentação da carta de Sua Senhoria dependiam do debate daquele dia. Desde aquela manhã, quando Velasco saiu numa carruagem, os três emissários estiveram ansiosos. O samurai podia entender por que Nishi estava lá fora caminhando na chuva.

— Devemos nos contentar com isso? — Tanaka olhou ferozmente para o samurai. — Não posso fazer isso. Eu teria vergonha perante toda a minha família. Todos os meus parentes desejam obter nossas velhas terras de volta há muito tempo. Eu não poderia manter a cabeça erguida diante deles.

O samurai estava exatamente na mesma situação. Ele se virou para olhar a chuva escorrendo pela janela.

— Escutai, Hasekura — disse Tanaka. — Assim como Nishi, penso em tornar-me cristão. Detesto os cristãos. Mas, com as coisas do jeito que estão agora, não há outra escolha. Pensei que, na batalha, às vezes se prostra sobre as mãos e os

joelhos e se abaixa a cabeça em submissão, mas é apenas para enganar o inimigo. Não pomos o coração nisso. Na noite passada, convenci-me disso.

— Matsuki Chusaku disse...

— De que adianta agora acreditar no que Matsuki disse? Matsuki alegou que o conselho dos anciãos nos mandou para cá a fim de calar as petições dos anspeçadas de ter suas terras devolvidas. Mas não quero acreditar nisso. Durante toda a viagem, tudo a que pudemos nos agarrar foi aquela promessa de lorde Shiraishi. Acho que Matsuki deve ter o apoio dos inimigos de lorde Shiraishi no conselho. O que achais, Hasekura?

— Se eu me tornasse cristão, mesmo que fosse só um estratagema, sinto que seria como virar as costas à família Hasekura e a meus ancestrais.

— Sinto o mesmo. Não quero desistir da religião que meus ancestrais seguiam. E não estarei desistindo dela no coração. A maior impiedade seria não obter de volta as terras que herdei de meus ancestrais.

O samurai lutou para encontrar algo a que se agarrar enquanto sentia seu coração desmoronar. O som da chuva de repente evocou memórias da estação chuvosa no charco. A estação das chuvas no charco – trancado em casa dia após dia por causa da chuva, uma variedade de odores nos ambientes, galhos retorcidos estalando na lareira encovada, crianças tossindo. A terra desmoronando debaixo da chuva...

— Pense bem, Hasekura.

O samurai olhou para a imagem na parede. Todos os dias na viagem, os mercadores tinham ouvido as histórias de Velasco a respeito daquele homem. “Esse homem morreu com os pecados da humanidade sobre Si”, Velasco explicava com um sorriso. “Um daimio derrotado na batalha toma a própria vida para salvar a vida de seus servos. E esse homem morreu para pedir a Deus que perdoasse todos os que haviam se rebelado contra Ele. Então esse homem se juntou a todos os outros para se rebelar contra Deus? Não, não foi isso. Esse homem não cometeu nenhum pecado. Ele jamais se voltou contra Deus, nem sequer uma vez. Mesmo assim, morreu em sacrifício por todos.”

Embora os mercadores não tenham acreditado naquela história absurda nem por um momento, moveram a cabeça em concordância por causa de Velasco. Para eles, um homem como aquele não era diferente de uma pedra ao lado da estrada, que eles poderiam usar no lugar de um martelo. Uma vez tendo servido ao propósito, aquela pedra poderia ser descartada. Se juntar as mãos diante daquele homem os ajudasse a fazer negócios com os estrangeiros, eles fingiriam adorá-lo e, mais tarde, o descartariam. Era assim que os mercadores tinham se sentido.

De que maneira... pensou o samurai, piscando os olhos, *sou diferente daqueles mercadores?*

Aquele homem feio e emaciado. Aquele homem desprovido de majestade, isento de beleza aparente, tão terrivelmente miserável. Um homem que só existe para ser descartado depois de usado. Um homem nascido numa terra que eu nunca vi e que morreu num passado distante. Ele não tem nada a ver comigo.

— Não nego que esses batismos ocorreram. — O padre Valente suspirou e se levantou da cadeira. Ele estava ofegando pesadamente, seus ombros tremendo, como se fosse fisicamente doloroso refutar Velasco. — Ao mesmo tempo, questiono se eles foram sinceros no pedido para serem batizados.

— O que quereis dizer? — perguntou o mesmo bispo.

— Eu já vos disse. Quando as perseguições começaram, metade dos fiéis japoneses desapareceu como bruma. Se a perseguição ficar mais feroz, sem dúvida a outra metade abandonará os ensinamentos de Cristo, como se não significassem absolutamente nada para eles. Em vez de ministrar o batismo, deveríamos considerar como ajudá-los a defender sua fé. Em vez de fazermos conversões temporárias no meio de uma perseguição, nós...

— Vossas reverendíssimas excelências — disse Velasco, interrompendo, impaciente. — A honra dos trinta e oito japoneses e do emissário que está de fato alegremente se preparando para se juntar aos fiéis exige que eu levante uma objeção às observações humilhantes do padre Valente. É lamentável que tais palavras saiam dos lábios de um clérigo. Com tal fala, ele também menospreza os muitos santos japoneses que ele mesmo batizou, com as próprias mãos.

— Não menosprezo ninguém. Estou apenas expondo-vos os fatos...

— Mesmo que o que dizeis seja verdade — gritou Velasco —, pareceis que vos esquecerdes de que o sacramento do batismo transcende a vontade do homem e confere a graça de Deus sobre quem o recebe. Sim, mesmo que de alguma forma houvesse tais motivações impuras em seu batismo, daquele dia em diante o Senhor certamente não os ignoraria. Mesmo que eles tenham então usado o Senhor em proveito próprio, o Senhor nunca os abandonará. E... — Ele fez uma pausa. — Lembro-me agora das palavras que o Senhor registrou na Bíblia quando admoestou João. Quando João tentou criticar um homem que usava o nome do Senhor para curar os enfermos, Ele disse: “Aquele que não está contra nós está conosco”.

Por um breve instante, Velasco sentiu uma dor lancinante no peito, como se tivesse sido perfurado por uma espada afiada. Ele sabia que os mercadores japoneses não tinham acreditado em seus sermões. Ele reconhecia que simplesmente tinham usado seu batismo como meio de buscar os lucros do comércio. Ainda assim, fechara os olhos a tudo.

Um bispo sentado em uma extremidade levantou a mão e declarou:

— Este conselho não foi convocado para ouvir debates teológicos sobre o batismo. Nossa tarefa é determinar se esses emissários são embaixadores oficiais

do Japão ou emissários privados de um único nobre. Mas, antes, temos que saber se a perseguição no Japão é um fenômeno temporário ou se continuará por muito tempo.

— Não considero as perseguições no Japão temporárias nem permanentes. — Velasco dirigiu sua atenção ao bispo que o inquiria. — É um fato que em Edo, onde o grande castelo do atual governante está situado, e nas regiões sob sua influência, os cristãos têm sido perseguidos. Os jesuítas afirmam que essa perseguição e essa supressão continuarão indefinidamente, mas não concordamos com isso. Esse governante sem dúvida despreza o cristianismo; ao mesmo tempo, não é tolo o bastante para ignorar os lucros crescentes que vêm se acumulando do comércio com Manila e Macau. É nossa opinião bem ponderada que ele, na verdade, terá prazer em relaxar as perseguições se a Nova Espanha lhe possibilitar riquezas maiores que as oferecidas por Manila e Macau. Já repeti isso várias vezes. Em minha opinião, ao oferecermos riquezas a seu governante, podemos fazê-lo autorizar nossa liberdade de evangelizar, ainda que sejam colocadas algumas restrições sobre nós. A perseguição não é temporária nem permanente. É algo com que nós mesmos podemos acabar.

O bispo assentiu às observações de Velasco e, então, se virou para o padre Valente, que estava sentado, com as mãos unidas, olhando para o chão.

— Gostaríamos de ouvir a opinião do padre Valente.

O padre tossiu de novo e respondeu languidamente, numa voz cheia de catarro:

— A perseguição provavelmente continuará. As proibições que no momento são aplicadas apenas em parte devem se estender a todo o Japão. Quinze anos atrás, ainda havia um raio de esperança, porque naquela época o governante que o padre Velasco mencionou tinha um poderoso adversário chamado Toyotomi. Mas o poder do clã dos Toyotomi aos poucos diminuiu, até que agora eles estão isolados numa cidade chamada Osaka. Logo serão certamente aniquilados. Não há mais um único nobre no Japão que possa se opor ao atual governante. É claro que ele busca lucros do comércio, mas ele pensa que é melhor se aproximar das nações protestantes. Os protestantes lhe juraram que estão interessados apenas no comércio, não em espalhar o cristianismo.

— Então — falou Velasco, bem alto — devemos ficar sentados e entregar o Japão aos protestantes? Esta é uma questão que também afeta o avanço espanhol no Oriente...

O debate continuou interminavelmente. Lá fora, a escuridão já tinha envolvido o prédio do tribunal. Os bispos estavam exaustos, como se via pela maneira como reprimiam bocejos e esticavam os ombros. Velasco sentia-se esgotado. Ele fechou os olhos e murmurou para si mesmo as últimas palavras que

Cristo falou antes de entregar Sua alma. *Pai, seja feita Vossa vontade. Terminei o trabalho que me destes para fazer. Em Vossas mãos, entrego meu espírito.*

Ao descer as escadas, que exalavam um cheiro de mofo característico dos velhos mosteiros, ele ouviu uma voz monótona e rouca cantar:

— Ó Senhor dos campos: bem-vindo! Por favor, sentai-vos. Bem, terminastes vosso trabalho e viestes...

O samurai conhecia bem a canção. Era uma cantiga que as mulheres cantarolavam na época da plantação nos domínios de Sua Senhoria quando empurravam os brotos tenros de arroz na terra alagada. O samurai parou por um momento na plataforma e escutou aquela interpretação desajeitada. O cantor, um homem apoiado contra a parede cinzenta, apressadamente interrompeu seu canto, curvou-se e desapareceu no quarto. Era um dos serviçais de Nishi Kyusuke.

Uma voz zangada ecoou do fim do corredor. Yozo repreendia Ichisuke e Daisuke.

— Todos queremos voltar para casa! Sabeis que o próprio mestre tenta completar sua missão o mais rapidamente... Seus bastardos egoístas!

A gritaria foi seguida da batida de uma mão espalmada contra pele e dos murmúrios de um pedido de desculpas lacrimoso.

O samurai ficou em pé no escuro, piscando e escutando a confusão. Sem dúvida, Yozo tinha escutado Ichisuke e Daisuke reclamando que queriam voltar para o charco. O samurai compreendia dolorosamente o desejo de seus serviçais; ao mesmo tempo, compreendia os sentimentos que levaram Yozo a repreendê-los.

Por que estás hesitando? Ele sentiu como se ouvisse outra voz ao lado dele. *É tua teimosia que impede que teus serviçais voltem ao charco. Para ajudar tua missão e teus amigos, por que não podes tornar-te cristão apenas nas aparências?*

— Bastardos egoístas! — Houve o som de mais um golpe, como a batida de um pano molhado.

Basta. Basta! Estou cansado, o samurai murmurou para si mesmo. *Nem Ichisuke nem Daisuke são egoístas. Eu que sou.*

— Yozo — chamou, suavemente. Três figuras cinzentas se viraram para ele e se curvaram, cheias de remorso. — É o bastante. É natural que Ichisuke e Daisuke estejam com saudades de casa. Eu sinto o mesmo. Nesses dias, só consigo sonhar com o charco... Yozo, decidi seguir lorde Tanaka e Nishi e tornar-me cristão.

Quando terminou de falar, as três figuras sombrias pareciam tremer.

— Isso nos ajudará... a completar nossa missão neste país... e ajudará vocês a voltar para casa no charco.

Por alguns momentos, Yozo olhou compreensivo o rosto de seu mestre.

— Eu... — disse numa voz quase inaudível — ... Eu também me tornarei cristão.

Enquanto os bispos chegavam a uma decisão numa câmara separada, Velasco sentou-se numa cadeira dura numa pequena antessala, murmurando repetidamente para si mesmo: *Senhor, seja feita Vossa vontade.*

Senhor, seja feita Vossa vontade. Se não retirardes o Japão de Vossa presença, se carregastes a cruz também pelo Japão, então, Senhor, seja feita Vossa vontade.

Japão. Japão maquinador. Japão, a epítome da astúcia. Japão, tão hábil para travar batalhas. Tudo é exatamente como o padre Valente disse. Naquele país, não há o menor desejo de buscar o eterno, de procurar aquilo que transcende o nível humano. É verdade. Não há um só ouvido naquela terra que escute Vossa palavra. É verdade. O Japão balança a cabeça, fingindo escutar, mas por dentro sua mente busca outros pensamentos. É verdade. Um lagarto que volta a ser o que era mesmo que sua cauda seja cortada. Por vezes, odiei aquelas ilhas em forma de lagarto, mas fui motivado menos por ódio que por um violento impulso de conquistá-las, precisamente porque o Japão é esse tipo de país. Quanto mais difícil de lidar for aquela nação, mais quero lutar com ela.

A porta da antessala rangeu. Na entrada, o primo de Velasco, dom Luís, segurando um chapéu de abas largas, estava em pé, molhado da chuva. Ele brincou com a aba do chapéu enquanto olhava com compaixão para seu primo.

— Os bispos acabaram de sair.

— Há alguma chance de vencermos? — Velasco tirou as mãos do rosto e deu um suspiro de cansaço.

— Não sei. O bispo Serón e seu grupo são fortemente hostis, mas o bispo Salvatierra diz que, mesmo que os embaixadores japoneses não sejam oficiais, devem ser tratados com cortesia.

— Isso significa que ele recomendará uma audiência com o rei?

Luís deu de ombros, incapaz de responder com certeza.

— De qualquer modo, algo tem que acontecer se fores vencer. Algo para arrebatado o coração dos bispos.

— Achas que o coração dos bispos seria arrebatado se os japoneses fossem batizados?

— Eu não sei. Precisamos tentar todos os meios ao alcance. Faremos tudo o que pudermos para ajudar.

Sentados na primeira fileira de frente para o altar, estavam Tanaka Tarozaemon, o samurai e Nishi Kyusuke. Atrás deles ficavam os servos, que seriam batizados juntamente com seus mestres. Dos dois lados do altar, estavam o tio e os primos de Velasco, padrinhos dos candidatos ao batismo, e uma fila de monges de hábito marrom com cordão em volta da cintura. Como a congregação geral tinha recebido permissão de comparecer, os assentos estavam lotados quase até a entrada, mas a maioria dos presentes era de membros da família de Velasco ou convidados destes.

Tanaka estava de olhos fechados. Nishi olhava fixamente para as chamas das muitas velas que tremulavam no altar. Por vezes, eles podiam ouvir fungadas ou tossidas de Yozo e dos outros serviçais atrás deles. O samurai imaginou o que cada homem sentiu enquanto estava sentado naquela capela.

O próprio samurai parecia sonhar. No charco, a neve fina castigara seu rosto enquanto ele trabalhava ao lado dos camponeses, cortando lenha para juntar para o inverno. Ao lado da lareira encovada, ele balançara a cabeça em aquiescência aos longos discursos do tio. Agora aquilo tudo parecia ser parte do passado longínquo. Ele nunca teria imaginado que iria a um país estranho e distante nem que estaria sentado numa catedral cristã, cercado de estrangeiros e se preparando para ser batizado. Ele imaginou que tipo de choque seu tio ou sua esposa Riku teriam ao vê-lo agora. Mas ele nem conseguia visualizar os rostos.

Um jovem vestindo trajes escarlates debaixo de uma túnica branca caminhou levando uma vela. Então, o bispo daquela igreja franciscana, seguido de Velasco e de outro padre, ajoelhou-se diante do altar. A um sinal de seus padrinhos, os japoneses, tal como previamente instruídos, ajoelharam-se sobre o assoalho de mármore velho e rachado.

Foi recitada uma prece incompreensível e aparentemente interminável em latim. O samurai fixou os olhos no enorme crucifixo atrás do altar, face a face com o homem emaciado pregado nele.

— Eu... não tenho desejo de adorar-vos — murmurou, quase pedindo desculpas. — Nem mesmo entendo por que os estrangeiros vos respeitam. Eles dizem que morrestes carregando os pecados da humanidade, mas não vejo que nossa vida tenha ficado nem um pouco mais fácil por causa disso. Conheço a vida

miserável que os camponeses levam no charco. Nada mudou apenas porque morrestes.

Ele pensou nos invernos do charco, quando os ventos circulavam pelas casas. Lembrou-se de histórias da fome, em que os camponeses comeram tudo o que havia e depois saíram da aldeia para procurar comida. Velasco alegava que aquele homem miserável salvaria toda a humanidade, mas o samurai não entendia o que significava essa salvação.

Durante vários dias, do alvorecer ao pôr do sol, Velasco vinha preparando os emissários para aquela cerimônia. Em cada sessão, contara-lhes histórias sobre aquele homem emaciado. As histórias pareciam remotas e inacreditáveis para os japoneses. Muitos deles reprimiram bocejos, enquanto outros baixavam a cabeça e cochilavam. Sinais de raiva passaram pelo rosto de Velasco quando ele percebeu os homens que dormiam, mas ele forçou um sorriso para encobrir a raiva.

Para o samurai, a vida de Jesus parecia bizarra. Sem jamais conhecer um homem, a mãe dera-o à luz em um estábulo e depois que tudo terminou, ela placidamente se tornou esposa de um carpinteiro. No entanto, desde o momento em que nasceu, Jesus foi apontado como o rei que salvaria homens e nações e, respondendo a um chamado dos céus, abandonou sua terra natal e praticou uma vida ascética sob um sacerdote chamado João. Depois de um tempo, Jesus voltou à própria terra, adquiriu muitos discípulos, demonstrou prodígios diante das multidões e ensinou-as a viver. Por causa da quantidade de seguidores, ele foi odiado pela Igreja e pelos sacerdotes, suportou muitas tribulações e foi falsamente condenado à morte e executado. Jesus reconheceu isso como o caminho que os céus designaram e submeteu-se a essas indignidades sem resistência. Então, três dias depois, voltou à vida no túmulo e subiu aos céus.

O samurai não conseguia entender como um homem como Velasco acreditava numa história tão palpavelmente absurda. Nem conseguia entender por que todos os outros estrangeiros consideravam essa história verdadeira. Igualmente estranho era o fato de que havia pessoas no Japão que aderiam àqueles ensinamentos ridículos.

— Todos sabeis como é difícil para um homem evitar o pecado. A questão é se o homem pode ser salvo do pecado pelos próprios esforços ou salvo por esse homem chamado Jesus. Os sacerdotes de Jerusalém que odiavam Jesus acreditavam falsamente que eles podiam salvar a si mesmos. Mas os cristãos acreditam que só poderão ir para a verdadeira Terra Pura com a ajuda de Jesus. Porque Jesus tomou sobre Si nossos pecados irredimíveis e por Sua própria vontade Se submeteu ao sofrimento e à agonia.

Enquanto escutava distraído as palavras de Velasco, o samurai deu uma espiada em Tanaka, que estava sentado de olhos fechados, depois em Nishi.

— Isso tudo é pelo bem da nossa missão. — As palavras de Tanaka ecoavam nos ouvidos do samurai.

Viver de novo após a morte – como alguém poderia acreditar em tal coisa?

— Todos vós temeis a morte. E lamentais a impermanência deste mundo. Os sacerdotes do Japão pregam a transmigração da alma depois da morte, o que eles chamam de metempsicose eterna. Mas no cristianismo ensinamos que, assim como Jesus, ressuscitaremos na glorificada Terra Pura. Isso, também, só vem a nós por meio da intercessão de Jesus. Com força e convicção, Jesus ensinou-nos sobre o poder que nos possibilita sair rastejando da poça do pecado e sobre a esperança que nos permite escapar da morte. Por essa razão, podemos chamar Jesus de o Rei que nos conduz.

Nesse ponto, Velasco de repente baixou a voz e falou suavemente, tentando cativar os ouvintes.

— Desejais viver nesse mundo, aceitando o princípio da reencarnação pela metempsicose ou tendes esperança na ressurreição num paraíso transbordante de ricas recompensas? Acreditaís que a prática dos fundamentos do bem, tais como ensinados pelos sacerdotes japoneses, é o caminho para a salvação ou reconheceis as limitações de vosso próprio poder e confiais na misericórdia de Jesus? Se ponderardes qual é o caminho sábio e qual é o caminho tolo, a resposta ficará clara.

Mas como Velasco podia dizer que os céus concederam aquele poder estranho e milagroso a Jesus? Velasco explicara que Jesus recebeu esse poder antes de nascer e que a Palavra de Deus tinha sido colocada sobre Ele.

Isso é pelo bem da missão, repetiu o samurai para si mesmo, *tudo pelo bem da missão*.

Os três padrinhos se levantaram no meio das pessoas sentadas dos dois lados do altar. Com gestos, indicaram que Tanaka, o samurai e Nishi deveriam avançar até o altar. Os três padres andaram na direção deles, Velasco de um lado do bispo carregando uma bacia, o outro padre segurando um jarro de prata.

Os lábios do bispo rubicundo e bem alimentado tremeram levemente, e ele perguntou alguma coisa em latim que os emissários não podiam entender. Velasco logo traduziu a pergunta para o japonês e sussurrou que eles deveriam responder “eu acredito”.

— Acreditaís no Senhor Jesus Cristo? — perguntou o bispo.

— Eu acredito.

— Acreditaís na ressurreição do Senhor Jesus Cristo e na vida eterna?

— Eu acredito.

Cada vez que Velasco os cutucava, Tanaka, o samurai e Nishi repetiam em coro, como papagaios ignorantes, “eu acredito”. Enquanto falavam, um sentimento de remorso cresceu no peito do samurai. *Não é do fundo do meu coração – é pelo*

bem da missão, ele repetiu para si mesmo, mas uma pontada de amargura o apunhalou, acompanhada da sensação atormentada de que naquele momento ele traíra seu pai, seu tio e Riku. Ele sentiu uma repulsa como a que deve sentir uma mulher quando é forçada a dormir com um homem que ela não ama e em quem não confia.

Quando os três homens se curvaram, o bispo tomou a jarra de prata do padre e espargiu água em suas testas. A água correu pelos olhos e pelo nariz do samurai e pingou na bacia que Velasco segurava. Aquilo era o batismo. Mera formalidade para os emissários, mas sacramento irrevogável para a Igreja.

Jesus Deus, amor meus
Cordis aestum imprime
Urat ignis urat amor

Naquele momento, um rumor baixo foi crescendo a partir da entrada da capela. Para celebrar a submissão dos emissários japoneses diante da glória de Deus, a congregação elevou a voz em uníssono e cantou orações de graças. O bispo entregou aos três emissários velas com chamas tremeluzentes e os mandou de volta aos assentos, com os parentes de Velasco que tinham sido padrinhos margeando-os de ambos os lados. Ao sentar-se de novo em seu assento, o samurai percebeu Velasco em pé ao lado dele, olhando da congregação suplicante para os emissários com seu habitual sorriso.

É apenas uma formalidade, o samurai repetiu amargamente para si mesmo, enquanto juntava as mãos. *Não fui sincero quando disse que acreditava. Chegará um tempo em que me esquecerei deste dia e de tudo...*

Em seguida aos mestres, os serviçais puseram a testa sobre a bacia.

Quando a congregação se levantava, Tanaka, o samurai e Nishi também se levantavam; quando a congregação se ajoelhava, Tanaka, o samurai e Nishi também se ajoelhavam. A cerimônia de batismo deu lugar à missa. O bispo estendeu as mãos diante do altar e leu o Evangelho. Depois, curvou-se diante do pão e do cálice. Para os três emissários, que não sabiam nada da intenção nem da substância do sacramento, as ações do bispo pareciam estranhas e inexplicáveis.

Velasco, ajoelhado ao lado deles, explicou, em voz baixa:

— Aquele pão é o corpo do Senhor. Observai o que faço e fazei reverência ao pão e ao cálice que o bispo vos oferecerá.

Um profundo silêncio envolveu a capela. Com as mãos, o bispo segurou pequenas e finas bolachas enquanto recitava uma prece. Os monges e a congregação se ajoelharam e baixaram a cabeça em reverência. Os emissários não

conseguiram captar o significado de nada daquilo, mas perceberam que era um momento de grande solenidade para eles.

É só uma formalidade, eram as palavras que o samurai murmurava para si mesmo como se fosse uma prece. *Não tenho intenção de adorar aquele homem miserável.*

Soou um sino. Em meio ao silêncio, o bispo baixou as bolachas e pegou um cálice de ouro puro, que ele ergueu sobre a cabeça. Aquele era o momento em que o vinho se transformava no sangue de Cristo.

É só uma formalidade, o samurai repetiu enquanto imitava os outros e baixava a cabeça. *Não acredito em nada disso.*

O samurai não entendia por que ficava tão obcecado com aquele homem emaciado com as mãos pregadas em uma cruz. Se aquilo era verdadeiramente mera formalidade, não havia necessidade de repetir as palavras várias vezes para si mesmo. Não havia motivo para emoções amargas como fel crescerem dentro dele. Não havia razão para ele sentir remorso, como se tivesse traído seu pai, seu tio e Riku.

O samurai piscou e balançou a cabeça, tomando cuidado para Velasco e os padrinhos não perceberem. Ele tentou tirar essas preocupações de sua mente. *Logo esquecerás. Não é preciso te preocupares.* Ele continuou tentando tranquilizar-se.

Assim terminou a longa cerimônia de batismo. O bispo, Velasco e seu tio, que tinha sido padrinho, estenderam as mãos e seguraram as mãos dos emissários; por um longo tempo, não as largaram, ansiosos para deixar a congregação sorver a cena. Quando os japoneses andaram em direção à porta, vários buquês de flores foram atirados a eles dos bancos em volta. Velasco traduzia os cumprimentos que eram gritados pela multidão.

— Que vossa terra do Japão se torne uma nação de Deus...

Nos dias depois do batismo, as ladeiras calçadas de pedra de Madri ficaram encharcadas de uma chuva fina. Os três emissários foram com Velasco visitar vários dignitários e nobres. Na carruagem, Velasco explicou a eles várias vezes como era vital o apoio daquelas pessoas.

Embora tivesse plena consciência de agir apenas para o bem de sua missão, era penoso para o samurai curvar-se diante daqueles dignitários e proferir floridos discursos de agradecimento. Especialmente difícil era a tensão não aliviada que eles tiveram que aguentar quando eram convidados para jantar ou cear e tinham que manter a dignidade em meio a uma torrente de palavras incompreensíveis.

Tirando a ansiedade das visitas sociais e a tensão nervosa das refeições, o mais difícil de suportar eram as perguntas ignorantes que dignitários e clérigos

faziam sobre o Japão. Os emissários sentiam-se humilhados quando percebiam que seus anfitriões classificavam os japoneses do mesmo jeito que os índios da Nova Espanha.

— Estamos deliciados de receber a visita de japoneses que abandonaram a superstição do budismo e os deuses pagãos e passaram a acreditar em nosso Senhor.

Quando o clérigo pronunciou essas saudações com um ar condescendente, o samurai sentiu nele algo do orgulho de um homem rico que concedia um favor a um mendigo. De alguma forma, ele não gostava de ver o Buda que seu pai, seu tio e sua esposa tinham adorado ao longo dos anos ultrajado daquela maneira. *Eu não sou cristão!*, disse a si mesmo. *Nunca adorarei o Cristo diante do qual esses homens se curvam.*

Desde que aceitaram publicamente o batismo, porém, os japoneses eram obrigados a comparecer às missas celebradas todas as manhãs no mosteiro em que estavam hospedados. No ar frio da manhã, antes mesmo de amanhecer, um sino soava, e a delegação japonesa entrava em fila atrás dos monges segurando velas e seguia pelo longo corredor até a capela. No altar, iluminado apenas pelas chamas das velas, aquele homem emaciado estendia os braços. O bispo entoava a liturgia latina da missa numa voz baixa e, por fim, levantava o pão e o cálice sobre a cabeça. Em todas as missas, o samurai pensava no charco. Ele se lembrava de como visitara os túmulos de seu pai e seus parentes nas colinas em volta. *Não sou eu. Não é assim que realmente me sinto por dentro*, ele dizia a si mesmo.

Depois de uma missa dessas, o samurai sussurrou furtivamente a Nishi:

— Não vos preocupa terdes vos tornado cristão?

Nishi riu indiferente.

— Tudo é tão novo: a missa, os hinos, o órgão... Quando ouço os hinos ou a melodia do órgão, às vezes me sinto quase inebriado. Percebo agora por que é impossível entender o Ocidente sem entender o cristianismo.

— Então... começastes a adorar aquele homem?

— Não sinto que eu o adore. Mas... Certamente não há nada de errado com a missa. Não há nada parecido nos santuários nem nos templos de nossa terra.

Velasco não cabia em si. Os bispos tinham ficado favoravelmente impressionados com o batismo dos japoneses, e a cada novo dia, as vozes clamando para reconhecer os emissários como embaixadores oficiais aumentavam de volume. Como resultado, Velasco disse aos emissários que a corte sem dúvida os notificaria em breve da data de uma audiência formal com o rei. Então, a carta de Sua Senhoria que os emissários traziam poderia ser aceita, e as solicitações nela contidas poderiam receber a devida consideração.

Se aquilo fosse verdade, então em breve eles voltariam para casa. A esse pensamento, o coração dos emissários transbordou de júbilo, com uma alegria como a que os camponeses do charco sentiam quando chegava o tão esperado degelo da primavera depois de um longo inverno.

— Vosso batismo foi recompensado — disse Velasco, sorrindo. — O Senhor nunca deixa de dar alguma recompensa a todos aqueles que entram pelo portão de Sua Igreja.

Quando os clérigos de Madri souberam que um grupo de japoneses, visitando sua terra depois de saírem dos confins mais distantes do globo, tinha se convertido ao cristianismo, deixaram de lado seus obstinados preconceitos. Todos os dias visitamos clérigos de alta hierarquia e recebemos suas bênçãos. Agora tudo está trabalhando a nosso favor.

A decisão do conselho dos bispos será anunciada publicamente em alguns dias. Meu tio e meu primo acham que a maioria dos bispos tende a reconhecer os emissários como embaixadores oficiais do Japão, tratando-os como tais e solicitando uma audiência com o rei. Por alguma razão, o padre Valente e os jesuítas permanecem quietos. Ainda não sei se isso pode ser interpretado como indicação de derrota.

— Eles perderam! Até eu tiro meu chapéu para ti! — Meu tio estava animado. — Nossa família sempre lutou com mais teimosia quanto maiores fossem os obstáculos diante de nós, mas parece ter herdado uma dose especialmente forte do sangue da família. Às vezes penso que deverias ter sido político!

Quando ele atirou seus braços em volta de meus ombros, deixei meus sentimentos aflorarem.

— Talvez eu seja como Tiago, o discípulo do Senhor que era conhecido como Trovão. Tiago, cujo fervor nem o Senhor conseguia controlar...

Hoje, depois de concluir algumas consultas referentes à decisão do conselho dos bispos, deixei minha carruagem para trás na casa de meu primo e caminhei de volta ao mosteiro. Não longe do destino, subi uma ladeira calçada de pedras; ela ainda estava molhada da chuva e olhei para as nuvens lá em cima. Às margens do caminho, vários condutores de carruagem estavam sentados em barris, conversando. Não havia mais ninguém à vista. Agarrei o rosário em meu bolso, como sempre faço quando quero dar graças ao Senhor.

Foi aí que aconteceu. Senti como se, em algum lugar, eu ouvisse uma risada. Era o riso de uma mulher que parecia engasgada com algo. Olhei atrás de mim, mas não vi mais os condutores, e a rua estava deserta.

Por um instante, fui tomado da sensação corrosiva e oca de que tudo o que eu fizera estava desmoronando ao redor como uma avalanche. Senti como se visse todos os meus esforços darem em nada, todos os meus planos ficarem desprovidos de significado e tudo em que eu acreditara ser, no fim das contas, apenas com a finalidade de me gratificar. Outra vez ouvi a voz que ria. Risos roucos, ainda mais altos que antes, ecoaram à volta.

Eu não podia me mover. Meus olhos estavam pregados nas nuvens cinzentas que percorriam o céu. Naquele céu, tive um relance de algo que nunca vira antes. Era minha própria queda.

Imaginei se o Senhor não mais me amava, se de fato Ele me abandonara. “Não nos deixeis cair em tentação!”, rezei. “Agora ou na hora da nossa morte...”

Ó Deus dos campos: bem-vindo! Por favor, sentai-vos.

Bem, terminastes vosso trabalho e viestes.

Para trazer-vos aqui ainda antes

Apertaremos o passo de nossa canção.

Tanaka, o samurai e Nishi estavam sentados, escutando um de seus serviçais cantar. Eles não ficavam tão felizes desde o dia em que a viagem começara. Até aquele dia, a expressão deles fora de cansaço e resignação. Agora, uma aparência de suprema felicidade brilhava no rosto de cada um. Naquela manhã, ao embarcar numa carruagem rumo ao Tribunal da Inquisição, Velasco informara-os confiante que sua missão logo seria completada com sucesso; agora eles podiam começar a pensar em voltar ao Japão.

— Bem neste momento eles devem celebrar o festival do exorcismo na aldeia. — A expressão habitualmente sombria no rosto de Tanaka tinha desaparecido, e ele sorriu para Nishi. — Chamamos de “pintar com tinta”. Esperamos as pessoas que tiveram um ano ruim aparecerem e pintamos o rosto delas com tinta. Eles dizem que, fazendo assim, a má sorte desaparecerá.

— Temos um costume parecido em minha aldeia — assentiu Nishi. — Os jovens queimam cordas de palha e misturam as cinzas com neve. Depois, saem de casa em casa esfregando aquilo no rosto de todo mundo. Todas as moças solteiras correm para escapar. Quando termina, todos gritam: “As flores deram frutos! Será um ano de fartura!”. E, então, começam a festejar.

— Será que estaremos em casa nessa época no ano que vem? — Tanaka ergueu a cabeça, contando nos dedos. — Se estivermos, será bem a época do festival do exorcismo. Isto é, se tudo correr bem, como Velasco diz.

— Tenho certeza de que tudo dará certo. — Nishi virou-se para o samurai. — De alguma forma, agora que há uma chance de irmos logo para casa, sinto-me triste de deixar esse país. Para ser honesto, gostaria de ficar aqui e aprender a língua, ver e ouvir tudo o que há para fazer e voltar para casa depois de ter estudado tudo isso.

— Invejo vossa juventude. — O samurai sorriu. — Lorde Tanaka e eu mal podemos esperar para chegar em casa e comer arroz e sopa de missô outra vez. Em meus sonhos, é o que me vejo fazendo.

No grande salão do Tribunal da Inquisição, Velasco sentou-se na mesma cadeira ao lado do padre Valente. De frente para eles, os bispos de hábitos negros estavam alinhados da mesma maneira solene. O sino tocou, e os procedimentos começaram.

O bispo do centro se levantou e, segurando uma folha de papel de cor marfim, leu a decisão do conselho dos bispos.

— Depois de estudarmos os relatórios recentes do padre Lope de Valente, inspetor na Ásia da Companhia de Jesus, e do padre Vrais Luís Velasco, da Ordem dos Frades Menores, neste trigésimo dia de janeiro, pela autoridade investida no conselho dos bispos de Madri, submetemos a seguinte resposta às partes interessadas e ao conselho real de investigações religiosas. O conselho dos bispos propõe aceitar a argumentação do padre Vrais Luís Velasco, reconhecer os emissários japoneses como embaixadores oficiais do Japão e garantir-lhes a recepção de suas qualificações e concorda em pagar as despesas durante sua estadia, declarando ser sua intenção tomar todas as precauções necessárias para garantir seu regresso em segurança ao Japão. Além disso, o conselho recomenda a Sua Majestade que conceda a esses embaixadores japoneses uma audiência e propõe que seja dada a devida consideração à carta que eles carregam.

Tropeçando nas palavras, o bispo leu a resolução. O padre Valente, como fizera antes, olhava para o chão e tossia de vez em quando. Por alguma razão, ele olhava para frente distraidamente, como se ouvisse palavras que não tivessem nada a ver com ele. Velasco queria se virar e olhar para trás. Seu tio, seu primo e outros parentes escutavam das cadeiras públicas atrás dele.

— Ó Senhor, Vos agradeço. — Ele juntou as mãos que repousavam sobre os joelhos. — Todas as Vossas obras são de fato boas. Precisastes de mim, afinal. — Porém, estranhamente, não fluiu nenhum sentimento de júbilo. Em vez disso, ele lentamente se enrolou nas dobras de seu coração, como marolas chegando à praia. Sentiu como se aquele julgamento tivesse sido definido muito antes e como se ele mesmo sempre tivesse esperado aquilo.

— Antes de os bispos reafirmarem essa decisão, ouvirão quaisquer objeções ao julgamento por parte do padre Velasco e do padre Valente.

O bispo baixou o olhar para os dois homens enquanto enrolava o papel de cor marfim. Embora fosse um costume aceito solicitar objeções, era incomum que qualquer uma fosse levantada, uma vez que uma decisão ou um julgamento fosse lido. Velasco balançou a cabeça.

O padre Valente levantou-se com lentidão da cadeira. Os bispos observaram desconfiados quando o padre tirou uma única folha de papel dobrada de seu hábito esfarrapado. Ele levou a mão à boca e soltou uma tosse seca, depois falou, numa voz débil:

— Antes de respeitosamente me submeter à decisão do conselho dos bispos, gostaria de pedir-vos que lêsseis uma carta urgente do padre Vivero, da Companhia de Jesus em Macau, recebida pela sede dos jesuítas em Madri uma semana atrás.

O bispo sentado no centro pegou a carta e, abrindo-a sobre a bancada, começou a lê-la para si mesmo. O padre Valente sentou-se novamente, depois baixou a cabeça e fechou os olhos.

O bispo do centro passou a carta ao vizinho. Quando este terminou de ler, os dois discutiram o que fazer, aos sussurros.

— Peço permissão para ler a carta em voz alta para todos os bispos reunidos aqui. — O bispo do centro olhou à direita e à esquerda. — Sentimos que ela tem considerável relevância para o caso.

Ele levantou-se e, gaguejando de novo, lentamente começou a ler.

— Houve dois novos desdobramentos na situação no Japão. Primeiro, embora nossos inimigos, os ingleses, tenham com frequência repetido calúnias referentes a nosso país para o rei do Japão, o rei agora deu ouvidos a esses caluniadores e, preparando-se para cortar o comércio com Luzon e Macau, reconheceu publicamente relações comerciais com a Inglaterra e deu permissão aos britânicos para construírem uma estação de comércio no sudoeste do Japão, em Hirado. O outro desdobramento é que um nobre da região de Tohoku, que até agora vinha sendo tolerante com nossas atividades missionárias – o mesmo poderoso daimio que há pouco enviou emissários comerciais pessoais à Nova Espanha – começou a perseguir os cristãos. De acordo com os relatórios que recebemos aqui, um pequeno número de fiéis já foi martirizado. Compreendemos que esse nobre fez isso com o objetivo de suprimir o rumor generalizado de que ele planejava unir forças com nossa nação para destronar o rei do Japão.

Velasco ouviu risos. Eram os mesmos risos que ele ouvira vários dias antes, na ladeira encharcada de chuva, as gargalhadas de mulher que ele ouvira ao passar pelos condutores de carruagem. Aquele riso furara as nuvens cinzentas do céu. Agora ecoava em seus ouvidos.

*Ó Deus dos campos: bem-vindo! Por favor, sentai-vos.
Bem, terminastes vosso trabalho e viestes.
Para trazer-vos aqui ainda antes
Apertaremos o passo de nossa canção.*

O riso dos serviçais parou abruptamente.

Velasco estava em pé na entrada, como um mendigo encharcado de chuva. Os olhos dos japoneses estavam fixos sobre ele.

— Lorde Velasco! — Nishi saltou. — Esperamos as boas notícias. — Ele fez um gesto para Velasco sentar-se na cadeira de que acabara de se levantar.

Velasco estava sorrindo, como sempre. Mas agora seu sorriso era débil e desamparado.

— Meus caros embaixadores — respondeu, fracamente. — Aconteceu algo que preciso contar-vos.

O samurai olhou atentamente para Velasco. Lutando para afugentar a premonição agourenta que brotara dentro de si, virou-se para seus serviçais, que estavam ajoelhados em posição formal. Todos eles sentiam que algo estava errado e olhavam ansiosamente para Velasco.

— O que aconteceu, lorde Velasco? — perguntou o samurai, com uma voz trêmula. Então, fazendo um gesto para Nishi ficar, ele seguiu Velasco para fora do quarto.

Tanaka também se levantou. Os três homens caminharam em silêncio pelo corredor, que se aquecia ao pálido sol invernal da tarde, e entraram no quarto de Velasco. A porta bem fechada parecia que nunca se abriria de novo. Nenhum som de risada nem de música ecoava mais do quarto dos serviçais.

Naquela noite, as lâmpadas do mosteiro foram apagadas cedo, e o edifício em que os japoneses estavam hospedados foi coberto com uma densa escuridão, ficando silencioso como a própria morte. Às onze, a sentinela da noite, em sua enorme capa e carregando uma lanterna de ferro em uma das mãos, caminhou desajeitada pelo calçamento congelado da ladeira, sacudindo as muitas chaves que levava à cintura e batendo seus sapatos de madeira. Quando chegou à esquina, virou-se na direção das casas adormecidas, como se tivesse se lembrado de algo, então gritou:

— *Han dado las once y sereno.*

Uma vela tremeluzia na escrivaninha. A chama dançava e lançava sombras no rosto exausto de Velasco. Seu habitual olhar confiante desaparecera, substituído pela expressão abatida de um homem derrotado.

— Todas as esperanças se foram — murmurou Velasco, num tom vazio.

Os três emissários olharam inexpressivamente para a chama da vela, que tremulava como se desse seus últimos suspiros. A chama se contorcia em desespero, como uma mariposa que esgotara todas as energias e finalmente se permitisse ir.

— Tudo que podemos fazer agora é voltar ao Japão.

Em algum lugar dentro de sua cabeça, o samurai podia ouvir a canção de plantar arroz que seus serviçais cantavam antes. Os homens estavam inebriados pela perspectiva feliz do iminente retorno ao charco. Mas agora tudo tinha mudado. O Japão instituíra uma proibição total ao cristianismo. Ao fazê-lo, era óbvio que haviam desistido da ideia de comércio com a Nova Espanha. Isso significava que a missão confiada a eles, toda a jornada, se tornara inútil, sem significado.

A longa jornada. O grande, vasto oceano. As planícies esturricadas da Nova Espanha. O disco branco do sol. Os desertos, estéreis, exceto pelo agave e pelos cactos. As aldeias varridas pelo vento. Cada uma dessas cenas esvoaçava diante de seus olhos, passava e ia embora. Para quê? Para quê? As palavras ribombavam em seus ouvidos – o mesmo ritmo, o mesmo refrão, como a batida de um tambor.

Nishi Kyusuke soluçava. O remorso e a amargura eram mais do que ele podia suportar, e seus ombros tremiam miseravelmente.

— Perdemos toda a esperança? — perguntou Tanaka, baixinho.

Velasco não respondeu. O espanhol ainda lutava contra seu tormento pessoal.

— Achais que as coisas escritas naquela carta são verdadeiras?

— Acho que são. Nenhum padre escreveria um relatório falso.

— Ele poderia estar mal informado.

— Também pensei nisso. Mas aqui em Madri, tão longe do Japão, não há como sabermos a verdade. É possível que outros relatos tenham chegado ao papa em Roma, mas...

— Então eu irei a Roma... ou até o fim do mundo. — Tanaka cuspiu as palavras de um só fôlego. Velasco baixou as mãos do rosto.

— Ireis a Roma...?

— Não sei o que Hasekura ou Nishi pretendem fazer, mas eu não posso voltar ao Japão de mãos vazias. Se tudo o que eu quisesse fosse voltar, eu teria embarcado no navio com Matsuki na Nova Espanha. — A voz de Tanaka era quase um gemido. — Suportei a viagem até a Espanha... por causa de um desejo genuíno de completar nossa missão. Não posso voltar ao Japão de mãos vazias. Vou prosseguir... mesmo se for até os confins da Terra.

O samurai estava espantado. Ele sabia quão ardorosamente aquele homem queria ter suas antigas terras de volta e sabia que o outro tomara para si as expectativas de toda a família ao aceitar aquela missão. Mas agora ele percebia, pela primeira vez, quão apaixonadas, quão prementes realmente eram aquelas esperanças e aquelas expectativas da família. Tanaka declarara que iria até os confins da Terra. Mas e se eles não tivessem sucesso, não importava quão longe viajassem? Um pressentimento desagradável cruzou a mente do samurai, como um grande pássaro sobre uma ravina. Se eles não fossem capazes de ter sucesso, só havia uma coisa que Tanaka poderia fazer para dar uma satisfação à família. Sua integridade não o permitiria considerar nenhuma alternativa. Ele se desculparia pela insuficiência de seus esforços cometendo suicídio. Abrindo sua barriga. O samurai olhou fixamente para o perfil de Tanaka e tentou, depressa, afugentar aquela ideia sombria.

— O que fareis, lorde Hasekura?

— Se lorde Tanaka for... — respondeu o samurai —, irei com ele.

Pela primeira vez, Velasco esboçou um tímido sorriso.

— Tudo isso é muito estranho. Antes de partirmos, e durante toda a viagem, senti como se seguisse por um caminho diferente do de cada um de vocês. Para ser honesto, parecia que nunca nos comunicávamos um com o outro. Mas nesta noite, pela primeira vez, sinto que de alguma forma fomos atados pela mesma corda. De agora em diante, vós e eu seremos castigados pelas mesmas chuvas e golpeados pelos mesmos ventos e andaremos lado a lado pelo mesmo caminho.

A chama da vela tremeluziu e um sino soou assinalando o fim do dia. O samurai fechou os olhos, imaginando como contaria aos serviçais, que ainda não sabiam de nada, que eles precisavam continuar a viagem. Yozo não seria problema, mas ele não suportaria quando os outros dois olhassem tristemente para o chão. Cenas do charco recordadas com saudades, o cheiro da lareira, o rosto de sua mulher e filhos — tudo isso recuou dele como uma maré vazante.

Amanhã terei que contar a eles. Nesta noite vou me esquecer de tudo e dormir. Estou cansado.

Naquela noite, o samurai sonhou outra vez com o charco. No sonho, viu dois daqueles cisnes brancos voando contra o céu carregado do inverno. Os cisnes voavam pelas correntes de ar, elevando-se livremente enquanto deslizavam devagar na direção do charco. De repente, Yozo mirou seu mosquete. O samurai não teve tempo de pará-lo. O estampido da arma foi ensurdecador, ecoando pela floresta decrepita. Os pássaros migratórios perderam o equilíbrio abruptamente e despencaram como pedras em direção às águas do charco, formando espirais negras enquanto caíam. O samurai olhou para Yozo por entre a acre nuvem de fumaça da pólvora e, por alguma razão, sentiu uma ligeira raiva dele.

— Uma morte inútil — começou a dizer, mas se calou. *Por que atiraste neles? Aqueles pássaros tinham que voltar a uma terra distante. Como nós...*

Os japoneses e eu éramos nômades vagueando em busca de um porto tranquilo. Ou andarilhos procurando as luzes de uma habitação humana numa noite escura e chuvosa. Depois que saímos de Madri, pensei todas as noites na observação do Senhor de que “o filho do homem não tem onde repousar a cabeça”.

Depois que o conselho dos bispos informou sua decisão, num piscar de olhos as pessoas começaram a nos tratar friamente. Não recebemos mais convites e ninguém mais veio nos visitar. Até o superior do mosteiro em que estávamos hospedados escreveu uma carta para a diocese reclamando que a vida dos outros monges seria perturbada se os japoneses fossem autorizados a permanecer em um de seus edifícios.

Os únicos que nos apoiavam eram meu tio e sua família. E, para minha enorme surpresa, um duque que antes se mostrara indiferente a nós se tornou nosso aliado. Ele ficou indignado que cristãos espanhóis por qualquer razão fossem inamistosos a japoneses que haviam se convertido à mesma religião e, em nosso nome, solicitou o auxílio do influente cardeal Borghese, de Roma. Como resultado, meu tio não teve escolha senão preparar um falucho para nos levar de Barcelona até a Itália, juntamente com dois mil ducados para as despesas de viagem. Ele impôs a condição, porém, de que, se o Vaticano não atendesse às solicitações dos japoneses, eu deveria desistir de todo o assunto e viver mansamente num mosteiro na Nova Espanha ou nas Filipinas.

Partimos da Madri invernal, cruzamos os planaltos desolados de Guadalajara e passamos por cidades como Saragoça e Cervera a caminho de Barcelona.

Os ventos eram cortantes, e o ar estava gelado. Enquanto eu olhava os japoneses prosseguindo a viagem em silêncio, uma mistura de inexprimível remorso e culpa apunhalou meu peito. A falta de emoção no rosto deles só intensificava minha angústia. Pensei em mim mesmo como um dos falsos profetas

de Israel, conduzindo seu povo numa jornada sem sentido e por caminhos tortuosos. Mesmo se fôssemos a Roma, eu não teria certeza de que o Vaticano nos receberia ou concederia nossas solicitações. Os japoneses e eu nos arrastávamos, depositando esperanças numa miragem.

Estávamos desanimados. Éramos como uma tribo nômade que trilha o deserto dia após dia em busca de uma ilusória fonte de água. Embora eles nunca dissessem isso em palavras, por dentro os japoneses estavam tristes com a constatação de ter sido traídos por seu senhor e pelo conselho dos anciãos, em quem eles haviam confiado. Da mesma forma, saber que o Senhor me abandonara e a todos os meus sonhos fazia-me sofrer. Era como se uma amizade tivesse sido forjada entre os traídos e o abandonado – uma solidariedade mútua e um lambar de feridas também recíproco. Senti uma afinidade indescritível com aqueles japoneses. Era como se um laço forte de solidariedade que eu nunca sentira antes tivesse se formado entre mim e os emissários. Para ser honesto, eu empregara muitas estratégias até então, arrastando-os cegamente para atingir meus próprios objetivos e tirando vantagem de suas fraquezas – como sua incapacidade de falar a língua ou sua ignorância até do destino. De sua parte, eles tinham astutamente me usado para cumprir sua missão. Aquela distância gélida que um dia nos separara parecia não existir mais.

Mas será que o Senhor Jesus realmente havia me abandonado? Ao olhar o céu de chumbo que se estendia sobre mim, lembrei-me da solidão que o próprio Senhor experimentara quando foi abandonado por Deus, o Pai. Não, a vida do Senhor Jesus não fora de nenhuma maneira uma jornada repleta de glória e bênçãos. O Senhor caminhou além do Jordão e vagou de Tiro a Sidon como exilado, em meio à incompreensão e ao escárnio das pessoas. “No entanto, preciso caminhar”, o Senhor disse então, consternado, “hoje, amanhã e depois de amanhã”. Em outros tempos, essas palavras comoventes não me causaram grande impressão. Mas agora, ao caminhar com os japoneses pela estrada de Barcelona, pensei na angústia que deve ter ficado marcada no rosto do Senhor quando ele proferiu essas palavras.

“No entanto, preciso caminhar, hoje, amanhã e depois de amanhã.” Como será que os japoneses conseguem suportar tal desespero? Com sua fugaz alegria agora completamente esmagada, eles precisam partir de novo em longa jornada e visitar mais um país estranho. Não seria surpresa se estivessem desiludidos comigo ou mesmo se me odiassem e desprezassem. Mas eles nunca expressaram tais sentimentos. Os sorrisos se foram, e eles não têm muito a dizer agora. Observando-os me seguir em silêncio, quantas vezes repreendi a mim mesmo! Esses eram nossos sentimentos ao embarcarmos num bergantim pequeno e rústico no porto de Barcelona. Caía uma chuva gelada.

No segundo dia no mar, uma tempestade forçou-nos a buscar refúgio no porto francês de Saint-Tropez. Os moradores desse minúsculo vilarejo olharam espantados para os primeiros japoneses em que punham os olhos e calorosamente nos ofereceram o *château* do senhor local para nos alojarmos. Nem o senhor e sua esposa nem o povo do lugar conseguiam conter sua curiosidade totalmente afável, e durante todo o dia olhavam abobados para o menor movimento dos japoneses. Eles apalpavam as roupas dos emissários e pediram para ver suas espadas, que eles disseram que se pareciam com as cimitarras em forma de crescente da Turquia. Nishi Kyusuke divertiu a multidão colocando uma folha de papel grosso sobre a lâmina de sua espada e depois a cortando ao mover a espada suavemente; todos os que assistiam gritaram de admiração. Esperamos a tempestade passar antes de zarparmos de Saint-Tropez, mas os dois dias que passamos ali foram suficientes para reavivar sorrisos tão débeis quanto o sol de inverno no rosto antes sombrio dos japoneses.

Porém, quando Saint-Tropez desapareceu de vista e o Mediterrâneo se estendeu outra vez diante de nossos olhos, as expressões melancólicas voltaram aos poucos para os japoneses agachados no convés. Ao estudar Hasekura, que olhava o mar em pé, separado dos outros, percebi que tinha pouca esperança de sucesso ao prosseguir na viagem. Seu rosto exibia aquela aparência de total resignação e fatalismo peculiar aos japoneses.

— Ninguém sabe o que o amanhã trará — eu disse a ele. — Quando chegarmos a Roma, quem pode dizer que tudo não irá melhorar, assim como um raio de sol pode de repente brilhar através da chuva? Eu não perdi a esperança. Não abandonarei a esperança até o derradeiro fim. Não podemos discernir o que está na mente de Deus.

Enquanto falava essas palavras, voltei meus olhos para o horizonte. Era quase como se eu quisesse encorajar não Hasekura, mas meu próprio coração desalentado. Para ser honesto, não sei mais compreender a mente de Deus. Não consigo mais determinar se Deus aceita ou rejeita meu desejo de plantar a semente de Sua palavra no Japão. Tudo a que posso me agarrar agora é o fato de que o homem não é capaz deduzir a vontade inescrutável de Deus. O que talvez nos pareça um revés pode, na verdade, na avaliação de Deus, ser uma semente útil que foi plantada ou uma pedra fundamental sobre a qual resultados futuros podem ser obtidos. Nesses dias repito sempre isso para mim antes de dormir, ao rezar. Mas só isso não é suficiente para aplacar nem satisfazer meu coração.

Ó Deus, clamo agora das profundezas do coração. Por favor, dizei-me, era Vosso desejo que eu abandonasse o Japão? Ou estais dizendo-me para não perder a esperança até o fim? É tudo o que desejo saber.

Mas, diante de mim, apenas o silêncio me encara. Na densa escuridão, Deus está calado. Às vezes, tudo o que ouço é aquela voz que ri. O riso zombeteiro daquela mulher.

Deus é o ponto central de toda ordem, o padrão de toda a história. Por baixo das correntes da história humana, Deus delineia outra história, de acordo com Sua vontade. Tenho total consciência desse fato. Mas tudo o que fiz, tudo o que planejei, tudo com que sonhei e até o próprio Japão – nada disso faz parte dessa história concebida na mente de Deus. Terei sido um intruso, um estorvo?

No entanto, durante Seu tempo de vida, até o Senhor Jesus experimentou o desespero que sinto agora. Na cruz, Ele bradou: “*Eloi, Eloi, lama sabachthani?* Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?”. Jesus não deve ter sido capaz de discernir a vontade de Deus, assim como eu não sou capaz agora. Mas logo antes de entregar Seu espírito, Jesus superou aquele desespero e ofereceu a Deus as palavras quase infantis de confiança: “Em Vossas mãos, entrego meu espírito”. Isso eu sei. E gostaria de tornar-me uma pessoa assim.

— Lorde Velasco.

Hasekura interrompeu minhas divagações. Ele falava hesitante, como um crente confessando seus segredos tenebrosos do coração a um padre.

— Tenho querido perguntar-vos isso já há algum tempo... Se chegarmos a Roma e nossas solicitações ainda não forem atendidas, ficareis na Espanha?

— Eu... devo retornar ao Japão com todos vós. Não tenho outro país agora. O Japão é para mim mais meu próprio país que aquele em que eu nasci ou onde fui criado. — Enfatizei as palavras “meu próprio país”. — Irei convosco até o fim.

— Lorde Velasco, não entendestes ainda? Se por acaso todas as esperanças se provarem vãs em Roma... — De um só fôlego, Hasekura cuspiu o que ele encerrava em seu coração. — Lorde Tanaka vai... cometer *seppuku*.

Então, para não repetir essas palavras, ele desviou o olhar para o mar cinzento e não disse mais nada.

— Para um cristão — respondi, com a voz tremendo —, não é permitido tirar com as próprias mãos a vida que Deus lhe deu.

— Não nos convertemos ao cristianismo com sinceridade. Tornamo-nos cristãos contra nossa vontade, apenas por nossa missão e por Sua Senhoria.

Hasekura mostrou uma frieza que nunca revelara antes. Era quase como se ele me retaliasse.

— Por que ele cometeria *seppuku*? É inútil!

— Lorde Tanaka se sentiria humilhado se não cometesse *seppuku*. Ele não seria capaz de encarar seus parentes e amigos com dignidade.

— O que são orgulho e dignidade? Eu sei o quanto sofrestes por vossa missão. Como testemunha da jornada, contarei tudo a lorde Shiraishi e ao conselho

dos anciãos.

— Lorde Velasco não compreendeis os japoneses — disse Hasekura, suspirando.

Permaneci no convés depois que Hasekura se foi, com meu estado de espírito mais sombrio que a cor do mar. Na beira do convés, Tanaka estava em pé conversando com seus serviçais. Nada nele traía nem o mais ligeiro indício de que as afirmações de Hasekura estivessem corretas.

Na tarde do segundo dia depois de nossa partida de Saint-Tropez, finalmente tivemos um relance distante do porto de Gênova, no reino de Savona. Avistamos uma cidade branca com morros marrons amarelados ao fundo, banhada num sol pálido. A pequena torre de um velho castelo cinzento erguia-se em seu centro. Apontei para ela e contei aos enviados e a seus serviçais que um homem chamado Cristóvão Colombo, que nascera ali, atravessara o oceano em busca de um país dourado na Ásia e que o país que ele buscava era o Japão.

A cidade portuária era Gênova, com um lado brilhantemente iluminado pelo sol da tarde. Debrucei-me contra a grade do convés e, como Colombo, pensei no “país dourado”. Para Colombo, era um estranho país oriental cheio de tesouros a ser saqueados. Para mim, aquela nação insular era uma terra de tesouros em que a Palavra de Deus precisaria ser plantada um dia. Colombo procurou o país dourado, mas nunca o encontrou, enquanto eu tenho sido rejeitado por esse país. *Ah, Japão. Um país tão arrogante. Um país que só sabe tomar, mas não doar.*

Durante cinco dias, navegamos para o sul ao longo do litoral da Itália, rumando para Civitavecchia, o porto exterior de Roma. Chegamos lá à noite. Caía uma chuva nevoenta. No cais, encoberto por uma bruma e reluzindo na chuva, vários homens em pé segurando lanternas pareciam espectros ao lado de quatro carruagens, pacientemente nos esperando. Eles haviam sido enviados para nos receber pelo cardeal Borghese. A julgar pela atitude deles, apropriada, mas fria, deduzi o grau de sua contrariedade. Os alojamentos destinados a nós ficavam na fortaleza de Santa Severa, propriedade do cardeal Borghese. O tratamento que recebemos lá não foi de forma nenhuma à altura de embaixadores estrangeiros.

Já estava claro, portanto, que tipo de cartas e instruções a nosso respeito haviam sido enviadas de Madri. Toda noite eu acordava e ponderava nossa situação.

A delegação de embaixadores japoneses era extremamente quieta e reservada. Eles todos eram de baixa estatura, com rosto queimado de sol. Tanaka, Hasekura e Nishi tinham nariz pequeno e achatado, e a ponta de seu cabelo longo era amarrada com fitas brancas. Eles nos disseram que aquela era a marca de um cavaleiro japonês. Quando os três saíam de casa, usavam trajes japoneses de um tom púrpura intenso; em ocasiões comuns, vestiam hábitos de monge com um pequeno colar e chapéus de estilo

espanhol. As espadas longas e curtas que portavam eram extremamente afiadas e apenas ligeiramente curvas. Às refeições, eles habilmente manipulavam dois bastões finos para comer; gostavam especialmente de repolho e sopa de cebola. (Do diário da viúva Costo, de Gênova.)

Os mesmos olhares desconfiados que nos receberam em Madri. As mesmas perguntas repetidas, as mesmas respostas. Nos últimos dias, tenho sido interrogado aqui em Civitavecchia pelo padre Cossudacudo, que é o secretário particular do cardeal Borghese, e pelo monsenhor dom Paolo alla Leone. Desde o início, minhas opiniões entraram em confronto com as deles em numerosas ocasiões. Eles alegam que o trabalho missionário já não tem mais esperanças no Japão e que não é mais possível enviar missionários para lá; eu insisto que ainda há esperanças e que elas consistem em dar aos japoneses os lucros do comércio e demonstrar a eles que não temos intenções agressivas. De sua parte, eles garantem que o Vaticano tem mantido uma tradição de não interferência na política interna dos outros países e argumentam que o próprio papa não tem autoridade para se sobrepor às decisões do rei da Espanha. A minha maneira habitual, retruquei que o problema dizia respeito apenas ao trabalho missionário e que Sua Santidade certamente não atiraria os cristãos japoneses, agora sem bispo nem Igreja, ao isolamento eterno.

Os emissários, incapazes de entender a língua, naturalmente não participaram desses debates. Tudo o que eles podiam fazer era escutar meus relatos do andamento dos eventos na gélida fortaleza de Santa Severa. Nem mesmo as previsões mais otimistas conseguiam levar alegria aos rostos sombrios de Tanaka e Hasekura. Compreensível. Esses japoneses tiveram desilusões demais. Já Nishi desenvolveu uma febre alta. Esse homem que se esforçou ao máximo para parecer jovial, que de todos os japoneses foi o que demonstrou a curiosidade mais pueril, não mais dominava o cansaço que tomara conta de sua mente e seu corpo. E eu também estou exausto. Ao olhar o rosto de Nishi dormindo, que parecia ainda mais jovem que sua idade, eu não me importava mais com o que acontecesse.

Tivemos que esperar mais dois ou três dias até o anúncio da decisão do cardeal Borghese. No quinto dia, fui chamado à *villa* do cardeal em Palidoro. A ideia de ser interrogado por aquele famoso cardeal, sobrinho do Papa Paulo v e o homem mais poderoso do Vaticano, quase me paralisava. No entanto, dentro de meu coração acendeu-se uma vaga esperança de que um homem assim talvez compreendesse meu fervor pelo Japão e a importância do esforço missionário por lá.

No escritório em sua *villa*, com vista para um jardim bem cultivado e um lago em que patos nadavam, o cardeal, vestido com uma capa e um chapéu vermelho, permaneceu sentado ao receber-me. De propósito, cheguei trajando um hábito que desbotara durante nossa longa viagem. Do que eu deveria ter vergonha? Assim como um uniforme manchado de barro evidencia as batalhas cruentas de que um

soldado participou, senti que meus próprios trajes humildes davam o testemunho das aflições do trabalho missionário no Japão, que os altos clérigos de Roma nunca experimentaram. Assim, embora eu tenha me ajoelhado diante dele e reverentemente beijado seu anel, depois disso ergui a cabeça de modo desafiador.

— Meu filho, levantai-vos.

O cardeal Borghese fingiu não perceber minha postura. Seus olhos estavam fixos em mim ao me levantar, mas, quando ele falou, sua voz era suave, como se falasse consigo mesmo.

— O Vaticano envia todos os esforços para que suas decisões sejam sempre justas e isentas. Acreditamos ter consciência de quão diligente vossa ordem tem lutado no Japão. E de forma nenhuma cremos nas calúnias pessoais lançadas contra vós.

Com um esvoaçar de capa, ele colocou a mão grande e grossa em meu ombro, num gesto de confiança. Ele parecia observar atentamente o efeito que sua ação tivera em mim.

— Não podeis ter ideia do quanto o Vaticano tem orado para que vossos esforços no Japão tenham frutos. Mais que qualquer outra coisa, o próprio Vaticano ora para que a luz do Senhor brilhe sobre a terra do Japão. — O cardeal fez uma pausa, olhando atentamente para meu rosto com seus olhos cor de uva. — Mas vos digo para serdes resignado. Insto-vos a terdes paciência.

Embora apenas por um momento, senti-me intimidado; os olhos e a voz do cardeal estavam cheios da gentileza e da compaixão que um pai demonstra ao filho. Ele pareceu ter consciência do efeito de sua atuação. Imediatamente vi que o cardeal Borghese era menos um clérigo que um político astuto.

— Deveis compreender — advertiu-me o cardeal, com a mão ainda repousando em meu ombro — que o Vaticano não pode mais considerar o envio de missionários como vós a uma terra de perseguição. Assim como não há general que propositalmente envie soldados a uma morte sem sentido no campo de batalha quando ele sabe que será derrotado...

— Não. — Recuperei meu equilíbrio emocional. — Vossa Eminência, não acredito que o Japão seja o campo de uma batalha perdida. Se nossos esforços missionários não fizeram progresso, a culpa é das táticas primitivas dos jesuítas.

O cardeal deu uma leve risadinha. Foi como o sorriso atormentado que um professor idoso dá a uma criança irascível.

— Vossa Eminência, um missionário não é como um soldado. A morte de um soldado pode às vezes ser inútil, mas quando um missionário morre em meio à perseguição, são plantadas sementes imperceptíveis aos olhos humanos, sementes que manifestam a glória de Deus...

— O que dizeis é verdade. No tempo da perseguição em Roma, Pedro, o primeiro papa, plantou sementes imperceptíveis no coração dos homens por meio de seu martírio.

— O próprio Senhor não temeu a morte na colina do Gólgota.

— O que dizeis é verdade.

O cardeal repetiu várias vezes “o que dizeis é verdade”. Então, o sorriso desapareceu abruptamente de seus lábios, sendo substituído por um olhar grave.

— Mas não vivemos na época do Senhor e dos apóstolos, meu filho. Dirigimos uma organização imensa. Temos responsabilidade para com as nações cristãs e seus povos. E, como organização, temos certas políticas. Mesmo que pareçam covardes e corrompidas para vós, é por causa dessas políticas que a organização se mantém. A ordem é preservada, e os fiéis nas nações cristãs podem manter sua fé com confiança.

— Mas embora sejam poucos em número, alguns dos fiéis estão no Japão. Alguns deixaram suas casas e abandonaram suas propriedades, escondendo-se em minas e nas montanhas para manter cada partícula de sua fé em meio à perseguição.

Enquanto eu retrucava, pensava no rosto miserável do homem que buscara confissão no local de obras em Ogatsu. Não sei se ele está vivo ou morto. Mas, por causa de gente como ele, eu tinha que dizer ao cardeal as coisas que deviam ser ditas.

— Esses fiéis... não têm mais Igreja. Não há mais missionários para encorajá-los, para animá-los, para dar o exemplo a eles. Se o Vaticano é uma mãe esplêndida que protege os fiéis, estes também não terão o direito de ser envolvidos nos braços gentis dessa mãe? Não serão eles agora como o cordeiro separado do rebanho de que a Bíblia fala?

— Se ao procurar por um cordeiro os outros do rebanho forem expostos ao perigo... — disse o cardeal, com certa tristeza —, o pastor não tem escolha senão abandonar aquele cordeiro. Não se pode evitar isso quando a organização precisa ser protegida.

— Isso me lembra das palavras do sumo sacerdote Caifás quando o Senhor foi morto. “Convém que morra um só homem pelo povo, que não venha a perecer toda a nação.” Essas foram as palavras que Caifás falou.

Sim, o sumo sacerdote Caifás sempre valorizou a ordem e a segurança. Ele sacrificou o Senhor Jesus para preservar a ordem e a segurança.

O cardeal desviou a cabeça. Ele sentou-se por um longo tempo sem dizer palavra, enrolado em sua grande capa.

Vi que minhas observações audaciosas haviam irritado aquele influente membro da hierarquia do Vaticano. Mas eu não estava disposto a me encolher

diante dele. O mundo havia colocado demasiada ênfase na busca pela ordem e pela segurança.

— Isso é verdade. — Quando o cardeal finalmente se virou em minha direção, não era ira que se via em seu rosto, mas uma mistura indescritível de cansaço e tristeza. — Meu filho, não desejo concordar com as observações do sumo sacerdote Caifás. Mas naquela época o Senhor não dirigia uma organização, e Caifás dirigia. Aqueles que dirigem organizações, como Caifás, sempre dirão: “Para proteger a maioria, não temos escolha senão abandonar o indivíduo”. Mesmo nós, que acreditamos no Senhor, colocamo-nos na mesma posição que o sumo sacerdote Caifás a partir do momento em que criamos ordens religiosas e estabelecemos organizações. Até São Pedro teve que abandonar seu companheiro Estêvão à morte por apedrejamento a fim de preservar sua ordem religiosa.

Fiquei em pé muito quieto, escutando suas palavras. Eu nunca imaginara que tal declaração pudesse sair dos lábios do próprio cardeal. Ele evitou meus olhos e murmurou baixinho, quase que para si mesmo:

— Isso é uma... uma constante fonte de angústia para mim.

— É isso que chamais de justiça de uma organização?

— Sim.

— É dessa maneira que as coisas são sempre levadas a cabo no Vaticano?

— Nem mesmo eu sei. Mas, enquanto for responsável, não tenho alternativa senão adotar a atitude de Caifás perante os fiéis do Japão. No entanto, não quero que penseis que meu coração é desprovido de tristeza e remorso. Alguém deve suportar o fardo desse tormento.

O cardeal levantou a cabeça. O rosto que pouco antes brilhava de confiança estava agora contorcido em sofrimento. Sem saber o que dizer, eu ainda suspeitava dos reais sentimentos do cardeal. Nunca pensei ser possível que um homem que se dizia cardeal confessasse a própria angústia de forma tão direta e franca.

— É claro que sei que tudo isso vai contra os ensinamentos do Senhor sobre o amor. Talvez outros cardeais denunciem minha política. Mas, por enquanto, não mudarei de opinião.

— Por que não? Por que deveríeis insistir em manter algo que vai contra os ensinamentos do Senhor quanto ao amor?

Em minha excitação, cheguei perto de me esquecer da posição hierárquica do homem diante de mim.

— Então por que razão o Senhor Jesus morreu na cruz? Vossa Eminência acabou de dizer que foi para o bem de uma organização. Mas, até hoje, eu acreditava que a organização do Vaticano não fosse administrada como um país. Sempre pensei que fosse uma organização de amor que transcendesse as limitações de todas as nações e todos os povos.

O cardeal Borghese estudou aquele homem transtornado à frente com um olhar de perplexidade. Ele segurou a cruz que levava sobre o peito, decidindo se diria algo. Então, falou, com convicção:

— Meu filho, acreditais que podeis vencer o mundo real... apenas com amor?

— Mas Jesus foi um Homem de Amor.

— E, por causa de Seu amor, ele foi assassinado no mundo da política. Infelizmente, nossa organização também não pode fugir a esse mundo da política. O Vaticano não pode adotar nenhuma medida que enfraqueça a influência das nações católicas.

— O que isso tem a ver com o trabalho missionário no Japão?

— Países protestantes, como a Inglaterra e a Holanda, também estão de olho no Japão. Justamente por esse motivo, não devemos fazer nada para provocar mais ódio contra países como Espanha e Portugal por causa do problema do trabalho missionário no Japão. Em meu julgamento, seria mais proveitoso tanto para a Espanha quanto para Portugal se evitassem aticar ainda mais o governante do Japão, ficassem quietos e apenas observassem a situação por algum tempo. O Vaticano não é uma entidade isolada. Ele tem responsabilidade como organização de se opor às nações protestantes e apoiar as católicas.

O Homem de Amor foi assassinado no mundo da política por causa de Seu amor. O cardeal falou essas palavras como se vomitasse veneno amargo. Olhei para seu chapéu vermelho e sua grande capa, símbolos de seu cargo.

— Meu filho, por favor, compreendi.

Aquele era o ápice de minha longa jornada.

— Doravante rezarei por vós e pelo Japão — continuou.

Fiz uma profunda reverência e deixei o escritório. O cardeal seguiu em sua cadeira, olhando fixamente pela janela. Eu não tinha ideia do que se passava em sua mente.

O desorientado grupo de japoneses emergiu da fortaleza de Santa Severa, que estava imunda de excrementos de pombo e detritos das tempestades recentes. Como uma força protetora, o grupo cercou Nishi Kyusuke, que acabara de se recuperar de enfermidade, e vagorosamente desceu até a planície. O samurai, que cavalgava ao lado de Tanaka e Velasco à frente do grupo, de tempos em tempos olhava para o jovem compatriota atrás e esperava pacientemente que a companhia retardatária o alcançasse. Quando viajaram pela Nova Espanha, apesar do feroz brilho do sol, seus passos ainda estavam leves de esperança e força. Mas agora que suas esperanças tinham sido arrasadas, os japoneses moviam-se penosamente, quase arrastando os pés. Nenhum dos membros do grupo tinha ilusão de que as

coisas melhorariam na capital chamada Roma. Não importava se fossem a Roma ou a ainda outro país, todos eles agora sabiam que aquela viagem era inútil. Tudo o que lhes restava fazer era dar o arremate àquele esforço sem sentido. Se não acrescentassem esse arremate final, não teriam pretexto para voltar ao Japão. Aquela viagem, que durante tanto tempo os arrastara de uma ilusão para outra, agora chegava ao fim.

Já era primavera. As flores de um rosa pálido das amendoeiras que preenchiam os campos de verde estavam em plena floração, e um fazendeiro ocupava-se no trabalho com sua enxada. Ele olhou para aquele curioso cortejo com os olhos arregalados. Vestidos em trajes longos como árabes, com *obi* em volta da cintura e cabelo amarrado para trás, àquele fazendeiro os japoneses pareciam visitantes de um país tropical. Ele largou sua enxada no campo e correu de volta para casa.

No samurai, a flor branca da macieira e o canto dos pássaros não despertavam nenhuma emoção. Ele já não conseguia sequer ter saudades da primavera no charco. Ele meramente se rendia aos solavancos de seu cavalo e seguia atrás de Velasco. Ele imaginou quantas vezes fora traído por aquele homem. Ele fora inculcado de esperanças apenas para vê-las desmoronar. Depois, abraçara outra ilusão e prosseguira em sua jornada. Mas sua alma exausta não tinha mais nem vontade de odiar o missionário. Para o samurai, Velasco era só um homem digno de pena, como ele mesmo.

Quando passaram por uma aldeia, foram observados com olhos amedrontados pelas pessoas que se alinhavam às margens da estrada; por vezes, alguém gritava para eles alegremente, mas os japoneses continuavam a caminhar sem expressão, como se não tivessem percebido. Parecia um cortejo fúnebre seguindo um caixão.

À noite, caíram chuvas de primavera. Quando a chuva passou, eles haviam chegado ao alto da colina da Torre Vecchia. A Cidade Eterna jazia numa leve bruma; o Tibre serpenteava modorrento; a colina Pinciana, envolta num bosque verde-claro, estava visível ao longe; casas acastanhadas se empilhavam umas sobre as outras, e as cúpulas de incontáveis catedrais furavam o céu.

Velasco parou seu cavalo na colina e zelosamente apontou o Coliseu e o Fórum Romano, mas desta vez os japoneses nem menearam a cabeça.

— Aquele é o Vaticano, onde reside o papa.

Uma cúpula branca e redonda se sobressaía das casas marrons, e as pessoas corriam como formigas pela praça circular. Os japoneses estavam taciturnos e silenciosos, como se participassem de um velório.

Por fim, entraram em Roma. Ao passarem pelas ruas encharcadas pela chuva, um grupo de crianças começou a segui-los. Logo adultos curiosos se juntaram a elas. Os japoneses subiram a alta escadaria de pedra para o Campidoglio e

desapareceram no mosteiro de Ara Coeli. Depois que as portas se fecharam atrás deles, eles não reapareceram. Espalhou-se um boato de que aqueles eram embaixadores da Hungria, e a multidão foi embora.

Durante uma semana, Roma aguardou a chegada da Páscoa enquanto observava os sinais de uma primavera chuvosa. Nas catedrais, cada altar estava envolto em um pano púrpura, em luto pela morte de Jesus; as chamas das velas sagradas foram apagadas e fizeram-se preces pela ressurreição. Somente em volta da imagem da Virgem Maria tremeluzia um amontoado de velas, e à noite grupos de homens e mulheres se reuniam diante delas para cantar a litania da expiação. Nenhum dos suplicantes podia dizer que vira os japoneses emergirem do mosteiro de Ara Coeli.

Na manhã de Páscoa, à luz tênue da alvorada, figuras obscuras começaram a se reunir, um grupo após o outro, formando filas na praça de São Pedro, no Vaticano. Grupos de monges e peregrinos saídos de longe acamparam diante da grande basílica e esperaram pacientemente. Por baixo da névoa leitosa, a multidão se aglomerava contra o frio da manhã, vozes baixas entoando a litania sem cessar. Quando a névoa se dissipou, a praça já estava quase lotada desses peregrinos e monges. Nos degraus de pedra, jovens guardas militares usando elmo de prata e uniforme vermelho estavam em pé, enfileirados, lanças posicionadas na diagonal.

Às oito horas, o primeiro sino soou. A esse sinal, os campanários de todas as catedrais por toda Roma ecoaram, um após o outro. Teve início o festival da Páscoa. Logo as luxuosas carruagens dos nobres convidados para a missa solene congestionaram a entrada da praça de São Pedro. Elas furaram caminho por entre a multidão e desapareceram na grande basílica.

Por volta das nove horas, as portas dos dois lados da basílica foram abertas. Os monges e os peregrinos que haviam se reunido em frente aos degraus de pedra forçaram caminho pelas portas. Eles teriam permissão para receber uma bênção do Santo Padre. Os guardas de lanças continham o estouro da multidão e a forçavam a entrar em filas. Aqueles que ficaram do lado de fora tiveram que se ajoelhar onde estavam.

A grande basílica, com colunas de mármore, estava abarrotada. Cardeais, usando um chapéu característico enfeitado de ouro, sentavam-se dos dois lados do altar central, esperando em silêncio que o papa aparecesse. O altar dourado, que até o dia anterior estivera envolto num pano púrpura, hoje estava adornado com uma infinidade de castiçais de prata. De um lugar de honra entre os clérigos, o cardeal Borghese olhava com indiferença para as massas que se ajoelhavam lá embaixo, no chão, em um silêncio reverente. Logo surgiu um tumulto próximo à entrada da

grande basílica. A maciça porta principal, por meio da qual o papa passaria, fora aberta. O órgão ressoou, e o coro do Vaticano começou a cantar o hino de Páscoa *Vidi Aquam*.

“*Pontifice nostro, Pontifice nostro.*” O clamor originou-se de um canto da basílica e se espalhou por todo o recinto, estendendo-se às massas reunidas na praça; logo se tornou uma grande voz. “*Pontifice nostro, Pontifice nostro!*”

Naquele momento, a figura de Paulo v ergueu-se de repente, como a carranca na proa de um navio emergindo das ondas. Sentado num palanquim sustentado por vários padres, o papa apareceu em seus trajes brancos e mitra, com a mão levantada de um jeito cansado. Quando ele deu o sinal de bênção às massas em delírio à volta, seu palanquim lentamente avançou pelo mar de gente em direção à basílica de São Pedro.

“*Oremus pro Pontifice nostro.*” Em um canto do mar de gente estava um grupo de monges que levantou a voz em uníssono. O barro que manchava seus trajes humildes tornava claro que eles haviam viajado de muito longe para comparecer àquela celebração de Páscoa.

“*Dominus conserveto eum.*”

O papa olhou com satisfação na direção dos monges e fez o sinal da cruz para abençoá-los. Quando a multidão viu aquilo, as filas ordeiras foram lançadas ao caos. Aqueles que tinham a esperança de se mover um único passo que fosse para mais perto do palanquim e de receber uma bênção semelhante empurravam as pessoas à frente, abrindo caminho pela multidão. Mas como um barco deslizando no mar, o palanquim do papa deixava para trás as pessoas que o seguiam e era conduzido em direção à grande basílica. Quando o palanquim subiu com dificuldade os degraus de pedra, os guardas de elmo de prata e uniforme vermelho formaram uma muralha para conter a multidão de peregrinos que se acotovelava. O palanquim foi engolido pelo portal principal da basílica de São Pedro.

No momento em que o palanquim entrou na basílica, o coro presente ecoou pela grande nave como uma avalanche. Era uma aleluia. As vozes masculinas fortes e graves ressoaram de cada parede e da alta cúpula do teto.

Alleluia, Alleluia

Confitemini Domino

Quando o palanquim passou por nobres, clérigos e peregrinos ajoelhados por todos os lados, eles levantaram a cabeça como se fossem pés de trigo para observar a mão que se estendia dos trajes papais de puro branco para proferir uma bênção. Então, as cabeças baixaram ao mesmo tempo. Na abside, doze cardeais,

representando os apóstolos, estavam em pé para dar as boas-vindas ao palanquim; inúmeras velas tremulavam em castiçais de prata em volta do altar, e tudo estava pronto para o início da missa solene a ser celebrada pelo Papa Paulo v.

De repente, do meio da multidão no transepto norte, várias figuras se levantaram. Elas correram na direção do palanquim que passava, e um deles gritou as primeiras palavras que os suplicantes que se sacudiam ouviram pronunciadas na basílica.

O papa levava a mão direita até perto da bochecha e estava para traçar uma cruz silenciosa. Mas a urgência nos olhos dos três homens em pé abaixo dele interrompeu o gesto. O papa percebeu que os três homens tinham o rosto escuro como o de árabes e que o cabelo deles estava amarrados com firmeza atrás.

Eram asiáticos. Mas ele não sabia dizer de qual país. Todos vestiam trajes longos até os pés, calçavam meias brancas curtas e sandálias curiosas. O papa podia dizer que um dos homens estava pedindo algo, mas ele não entendia o quê.

— Somos japoneses! — gritou Tanaka, freneticamente. — Somos emissários, viajamos pelo mar desde o Japão.

Três monges empurraram os estrangeiros com força, tentando afastá-los do palanquim. Mas os japoneses plantaram os pés firmemente e se recusaram a ceder.

— Por favor! — Os três homens não sabiam o que dizer. Depois de terem dito isso, não conseguiam mais reprimir as emoções que afloravam e olharam para o rosto de Paulo v acima deles. As palavras “uma petição” entalaram na garganta e não saíam, lágrimas brotaram dos olhos dos emissários e rolaram pelas bochechas queimadas de sol.

— Por favor!

Quando os três asiáticos se curvaram profunda e reverentemente, os monges que os seguravam por trás afrouxaram os braços. Eles perceberam que aqueles homens não eram loucos nem mal-intencionados.

O papa olhou para as pessoas ajoelhadas atrás dos asiáticos, procurando um tipo de assistência. Ele sentiu que aqueles homens estavam pedindo desesperadamente alguma coisa, e queria ouvir o pedido.

Quando o olhar do papa caiu sobre ele, Velasco não se moveu do meio da multidão. Ele não falou uma palavra. De toda multidão aglomerada na grande basílica, apenas ele compreendia japonês. Somente ele sabia o que aqueles homens estavam tentando gritar. No entanto, como se alguma força poderosa o contivesse, Velasco não se moveu. Tudo o que ele pôde fazer foi olhar fixamente para o papa gordo e tranquilo sentado no alto do palanquim. Um velho vestido em trajes brancos, mal levantando os dedos cobertos de anéis adornados de joias. Uma voz sussurrou no coração de Velasco: *Nenhum de vós compreende a tristeza destes*

japoneses. Nenhum de vós compreende minha tristeza ao batalhar com o Japão. Uma emoção muito parecida com a vingança selou seus lábios.

Ao perceber que não havia ninguém para dizer-lhe o que aqueles estrangeiros queriam, o papa soltou um vago olhar de remorso. Crentes de todo o mundo esperavam pelos ritos da Páscoa, e o papa não podia deixar de desempenhá-los por causa daqueles asiáticos. Os muitos cordeiros de um rebanho não podiam ser ignorados por causa de um único cordeiro. Numa voz baixa, ordenou aos carregadores do palanquim que prosseguissem.

— Por favor...! — imploraram os japoneses pela última vez.

O cortejo os ignorou e seguiu em frente. O papa sorriu de novo e deu a bênção a nobres e clérigos de ambos os lados. As pessoas levantaram e baixaram a cabeça ao mesmo tempo. E diante do altar, o cardeal Borghese fez um largo movimento com a cabeça ao receber o palanquim...

Velasco esperou o cardeal numa câmara da basílica de São Pedro. Ele não solicitara um encontro com o cardeal, e sim fora atender a seu chamado.

A pequena câmara estava silenciosa, fria e solitária. O chão era revestido de mármore, e o teto, decorado com um afresco do arcanjo Miguel carregando uma lança, com suas grandes asas totalmente estendidas. Mas a pintura estava rachada e não tinha o impacto de um Michelangelo.

Velasco sabia por que tinha sido chamado pelo cardeal. Àquela altura, toda Roma sabia que os japoneses haviam agido indecorosamente com o papa, e era compreensível que Velasco fosse repreendido por não os ter contido.

Mas como eu poderia tê-los impedido...?

Velasco conhecia melhor que ninguém as provações pelas quais os japoneses haviam passado. Por essa razão, não fora capaz de contê-los quando saíram correndo pela multidão e gritaram repletos de tristeza. Ele desejara expelir do coração a amargura e todos os pensamentos. O padre não tinha desculpas a oferecer, mas, mesmo que fosse repreendido pelo cardeal Borghese, em seu coração não sentia nenhuma pontada de remorso.

Ele ouviu passos. O cardeal Borghese, vestindo o mesmo chapéu vermelho e a mesma grande capa, entrou com uma aparência cansada na sala e sentou-se numa cadeira. Ele estava acompanhado de um jovem padre de aparência imperturbável.

— Sei por que recebi ordens de vir aqui hoje. — Antes que o cardeal tivesse chance de falar, Velasco curvou-se sobre sua mão estendida e começou a se desculpar. — Também compreendo que sou responsável pelo erro dos japoneses. No entanto, sabendo o quanto eles sofreram até agora...

— Não vos chamei aqui para condenar-vos — interrompeu-o o cardeal. — Quando o Santo Padre soube do incidente por meu intermédio, ele se encheu de compaixão pelos emissários.

Velasco olhou para baixo e não disse nada. Compaixão e piedade não necessitavam de compensação. Ele e os emissários não tinham atravessado o mundo para ser objeto de pena e para lhes ser demonstrada compaixão.

— Chamei-vos aqui... para descobrir se ainda mantendes mesmo um grãozinho de esperança. Se mantiverdes, deveis abandoná-la. — O cardeal olhou para Velasco com tristeza.

— Abandonei as esperanças quando conversei convosco naquela ocasião. — Velasco sentiu um tom desafiador na própria voz.

— Não, não desististes ainda — murmurou o cardeal, com um olhar taciturno nublando seu rosto. — Porque não sabeis de nada. — A essas palavras, o padre que servia de secretário tirou uma folha de papel da pasta que segurava. — Esta é uma carta do vice-rei das Filipinas que o Vaticano recebeu dois dias atrás. Faríeis bem em lê-la.

Velasco pegou o papel acastanhado e crestado de sol e baixou os olhos para as letras que pareciam saltar da página. Enquanto lia, o cardeal permanecia sentado, esfregando as mãos.

— Deveis desistir. Como a carta explica, o rei do Japão está agora forçando a expulsão de todos os missionários e monges de seu país. Ele também proibiu quaisquer novos missionários de pôr os pés no Japão daqui para frente. Vós e os emissários japoneses... deveis desistir.

A carta era um documento oficial datado de novembro de 1614. A assinatura do vice-rei Juan de Silva saltava como um anão na linha final. Velasco fechou os olhos, mantendo um estado incomum de compostura. O que passou em sua mente naquele momento foi a cena do julgamento pelos bispos em Madri. A cena em que o bispo, com o rosto como o de um abutre, lera em voz alta a carta de Macau na presença de Velasco.

— O Vaticano não pode se arriscar a mais perigos. Não há como encorajar Espanha ou Portugal a fazer comércio com os japoneses, quando estes rejeitam completamente e perseguem os cristãos. Deveis compreender que, nessas circunstâncias, a carta dos embaixadores agora não tem mais nenhum sentido.

“Ó Senhor, seja feita Vossa vontade.” Ele lutou para lembrar-se da prece. *Se esta é a vontade de Deus, então obedecerei. Meus planos não eram parte da história que Deus delineou. Agora vejo isto claramente.* Ele ouviu risos. Ele podia ouvir a voz de uma mulher gargalhando ao longe.

— Eles irão se matar. — As palavras escapuliram dos lábios de Velasco, como um remédio vazando da boca de um inválido. — Quando ouvirem essa notícia —

repetiu Velasco para o cardeal, que o olhava com desconfiança —, eles não terão alternativa senão morrer.

— Por quê? — O tom de voz do cardeal era mais irado que surpreso. — Por que fariam tal coisa?

— Eles são samurais japoneses. Os samurais foram ensinados a morrer quando têm o orgulho ferido.

— Eles terão se livrado de sua obrigação. E eles são cristãos, não são? Eles não têm permissão para cometer suicídio!

Velasco sentiu um toque de ódio pelo rosto de incompreensão daquele prelado. Aquele ódio o impeliu a intimidar seu inimigo.

— Em última análise, é o Vaticano que os está assassinando, ao forçá-los a cometer o grave pecado do suicídio.

— Não podeis impedi-los?

— Eu... eu não tenho mais nenhuma ideia. — Velasco balançou a cabeça. — Se ao menos o Vaticano... os ajudasse a manter seu orgulho...

— O que estais pedindo?

— Uma audiência com o papa. Que ele trate os japoneses como embaixadores...

— Mesmo que ele conceda uma audiência aos japoneses, não podemos atender às solicitações. Nossa política já foi determinada.

— Não estou pedindo que atendais às solicitações. Mas os emissários são tão... patéticos. Ao menos em nome da honra, do orgulho, uma audiência com o papa... — Uma torrente de lágrimas rolou pelo hábito desbotado pelo sol. — Isso é tudo... tudo o que peço.

Era o dia em que o papa deveria receber os emissários japoneses. Depois da missa e do desjejum no mosteiro, com a ajuda dos serviçais, pela primeira vez os emissários puseram as roupas cerimoniais que haviam levado para audiências formais.

A carruagem enviada pelo cardeal para buscá-los já esperava do lado de fora do portão do mosteiro. Como era uma audiência extraoficial, nenhum guarda os acompanhou, mas três cocheiros uniformizados foram na carruagem de ébano decorada com detalhes em ouro. Ao se despedir dos monges e de seus servos, o samurai, sentado ao lado de Tanaka, Nishi e Velasco, olhou pela janela da carruagem e viu Yozo olhar para ele, com as mãos unidas como se numa súplica aos deuses.

Yozo parecia encorajar o samurai a não perder as esperanças. Ele parecia dizer que seguiria seu mestre não importava o que acontecesse. No entanto, o samurai

não tinha ilusões quando partiu para aquela audiência puramente formal. Não era nada mais que uma cerimônia para significar o derradeiro término de sua longa jornada.

Mesmo assim, o gesto de Yozo comoveu o samurai até as lágrimas. Em seu presente estado de desespero, abandonado e traído de todos os lados, o samurai sentiu que aquele serviçal que o servira fielmente desde a infância era o único homem em que ele podia confiar. Piscando, meneou a cabeça para Yozo.

A carruagem prosseguia sacolejando. A batida dos cascos dos cavalos ecoava intensa e regularmente nos caminhos pavimentados. Os três emissários estavam sentados em silêncio. Dois meses antes, a perspectiva de se encontrarem com um rei, de terem uma audiência com um papa, pareceria um sonho glorioso. Para samurais rurais que nunca viram Sua Senhoria, teria sido um evento inimaginável e sem precedentes.

Mas agora nenhum jorro de alegria saltava deles. Eles não sentiam o menor entusiasmo. Os emissários sabiam que aquela audiência tinha sido concedida por compaixão de um cardeal que cedera às súplicas de Velasco. Eles perceberam que era um gesto elaborado para persuadi-los a aceitar com resignação. Então sua jornada chegaria ao fim. Dali para frente, tudo que havia diante deles era o longo, vazio e inútil caminho de volta para casa.

Pinheiros se alinhavam de ambos os lados da estrada. A batida dos cascos dos cavalos ficou ainda mais alta. A distância, eles podiam ver a cúpula da basílica de São Pedro, com um céu nublado ao fundo. A carruagem passou da via Pallone para a via Borgo e entrou na praça em frente ao Vaticano.

— Quando o papa aparecer — repetiu Velasco —, tocai o chão três vezes com o joelho direito e levai a face até os pés dele.

Ao passar pelo portão de ferro à direita da grande basílica, eles foram saudados por lanceiros vestidos em uniformes vermelhos. Quando a carruagem parou, um homem usando uma peruca prateada e longas meias brancas abriu a porta para eles sem expressão e, em seguida, olhou friamente para Velasco e os emissários, que estavam vestidos em trajes cerimoniais peculiares.

Eles subiram os degraus de pedra e caminharam por um corredor com assoalho de mármore liso e brilhante. Estátuas negras de bronze ladeavam um dos lados do corredor.

Dois padres que os aguardavam no fim da passagem encaminharam os quatro homens a uma antecâmara, sem dizer uma palavra. Afrescos cobriam as paredes, e cadeiras luxuosas com braços dourados tinham sido arranjadas no tapete felpudo.

Os quatro homens esperaram que um sino soasse. Eles haviam sido instruídos a entrar na câmara de audiências ao sinal do sino.

— Entrarei primeiro — repetiu Velasco, cuidadosamente. — Depois seguireis em fila única: primeiro lorde Tanaka, depois lorde Hasekura e lorde Nishi.

Pareceu a eles que se passou um longo tempo. Tanaka e o samurai sentaram-se em suas cadeiras e fecharam os olhos; Nishi ajeitou seu penteado formal. Depois de uma longa, longa espera, um sino finalmente soou ao longe e a porta se abriu.

— Recomponha-se, Nishi — falou Tanaka, baixinho. Sua voz estava cheia de compaixão, bem diferente do habitual.

Clérigos de alta posição estavam em pé ao longo dos dois lados do salão de conferências dos cardeais, no qual se realizaria a audiência. Com Velasco à frente, os três homens avançaram pela profusão de vestes e chapéus vermelhos. Eles sentiram dúzias de olhos fixados neles, de ambos os lados. O papa estava sentado numa cadeira alta, e apenas ele usava um chapéu branco.

O papa era um homem baixo e gordo que olhava para os embaixadores de forma gentil e com afeto. Não havia nada do ar augusto do rei dos reis naquele homem, e parecia que a qualquer momento ele se levantaria e andaria na direção deles.

Velasco parou e levou o joelho direito ao chão. Os três japoneses tentaram imitar sua ação, mas Nishi desequilibrou-se ligeiramente e o samurai logo se moveu para apoiá-lo. O cardeal Borghese, em pé ao lado do papa, curvou-se na direção deste e sussurrou algum comentário em seu ouvido.

— Leia... a carta de Sua Senhoria. — Velasco apressou-se a comandar Tanaka, que estava em pé com um olhar de idiota.

Tanaka tirou a carta e desdobrou-a com as mãos.

“Vimos humildemente à presença do grande senhor de toda a terra, Sua Santidade Paulo v, papa de Roma.”

A voz de Tanaka falhou em sua garganta, e até o samurai podia ver suas mãos tremendo.

“Velasco, monge da Ordem dos Frades Menores, veio a nossa terra e pregou o cristianismo. Ele visitou nossos domínios e ensinou-me os mistérios da fé cristã. Como resultado, pela primeira vez compreendi o propósito desses ensinamentos e decidi abraçá-los sem hesitação. Entretanto, no momento, prevalecem circunstâncias extremas. Elas mostraram ser um impedimento para mim e não pude ainda... realizar meu desejo.”

Outra vez, a voz de Tanaka falhou. Cada vez que seu colega tropeçava, uma sensação de vazio crescia no peito do samurai. Não havia possibilidade de os clérigos reunidos naquela câmara de audiências compreenderem o idioma nem o significado da carta que Tanaka estava lendo. Ela era compreensível apenas para Velasco e os emissários.

“Assim sendo, em consequência de meu amor e meu respeito pelos monges desta Igreja, desejo erguer catedrais para eles e envidar todos os esforços na propagação do bem. Se houver algo que Vossa Santidade considere necessário para difundir as santas leis de Deus, terei prazer em providenciar isso em meu reino. Fornecerei eu mesmo quaisquer fundos e terras que sejam necessários para as catedrais a fim de que Vossa Santidade não tenha preocupações nesse sentido.”

Basta! O samurai reprimiu a palavra que subira à garganta. Basta! Ele queria impedir o pobre Tanaka de continuar com aquela farsa ridícula. As palavras sem sentido daquela carta. Aquele homem de chapéu branco que escutava em silêncio. Aquele homem e o cardeal Borghese ao lado dele pareciam ter dificuldade de suportar aquela farsa absurda.

“Embora a Nova Espanha fique muito distante de nosso país, desejo sinceramente estabelecer relações com aquela terra; assim, solicito a influência de Vossa Santidade para auxiliar-me a realizar essa ambição.”

Quando Tanaka gaguejou até o fim da carta, desagradáveis pérolas de transpiração escorriam por sua testa. Velasco esperou Tanaka apresentar a carta e, em seguida, adiantou-se em um passo para oferecer uma tradução.

Inesperadamente, o papa se levantou. Tal gesto não era parte do curso normal da cerimônia, e surgiu um ligeiro tumulto na câmara de audiências. Todos os clérigos se viraram ao mesmo tempo em direção ao trono.

— Eu... — Paulo v se curvou e se dirigiu aos emissários. Sua voz estava cheia de tristeza. — Eu prometo que, em cada missa durante os próximos cinco dias, rezarei... pelo Japão e por cada um de vós. Acredito que Deus não abandonará o Japão.

O papa desceu do trono e olhou atentamente para os emissários outra vez. Então, acompanhado do cardeal Borghese e de três outros cardeais, levantou a mão numa bênção e desapareceu numa câmara separada.

Sob o olhar atento dos clérigos, os emissários e Velasco se retiraram para a antecâmara. Depois que a espessa porta rangeu se fechando, os quatro homens desabaram nas cadeiras. Todos estavam absortos nos próprios pensamentos. No pesado silêncio, Velasco repousou as mãos nos joelhos e deixou a cabeça pender.

Não escrevo neste diário há um longo tempo. Foi muito doloroso para mim contar sobre o colapso de nossas esperanças e descrever nossa partida da Europa, com o continente desaparecendo ao longe enquanto cruzávamos o oceano chuvoso e nevoento.

Só uma pessoa – o padre que serve como secretário particular do cardeal Borghese – acompanhou-nos até o cais do porto de Civitavecchia. Como um gesto de boa vontade do cardeal, o padre deu a cada um dos três emissários um certificado concedendo-lhes a cidadania romana. Já que não há possibilidade de os emissários visitarem a Itália novamente, os certificados não têm nenhum valor. Tínhamos apresentado ao papa uma carta sem significado, e em troca o cardeal mandou aqueles pedaços inúteis de papel.

Não demorou nada para o governo espanhol juntar insulto à injúria. Fomos proibidos de parar em Madri e ordenados a prosseguir diretamente para Sevilha. Mesmo em Sevilha, não havia ninguém para nos receber a não ser minha família, e os japoneses, destituídos de todos os privilégios, não pareciam mais que nômades miseráveis. E em troca dos três mil e trezentos ducados para despesas de viagem fornecidos a nossos bolsos vazios por minha ordem e por minha família, fui forçado a trabalhar num mosteiro na Nova Espanha ou em Manila. Em resumo, fui derrotado em todas as frentes.

Não compreendo o que Deus desejava. Por muitos anos, tive confiança de que Ele queria que o Evangelho fosse pregado no Japão e que Ele me dera a vida para esse fim. Essa convicção me deu forças para suportar todas as provações. Mas agora minha confiança fugiu de mim e, o que é ainda mais assustador, até sinto, às vezes, que Deus estava brincando comigo. Sempre pensei que a história do homem estava atrelada à história concebida por Deus. A história de Deus, porém, estava muito distante de minhas próprias ideias e ambições.

Um mês de Civitavecchia a Sevilha. De Sevilha, outros três meses no oceano Atlântico, encontrando duas tempestades. Passei todos os dias da viagem prostrado de humilhação. Mas os japoneses – embora no início encarassem o mar com aqueles olhos vazios, que nunca revelam emoção – estão mais bem equipados para aceitar o infortúnio que nós, europeus, e rapidamente se resignaram à situação. Às

vezes, quando eles se reúnem no convés, posso ouvi-los rindo uns com os outros. Talvez o que ocasione essas expressões esporádicas de despreocupação e bom humor seja a alegria por serem liberados da longa e amarga viagem e a perspectiva de, por fim, retornarem a sua terra natal.

O emissário Nishi Kyusuke aborda os tripulantes e os bombardeia com todo tipo de perguntas, usando espanhol ruim e linguagem de sinais, da mesma forma que fez em nossa viagem pelo Pacífico. O jovem tem um grau extraordinário de curiosidade sobre nossa civilização e nossa tecnologia e, em seu caderno de anotações, registra meticulosamente tudo o que escuta dos marinheiros.

Tanaka Tarozaemon não repreende mais Nishi por sua curiosidade. De fato, ele abandonou sua obstinação habitual e, por vezes, quando os serviçais estão cantando no convés, ele bate palmas no ritmo da música. Quando o vejo bater palmas, parece inconcebível que pudesse fazer aquilo que Hasekura temia. Parece-me que a ideia de que ele fez tudo o que poderia ser feito gerou uma calma resignação a seu coração.

A maioria dos japoneses, porém, não comparece às missas que celebro todos os dias a bordo do navio. Embora eu reconheça que não receberam o batismo de coração e só foram batizados por causa da missão, quando entoo as palavras da missa na sala de jantar que serve de capela e vejo apenas um japonês oferecendo orações, tenho uma sensação indescritível de humilhação.

É tudo... por Vossa causa. Se não tivésseis gerado este resultado, nossa viagem para casa seria cheia de alegria, e o navio ressoaria com as vozes dos japoneses cantando hinos em Vosso louvor. Mas não desejastes isso. Escolheste abandonar o Japão.

Apenas um japonês esgueira-se furtivamente para a missa. Ele aparece na metade da cerimônia para não ser percebido por seus companheiros e foge assim que recebe a comunhão. Sua figura deplorável lembra-me do cristão miserável que encontrei ao lado das pilhas de lenha em Ogatsu.

Esse japonês não é um dos emissários. Tanaka, Hasekura e Nishi não foram à missa nem uma vez desde o dia da audiência com o papa em Roma. Eles não me disseram diretamente nem uma única palavra de rancor, mas, por meio de sua ausência, demonstraram claramente o que está nos seus corações. O homem que se esgueira até a missa é Yozo, o serviçal de Hasekura. Quando olho em seus olhos, lembro-me do olhar de um cão. Olhos nervosos e desamparados. Mas ele não abandonará o senhor a que jurou lealdade. Lembro-me dele constantemente ao lado de Hasekura durante toda a longa jornada. Talvez agora ele também não abandone o Senhor...

Outra vez, já fazia algum tempo que não tomava minha pluma para escrever. Depois de nos depararmos com aquelas duas tempestades no Atlântico, por fim aportamos em Veracruz. Quando passamos por aqui antes, os ventos da estação varriam a cidade ruidosamente, mas agora as ruas estão quase desertas, e o lugar parece tão desolado quanto nossos corações angustiados.

Nada mudou. O mosteiro em que ficamos é o mesmo e podemos ouvir o mesmo sino tocar a cada duas horas da pequena praça próxima ao mosteiro. Quando fomos dar nossos respeitos ao comandante da fortaleza de San Juan de Ulúa, vimos as mesmas rugas que seu quepe militar entalhara em sua testa, e ele havia pendurado orgulhosamente na parede de seu escritório a espada japonesa que ganhara.

Ele nos convidou para a ceia. Oficiais e suas esposas também compareceram e calorosamente nos saudaram. Desta vez, os japoneses foram mais contidos ao beber o vinho e comer a comida insossa. Quando o banquete terminou, depois de uma longa sucessão de perguntas triviais, Tanaka falou por todo o grupo de japoneses e solenemente deu agradecimentos. Apesar de não terem alcançado o objetivo desejado, eles tiveram o prazer de ver muitas nações e várias terras; portanto, não tinham arrependimentos, afirmou Tanaka aos anfitriões, com sinceridade.

Na volta, quando nossa carruagem chegou à praça próxima ao mosteiro, três sujeitos usando *sombreros* e roupas brancas tocavam música em um bar. Como se falando para si mesmo, Tanaka deixou escapar que aquela canção o lembrava de uma que ele costumava ouvir com frequência em sua terra.

Os emissários se retiraram para os quartos no mosteiro escuro. Acendi uma vela em meu quarto e sentei-me à escrivaninha para escrever duas cartas. Uma foi para meu tio em Sevilha, a outra foi para o superior do mosteiro na Cidade do México. Pedi ao superior que providenciasse um navio destinado às Filipinas para levar os japoneses de volta a sua terra e informei que acompanharia os emissários até Manila, onde, de acordo com as ordens de meus superiores, eu passaria o resto da vida trabalhando no mosteiro.

Quando terminei de escrever as cartas, meu coração estava estranhamente em paz. A constatação de que as chamas de paixão que haviam sido minha razão de viver não tinham se consumido me proporcionou uma tranquilidade que eu não sentira desde nossa partida de Roma. Descansei minha pluma e, olhando fixamente para a chama tremeluzente da vela, percebi que meu longo apego ao Japão tinha terminado.

Agora que penso a respeito, a primeira vez em que eu ouvi falar que existia um país chamado Japão foi em 1595, quando estava no mosteiro de San Diego, em Sevilha. Meus superiores vinham encorajando-me a fazer trabalho missionário na

Nova Espanha, mas de alguma forma eu sempre senti um ligeiro desconforto com a ideia. Suponho que fosse por causa da personalidade que herdei. Eu sentia que meu temperamento não tinha sido feito para desempenhar trabalho missionário no meio de índios dóceis e seguros, numa terra já pacífica como a Nova Espanha.

A ânsia de ir para uma terra de repressão e perseguição e de lutar como um soldado do Senhor pulsava incessantemente nas profundezas de meu coração. Meus superiores me advertiam com frequência que essa natureza trabalhava contra as virtudes da mansidão e da submissão.

Três anos depois, em 1598, o nome e a substância do Japão passaram a significar ainda mais para mim. No ano anterior, chegara um relatório da Companhia de Jesus no Japão, dizendo que o *taiko*, governante do Japão, começara a perseguir os cristãos por lá. Vinte e seis missionários e cristãos japoneses capturados tinham sido enviados da capital para Nagasaki, na ilha de Kyushu, e queimados em estacas. Esse evento criou um rebuliço até em Sevilha; e foi naquele momento que decidi que o Japão era o país onde eu queria ser enterrado quando morresse. As palavras do Senhor comandando Seus apóstolos, “Ide a todo o mundo e pregai o Evangelho”, ecoavam em meus ouvidos.

Em 1600, a constituição apostólica *Onerosa Pastoralis* foi promulgada pelo Papa Clemente VIII. Para mim, era uma manifestação da graça infinita do Senhor. Por meio daquele breve pontifício, a evangelização do Japão, que antes era restrita aos jesuítas, passou a ser aberta a todas as ordens monásticas. Nossa ordem nas Filipinas, então, mandou buscar na Espanha aqueles que desejassem trabalhar no Japão; foram feitos preparativos para ensinar a língua japonesa.

Mas minha família não apoiava meu desejo de servir no Japão. As mulheres, especialmente minha mãe e minha tia, insistiram para que eu fosse para um mosteiro seguro na Nova Espanha e até tentaram me fazer mudar de ideia tomando providências para que eu fosse nomeado para tal posto.

Naquele mesmo ano, entrei para um grupo de missionários reunidos por Juan de San Francisco a caminho das Filipinas e, no décimo segundo dia de junho, embarquei num navio em Sevilha. Aquela viagem foi consideravelmente mais dura que minha presente viagem com os japoneses – suportando tempestades, escassez de comida e de água e epidemias, cheguei quase inválido a Manila. No entanto, minhas aflições mal poderiam se comparar com os sofrimentos que o Senhor suportou na cruz.

A primeira cidade asiática em que pus os olhos. Manila era imunda, vulgar e insuportavelmente barulhenta. Espanhóis, negros, nativos filipinos e chineses se acotovelavam, berravam e corriam por toda parte em meio a um calor escaldante como a fornalha de uma fundição. Nossa irmandade tinha desistido completamente de fazer trabalho missionário entre os muitos chineses que viviam ali. Já que

naquela época qualquer chinês que recebesse o batismo ficava isento de pagar impostos por um período de dez anos, o número de membros da Igreja era grande, mas era óbvio que a conversão ao cristianismo não era sincera. Apesar do batismo, eles não viviam uma vida cristã e se dedicavam a superstições e rituais estranhos e sinistros praticados por sua própria gente.

Comparados aos vinte mil chineses em Manila, os japoneses eram em número bem menor – menos de um décimo disso –, e a maioria deles se dedicava ao comércio. Uns duzentos deles eram cristãos.

Aprendi a língua japonesa com aqueles cristãos, e a partir deles descobri que tipo de pessoa eram os japoneses. Segundo minha observação, a mente japonesa funcionava consideravelmente mais acelerada que a de qualquer outra raça, e eles eram abençoados com curiosidade e desejo de conhecimento. Eles possuíam um senso de orgulho e decoro mais forte até que o dos espanhóis. Fiquei espantado de que um povo assim tivesse vivido por tanto tempo sem conhecer a graça de Deus.

Durante dois anos e meio em Manila, uma imagem do Japão que eu esperava um dia visitar tomou forma em minha mente como nuvens em um dia de verão. Assim como Colombo cruzara os vastos oceanos em busca de um país dourado, em meus sonhos o Japão tornava-se um país dourado, uma ilha a ser conquistada para Deus, um campo em que travar uma batalha. O governante do Japão morreria, e o xogum Tokugawa assumiria o controle. Ouvimos falar que esse rei também adotara uma política de perseguição aos cristãos e que os missionários jesuítas tinham sido banidos para Kyushu, onde poucos esforços missionários lutavam para sobreviver. No entanto, enquanto esses relatórios chegavam a Manila, um após o outro, em vez de me desanimarem, meu espírito lutador era atizado.

Minha oportunidade surgiu em junho de 1603. O vice-rei das Filipinas decidiu enviar uma embaixada em resposta a um gesto de amizade do rei japonês, e fui incluído naquele grupo não como missionário, mas como intérprete. Nosso navio navegou para o norte e, depois de um mês margeando o horizonte, finalmente vi o país que tanto me atraía. Pássaros dançavam sobre as ondas. Dúzias de barcos de pesca cuidavam do comércio sob o sol quente do verão. Logo as colinas suavemente inclinadas e o contorno das ilhas se tornaram visíveis na borda mais distante do mar. Era o Japão. Era um Japão muito diferente da terra de perseguição e opressão que eu imaginara.

Mas quando nosso navio entrou na baía, vários esquifes apareceram de repente. Um líder de aspecto arrogante entrou em nosso navio, acompanhado de vários subordinados carregando armas de fogo. Eles nos forçaram a ir para o porto como se fôssemos prisioneiros e, depois de nos fazerem esperar por um longo tempo na costa escaldante, finalmente reconheceram que éramos emissários do

vice-rei das Filipinas. Tínhamos desembarcado numa baía chamada Ajiro, perto de Edo, onde residia o rei.

As cenas que agora flutuam diante de meus olhos enquanto observo a chama da vela são das belas montanhas e dos mares do Japão, como os vi pela primeira vez. Um Japão que, à primeira vista, sob a luz do sol, parecia a própria epítome da tranquilidade. Senti que aquela era, sem dúvida, uma terra digna das bênçãos do Senhor. “Benditos sejam os mansos de espírito.”

Mas o Japão real provou não ser tão manso. A cena que vejo muda para uma câmara interna no castelo de Edo, à qual fui levado para me encontrar com um homem idoso sentado numa cadeira revestida de veludo. Edo, cidade não menos organizada que qualquer das cidades do Ocidente. Longas cercas negras delimitavam as residências de daimios e guerreiros, e canais negros cercavam o majestoso castelo em múltiplas camadas que nos encarava de cima, ameaçadoramente. Ao contrário do opulento palácio de Madri, o interior do castelo a que fomos conduzidos era uma sucessão de corredores traiçoeiros e sombrios, apesar de resplandecentes e de portas corrediças folheadas a ouro, enevoadas pela idade. Depois de passarmos por um labirinto de corredores, tivemos o primeiro relance de um velho de estatura mediana, com cerca de sessenta anos de idade, sentado numa cadeira de veludo. O velho estava numa audiência com o senhor feudal mais poderoso de todo o Japão; no entanto, aquele senhor rastejava no chão como um escravo e se retirou da sala tão curvado que parecia beijar o chão. O velho fixou os olhos em nós e mal disse uma palavra. Todas as perguntas eram feitas por um secretário sentado a uns cinquenta passos do rei. Dos lábios do secretário, soubemos que o rei não apenas desejava fazer negócios com as Filipinas, como buscava o comércio com a Nova Espanha e esperava que mineiros espanhóis fossem enviados ao Japão. A delegação prometeu discutir aqueles assuntos com Manila.

Depois de consultar vários padres e monges franciscanos que já estavam no Japão, permaneci em Edo quando os emissários partiram. Meu pretexto foi que eu precisava cuidar de algumas pontas soltas deixadas pela delegação e que serviria de intérprete para quaisquer emissários estrangeiros que visitassem o país no futuro. Como os japoneses sabiam que eu era um padre cristão, o secretário me lembrou com gravidade da carta que o rei mandara a Manila em 1602. Nela, estrangeiros receberam permissão de residir no Japão, mas eram proibidos de divulgar sua religião.

Naturalmente, não me intimidei e não obedeci a essas ordens. Sob o pretexto de que construiria um hospital rústico em Asakusa em prol dos leprosos rejeitados, comecei meus trabalhos missionários em segredo, ao mesmo tempo que cuidava dos sofrendores com a ajuda de dois companheiros. Os cristãos japoneses que

havam entrado na clandestinidade logo começaram a me contatar, proporcionando-me minhas primeiras atividades. Mas esses atos secretos e proibidos não eram suficientes para satisfazer meus ideais. Silenciosamente, eu pensava o tempo todo no velho em sua cadeira de veludo na câmara interna daquele castelo, esperando com fervor estabelecer relações comerciais com a Nova Espanha.

Eu já não lutava mais contra aquele velho. O Japão, que fora minha vida, tinha agora retrocedido para bem longe, além de meu alcance. Derrotado, irei para Manila e viverei em um mosteiro delimitado por uma cerca branca, com canteiros de flores bem cuidados no pátio. Oferecendo aos monges palavras inofensivas de aconselhamento, examinando os livros contábeis, escrevendo relatórios todos os dias. A vida de um superior manso, que abençoa mães e afaga a cabeça dos filhos. Foi isso que o Senhor “determinou” para minha vida.

Ajoelhei-me no chão, amarrei os pulsos com uma corda e rezei. “Seja feita Vossa vontade.” Enquanto rezava, percebi que meus pulsos desleixadamente amarrados estavam molhados de suor. Lutei com todas as forças para suprimir as violentas emoções que cresciam em mim.

Naquele momento, percebi alguém em pé à porta.

— O que é, lorde Hasekura?

Em pé, muito quieto, Hasekura respondeu, baixinho:

— Lorde Tanaka tirou a própria vida.

Hasekura disse aquelas palavras como se anunciasse um horário de partida. “Lorde Tanaka tirou a própria vida.” Continuei ajoelhado, olhando para a chama da vela que ele segurava. Na mão de Hasekura, a chama tremeluzia convulsivamente. “Seja feita Vossa vontade.” No entanto, aquela “vontade” agora era mais cruelmente fria que gelo.

Sem dizer uma palavra, Hasekura conduziu-me ao quarto de Tanaka. Nossas sombras refletiam-se na parede do corredor escuro como breu, e nós dois estávamos em silêncio. A única luz vinha de um quarto no fim do corredor, onde Nishi estava em pé com vários serviçais do lado de fora. Quando entramos no quarto, encontramos o corpo de Tanaka jazendo num lençol ensopado de sangue, com a cabeça virada para o lado. A espada curta que ele usara para cometer suicídio estava disposta com capricho ao lado da cama. Dois dos serviçais de Tanaka estavam sentados em postura formal ao lado do candelabro, olhando fixamente para o rosto do mestre morto, como se aguardassem uma ordem.

Quando os serviçais me viram, silenciosamente abriram espaço para mim; eles estavam bastante compostos, como se já tivessem previsto o suicídio do

mestre. Tive a impressão de que cumpriam um ritual predeterminado. Não havia sinal de que alguém além das pessoas de nosso andar estivesse acordado no mosteiro, e, de fato, ninguém mais percebera o que havia acontecido.

Morto, seu rosto estava em paz. A expressão altiva e brusca que ele mostrara com frequência na viagem se fora, e sua expressão estava tranquila, como se, ao morrer, ele tivesse sido libertado de todas as provações que o haviam atormentado na viagem. Senti quase como se a morte tivesse dado a ele uma tranquilidade que o Senhor jamais lhe proporcionara.

Um dos serviçais tentou colocar um pequeno ídolo budista ao lado da cama, mas sua ação lembrou-me que Tanaka fora batizado e que eu, por bem ou por mal, era padre.

— Não precisamos de imagens budistas. Lorde Tanaka era cristão. — O serviçal lançou-me um olhar ressentido, mas pegou de volta o ídolo e o repousou em seu colo.

— *Habeas requiem aeternam.*

Uma vez, numa plantação de bananas perto de Veracruz, eu segurei a mão de um índio ferido e recitei a mesma prece. Mas, ao contrário do índio, Tanaka cometeu suicídio, forma de morte que a Igreja considera pecado imperdoável e mortal. A Igreja não permite que o sacramento pelos mortos seja ministrado àqueles que tiraram a própria vida. Mas, naquele momento, eu não me importava mais com os regulamentos da Igreja. Eu sabia da angústia da jornada de Tanaka. Eu sabia o que estivera no coração de Tanaka, Hasekura e Nishi enquanto eles perseveravam em sua missão sem esperanças. E sabia por que Tanaka abrira a própria barriga com aquela pequena espada. Assim como eu não fora capaz de abandonar o jovem índio no fim da vida, eu não podia abandonar Tanaka na morte.

— *Requiescant in pace.*

Fechei os olhos arregalados de Tanaka como se estivesse cerrando o último portão da vida. Todo esse tempo, nem os serviçais nem Hasekura, tampouco Nishi, em pé à porta, fizeram qualquer movimento para interromper minhas preces; eles se juntaram num canto do quarto e ficaram lá, imóveis.

A tantas, os serviçais cortaram um pouco do cabelo e das unhas do mestre e puseram-nos nos sacos pendurados no próprio pescoço. Então, tirando do lençol manchado de sangue, eles cobriram o corpo com um pano de seda limpo. Hasekura observou os procedimentos e depois falou comigo:

— Amanhã de manhã preciso pedir desculpas aos padres e aos monges daqui. Por favor, ajude-me.

De acordo com a tradição budista, os japoneses mantiveram uma vigília ao lado do corpo morto até o amanhecer. Fiquei com eles a noite toda, ao lado do corpo coberto com seda branca.

Veio a pálida alvorada. Com permissão especial do mosteiro, enterramos Tanaka ao lado de um cemitério índio que ficava entre a vila e o porto de San Juan de Ulúa. Nem um único padre ou monge do mosteiro foi ao enterro. Eles não desejavam comparecer ao funeral de um homem que cometera o grave pecado do suicídio. Improvisei uma cruz com dois galhos e a enfiei no monte funerário. O sol da manhã deu cor à floresta, e próximo dali um grupo de crianças índias nuas estava em pé chupando seus polegares e olhando-nos, zombeteiras. Nishi estava agachado no chão, enquanto Hasekura posicionava rigidamente em pé, com seus olhos fechados.

Depois de algum tempo, o comandante da fortaleza de San Juan de Ulúa chegou a cavalo com seu assistente.

— Eles são iguais aos índios. — Ele desmontou do cavalo e enxugou o suor do rosto. — Quanto mais inferiores as pessoas, mais elas querem se matar.

— Os japoneses consideram uma virtude escolher a morte em vez de suportar a vergonha — respondi, olhando fixamente para ele. — Esse emissário japonês acreditava que não poderia desempenhar sua missão como embaixador a menos que morresse.

— Receio que não compreendo. — O comandante deu de ombros, espantado. — Mas, pelo que dizeis, padre, parece que aprovais o suicídio, que a Igreja proíbe.

Em seus olhos escondiam-se uma perplexidade e uma desconfiança de mim. Talvez cartas da Espanha o tivessem informado que eu era um traidor que se rebelara contra a Igreja.

Sim, é verdade que estou confuso, que cheguei à beira do desespero, que não consigo mais captar o que poderia ter sido a vontade do Senhor. Mas, acima de tudo isso, estou acometido de um medo indizível de que minha fé fraqueje.

Meu único objetivo ao realizar essa viagem foi tornar o Japão uma nação do Senhor. No entanto, não terá havido elementos de uma conveniente autojustificação e uma sede egoísta de conquistas encoberta por esse objetivo? Não terá havido em meu coração a ambição de um dia me tornar bispo do Japão e manipular a Igreja lá com minhas próprias mãos? Terá o Senhor discernido os sentimentos de meu coração e me punido por eles?

— Certamente, a Igreja de fato considera o suicídio um pecado mortal — murmurei, olhando para o chão. — Mas não quero acreditar que o Senhor abandonará esse japonês em particular... Não quero acreditar nisso.

O comandante não conseguia compreender meus ásperos resmungos. Se alguém fez Tanaka cometer o pecado mortal do suicídio, fui eu. Meus esquemas

arrogantes conduziram-no à morte. Se for para Tanaka ser punido, eu também devo ser. *Ó Senhor. Não abandoneis sua alma. Em vez disso, puni-me por seu pecado.*

* * *

“Vim lançar fogo sobre a terra; e que quero Eu, senão que ele já tenha sido ateado?

“Mas devo ser batizado num batismo de morte; e quanto Me angustio até que ele se cumpra!

“Pois mesmo o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar Sua vida como resgate de muitos.”

Quando o Senhor falou essas palavras, Ele certamente havia se preparado para a morte. Na vida, há missões que só podem ser cumpridas por meio da morte.

A viagem de Veracruz para Córdoba. A cadeia de montanhas estava nublada com nuvens de tempestade, e, de tempos em tempos, relâmpagos brilhavam. A paisagem era desolada, com agave e cactos que cresciam como hieróglifos bizarros. Enquanto cruzava aquele deserto com os japoneses, pensei no Senhor seguindo em direção a Jerusalém por um deserto semelhante, determinado a morrer. O senhor havia previsto Sua própria morte, dizendo: “Mas devo ser batizado num batismo de morte; e quanto Me angustio até que ele se cumpra!”. Há missões nesta vida que só são cumpridas por meio da morte. O suicídio de Tanaka Tarozaemon me ensinou isso. No entanto, em um aspecto, a morte de Tanaka e a morte do Senhor são claramente diferentes. O japonês tirou a própria vida para expiar sua incapacidade de desempenhar sua missão como emissário. Mas o Senhor aceitou a morte “para servir a muitos”.

Relâmpago e, imediatamente depois, um estrondo de trovão ouvido a distância. Também caem relâmpagos agora em meu coração. Há muitas pessoas a quem também devo servir. Um padre vive para servir aos outros neste mundo, não para si mesmo. Pensei no homem em Ogatsu. É a ele que devo servir – e a outros japoneses como ele. *Vim para servir a muitos*, eu disse a mim mesmo enquanto cambaleava pela estrada, *e para dar-lhes a vida*.

Nada que o Senhor fez foi sem sentido. E a morte de Tanaka não foi desprovida de significado, pois me ensinou essas coisas.

* * *

— O que vai acontecer conosco agora? — Nishi Kyusuke estava sentado em sua cama na sala de reuniões de Córdoba, olhando fixamente para a janela. Depois da tempestade, deram-lhes os mesmos alojamentos em que eles haviam ficado antes. Mas, na outra ocasião, Tanaka Tarozaemon ainda estava vivo. A não ser isso, nada mudara. Na parede, aquele homem emaciado com as mãos pregadas a uma cruz revelava-se à luz débil da vela.

— Agora...? — perguntou o samurai, cansado. Ele estava mais que fisicamente esgotado; estava exausto até o fundo da alma. Era deprimente e irritante pensar no que havia à frente.

— Depois que retornarmos ao Japão.

— Não tenho ideia, mas estou certo que Sua Senhoria e os velhos conselheiros compreenderão todo o sofrimento pelo qual passamos.

— Mesmo se retornarmos de mãos vazias?

O samurai lembrou-se da figura cheia de frescor e juventude que Nishi fora outrora. Quando sorria, com seus dentes brancos brilhando contrastando com seu rosto moreno, seus olhos faiscavam com tanta curiosidade que o samurai às vezes chegou a sentir inveja. Aquela centelha não estava mais lá; seu rosto estava tão pálido quanto o de um inválido, seu viço era algo do passado.

— Eu gostaria de ter ficado na Espanha para aprender mais sobre lá — disse Nishi, num tom sem expressão, virando-se em direção ao candelabro. — E pensei no quanto o mundo é imenso. Eu nunca tive ideia de que voltaríamos assim.

Escutando essas palavras, o samurai de repente enxergou o momento em que seu navio partira de Tsukinoura. Quando o navio se moveu para o mar aberto — a amarração rangendo inesperadamente, as ondas batendo contra o casco e as gaivotas voando rasantes sobre a borda do navio com gritos agudos —, ele sentiu que o curso do destino estava para ser alterado. Nunca lhe ocorrera que o mundo fosse tão grande. Agora ele vira o mundo, e tudo o que restava era o cansaço. Ele estava cansado até as profundezas de sua alma.

— Não achais que até lorde Tanaka tinha medo do que está à frente?

— Do que pensais que ele tinha medo?

— De que Sua Senhoria e os velhos conselheiros virassem as costas para nós.

O samurai piscou. Doía-lhe e assustava-o pensar muito a respeito da morte de Tanaka. Por meio de sua morte, Tanaka buscara preservar sua dignidade diante de sua família. Quando o samurai pensava nas bochechas vazias no rosto do próprio tio, ansiosamente esperando seu regresso ao lado da lareira encovada, ele também queria morrer. Ele invejava Tanaka por aquele suicídio. Mas ele mesmo não podia morrer. Em nome de Nishi e dos serviçais que haviam sofrido tanto, ele tinha que contar ao conselho dos anciãos tudo o que acontecera na viagem. Se alguém devia

assumir os encargos de um porta-voz, o samurai sentia que esse alguém era ele mesmo.

— Não há razão para eles nos abandonarem — disse o samurai, com uma firmeza incomum. — Às vezes, nem mesmo os maiores esforços são suficientes. Devemos dizer isso ao conselho.

No entanto, mesmo enquanto tentava se convencer, por dentro ele não tinha tanta certeza. Ele tinha medo de pensar no assunto em detalhes. De que adiantaria imaginar que isto ou aquilo poderia acontecer no futuro? O samurai engoliu sentimentos amargos de resignação.

O ar da noite entrava pela janela aberta. O cheiro da terra lembrou-o do charco. Mesmo sem conseguir de volta as terras de Kurokawa, o samurai estava satisfeito com o charco. Ao contrário do pai e do tio, seu coração era menos preso a Kurokawa que ao charco.

— Mas o conselho dos anciãos não irá nos denunciar por não termos obtido nenhuma resposta do rei da Espanha? — Nishi insistiu.

— Isso não importa. Pensar sobre isso não vai resolver nada. E, já que não há nada que possamos fazer, é melhor não pensarmos.

Para finalizar a conversa, o samurai se levantou. Nishi estava começando a irritá-lo, e ele queria sair para o pátio e respirar um pouco do ar da noite que cheirava a terra.

O pátio estava tão frio que fazia o calor do dia parecer inacreditável. Três homens estavam agachados conversando: Yozo e seus outros serviçais. Yozo estava irado, repreendendo os outros.

— Não conseguis dormir?

Os três homens se levantaram, embaraçados. Eles olharam envergonhados para o mestre, com medo de que tivesse escutado sua conversa.

— Os cheiros da noite me fazem pensar em minha casa. — O samurai sorriu, numa tentativa de deixar os três homens à vontade. — A noite no charco era cheia desses mesmos cheiros de terra e árvores. Logo poderemos sentir esses cheiros de novo.

Estava claro pelas vozes discutindo que o cansaço e a irritação estavam afetando não apenas Nishi, mas também seus serviçais. *Apenas eu preciso ser forte*, disse a si mesmo.

Na manhã seguinte, eles partiram de Córdoba. O deserto escaldante outra vez. À margem do vazio, pomares de oliveiras, cabanas indígenas e as casas de fazenda com telhados em estilo espanhol pertencentes aos *encomenderos*. As cenas que eles haviam observado na viagem de ida se repetiam. Agora que eram viajantes calejados, não surgiu nem um único brilho de curiosidade nos olhos dos japoneses.

Ocasionalmente, eles se lembravam de que cada passo que davam os levava para mais perto do Japão, mas, de alguma forma, esse pensamento não os emocionava.

O samurai deu uma olhada em Velasco, que cavalgava ao lado, e percebeu que sentia falta de ver seu sorriso habitual. Para ser honesto, o sorriso confiante do estrangeiro incomodara o samurai. Velasco sempre o mantivera quando tentava submeter os japoneses a sua vontade. Sempre que o samurai via o sorriso malicioso, ele suspeitava das reais intenções de Velasco. De fato, eles foram enganados em várias ocasiões por causa daquele sorriso. Mas desde a partida de Roma, o sorriso arrogante desaparecera do rosto de Velasco e fora substituído por uma expressão atormentada e solitária.

— Não há nada que possamos fazer agora. — Do lombo de seu cavalo, o samurai começou a falar com Velasco, mas se interrompeu.

O espanhol, que lhes causara tanta ansiedade, que provocara neles ira e até ódio, levantou o olhar tristemente na direção da cadeia de montanhas encoberta de nuvens de chuva. O samurai sentiu pena do homem. Ele sabia que, já que não cumprira as promessas feitas aos velhos conselheiros, ele nunca poderia retornar ao Japão.

Foi na noite do décimo dia que eles passaram pela muralha cinzenta que circundava a aldeia de Puebla. Assim como antes, um mercado fora montado ao lado da muralha, e índios de rabo de cavalo dispuseram potes de cerâmica, tecidos e frutas no chão; eles ficavam sentados em silêncio como imagens de pedra, abraçando os joelhos.

— Lorde Hasekura, lembrai-vos daquele japonês?

— Aquele que tinha sido monge?

Antes mesmo de Nishi perguntar, o samurai estivera pensando no compatriota que fora vê-los na Cidade do México. Aquele monge renegado que vivia com uma índia numa cabana com telhado feito de caniços, perto do charco de Tecali que brilhava vermelho como sangue ao sol da manhã. Ele dissera que eles não se encontrariam de novo. Se isso fosse verdade, onde estaria ele agora?

— Eu... vou voltar para aquele charco — sussurrou Nishi para o samurai, tomando cuidado para Velasco não ouvir.

— Isso seria inútil. Ele disse que os índios nunca cultivam o mesmo campo duas vezes.

— Não tem importância, mesmo se eu não o vir de novo.

— Então, por que estais indo?

— Aquele sujeito... — Nishi deu um sorriso triste. — De alguma forma, agora entendo por que ele nunca poderia retornar ao Japão.

— Desejais permanecer aqui também?

— Para alguém que viu a vastidão do mundo, o Japão parece sufocante. Meu coração fica pesado quando penso nas pessoas nascidas em famílias de anspeçadas ou soldados rasos no Japão; elas têm que viver daquela maneira pelo resto da vida. Mas até eu... tenho pessoas que me aguardam voltar para casa.

Eles não podiam seguir os próprios caprichos e desejos. Havia pessoas aguardando seu retorno. O samurai sabia como Nishi se sentia. Um tio, uma família e camponeses que o viam como chefe da família para seu sustento viviam no charco. Ele retornaria para lá e viveria a mesma espécie de vida que levara antes. Nunca mais ele deixaria seu lar para se aventurar no vasto mundo. Aquilo era tudo um sonho. Era melhor pensar desta maneira: como um sonho que logo acabaria.

O samurai e Nishi partiram do mosteiro antes do amanhecer seguinte, tal como haviam feito antes. Eles agora conheciam o caminho. O calor do dia ainda não despertara a aldeia de seu sono fresco e pacífico quando eles a atravessaram. Ao atingirem a floresta, rachaduras rosadas haviam aparecido no céu. Passarinhos zombavam deles, guinchando. Os cavalos levantaram borrifos de água ao cruzar um límpido riacho de montanha. Feixes de luz da manhã vazavam como flechas por entre as árvores. O charco de Tecali estava quieto como sempre, os caniços balançavam levemente. Nishi desmontou e, levando a mão à boca, chamou o monge. Dois ou três índios de peito nu e rabo de cavalo puseram a cabeça para fora da entrada das cabanas. Eles se lembraram do samurai e de Nishi e sorriram, enrugando os narizes achatados.

O ex-monge saiu mancando, apoiado nos ombros de sua esposa, que era tão robusta quanto um naco de carne. O homem doente apertou os olhos dolorosamente contra o sol da manhã, depois reparou em seus visitantes e gritou para eles:

— É bom ver-vos de novo! — Ele estendeu as mãos, como se estivesse encontrando a parentes que ele não esperara ver de novo. — Nunca pensei que vos veria de novo... — De repente, parou de falar e levou a mão ao peito, ofegando dolorosamente. — Não vos preocupeis. Passará em um momento. Em um momento.

Mas demorou um tempo para o ataque ceder. O sol da manhã subira no céu, com os raios espalhando-se languidamente pelo charco, e o calor do dia começara. Os índios observavam os três homens curiosamente a distância, mas acabaram se entediando e desapareceram.

— Assim que encontrarmos um navio destinado a Luzon, retornaremos ao Japão. Se houver algo que gostaríeis de mandar para vossos amigos em casa...

— Não há nada. — O monge renegado sorriu desconsolado. — Se alguém descobrisse que estivestes na companhia de um monge cristão, isso só vos causaria

problemas.

— Nós mesmos nos tornamos cristãos. — O samurai olhou para o chão, embaraçado. — Não fomos sinceros quanto a isso, mas...

— Ainda não acreditais?

— Não. Fizemos isso pelo bem da missão. E quanto a vós? Acreditais realmente naquele homem chamado Jesus?

— Sim, acredito. Eu vos disse isso antes. Mas o Jesus em que acredito não é aquele pregado pela Igreja e pelos padres. Não posso aliar-me aos padres que invocam o nome do Senhor, depois queimam os altares dos índios e os expulsam de suas aldeias, alegando que fazem isso para espalhar a palavra do Senhor.

— Como podeis venerar alguém tão miserável e desprezível? Como podeis venerar alguém tão feio e emaciado? Não consigo entender...

Pela primeira vez, o samurai fez essa pergunta com sinceridade. Nishi agachado, olhou para o monge renegado, esperando ouvir a resposta. Do charco, eles podiam ouvir as estranhas vozes das mulheres lavando as roupas.

— Em outros tempos — respondeu o homem, meneando a cabeça —, eu tive as mesmas dúvidas. Mas agora posso acreditar nEle, porque a vida que Ele levou neste mundo foi mais miserável que a de qualquer outro homem. Porque Ele era feio e emaciado. Ele sabia tudo o que havia para saber sobre as dores deste mundo. Ele não podia fechar os olhos para as desgraças e a agonia da humanidade. Foi isso que O fez emaciado e feio. Se Ele tivesse vivido uma vida de nobreza e poder além de nossa compreensão, eu não me sentiria assim a respeito dEle.

O samurai não conseguia entender o que o monge renegado estava dizendo.

— Ele entende o coração dos miseráveis, porque Sua vida inteira foi miserável. Ele conhece as agonias daqueles que morrem uma morte miserável, porque Ele morreu assim. Ele não era nem um pouco poderoso. Ele não era bonito.

— Mas vide a Igreja. Vide a cidade de Roma — argumentou Nishi. — As catedrais que vimos pareciam palácios dourados, e nem mesmo as pessoas da Cidade do México poderiam imaginar a grandiosidade da mansão onde vive o papa.

— Achais que isso é o que Ele desejaria? — O monge balançou a cabeça, irritado. — Achais que Ele pode ser encontrado entre as paredes daquelas catedrais suntuosas? Ele não vive lá. Ele não vive... nesses edifícios. Acredito que Ele vive nas casas miseráveis dos índios.

— Por quê?

— Foi assim que Ele passou a vida — respondeu o monge renegado, com uma voz cheia de segurança. Depois baixou seus olhos para o chão e repetiu as mesmas palavras para si: — Foi assim que Ele viveu Sua vida. Ele nunca visitou as casas daqueles inchados de orgulho e contentamento. Ele buscava apenas os feios,

os desgraçados, os miseráveis e os sofredores. Mas agora até os bispos e os padres daqui são complacentes e inchados de orgulho. Eles não são mais o tipo de pessoa que Ele procurava.

Ele despejou essas palavras de um só fôlego; então, de repente, agarrou seu peito. O samurai e Nishi esperaram em silêncio que o ataque passasse.

— Por causa da minha condição, os índios tiveram a bondade de ficar aqui no charco. Se não fosse por isso, eu teria ido embora para longe de Tecali. Às vezes descubro Jesus entre estes índios. — Ele sorriu, embaraçado.

Era óbvio pelo rosto inchado e sombrio do homem que ele não tinha muito tempo de vida. Ele morreria ali, ao lado daquele charco escaldante. E seria enterrado à beira de um milharal.

— Não importa o que eu faça — murmurou o samurai, em desculpas —, não consigo pensar naquele homem da maneira que pensais.

— Mesmo se não vos importardes com Ele, Ele sempre se importará convosco.

— Posso viver sem pensar nele.

— Realmente acreditaís nisso?

O monge renegado olhou com empatia para o samurai e começou a debulhar uma espiga de milho. O sol ficara ainda mais intenso, e, nos caniços do charco, insetos começaram seu grilar provocante.

— Se as pessoas podem viver completamente sozinhas, por que gritos de sofrimento enchem cada canto do mundo? Viajastes por muitos países. Cruzastes o oceano e circundastes o globo. Certamente, pelo longo caminho, deveis ter visto que aqueles que lamentam e aqueles que choram estão buscando algo.

O que ele disse era verdade. Em todas as terras, todas as aldeias e todas as casas que eles visitaram, o samurai viu uma imagem daquele homem feio e emaciado, cabeça tombada e braços estendidos.

— Aqueles que choram procuram alguém para chorar com eles. Aqueles que lamentam anseiam por alguém que escute suas lamentações. Não importa o quanto o mundo mude, aqueles que choram e aqueles que lamentam sempre O buscarão. Esse é Seu propósito na vida.

— Não compreendo.

— Um dia compreenderéis. Um dia compreenderéis isso.

O samurai e Nishi tomaram as rédeas dos cavalos e despediram-se do homem doente, sabendo que nunca mais o veriam.

— Não tendes nada que gostaríeis que disséssemos a vossa família em nossa terra?

— Nada. Por fim consegui um entendimento da imagem dEle que condiz com meu próprio coração.

O charco brilhava ao sol. Os cavalos caminhavam lentamente à margem. Os dois japoneses olharam para trás do alto das selas. Os índios estavam aglomerados como um monte de terra, ainda observando a partida dos japoneses. No meio deles, os emissários viram a figura maltrapilha e imóvel do monge renegado apoiado em sua esposa.

3 de novembro, Chalco. Passamos pelo mesmo deserto de antes, a caminho da Cidade do México.

4 de novembro, paramos nos arredores da Cidade do México. Enviamos um mensageiro solicitando permissão para entrar na Cidade do México.

Dos arredores, podíamos ver as ruas da cidade, cercadas de muros brancos e com as torres das igrejas erguendo-se sobre elas. Entre essas torres que perfuravam o céu azul estava o campanário da catedral franciscana em que os japoneses foram batizados e a torre do mosteiro em que havíamos nos hospedado.

Recebemos ordens do vice-rei para não passarmos pela Cidade do México e prosseguir diretamente para o porto de Acapulco. Ele alegava que não estavam em posição de dar boas-vindas aos japoneses na Cidade do México, mas eu sabia, naturalmente, que aquela era uma desculpa para nos evitar. Sem dúvida, tudo foi feito de acordo com instruções de Madri. Porém, o superior de nossa ordem na Cidade do México se apiedou de nós e mandou vinho e comida aqui para a hospedaria. Os dois monges que trouxeram os víveres em alforjes no lombo de burros entregaram-me uma carta do superior. Cópia de relatórios enviados de um mosteiro franciscano em Manila, ela continha consideravelmente mais detalhes sobre a situação no Japão do que eu ouvira em Roma.

Eu sabia que a repressão ao cristianismo em escala nacional começara em fevereiro depois de nossa partida do Japão, bem na época em que nosso navio estava esperando para zarpar de Havana. Naquele momento, no Japão, o velho na cadeira de veludo inesperadamente emitiu um decreto declarando que todos os missionários, bem como todos os mais eminentes cristãos japoneses, deveriam ser banidos, e proibiu a prática do cristianismo em todas as regiões do país.

Os emissários e eu não ficamos sabendo de nada, ficamos totalmente ignorantes de tudo enquanto lutávamos para prosseguir em direção à Espanha em busca de um sonho específico. Mas aquele sonho fora um castelo se erguendo de uma miragem.

Segundo o relato de Manila, depois que o decreto foi promulgado, os missionários de todas as partes do Japão foram tocados como gado para Nagasaki. O padre Diego, esperando meu retorno naquela cabana em Edo, devia estar entre

eles. Quase pude ver meu colega – o bom sujeito, cujos olhos estavam sempre vermelhos, como se ele tivesse acabado de chorar – deixando Edo desamparado e amedrontado.

Os missionários e os monges japoneses se reuniram em Fukuda, perto de Nagasaki, e foram forçados a viver por quase oito meses em cabanas de palha, não melhores que os barracões dos castelos. Nagasaki era o cenário de um caos sem precedentes, com as pessoas dividindo-se entre os campos dos apóstatas e os dos que procuraram se esconder. Eles escreveram que nossa irmandade, juntamente com os dominicanos e os agostinianos, realizou um encontro de orações de dois dias e depois marchou pelas ruas no domingo de Páscoa, entoando: “Martírio!”.

O relato continuava, dizendo que, num chuvoso 7 de novembro, oitenta e oito dos missionários e monges japoneses que haviam sido mantidos em confinamento foram amontoados em cinco juncos e mandados do Japão para Macau. No dia 8, trinta padres, monges e fiéis partiram para Manila num navio minúsculo e decrepito. Todos foram condenados ao exílio perpétuo, e guerreiros cristãos poderosos, como lorde Ukon Takayama e lorde Juan Naito^[1], estavam entre aqueles que embarcaram nos navios destinados a Manila.

Enquanto eu lia a cópia da carta, pensava naquele velho em sua cadeira de veludo. Aquele monarca gordo de aspecto chinês pode ter conquistado os cristãos na arena da política – assim como Nero derrotou os apóstolos –, mas nós triunfaremos no mundo do espírito. Aquele velho provavelmente ainda não sabe que, apesar de sua política radical de expulsão, quarenta e dois missionários na verdade se esconderam nas ilhas com a assistência secreta dos fiéis japoneses.

Tudo é uma réplica exata das circunstâncias da época da paixão do Senhor. Na arena política presidida pelo sumo sacerdote Caifás, o Senhor foi malignamente usado e, depois, deixado de lado para, por fim, ser pendurado numa cruz na colina do Gólgota. Mas nosso Senhor derrotado alcançou Sua vitória entre as almas do mundo. Naquela mesma luta, eu não concedo a derrota.

Ó Senhor, por favor, mostrai-me o que Vós desejais de mim.

Ó Senhor, seja feita Vossa vontade.

Ó Senhor, se esta semente que começou a germinar em meu coração verdadeiramente for Vossa vontade, por favor, fazei com que eu saiba disso.

Acapulco. O galeão que nos levará a Manila está ancorado no porto cinzento. Os promontórios que circundam o porto e as ilhas dentro dele estão cobertos com oliveiras. Está quente aqui, comparado com a Cidade do México.

Os japoneses estão alojados numa caserna na fortaleza. Eles dormem durante todo o dia, como se estivessem mortos. Eles não chegam a pôr os pés do lado de

fora, como se o desgaste e a fadiga da longa jornada os tivesse varrido de uma vez só. Está quieto na caserna, apenas com os gritos estridentes das gaivotas do porto eventualmente quebrando o silêncio.

O navio está previsto para zarpar daqui a um mês. Voltaremos pelo Pacífico, suportando as ondas furiosas, enfrentando as tempestades e, se Deus quiser, chegaremos a Manila no início da primavera. Ali permanecerei, enquanto os japoneses voltarão para casa com o navio e sua tripulação. Depois que eles se forem, seguirei as ordens de meu tio e meus superiores e farei de minha casa um mosteiro de puro branco com um jardim de flores bem cultivado. Ou senão...

Ó Senhor, por favor, mostrai-me o que Vós desejais de mim.

Ó Senhor, seja feita Vossa vontade.

Ó Senhor, se esta semente que começou a germinar em meu coração verdadeiramente for Vossa vontade...

Logo antes do amanhecer, ele foi sacudido em seu sono. O rosto de Yozo entrou lentamente em foco diante de seus olhos embaçados. Yozo sorria como uma mãe ao olhar para o filho; pela expressão, o samurai soube o que ele ia dizer.

— Oh!

Ele pulou da cama e sacudiu Nishi Kyusuke, que ainda estava dormindo na cama ao lado.

— É Rikuzen...! — O samurai envolveu a palavra numa torrente de emoções.

Os japoneses correram impulsivamente para o convés. O sol brilhava na superfície vítrea do mar, colorindo-a de laranja. Bem perto, uma ilha familiar. Atrás da ilha, estava o monte Kinka, envolto numa névoa rosada. Árvores familiares cresciam em profusão na montanha e barcos eram empurrados na praia familiar.

Por um longo tempo, todos ficaram em silêncio, mirando a ilha, a praia, os barcos.

De alguma forma, a euforia estava abafada. Nem uma única lágrima foi derramada.

Embora tivessem pensado naquele momento por muito tempo, era quase como se a cena ainda fosse parte dos sonhos. Eles a tinham visto repetidas vezes na viagem.

Do mastro, um marinheiro chinês apontou para uma ilha e gritou algo. Talvez ele estivesse informando que eles tinham chegado. Talvez, que aquilo era Tsukinoura.

Todos os homens estavam em silêncio, imóveis. Cada um deles olhava distraído para a vista de sua terra, que se movia vagarosamente diante de seus olhos, saboreando as próprias memórias e os próprios sentimentos. O único som era a monótona batida das ondas contra o navio. As ondas rebrilhavam como fragmentos de vidro, depois desapareciam. Gaivotas davam voos rasantes sobre o topo branco das ondas e subiam espiralando como folhas ao vento.

De todas as memórias da viagem, era a hora da partida que ocorria ao samurai no momento. A amarração rangera, as ondas haviam batido contra o casco do navio e gaivotas tinham passado à margem do navio e ido embora, assim como

agora. Ele sentira que um destino que ele não podia ver estava prestes a começar e agora ele o realizara: voltara para casa. Por que aquele cansaço e uma sensação de vazio – não de alegria – foram tudo o que permanecera? Teria ele visto demais sobre coisas demais, até que fosse como se não tivesse visto absolutamente nada? Teria ele experimentado coisas demais, até que fosse como se não tivesse experimentado nada?

— Oficiais! — gritaram.

Um barco ostentando bandeiras gravadas com o brasão do feudo apareceu do lado oposto do porto. Entre brechas nas bandeiras, surgiu um oficial minúsculo rumando na direção do navio. Dois esquifes conduzidos por remadores seguiam atrás. O oficial fez sombra nos olhos com a mão e rapidamente estudou o rosto dos japoneses que olhavam fixamente para ele. Depois de uma breve troca de palavras entre as duas embarcações, o oficial compreendeu a situação.

O samurai e vários outros foram postos a bordo dos esquifes e, aos poucos, ganharam uma visão mais próxima da baía de Tsukinoura. Aqui e ali nos promontórios dos dois lados da baía, estendiam-se fileiras de casas de palha equilibrando-se precariamente. Atrás das casas, eles captaram o relance de um pequeno *torii* vermelho com uma faixa em vermelhão sobre ele. Crianças corriam pelas estradas. Aquilo era o Japão, uma cena unicamente japonesa.

— Estamos em casa!

Pela primeira vez, o samurai foi tomado por uma intensa euforia. Por instinto, olhou para o rosto de Nishi. Ele olhou para o rosto de Yozo, de Ichisuke, de Daisuke.

— A costa... do Japão! — Nishi respirou fundo e não conseguiu dizer mais nada.

Ao colocarem os pés na praia coberta de algas negras, uma marola clara esgueirou-se e silenciosamente encharcou os pés dos japoneses. Por um longo tempo, eles ficaram em pé com os olhos fechados, saboreando a sensação da água lambendo seus pés. Os oficiais que surgiram do posto de guarda pararam onde estavam e olharam desconfiados. Então, um deles gritou:

— Oh! — O homem correu pela praia, levantando areia atrás de si. — Voltastes para casa? — Ele agarrou as mãos do samurai e de Nishi e não as soltava. — Voltastes para casa?

Os oficiais não tinham recebido nenhuma comunicação do retorno dos emissários. Como não havia navios retornando para o Japão, Nishi e o samurai tinham ficado em Luzon por mais de um ano, e as cartas que eles enviaram via Macau aparentemente nunca chegaram ao Japão. Os oficiais ficaram atônitos com a chegada inesperada e não tinham ideia do que fazer.

Comparado ao dia espetacular da partida, tudo estava calmo. As únicas boas-vindas que o samurai e Nishi receberam foram dos oficiais, com as crianças observando-os ao longe e o som das ondas quebrando languidamente na praia. O samurai olhou para o mar, onde a grande fortaleza de um navio que deveria levá-los embora flutuara naquele dia. Agora, apenas a superfície brilhante estendia-se diante dele. Dúzias de pequenos barcos carregados de carga tinham ancorado naquela praia, e trabalhadores estiveram correndo por toda parte. Nada disso estava mais lá.

Acompanhados dos oficiais, eles partiram para o templo em que tinham passado a noite antes de partirem. Nada ali mudara. O chefe dos sacerdotes lembrou-se deles e conduziu-os a um quarto. Quando o samurai olhou para as esteiras de palha queimada de marrom avermelhado pelo sol, pensou em Tanaka Tarozaemon. Ele e Nishi haviam passado uma noite naquelas esteiras com Tanaka e Matsuki. Tanaka e Matsuki não estavam mais com eles. A sepultura miserável de Tanaka num matagal perto de Veracruz. Eles haviam levado uma mecha de seu cabelo e algumas aparas de suas unhas de volta ao Japão.

Em rápida sucessão, os oficiais marchavam entrando e saindo do quarto. Eles não tiveram um momento de descanso. Um mensageiro num cavalo veloz já havia partido de Tsukinoura para informar o conselho dos anciãos de seu retorno. O samurai e Nishi estavam preparados para ir ao castelo no dia seguinte, se o conselho os chamasse.

Tudo trouxe de volta memórias caras. O cheiro de um quarto japonês, a mobília do quarto, a mesinha baixa de jantar colocada diante deles – aquelas eram coisas com as quais eles haviam sonhado por muito tempo. Num quarto separado, alguns dos serviçais choravam enquanto passavam as mãos nos pilares de madeira.

O chefe dos sacerdotes e os oficiais escutaram com olhares de incredulidade quando Nishi descreveu o que ele vira em terras estrangeiras. Ele contou sobre edifícios feitos de pedras empilhadas em camadas umas sobre as outras e catedrais que perfuravam o céu, mas era difícil fazê-los entender. Ele tentou descrever os desertos da Nova Espanha, tão vastos que se podia caminhar e caminhar e não ver nada além de agave e cactos. Mas era inútil.

— O mundo... — Nishi deu um sorriso de resignação. — O mundo é maior que podeis jamais imaginar aqui no Japão.

Quando Nishi terminou a história, foi a vez do chefe dos sacerdotes e dos oficiais contarem os eventos que haviam ocorrido naqueles domínios desde sua partida. Aproximadamente ao mesmo tempo que os emissários partiam de Roma, a última grande batalha ocorrera no Japão: o xogum aposentado aniquilara o clã Toyotomi. Felizmente, Sua Senhoria apenas enviara tropas como retaguarda para proteger a capital e não se envolvera na luta em Osaka. O velho conselheiro lorde

Ishikawa fora morto. Foi mais ou menos naquela época que os mercadores e marinheiros que tinham acompanhado os emissários retornaram a Nagasaki via Luzon. Eles deixaram o grande navio em Luzon e voltaram em outra embarcação estrangeira.

— Lorde Matsuki também?

O oficial assentiu. Ele contou aos emissários que Matsuki fora nomeado inspetor-assistente do conselho dos anciãos depois de seu retorno ao Japão. Aquela era uma verdadeira distinção para um anspeçada.

“E quanto à proibição do cristianismo?”, o samurai queria perguntar. E queria saber se lorde Shiraishi e os outros que os haviam enviado à Nova Espanha ainda tinham poder no conselho dos anciões. Mas as perguntas só subiram até a altura da garganta; nem ele nem Nishi puderam fazê-las. Eles sentiram que, de alguma forma, essas questões deveriam ser evitadas, e o chefe dos sacerdotes e os oficiais não lhes disseram nada a respeito.

Caiu a noite. Ele se deitou ao lado de Nishi, mas suas emoções estavam firmemente tensas e ele não conseguiu dormir. O único som era o rugido das ondas ao longe. Aquela era sua primeira noite no Japão em quatro anos. A esse pensamento, o samurai enxergou vividamente uma imagem de como o charco se pareceria quando ele retornasse para lá, dali a cinco ou seis dias. O rosto enrugado do tio, que provavelmente choraria; o rosto de Riku, que olharia para ele sem dizer uma palavra; o rosto dos filhos quando eles voassem para seus braços. Ele pensou na carta que acabara de escrever: “Isto está sendo escrito apressadamente. Chegamos a Tsukinoura. Todos estão bem. Assim que nosso trabalho estiver terminado, correremos para casa. Eu deveria dar-lhes mais detalhes, mas...”.

Nishi se mexia na cama, aparentemente também incapaz de dormir. Quando o samurai tossiu baixinho, Nishi sussurrou:

— Ainda não consigo acreditar que estamos em casa.

— Eu também não. — A resposta do samurai foi tanto um arquejo quanto um suspiro.

Na tarde do dia seguinte, o cavalo do mensageiro voltou. Com ordens do conselho dos anciãos.

Os emissários sentaram-se em postura formal e escutaram as instruções. O oficial relatava que eles deveriam permanecer em Tsukinoura até que os velhos conselheiros chegassem; eles não deveriam se encontrar nem se corresponder com as famílias antes disso.

— Quem deu essas ordens? — perguntou o samurai, com o rosto um tanto enrubescido.

— Lorde Tsumura Kageyasu.

Lorde Tsumura, assim como lorde Shiraishi, lorde Ayugai e lorde Watari, era um dos velhos conselheiros. Se as ordens tinham sido de lorde Tsumura, eles não tinham escolha senão as obedecer.

— Não deixeis que isso vos preocupe. — O oficial rapidamente consolou os dois emissários. — Os mercadores e os marinheiros que retornaram passaram pela mesma investigação.

Era além de qualquer compreensão. Todos sabiam que eles haviam viajado para países distantes como emissários de Sua Senhoria. Os velhos conselheiros certamente estavam cientes desse fato. Era humilhante receber o mesmo tratamento que os mercadores e os marinheiros.

Além disso, no dia seguinte a atitude dos oficiais mudou completamente; eles não mais visitavam o quarto dos emissários. Pelo comportamento, era óbvio que tinham recebido ordens de não socializar com os emissários.

— É exatamente como estar na prisão! — A raiva tingia os olhos de Nishi enquanto ele olhava para fora a partir da varanda.

Sentado em seu quarto, aquecido pelo sol poente, o samurai teve tempo para ponderar por que eles estavam sendo tratados daquela maneira. Seria por que não tinham cumprido a missão de emissários? Mas se eles explicassem que não cumpriram a missão porque não puderam, certamente o conselho dos anciãos se daria por satisfeito. Ou não?

Eles passaram três dias sem pôr os pés fora do templo. Na manhã do terceiro dia, um dos oficiais que pararam de visitá-los entrou correndo no quarto para anunciar:

— Lorde Tsumura está vindo hoje!

Naquela tarde, o samurai perfilou-se com Nishi e seus serviçais em frente ao templo para esperar a chegada da comitiva de lorde Tsumura. Eles logo ouviram o relinchar de cavalos e o som de passos subindo pelo caminho inclinado que levava da praia até o templo. Os chapéus de bambu de lorde Tsumura e de cinco ou seis de seus serviçais apareceram à vista. O samurai e Nishi se curvaram, mas o velho conselheiro passou sem dizer uma palavra e desapareceu no templo.

Eles tiveram que esperar um longo tempo. Lorde Tsumura provavelmente estava revisando os detalhes da volta do grupo, seu número e o nome de cada indivíduo. Finalmente, um oficial saiu para chamá-los, e os dois emissários entraram para ser interrogados.

Quando eles ingressaram na sala em que lorde Tsumura estava sentado, o velho conselheiro fixou o olhar neles. O brilho de seus olhos, temperado em muitas batalhas, era agudo e penetrante. Entre os três serviçais que o assistiam ao lado, o samurai descobriu a figura magra de Matsuki Chusaku, que ele não via desde a Cidade do México. Ao mesmo tempo surpreso e ansioso, o samurai olhou para

Matsuki, mas, por alguma razão, seu antigo colega manteve o rosto virado na direção da varanda, evitando o olhar do samurai.

— Vós fostes bem em vossa longa viagem. Estou certo de que desejais retornar ao lar assim que possível. — Lorde Tsumura começou expressando aprovação aos dois emissários. — Mas, desde o ano passado, o xogum determinou que o feudo interrogasse todos os que chegam do exterior. Por favor, compreendei que é parte de minha obrigação.

Lorde Tsumura continuou, perguntando por que o navio dos emissários fora diretamente a Tsukinoura, sem aportar em Nagasaki ou Sakai. O samurai respondeu que o navio descarregara carga numa ilha ao largo da costa da China, chamada Taiwan, e depois rumou para o norte de volta à Nova Espanha.

— Havia alguém no navio que parecesse ser um missionário ou um monge? Houve alguma indicação de que alguém possa ter entrado clandestinamente no Japão no caminho?

— Não.

Lorde Tsumura fez uma pergunta após a outra, e gradualmente a expressão do velho conselheiro e o tom das observações transmitiram ao samurai a severidade dos decretos anticristãos que o feudo promulgara durante sua longa ausência. Ele começou a sentir-se ansioso, imaginando se deveria admitir abertamente que ele e Nishi haviam se tornado cristãos na Espanha.

— O que aconteceu com Velasco?

— Separamo-nos dele em Manila.

— O que Velasco estava fazendo em Manila? Ele disse se estava vindo de volta para o Japão?

O samurai balançou a cabeça firmemente. É claro que ele se lembrava com precisão das declarações que Velasco fizera na Cidade do México e em Manila, mas sentiu que não deveria mencioná-las àquela altura.

— Velasco não tem mais serventia para o feudo. Edo proibiu a prática do cristianismo em todas as partes do Japão. Sua Senhoria não admitirá ninguém que possa espalhar os ensinamentos cristãos em nossos domínios. Velasco não é exceção.

O suor escorria pela testa do samurai. Ele podia sentir os joelhos de Nishi tremendo espasmodicamente ao lado dele.

— Algum de vossos serviçais converteu-se ao cristianismo?

— Não. — A voz do samurai estava mais aguda.

— Tendes certeza?

O samurai olhou para baixo e não disse nada.

— Isso é tudo. — Lorde Tsumura sorriu pela primeira vez. — Pelo que sei, os mercadores que vos acompanharam se converteram ao cristianismo lá. Mas, como

fizeram isso por conveniência, para aumentar seus lucros, foram perdoados depois de escreverem votos de abjuração. Mas sois samurais. É por isso que eu estava especialmente preocupado com vossas afiliações.

Matsuki, que estava sentado ao lado de lorde Tsumura, continuava desviando o olhar, mas, de alguma forma, o samurai tinha consciência de seu olhar o ferroando. Lembrou-se com repugnância das palavras que Matsuki dissera quando eles partiram da Cidade do México.

— Deveis reconhecer — continuou lorde Tsumura — que as posições de Sua Senhoria e a postura do conselho dos anciãos mudaram. O feudo não mais deseja receber navios estrangeiros, tampouco busca seus lucros. Abandonamos nosso desejo de fazer comércio com a Nova Espanha.

— Então... — arriscou o samurai numa voz estrangulada. — As circunstâncias sob as quais fomos escolhidos emissários também...

— Os tempos mudaram. Sei que vossa longa viagem deve ter sido uma experiência amarga. Mas o conselho dos anciãos não tem mais utilidade para a Nova Espanha. Não precisamos de grandes navios cruzando o oceano.

— Então... nossa missão...

— Não tendes mais nenhuma missão.

O samurai tentou impedir seus joelhos de tremerem. Ele engoliu o grito de raiva que subiu por sua garganta e sufocou seus sentimentos de decepção e tristeza. O que lorde Tsumura estava dizendo com tanta indiferença era que sua viagem fora completamente sem sentido, que não servira para absolutamente nenhum propósito. Então, para que eles haviam cruzado os desertos infinitos da Nova Espanha, viajado pela Espanha e chegado a ir a Roma? E Tanaka Tarozaemon, enterrado sozinho num matagal perto de Veracruz. A morte de Tanaka, para que ela servira?

— Eu... — O samurai ainda olhava fixamente para o chão. — Nishi Kyusuke e eu... nunca imaginamos tal coisa.

— Não havia como saber. O conselho dos anciãos não tinha como vos informar.

Se ninguém mais estivesse presente, o samurai teria rido alto da inutilidade de todos os seus esforços. Nishi, sentado como o samurai de cabeça baixa e punhos pressionados contra os joelhos, de repente soltou um grito. Seu rosto estava lívido.

— Fomos estúpidos!

— Não foi vossa culpa — disse lorde Tsumura, com compaixão. — As ordens do xogum banindo o cristianismo mudaram tudo.

— Eu me tornei cristão!

À exclamação de Nishi, lorde Tsumura olhou para cima, abruptamente. Uma onda fria espalhou-se pela sala. Em meio ao silêncio, Matsuki virou os olhos para

os emissários pela primeira vez.

Por fim, lorde Tsumura perguntou baixinho:

— É verdade? Isso é...

— Isso não foi feito com sinceridade — soltou o samurai, desesperado para se antecipar a Nishi, que parecia pronto para gritar mais alguma coisa. — Pensamos que nos ajudaria a desempenhar nossa missão.

— Vós também vos convertestes, Hasekura?

— Sim. Mas, assim como os mercadores, não fomos sinceros ao fazê-lo.

Lorde Tsumura encarou em silêncio o samurai e Nishi, com seus olhos penetrantes. Finalmente, fez um gesto para seus serviçais, e um deles saiu da sala. Lorde Tsumura se levantou, e os outros o seguiram. Seus trajes farfalhavam secamente. Matsuki foi o último a sair. Ele parou a caminho da saída, deu uma rápida olhada para o samurai e foi embora.

Sozinhos, o samurai e Nishi permaneceram sentados na posição formal, com as mãos ainda repousando sobre os joelhos. A sala estava silenciosa, e a luz do sol escorria da varanda para o assoalho de madeira.

— Eu... — Lágrimas surgiram nos olhos de Nishi. — Eu disse algo que nunca deveria ter dito.

— Está tudo bem. O conselho dos anciãos teria descoberto, mais cedo ou mais tarde.

Entendo por que o dissestes, o samurai ia começar a dizer a Nishi, mas mudou de ideia e não falou nada. Ele também queria atirar a própria indizível decepção e o próprio ódio em lorde Tsumura, e no conselho dos anciãos por trás de lorde Tsumura, e em todos os grandes poderes por trás do conselho dos anciãos.

— O que acontecerá conosco agora?

— Eu não sei. Isso quem deve decidir é lorde Tsumura.

— É essa... — Nishi sorriu, entre lágrimas. — É essa a recompensa que recebemos?

Não, esse era nosso destino, algo murmurou dentro do samurai.

Aquele destino já tinha sido determinado quando o navio zarpou de Tsukinoura. O samurai sentiu como se soubesse daquilo havia muito tempo.

Deixando Yozo e os outros serviçais em Tsukinoura, o samurai e Nishi partiram com a comitiva de lorde Tsumura para relatar os acontecimentos da viagem ao conselho dos anciãos e para submeter um juramento por escrito repudiando o cristianismo ao inspetor religioso. Tudo isso de acordo com ordens de lorde Tsumura.

O castelo de Sua Senhoria havia sido ampliado durante sua ausência. Uma nova torre branca fora erguida num canto, ao lado do fosso, e um portão principal que disseram ter sido levado do castelo de Nagoya em Kyushu barrava a entrada. Quando eles passaram pelo portão, uma série de muros de pedra curvados como lâminas de espadas e barricadas com agourentas portinholas de tiro obstruíam seu caminho. O samurai e Nishi foram deixados sozinhos em um dos edifícios.

O quarto, com assoalho de madeira, era de um negro reluzente. Embora fosse meio-dia, estava escuro e não se ouvia nenhum som. O quarto estava vazio, exceto por uma escadaria quase perpendicular na extremidade.

— É difícil para mim suportar essa escuridão agora — murmurou Nishi.

— O que quereis dizer?

— Os edifícios da Nova Espanha e da Espanha eram todos iluminados pelo sol. Eles não se pareciam em nada com este castelo. Todos sorriam quando conversavam. Mas aqui não podemos falar nem sorrir quando temos vontade. Nem mesmo sabemos onde está Sua Senhoria. — Nishi soltou um longo suspiro. — Enquanto estivermos vivos, não haverá como escapar da escuridão. Dentro dela, um velho conselheiro vive como um velho conselheiro; um general, como um general; um patrono, como um patrono; e um anspeçada, como eu, viverá a vida inteira como anspeçada.

— Talvez tenhamos visto... coisas que não deveríamos ter visto.

Aquilo era, de fato, o Japão. Uma parede com janelas não maiores que portinholas, janelas para observar aqueles que chegam, não para olhar para a vastidão do mundo. O samurai desejou que pudesse conversar com lorde Shiraishi. No entanto, lorde Shiraishi ou lorde Ishida não olhariam para ele impiedosamente da maneira como lorde Tsumura fizera. Eles compreenderiam por que os emissários não tinham cumprido a missão e ofereceriam palavras de gratidão.

Mas os passos que se aproximavam não pertenciam a lorde Shiraishi nem a lorde Ishida. Os dois homens que entraram no quarto eram o inspetor religioso, lorde Otsuka, e um oficial. O idoso inspetor, que era tão magro quanto o tio do samurai, perguntou outra vez aos dois homens por que eles tinham se convertido ao cristianismo.

— Porque nossa missão na Nova Espanha e na Espanha teria sido paralisada se não tivéssemos nos tornado cristãos — explicou o samurai, com precisão. Quando terminou de falar sobre Velasco e a morte de Tanaka, apelou: — Foi tudo em prol da missão. Só nos tornamos cristãos como formalidade. Foi a mesma coisa com nossos serviços.

— E não tendes nem a menor crença nisso agora?

— Nós nunca acreditamos.

— É melhor escreverdes isso em vosso juramento de abjuração. Ponde por escrito. — Lorde Otsuka olhou para os dois homens com piedade e repetiu: — Ponde por escrito. — O oficial dispôs um pequeno apoio, papel e um pincel à frente dos dois homens e fez com que eles escrevessem seus juramentos de abjuração.

Enquanto escrevia, o samurai pensou naquele homem feio e emaciado pendurado em sua cruz. Aquele homem para o qual eles tinham sido forçados a olhar todos os dias e todas as noites em cada aldeia, em cada mosteiro que visitaram na longa viagem. Ele nunca acreditara naquele homem. Nunca tivera nenhum desejo de adorar aquele homem. No entanto, todo o desconforto a que estava sendo submetido agora era por causa daquele homem. Aquele homem estava tentando mudar o destino do samurai.

Quando terminaram de escrever os juramentos de abjuração, saíram do edifício e foram levados a outro, onde o conselho dos anciãos se reunia. Mas nem um único velho conselheiro estava presente. Ali, três oficiais escutaram perfunctoriamente o que o samurai e Nishi tinham a contar sobre a viagem. Nenhuma indicação de empatia, nenhuma expressão de gratidão saiu da boca deles. Aparentemente, o conselho dos anciãos os havia instruído a tratar os dois emissários daquela maneira.

— Houve alguma mensagem de lorde Shiraishi ou de lorde Ishida? — perguntou o samurai, não conseguindo mais se conter.

Um dos oficiais respondeu friamente que não sabia de nenhuma mensagem deles e que não havia necessidade de uma audiência com aqueles homens. Em seguida, acrescentou:

— Por enquanto, vós dois não terão permissão de vos verdes um ao outro. — Ele informou que aquela era uma ordem do conselho dos anciãos.

— Por que eles o proibiriam de associar-se a mim? — Nishi cerrou os punhos e aproximou-se do oficial.

— O feudo decidiu que aqueles que se converteram ao cristianismo, por qualquer razão, não terão permissão de se associar uns aos outros — declarou o oficial, com um débil sorriso em seu rosto. Ele disse aos dois que estavam livres para voltar à hospedaria e, depois, para casa.

Era evidente, pelas palavras do oficial e pelo tratamento que haviam recebido, que todo o castelo considerava seu retorno um incômodo do qual precisavam se livrar em silêncio. E eles estavam convencidos de que os velhos conselheiros evitavam, então, uma audiência com eles. Nem uma única pessoa os acompanhou ao portão principal. Descartados como pedregulhos inúteis, o samurai e Nishi deixaram o edifício. A luz do sol filtrava-se por entre as árvores e caía sobre o caminho de cascalho, e as portinholas encaravam os dois homens inabalavelmente.

Eles não tinham ideia de onde naquele castelo residia Sua Senhoria. Talvez ele nem soubesse de sua volta.

Enquanto desciam em silêncio a ladeira deserta que levava ao portão principal, o samurai de repente murmurou para si mesmo: *As terras de Kurokawa!* Lorde Ishida prometeu considerar o feudo de Kurokawa quando sua missão estivesse completada com sucesso. Àquela altura, lorde Shiraishi e lorde Ishida deviam saber de seu retorno. Por que eles não concediam uma audiência?

Mesmo depois de retornarem à hospedaria ao lado das águas negras do fosso do castelo, os dois homens mal tinham forças para discutir sua situação. Eles já não entendiam mais nada. No dia seguinte, voltariam a Tsukinoura, onde reuniriam seus serviçais e retornariam a suas terras.

— Então, não poderemos nos ver por algum tempo — disse o samurai, piscando. — É uma ordem, então temos que obedecê-la. Estou certo de que eles acabarão voltando a si.

— Não consigo entender isso. O tratamento que recebemos do conselho dos anciãos foi deplorável.

O jovem Nishi continuou desperdiçando palavras e reclamando inutilmente, até que caiu a noite.

A noite veio. Depois da ceia, Nishi continuou agachado no chão, abraçando seus joelhos. Ao lado dele, o samurai escrevia em seu diário de viagem à luz da vela. A cada ideograma que ele desenhava, uma torrente de memórias vinha até ele e várias cenas com cores e cheiros característicos voltavam à vida. Cada ideograma e cada linha em seu diário estavam saturados de emoções e tristezas profundas, que ele não conseguia expressar completamente. A chama da vela tremia, dando um estalido seco de vez em quando.

Chegou um visitante. Sua sombra parecida com a de um pássaro se moveu pela parede, que estava manchada da chuva que vazava pelo teto. Era Matsuki Chusaku.

— Eu vim para... hã... dizer adeus. — Matsuki inclinou-se contra a parede, evitando seus olhos, assim como fizera antes.

Eles não sabiam dizer se ele mantinha o olhar desviado porque se sentia culpado por não ter compartilhado do destino de seus dois companheiros ou se simplesmente não podia suportar olhar para eles no estado em que se encontravam.

Quando nem o samurai nem Nishi disseram nada, Matsuki continuou, num tom de desculpas:

— De agora em diante, deveis agir como se a viagem nunca tivesse acontecido.

— Eu não posso! — Os olhos de Nishi estavam cheios de ressentimento. — Soube que vos tornastes inspetor-assistente do conselho dos anciãos. É uma grande promoção para vós. Não podemos esperar progredir no mundo com a habilidade que tivestes, lorde Matsuki.

— Nishi, cuidado com a língua. Eu vos disse isso muitas vezes no navio. Avisei-vos várias vezes que os membros do conselho tinham opiniões diferentes sobre a viagem e que lorde Shiraishi não concordava com lorde Ayugai. Fostes vós que não me escutastes.

— O que aconteceu com lorde Shiraishi? — interrompeu o samurai, tentando acalmar os dois homens. — Ele ainda é chefe do conselho?

— Ele saiu do conselho. O feudo agora é governado por lorde Ayugai e sua facção.

Nishi fez uma careta e lançou outro ataque.

— É por isso que estamos sendo tratados dessa maneira? Não tivemos uma única palavra de agradecimento do conselho.

Matsuki olhou para Nishi com um gélido desdém.

— É nisso que o governo consiste.

— “Governo”? E exatamente o que é o “governo”?

— Entendei, o novo conselho dos anciãos foi obrigado a renunciar a todas as políticas de lorde Shiraishi e sua facção. Tudo o que lorde Shiraishi planejou deve ser sumariamente eliminado. E infelizmente... aqueles que foram símbolos desses planos são julgados e rejeitados, mesmo que não tenham tido absolutamente nenhum aviso prévio. Esse é o mundo do governo.

— Sou um anspeçada... Não sei nada sobre o governo. Tudo o que fiz foi seguir as ordens que me foram dadas de me tornar um emissário. — Nishi baixou os olhos, e seus ombros começaram a tremer. Matsuki virou a cabeça para não olhar para seu antigo colega.

— Escutai, Nishi — murmurou ele, quase num tom de consolo. — Ainda pensais que fostes emissário? Não percebestes ainda que não fostes nada mais que um embuste vestido para parecer com um emissário?

— O que quereis dizer? Um embuste? — Tomado de surpresa, o samurai falou mais alto que pretendia.

Matsuki vacilou.

— Edo e nossos domínios nunca tiveram o comércio com a Nova Espanha como objetivo principal. Percebi isso depois que retornei ao Japão...

— Do que estais falando?

— Escutai-me! Eles não tinham nenhuma intenção de convidar missionários cristãos a vir aqui. Edo usou nossos domínios para descobrir como construir e navegar com os grandes navios e os caminhos que os grandes navios percorrem.

Foi por isso que eles incluíram um monte de marinheiros com os mercadores na viagem. Nós e os mercadores fomos embustes para acalmar as suspeitas dos estrangeiros. Foi por isso que eles não escolheram pessoas qualificadas como emissários. Em vez disso, nomearam anspeçadas de baixa patente, que poderiam morrer ou apodrecer ao longo do caminho que ninguém se importaria.

— E isso é o governo? — Nishi golpeava os joelhos com os punhos, enlouquecido. — É isso que chamais de as nobres maneiras do governo?

— É assim que o governo funciona. Percebo isso agora. Algo que foi bom quatro anos atrás tem que ser julgado como ruim se não tiver utilidade hoje. Essas são as nobres maneiras do governo. Houve uma época em que o plano de lorde Shiraishi para gerar prosperidade aos nossos domínios era apropriado a eles. Agora que o xogum não quer que nenhum feudo em especial prospere, as ideias de lorde Shiraishi se tornaram um mal. Lorde Shiraishi foi expulso do conselho dos anciãos, e suas terras foram reduzidas. Era de se esperar. É nisso que consistem as nobres maneiras do governo.

Assim como Nishi, o samurai cerrou os punhos e olhou para a chama da vela. A menos que ele cerrasse os punhos até as unhas ferirem a carne, ele não seria capaz de suportar aquela humilhação. As palavras compassivas de lorde Ishida. O sorriso gentil de lorde Ishida.

— Até anspeçadas são seres humanos. — O samurai quebrou o silêncio e rosnou como uma fera. — Somos seres humanos. Anspeçadas!

— O governo é tão cruel quanto uma batalha. Guerras não podem ser lutadas se um general tiver que se preocupar com o sofrimento pessoal dos anspeçadas.

— Sua Senhoria... pensa o mesmo?

Não importava o que pensasse o conselho dos anciãos, ele não conseguia acreditar que Sua Senhoria tivesse a mesma opinião. O samurai só vira Sua Senhoria de longe. Sua Senhoria estava numa posição muito além do alcance de um anspeçada. Mas a família do samurai, seu pai e seu tio tinham dado tudo de si para lutar por Sua Senhoria. Alguns membros da família até tinham morrido por ele. Sua Senhoria não era de forma nenhuma impotente como aquele homem miserável e emaciado com os braços estendidos. Sua Senhoria deveria saber de tudo aquilo.

— Sua Senhoria? — murmurou Matsuki, condescendente. — Sua Senhoria é o governo.

Uma camada densa de nuvens cobria o céu, e ocasionalmente a floresta balançava e deixava cair uma gota de chuva. Um camponês solitário, usando uma capa de chuva feita de palha, cortava galhos na floresta.

Junto à lareira encovada, o samurai também quebrava galhos secos. Ao lado dele, o tio olhava atentamente para o fogo. Os galhos mortos se partiam em suas mãos com um estalo surdo. Ele os jogou na lareira. Pequenas línguas de fogo os envolveram.

Deveis agir como se a viagem nunca tivesse acontecido.

Ele ainda tinha uma vívida lembrança das palavras que Matsuki Chusaku falara por compaixão. Para esquecer, para acreditar que nada daquilo jamais acontecera. Certamente, nada mais recuperaria seu estado de espírito alquebrado. Agora era inútil até refletir sobre o fato de que eles não tinham sido estimados emissários, e sim embustes mandados para enganar as nações estrangeiras. Agora o samurai compreendia o que Matsuki quisera dizer quando informou que havia discordâncias no conselho dos anciãos entre lorde Shiraishi e os outros velhos conselheiros, que lorde Shiraishi caíra do poder e que aquela era a natureza do governo. Não havia nada que ele pudesse fazer a respeito daquilo.

No entanto, quando ele olhava para o rosto triste do tio, que colocara todas as esperanças nos méritos do sobrinho, aquilo era doloroso para o samurai. Sua esposa Riku apenas sorria tristemente. Ela não lhe perguntara nada sobre o resultado do interrogatório no castelo nem sobre o que haveria no futuro. Ela era bondosa o suficiente para agir como se nada tivesse acontecido. Mas às vezes a própria ternura dela partia seu coração.

— Lorde Ishida... — Uma noite, seu tio, sentado ao lado do samurai enquanto ele partia galhos, rompeu o silêncio e perguntou: — Não recebeste nenhuma notícia de lorde Ishida?

— Eles estão fazendo a colheita em Nunozawa. Quando o trabalho deles terminar, estou certo de que ele me chamará.

Seu senhor não mandara nem uma palavra para ele desde que o samurai retornara. Parecia evitar qualquer associação com a família Hasekura. O samurai mandara Yozo com saudações e uma solicitação de audiência, mas a única resposta foi que lorde Ishida o contataria no momento oportuno. Ele não queria acreditar que até lorde Ishida o estivesse evitando.

— O mundo é muito grande. Mas não posso mais acreditar nas pessoas — disse Nishi Kyusuke quando os dois homens se separaram, depois de voltarem do castelo para Tsukinoura.

Enquanto falava, Nishi apertava as rédeas do cavalo nas mãos para suprimir seu crescente ressentimento. Aquelas palavras iradas às vezes ecoavam nos ouvidos do samurai. De fato, os dois homens tinham sido enviados para a vastidão do mundo sem saberem ou perceberem nada. Edo tinha tentado usar o feudo, o feudo tinha tentado explorar Velasco, Velasco tinha tentado enganar o feudo, os

jesuítas tinham feito competição desleal com os franciscanos – e, no meio desses engodos e lutas, os dois homens tinham continuado a longa viagem.

— Fico imaginando se até lorde Ishida terá abandonado nossa família — murmurou o tio, debilmente.

Em outros tempos, o tio nunca falara com voz tão débil. Agora ele ficava sentado o tempo todo ao lado da lareira, olhando de modo vazio para as chamas que se moviam letárgicas como insetos no fim do outono. Seu corpo também definhara. Em desespero, o samurai falou palavras em que nem mesmo ele acreditava, numa tentativa de agradar ao parente idoso. Riku estava sentada ao lado, com olhos baixos enquanto escutava os dois homens conversando. Às vezes, ela se levantava e saía, como se não suportasse ouvir o marido ter que dizer aquelas mentiras, sabendo muito bem que eram mentiras. Mas o samurai tinha que continuar mentindo para manter vivo o tio, que se deteriorava rapidamente, mesmo que fosse por mais um dia. O único desejo do velho, que se agarrava a ele como uma doença crônica, era retornar às terras em Kurokawa, as terras herdadas de seus ancestrais, e morrer lá.

Nos dias em que não suportava encarar seu tio, o samurai se juntava aos camponeses e fazia trabalhos braçais do amanhecer ao pôr do sol, esvaziando a cabeça de todos os pensamentos. Ele pegava a lenha empilhada em volta da casa como uma cerca e juntava-a sobre as costas até que parecessem prestes a se quebrar. Então, aguentando a dor nos ombros, ele a levava pelo caminho da montanha até a cabana da carvoaria. Essas tarefas eram seu único meio de fuga. Yozo, também vestido com calça, colocava a própria pilha de lenha nos ombros e seguia em silêncio atrás do mestre. Desde que voltara, o samurai nunca perguntou a Yozo sobre seus sentimentos. Mas quando eles se sentavam para descansar numa clareira, onde um sol morno e dourado brilhava sobre a grama e castanhas da montanha cobriam o chão, mesmo sem perguntar, o samurai compreendia tudo olhando nos olhos de Yozo, enquanto seu serviçal observava fixamente e em silêncio o vazio.

Yozo e os outros, pensou o samurai enquanto apanhava um cogumelo com os dedos, *são ainda mais patéticos que eu*.

O samurai não podia oferecer nenhuma recompensa a Yozo, Ichisuke ou Daisuke pelas provações que eles haviam suportado na viagem. O conselho dos anciãos não concedera nenhuma recompensa à família Hasekura. Talvez Yozo e os outros tivessem inveja do falecido Seihachi. Ele obtivera a própria espécie de liberdade. Mas Yozo e os outros, assim como o samurai, teriam que viver para sempre satisfeitos com o destino que os governara em outros tempos.

Quando o outono gradualmente já se aprofundava, por fim chegou um mensageiro de lorde Ishida. As ordens exigiam que o samurai fosse em segredo,

porque lorde Ishida tinha várias coisas a discutir com ele.

Ele partiu para Nunozaawa, acompanhado apenas de Yozo. A água no fosso em volta da mansão de lorde Ishida estava escura, e folhas de lótus apodrecidas e plantas aquáticas entulhavam a superfície. O desespero desgraçado de ter perdido poder no conselho dos anciãos era evidente na cor marrom desbotada das plantas em decomposição.

— Obrigado por virdes. — Lorde Ishida tossiu enquanto olhava para o samurai prostrado.

Quando o samurai levantou a cabeça, percebeu que seu senhor, assim como seu tio, tinha envelhecido consideravelmente e que sua compleição, outrora robusta, murchara.

— Eu sei... — disse lorde Ishida, num tom de cansaço, depois de um momento de silêncio. — Eu sei o quanto é duro para vós.

O samurai lutou para conter as emoções. Aquelas eram as primeiras palavras de compaixão que ele ouvia desde a volta. Ele teve vontade de chorar alto. Reprimindo o impulso, repousou as mãos nos joelhos e baixou a cabeça.

— Mas não há nada que possamos fazer... Enquanto estivestes fora, todas as decisões do feudo foram revogadas, e Sua Senhoria descartou todos os seus sonhos. Vós... vós tereis que vos esquecerdes das terras em Kurokawa.

O samurai estava preparado para aquilo, mas, quando ouviu o pronunciamento de lorde Ishida, o rosto desdentado do tio apareceu num relance diante de seus olhos.

— Não deveis nem pensar em registrardes um protesto. É melhor deixardes isso muito claro para vosso tio. Deveis considerar-vos afortunados de que a família de alguém que se tornou cristão, ainda que brevemente, tenha tido a permissão de sobreviver.

— Aquilo foi... para o bem da missão.

Eu não acreditava no cristianismo. Nunca pensei em acreditar. O samurai tentava fazer seus olhos turvados de lágrimas contarem a lorde Ishida que tudo fora para ajudar a missão.

— Deveis compreender que até as famílias de lorde Senmatsu e lorde Kawamura tiveram terras confiscadas porque eles eram cristãos.

— Lorde Senmatsu e lorde Kawamura...?

Aquela era a primeira vez que ele ouvia tal coisa. A linhagem das famílias Senmatsu e Kawamura tinha muito mais prestígio que a dos Hasekura. Em especial, lorde Kawamura Magobei, do clã dos Kawamura, que havia se distinguido na irrigação e no florestamento do feudo e fora recompensado com um aumento de mais de três mil *koku* em Sarusawa, Hayamata e Okagi.

— Deveis aceitar — advertiu lorde Ishida. — De hoje em diante, deveis viver discretamente.

— Discretamente...?

— Sim, sem atrair nenhuma atenção. Não deveis nem por um momento permitir que suspeitem que sois cristão. Não posso mais proteger-vos. Nos velhos dias, Sua Senhoria chamava a casa dos Ishida para planejar estratégias de batalha. Agora que os tempos mudaram, ele nos pôs de lado como se fôssemos pedregulhos. Não falo isso por ressentimento. Sua Senhoria é extremamente versado nas maneiras do governo. — Lorde Ishida riu sarcasticamente das próprias palavras, sua voz turvada de catarro. — Nada realmente mudou para vós, não é? Apenas alguns anos atrás, fostes escolhido como emissário para as terras estrangeiras, mesmo sendo apenas um anspeçada. Agora sois forçado a viver sem atrair nenhuma atenção. A relação entre uma pessoa e outra é igualmente fria e sem coração. Pensai nisso. Chamei-vos aqui hoje porque queria dizer-vos isso.

Com olhos abatidos, o samurai escutou a voz melancólica de seu senhor. Lorde Ishida parecia falar não tanto para o samurai, mas numa tentativa de reprimir a própria angústia e a própria raiva.

Ele partiu de Nunozawa ao anoitecer, com a voz áspera de lorde Ishida ainda ecoando em seus ouvidos. Yozo se arrastava com cansaço atrás de seu cavalo. Viver discretamente no charco, sem atrair nenhuma atenção: aquela era a vida que se estendia à frente do samurai.

Quando ele voltou para casa naquela noite, contou ao inocente tio que conversara apenas sobre os países estrangeiros com lorde Ishida. Na verdade, lorde Ishida não fizera nem uma única pergunta sobre aqueles países ou sobre os acontecimentos da viagem. Lorde Ishida e todos os outros no feudo haviam perdido o interesse em terras distantes.

— Então, se não mencionou as terras em Kurokawa, ele não disse absolutamente nada sobre recompensa? — O tio cerrou os olhos, talvez em resignação.

— Não há nada que ele possa fazer neste momento. Ele disse-me para esperar a oportunidade certa.

O samurai não podia cortar os únicos cordões que mantinham o tio vivo. Ele tinha que falar como se restasse uma vaga esperança. A mentira tinha um gosto amargo em sua boca, mas aquelas palavras saíram numa voz sem tom. Num momento como aquele, era bom ter um rosto que não traísse nenhuma emoção.

Depois que todos haviam adormecido em volta da lareira encovada, ele abriu a caixa de cartas que levava de volta consigo da viagem. A caixa fora encharcada

de água do mar muitas vezes e torrada ao sol quente da Nova Espanha. De acordo com os conselhos de lorde Ishida, ele deveria queimar tudo que tivesse o mais vago cheiro de cristianismo. A caixa continha pedaços de papel em que padres e monges de cada mosteiro que eles visitaram escreveram seus nomes ou preces para uma viagem segura e algumas das minúsculas figuras sagradas que eles mantinham em seus livros de orações. Ele não jogara fora aqueles objetos inúteis, pensando que depois de sua volta, mulheres e crianças ficariam surpresas e deliciadas com eles.

O samurai os rasgou e os atirou às cinzas. O conselho dos anciãos poderia suspeitar daqueles pedaços de papel e usá-los como provas contra ele. Os papéis retorceram nas pontas, ficaram escuros e logo foram engolidos por minúsculas chamas.

As noites no charco eram profundas. Ninguém que nunca tivesse passado uma noite no charco poderia conhecer o significado da escuridão ou o silêncio daquela escuridão. A quietude não era a ausência de som. A quietude era o farfalhar das folhas no pomar do fundo, o ocasional pio agudo de um pássaro e a sombra de um homem olhando para pequenas chamas numa lareira encovada. Enquanto mirava as chamas, o samurai pensou nas palavras de Nishi. *O mundo é muito grande. Mas não posso mais acreditar nas pessoas.* Ele também pensou no que lorde Ishida dissera. *De hoje em diante, deveis viver discretamente.* Agora, naquela noite, ele quase enxergava Nishi e lorde Ishida – os dois sentados em silêncio, cabisbaixos, como ele mesmo estava.

Do fundo da caixa de cartas, puxou um pequeno maço de papéis esfarrapados. Era o que aquele homem japonês lhe passara em silêncio quando eles se separaram ao lado do charco de Tecali, na Nova Espanha. Teria aquele homem com o cabelo trançado num rabo de cavalo partido com os índios e se mudado para outro lugar? Ou teria ele morrido à margem daquele brejo escaldante? O mundo era vasto, mas, naquele vasto mundo, assim como ali no charco, as pessoas eram esmagadas sob o peso da dor.

Ele sempre está a nosso lado.

Ele escuta nossa agonia e nossa angústia.

Ele chora conosco.

E Ele nos diz:

“Benditos os que choram nesta vida, pois no Reino dos Céus eles sorrirão”.

“Ele” era aquele homem com a cabeça tombada, aquele homem magro como um alfinete, aquele homem cujos braços se estendiam sem vida, pregados a uma cruz. De novo, o samurai fechou os olhos e visualizou o homem que olhara de cima para ele todas as noites, das paredes dos quartos na Nova Espanha e na Espanha. Por alguma razão, não sentiu o mesmo desprezo que sentira antes. Na

verdade, parecia que aquele homem miserável se parecia com ele sentado distraidamente ao lado da lareira.

Quando Ele estava no mundo, Ele fez muitas viagens, mas Ele nunca visitava os ricos nem os poderosos. Ele visitava apenas os pobres e os aflitos e não conversava com nenhum outro. Nas noites em que a morte visitava os aflitos, Ele sentava-se segurando as mãos até o alvorecer, chorando com os sobreviventes, dizendo que viera ao mundo para servir aos homens...

E eis que havia uma mulher que durante muitos anos ganhara a vida vendendo o próprio corpo. Quando ela ouviu que Ele viera pelo mar, correu até o lugar onde Ele estava. E ela foi para Seu lado e não disse uma palavra, apenas chorou, e as lágrimas molharam Seus pés. E Ele disse a ela: “Com essas lágrimas, tudo está terminado. Teu Pai que está no céu sabe de vosso sofrimento e vossa tristeza. Portanto, não tenhas medo”.

Em algum lugar, um pássaro chilreou freneticamente uma vez, depois duas. O samurai partiu um galho seco e o atirou na lareira; as pequenas chamas languidamente subiram e começaram a devorar as folhas secas.

O samurai imaginou o homem com rabo de cavalo colocando aquelas palavras no papel em sua cabana em Tecali. As noites no charco de Tecali provavelmente eram tão escuras e profundas quanto aquelas ali de seu charco. O samurai sentiu que agora tinha uma vaga ideia de por que o homem com rabo de cavalo tinha sido impelido a escrever aquelas palavras. Ele quisera uma imagem “daquele homem” que fosse toda sua. Ele não quisera o Cristo que os padres afluentes pregavam nas catedrais da Nova Espanha, e sim um homem que estivesse a seu lado, ao lado dos índios, todos abandonados. *Ele sempre está a nosso lado. Ele escuta nossa agonia e nossa angústia. Ele chora conosco...* O samurai quase podia ver o rosto do homem que escrevera aqueles garranchos.

O primeiro inverno desde seu regresso estava se aproximando. Todos os dias, no pomar em volta da casa, folhas secas se espalhavam como neve fina. Um dia, ele percebeu que o pomar estava totalmente despido de folhas e que os galhos prateados nus estavam entrelaçados como a trama de uma rede.

Como sempre, o samurai subiu as colinas com Yozo e seus outros ajudantes para cortar lenha. As árvores derrubadas eram cortadas e empilhadas como um aterro em volta da casa ou, então, queimadas para produzir carvão. Vestindo o mesmo *hangiri* e a mesma calça que os outros homens, ele trabalhou o dia inteiro, cortando galhos mortos com um machadinho e derrubando troncos de árvores com uma serra. O samurai descobriu que o trabalho físico impedia que ele pensasse em qualquer coisa. Carregando nas costas a montanha de galhos cortados, correu para casa com seus homens, murmurando as palavras de lorde Ishida a cada passo que dava:

— Discretamente, sem atrair nenhuma atenção. Discretamente, sem atrair nenhuma atenção.

Às vezes, enquanto trabalhava, o samurai se lembrava de algo e olhava para Yozo, que trabalhava em silêncio. Como todos os outros homens do charco, Yozo nunca demonstrava emoção, de modo que, quando seus olhos se encontravam com os de seu mestre, ele meramente devolvia um olhar sem expressão. Mas o samurai sabia que uma resignação como a sua jazia bem no fundo dos olhos de Yozo.

Desde seu retorno, o samurai não discutiu nem uma vez com seu fiel servo o tratamento que recebera nem seu ressentimento. E Yozo não fez perguntas. No entanto, o samurai sentia que, melhor que qualquer outro — melhor até que sua esposa, Riku —, Yozo compreendia sua tristeza. Ainda que ligeiramente, ele se sentia confortado em ter ao lado um homem como Yozo, que compartilhara de suas provações na longa viagem.

Aquela altura, o painço e o *daikon* já estavam colhidos e os feixes de feno que seriam usados para forrar os estábulos já tinham sido colocados em pé nos campos desnudos como bonecos de papel. Depois que o feno fosse levado para dentro, a não ser pelo carvão queimando, não haveria outras grandes tarefas até o Ano-Novo.

No dia que eles chamavam de “fim do outono”, quando essas tarefas finais eram terminadas, o samurai viu formas brancas contra o céu sobre o charco.

Seu filho Gonshiro gritou:

— Cisnes brancos!

— Sim, são — assentiu o samurai. Ele tinha sonhado muitas vezes com eles durante a viagem.

No dia seguinte, o samurai saiu com Yozo e subiu o caminho da montanha até o charco na base da colina, onde um castelo outrora se erguera. Ao se aproximar do charco, quatro ou cinco jovens patos alçaram voo.

Era precisamente a cena que ele vira em sonhos. Na superfície da água, iluminada por um sol pálido, os patinhos haviam se aglomerado, grasnando, esfregando o bico uns contra os outros e se separando, depois formando uma fila e nadando em direção à margem. A uma curta distância dos patinhos estava um bando de patos-reais de pescoço verde-escuro. Ao contrário dos patinhos, os patos-reais alçavam voo um de cada vez.

Longe desses pássaros inferiores, os cisnes nadavam alegremente sozinhos, bem no meio do charco. Enquanto nadavam, torciam o longo pescoço de um lado para outro e mergulhavam na água. Quando levantavam a cabeça, pequenos peixes prateados brilhavam no bico amarelo. Quando se cansavam de nadar, eles estendiam as asas amplamente na margem e alisavam as penas com o bico.

O samurai não tinha ideia de onde aqueles pássaros tinham saído nem por que escolheram aquele pequeno charco como lar durante o longo inverno. Sem dúvida, alguns tinham enfraquecido e morrido de inanição durante a viagem.

— Estes pássaros — murmurou o samurai, piscando — também devem ter cruzado um largo oceano e visto muitos países.

Yozo estava sentado com as mãos unidas no colo, olhando fixamente para a água.

— Foi realmente... uma longa viagem.

A conversa foi interrompida ali. Depois de falar essas palavras, o samurai sentiu que não havia nada mais que ele precisasse dizer a Yozo. Não era só a viagem que tinha sido dolorosa. O samurai queria dizer que o próprio passado e o passado de Yozo tinham sido uma sucessão de experiências dolorosas semelhantes.

Quando o vento aumentou e pequenas marolas deslizaram pela superfície do charco iluminado pelo sol, patos e cisnes mudaram de rumo e foram silenciosamente embora. Baixando a cabeça, Yozo cerrou os olhos com firmeza. O samurai sabia que ele estava lutando contra uma enxurrada de emoções. O samurai, de repente, teve a impressão de que o perfil de seu leal servo se parecia com o daquele homem. Assim como Yozo, aquele homem deixara a cabeça cair como se suportasse todas as coisas. *Ele está sempre a nosso lado. Ele escuta nossa agonia e nossa angústia...* Yozo nunca abandonara seu mestre – nem agora nem no passado. Ele seguira o samurai como uma sombra. E nunca falara uma palavra em meio aos sofrimentos do mestre.

— Sempre acreditei que me tornei cristão como mera formalidade. Esse sentimento não mudou em nada. Mas, desde que aprendi um pouco sobre o governo, às vezes me pego pensando naquele homem. Acho que compreendo por que cada casa naqueles países tem uma estátua patética daquele homem. Suponho que, em algum lugar no coração dos homens, há um anseio por alguém que esteja conosco por toda a vida, alguém que nunca nos trairá, nunca nos deixará, mesmo se esse alguém for só um cão doente e sarnento. Aquele homem tornou-se esse cão miserável pelo bem da humanidade. — O samurai falou essas palavras quase que para si mesmo. — Sim. Aquele homem tornou-se um cão que permanece conosco. Foi o que aquele sujeito japonês no charco de Tecali escreveu. Que quando Ele estava na terra, Ele disse aos discípulos que veio a este mundo para servir aos homens.

Yozo olhou para cima pela primeira vez. Ele desviou o olhar na direção do charco, como se para refletir no que o mestre acabara de dizer.

— Acreditas no cristianismo? — perguntou o samurai, baixinho.

— Sim — respondeu Yozo.

— Não contes a ninguém.

Yozo assentiu.

O samurai riu deliberadamente, numa tentativa de mudar de assunto.

— Quando chegar a primavera, os pássaros migratórios deixarão este lugar. Mas nós nunca poderemos deixar o charco enquanto vivermos. O charco é nosso lar.

Eles tinham caminhado por muitos países. Eles tinham cruzado os grandes oceanos. Mas, no fim, seu ponto de retorno era aquela região de solo infértil e aldeias empobrecidas. Essa constatação cresceu de modo ainda mais intenso no samurai. Era assim que devia ser, ele sentiu. O vasto mundo, os muitos países, os grandes oceanos. Porém, não importava aonde eles fossem, as pessoas eram as mesmas. A discórdia irrompia por toda parte, e a manipulação e a intriga estavam em ação. Esse era o caso tanto no castelo de Sua Senhoria como no mundo sectário de Velasco. O que o samurai vira não foram as muitas terras, as muitas nações, as muitas cidades, mas o carma desesperado do homem. E acima do carma do homem estava pendurada aquela figura feia e emaciada com braços e pernas pregados a uma cruz e cabeça pendendo frouxa. “Choramos no vale de lágrimas e bradamos a Vós.” O monge de Tecali escrevera aquelas palavras no fim de seu manuscrito. De que modo aquele charco miserável era diferente do vasto mundo? O samurai queria dizer a Yozo que o charco era o mundo, era eles mesmos, mas não encontrou palavras para expressar o que sentia.

* * *

Japão. As tempestades da perseguição atacaram e só mostrais inimizade contra Deus. Então, por que sou atraído para ti? Por que busco retornar a ti?

No dia 12 de junho, embarquei em um junco chinês e deixei Luzon, onde eu tinha vivido durante um ano. Vários dos cristãos japoneses que tinham sido exilados em Manila levantaram em segredo o dinheiro necessário para mim. Com esses fundos, comprei este junco infestado de cupins, contratei alguns tripulantes e parti de Luzon.

Não sei o que o Senhor Jesus deve pensar desse meu ato temerário. No momento, não posso nem decidir se era a vontade Dele que eu ficasse naquele posto de superior do mosteiro em Manila ou que eu fosse para o Japão para guerrear de novo. De uma coisa, porém, estou certo: de que, no devido tempo, o Senhor manifestará claramente Sua resposta para mim. E quando o Senhor me der uma resposta, vou me submeter mansamente em todas as coisas.

Escrevi que meu ato é temerário. Estou voltando ao Japão, onde cristãos são perseguidos e oprimidos. Aos olhos dos outros, deve de fato parecer imprudente.

Quando os japoneses exilados em Manila ouviram meu plano pela primeira vez, eles balançaram a cabeça e consideraram meu plano de temerário. Eles me disseram que tal ação seria tola, que, se eu desembarcasse e fosse imediatamente capturado, isso não me serviria a absolutamente nenhuma finalidade.

Mas, se meu ato é temerário e tolo, não foi também temerária a viagem do Senhor Jesus para Jerusalém? Ele saiu dos campos da Judeia e conduziu Seus discípulos até Jerusalém, sabendo muito bem que seria morto pelo sumo sacerdote Caifás e pelos outros. Pois o Senhor sabia, então, que o sangue que derramasse seria útil para a humanidade. “Não há maior amor que doar a vida pelos irmãos.”

Penso em Suas palavras agora. Os irmãos por quem devo doar minha vida não são colegas monges rezando silenciosamente no mosteiro em Manila. Meus amigos são os fiéis japoneses, como o homem que veio a mim na praia em Ogatsu. “Deixa teu coração ficar em paz. Logo virá o dia em que ninguém mais rirá de tua crença”, eu dissera a ele. Onde estaria aquele homem agora? Eu menti para ele. O dia em que os cristãos no Japão poderiam proclamar orgulhosamente sua fé nunca chegou. Mas eu não me esqueci daquele homem. Por causa dele, não posso ficar no mosteiro em Manila, complacentemente rezando a missa e proferindo belos sermões.

Nossa viagem prossegue, sem acontecimentos dignos de nota. Todos os dias, rezo pelo Japão. Rezo pelos emissários japoneses, que não vi mais desde que partiram de Luzon. Rezo pelo homem nas roupas de trabalho maltrapilhas. Metade de minha vida foi devotada àquela terra estéril. Tentei plantar lá um vinhedo de Deus, mas fracassei. No entanto, aquela terra é minha terra. É a terra que devo subjugar para Deus. Sou atraído para o Japão porque sua terra é estéril.

Ilhas acidentadas e escarpadas pontilham o horizonte a leste. As ondas espirram espuma alto contra os penhascos, depois se transformam em névoa e se espalham. Muitos anos atrás, passei por esse lugar. É a extremidade sul de Taiwan. Logo ladearemos as ilhas Ryukyu, passaremos pelas Shichito – conhecidas por serem de passagem precária – e nos aproximaremos da extremidade sul de Satsuma, no Japão.

Nossa viagem ainda prossegue sem incidente. Já por vários dias, tenho refletido sobre a última viagem por mar de São Paulo, como registrada nos *Atos*. Em sua viagem final, será que Paulo teve uma premonição do próprio martírio em Roma? Será que partiu para o reino do tirano Nero determinado a morrer? O livro dos *Atos* não faz menção de tal premonição, mas, lendo nas entrelinhas, sinto que Paulo previu seu próprio sofrimento e sua morte miserável.

Desde minha juventude, de alguma forma fui menos atraído pelos doze apóstolos – menos por Pedro, por exemplo, que o Senhor amava, que por Paulo. Pois esse santo possuía uma natureza apaixonada, um desejo intenso de conquistar e um fervor apaixonado como o meu. Ele até tinha exatamente os mesmos defeitos que eu. Por causa de seu poder e sua paixão, feriu muitas pessoas, inclusive Pedro. Ele não hesitou em lutar contra os doze apóstolos para defender as próprias crenças. Quando penso em sua vida, frequentemente pareço descobrir forças e fraquezas que são como minhas próprias. Além disso, no fundo do coração, Paulo se recusava a aceitar o excesso de cautela e a indecisão prudente dos doze apóstolos. Assim como eu não posso perdoar os jesuítas por sua total covardia no que diz respeito à evangelização do Japão. Os associados dos doze apóstolos acumularam calúnias insidiosas sobre Paulo, num reflexo da atitude que os jesuítas adotaram a meu respeito. No entanto, no fim foi por causa dos esforços de Paulo e de seu notável trabalho missionário junto aos gentios que a influência da Igreja se expandiu para além da Judeia. De forma semelhante, não importa o quanto os membros da Companhia de Jesus tentem me reprimir, quem pode dizer que não beneficiei o esforço missionário no Japão?

Hoje, em pé no convés, encarando o vento, repeti várias vezes o sermão de Paulo que está registrado no fim dos *Atos*, em especial a bela passagem em que ele cita de Isaías.

*Vai a este povo e dize-lhes:
Com vossos ouvidos ouvireis, sem compreender.
Com vossos olhos olhareis, sem enxergar.
[...] Ouvido duro,
Olhos fechados,
Para não verem com a vista
Nem ouvirem com o ouvido
Nem entenderem com o coração
E se converterem e eu os curar.*

Ontem fomos perseguidos por uma tempestade. As ondas se agitavam e mostravam suas presas brancas, os ventos fizeram a amarração ranger alto, e todo o céu estava de um cinza-chumbo sem uma única brecha nas nuvens. Os chineses matraquearam que provavelmente seríamos pegos nessa tempestade perto das ilhas Shichito. Em preparação para essa eventualidade, embrulhei meus pertences essenciais – meu breviário, estas anotações e o pão e o vinho para a missa – num pequeno fardo, desejando agarrar-me pelo menos a isso.

À tarde, o mar ficou mais agitado, de modo que os chineses decidiram tomar refúgio em Kuchinoshima, nas ilhas Shichito, e desviaram o curso do junco naquela direção. Por volta das três da tarde, uma chuva e um vento ferozes começaram a nos castigar. Nosso mastro foi varrido para longe, e assim que nosso junco era levantado alto nas ondas, despencava no próximo abismo profundo. Atados uns aos outros com cordas, para evitar que fôssemos atirados ao mar, lutamos contra as ondas que envolviam o convés.

Quando, depois de quatro horas, a tempestade parou de brincar com nosso junco, ela se virou em direção ao Japão e fugiu. O leme não funcionava mais, e flutuamos impotentes no mar escuro até o amanhecer. Com a chegada de uma calma alvorada, em total contraste com o dia anterior, por fim avistamos Kuchinoshima no horizonte do oceano, que brilhava ao sol da manhã. Logo vários pescadores japoneses apareceram remando num pequeno bote para nos auxiliar.

Estou agora na cabana desses pescadores. Pensando que sou um mercador rumando para Bonotsu, deram-me comida e emprestaram-me roupas.

Depois da tempestade, o céu azul parece ter sido esfregado para ficar limpo. Esta ilha foi formada por um vulcão extinto, e uma montanha gigantesca dividida em três picos eleva-se diante de meus olhos. Na única e minúscula praia, composta de cinzas vulcânicas, há umas trinta cabanas de pescadores, e seus residentes são os únicos habitantes da ilha. Não há autoridades japonesas aqui. De acordo com os ilhéus, oficiais vêm de Satsuma para cá uma vez por ano, mas logo partem para uma volta de inspeção nas ilhas Ryukyu.

Sem suspeitar de nada, os ilhéus nos disseram que nos levariam a Bonotsu em seus barcos assim que nos sentíssemos melhores, mas os chineses dizem que o leme de nosso junco pode ser consertado.

Eu voltei. Faz quatro dias desde que saímos de Kuchinoshima, e o Japão agora está bem diante de meus olhos. O Japão que preciso conquistar em nome do Senhor...

Alguns momentos atrás, montanhas cônicas apareceram a leste. Eram como pequenas versões do monte Fuji. Não sei como se chamam. O mar reflete o sol quente, a praia é branca e está deserta. A área atrás da praia tem uma vegetação densa como uma selva.

O junco navegou para oeste, ao longo da costa, até que chegamos a uma fileira de umas dez esqueléticas cabanas de pescadores à sombra de um promontório. Três barcos estavam abicados na praia. À esquerda, ficavam um caminho de pedra feito de lava preta e uma doca de desembarque. Ali também não havia viva- alma. Era

quase como se a peste ou algum flagelo semelhante tivesse irrompido e todos os residentes tivessem fugido.

Os chineses encorajaram-me a desembarcar ali, mas eu hesitei. De alguma forma, a atmosfera daquela colônia silenciosa fazia com que me sentisse ansioso. Eu sentia como se alguém espreitasse nas sombras negras das cabanas de pescadores, observando cada movimento nosso. Convenci-me de que, fosse quem fosse, a pessoa havia se tornado invisível para notificar as autoridades de nossa chegada. Eu sabia o quanto os japoneses eram astutos e perspicazes em momentos como aquele.

Passou um considerável intervalo. Durante esse período, nada se moveu, como se tudo tivesse sido solidificado naquele tempo de calor e silêncio. Por fim, resolvi ir a terra e anunciei minha resolução aos chineses. Nosso barco deslizou lentamente em direção à doca, e, com meu pequeno fardo (contendo os itens dos quais não suportei me separar naquela tarde da tempestade), caminhei para a borda do barco. Então, apareceu inesperadamente um barco de trás do promontório a leste. Sua bandeira estava gravada com o brasão do daimio local e pude distinguir as formas de dois oficiais em pé, olhando em nossa direção.

Obviamente, sabiam de nossos movimentos. Meu fardo continha itens que eles não deviam ver – meu breviário e a garrafa de vinho para a missa –, de modo que eu o atirei ao mar. Devo dizer a eles que sou um mercador a caminho de Bonotsu, mas nosso navio foi danificado no caminho e viemos parar ali.

O barco deles está se aproximando. Logo o Senhor revelará o destino que preparou para mim. Seja feita a vontade do Senhor. Os céus e a terra gritam hosanas a Deus. Louvada seja a glória de Seu nome, glória e louvor a Deus...

Agora que sei o que Deus quer de mim, entrego-me em Suas mãos. Isso não é uma frágil resignação, e sim a absoluta confiança que o Senhor Jesus demonstrou com todo o Seu ser na cruz.

Fui capturado. Os oficiais em Bonotsu não eram estúpidos o suficiente para ser enganados por nós. Embora fingissem acreditar em minha afirmação de ser um mercador, colocaram-me na prisão, alegando que era somente até terminarem sua investigação. Vários cristãos haviam sido postos na mesma cela, e os oficiais escutavam nossas conversas em segredo. Um homem velho e doente discretamente me pediu para dar-lhe a extrema-unção. Foi assim que os oficiais descobriram tudo.

Fui removido da prisão de Bonotsu e levado para Kagoshima. Lá fui interrogado até o inverno e, no Ano-Novo, fui transportado de barco para o

escritório do magistrado de Nagasaki. Neste momento, estou em um lugar chamado Omura, perto de Nagasaki. Daqui posso ver o oceano tranquilo.

Entre os muitos cristãos encarcerados aqui, estão um dominicano chamado padre Vásquez e um monge japonês, Luís Sasada. A cela em que somos mantidos tem dezesseis palmos de largura por vinte e quatro palmos de comprimento e é feita de toras de madeira, com as brechas entre elas largas o suficiente para se passarem dois dedos. Em um canto, fica uma porta, por onde os oficiais vêm e vão. A porta é mantida trancada, claro.

Percebi, quando fui levado para interrogatório, que a área fora de nossa cela é cercada de duas fileiras de estacas afiadas, com espinhos entre cada estaca — tudo arranjado de modo que ninguém se aproxime pelo lado de fora. Além dessa cerca, estão a casa dos guardas, a residência do chefe dos guardas e uma cozinha.

Embora eles tenham uma cozinha, nossa única refeição todos os dias é arroz com uma tigela com verduras, *daikon* cru ou em conserva e, às vezes, sardinha em conserva. Já que não temos permissão nem de cortar o cabelo nem de nos barbearmos, parecemos ermitões. Não temos autorização de sair da cela para nos lavarmos, de modo que estamos a epítome da imundície; e o mais incômodo: somos forçados a nos aliviarmos dentro da cela. Como resultado, vivemos todos os dias em meio a um cheiro repugnante. À noite, eles não nos dão nem uma vela.

Por meio do padre Vásquez e do irmão Sasada, eu soube como evoluiu a perseguição aos missionários desde que fui preso. Dez missionários estiveram escondidos na mesma região que o padre Vásquez. Embora fossem poucos, continuaram seus trabalhos de acordo com instruções dos superiores, assim como faziam antes do decreto de expulsão. A maioria deles se escondia em cavernas, e, até nas raras ocasiões em que passavam uma noite na casa de algum cristão, eles se escondiam dentro de uma parede dupla que tinha sido feita para eles.

— Eu mesmo passei muitas noites nessas paredes duplas — contou-me o padre Vásquez. — Dormíamos até a noite e, então, nos mudávamos para a próxima casa. Mas eu havia decidido não passar mais que uma noite sob o mesmo teto. Quando éramos chamados a uma casa, primeiro escutávamos as confissões dos enfermos. Quando os fiéis se reuniam furtivamente, nós os encorajávamos e perdoávamos seus pecados. Isso continuava até a hora em que todas as portas da aldeia tinham que ser fechadas.

No entanto, apesar de toda a vigilância que eles mantiveram, o magistrado de Nagasaki não perdeu tempo. Assim como o sumo sacerdote Caifás deu a Judas uma recompensa por trair o Senhor, aqueles que revelavam o paradeiro de padres ou monges na clandestinidade ganhavam algo, enquanto pessoas que forneciam

quartos ou esconderijos para os fugitivos, ou que lhes davam qualquer tipo de assistência, eram sujeitas a punições extremas. Torturas terríveis eram infligidas naqueles que se descobria serem cristãos – não apenas para forçá-los a renunciar à fé, como também para impeli-los a revelar onde os missionários estavam escondidos.

— Isso era o pior de tudo — disse o padre Vásquez. — Não podíamos mais confiar nem nos fiéis japoneses que nós mesmos ensinávamos. Nunca sabíamos quando alguém em quem pensávamos que podíamos confiar faria apostasia. Então, eu não contava onde eu estava nem aos fiéis. Alguns padres revelaram esconderijos e foram presos por oficiais do magistrado logo no dia seguinte. Viver cada dia sem confiar em ninguém, isso era um completo inferno.

Perguntei sobre meu antigo companheiro, o padre Diego. Eu não me esquecera de Diego – um homem incompetente, embora fosse a própria epítome da virtude.

— O padre Diego morreu de doença — contou-me Luís Sasada. — Foi quando fomos todos trazidos a Fukuda, perto de Nagasaki, para sermos banidos do país. Ele não tem sepultura. Os oficiais queimaram seu corpo e atiraram as cinzas ao mar. As autoridades japonesas reduzem todos que foram cristãos a cinzas, para que não reste nenhum traço deles, e então atiram às ondas.

— Suponho que logo nós também nos tornaremos cinzas e seremos atirados ao mar.

Aceitarei calmamente o destino que Deus ordenou, assim como um fruto absorve a luz suave do outono. Não considero mais minha morte iminente como derrota. Lutei contra o Japão e fui derrotado pelo Japão... Penso novamente no velho gordo na cadeira de veludo. Ele pode achar que me venceu, mas nunca compreenderá que, embora o Senhor Jesus tenha sido derrotado no mundo político do sumo sacerdote Caifás e sacrificado na cruz, por meio de Sua morte Ele inverteu tudo. Sem dúvida, o velho acreditará que tomou conta de tudo se me aniquilar e me reduzir a cinzas atiradas ao mar. Mas tudo começará a partir daquele ponto. Assim como tudo começou e foi posto em andamento com a morte do Senhor Jesus na cruz. Eu me tornarei uma simples alpondra no pantanal que é o Japão. Logo outro missionário pisará na alpondra que eu sou e se tornará a próxima alpondra.

No escuro, rezo por Hasekura e Nishi, de quem me separei em Luzon, e pelo falecido Tanaka. Não tenho ideia de onde Hasekura ou Nishi estão neste momento nem do que eles estão fazendo. Nem sei se eles tinham mesmo uma partícula de fé no cristianismo. Mas, a cada dia, fico mais ansioso de que eles me perdoem pelos muitos erros – ainda que decorrentes de boas intenções – que cometi contra eles durante nossa viagem. É verdade que eu os intimidei, adulei, agradei e manipulei.

Talvez eu até os tenha feito se tornarem cristãos para que eu pudesse usá-los. Em qualquer caso, eles entraram em contato com o Senhor. E terem entrado em contato com o Senhor, isso é meu maior consolo agora. Embora eu sinta um profundo remorso pelo que fiz a eles, ao mesmo tempo estou contente que isso tenha acontecido, pois o Senhor nunca abandonará aqueles que uma vez se associaram a Ele.

Ó Senhor, por favor, não abandoneis Hasekura, Nishi e Tanaka. Em vez disso, tomai minha vida como punição por meu pecado de usar essas pessoas, para que ocorra sua verdadeira salvação. Se for possível, ajudai-os a compreender que meus esquemas tiveram a única intenção de trazer a luz a sua terra, o Japão.

O padre Vásquez caiu doente. Ele reclamara que os odores repugnantes e a comida horrível tinham desarranjado seu organismo, mas três dias atrás começou a vomitar sua comida e não conseguiu mais ficar sentado. Nós imploramos algum remédio, mas os guardas só nos trouxeram um pote de barro cheio de raízes de árvores cozidas e não se mexeram para buscar um médico. Deixados sem recursos, Luís Sasada e eu colocamos um trapo molhado com água barrenta sobre a testa do padre Vásquez para abrandar a febre.

Se o dia de nossa execução for adiado, mais cedo ou mais tarde certamente cairemos vítimas da mesma doença. Embora eu tente aceitar esse destino, às vezes o medo da morte apunhala meu peito como uma espada afiada. Em desespero, lembro que o Senhor passou horas semelhantes suportando a ansiedade da morte que se aproximava. Ultimamente, tenho imaginado como Jesus se sentiu naquele momento. Imagino quando Jesus previu a própria morte e como Ele viveu com aquela consciência.

O Senhor preveniu Seus discípulos de Sua morte. “Devo ser batizado num batismo de morte; e quanto me angustio até que ele se cumpra!”

“Angustio-me até que ele se cumpra!” Essas palavras demonstram que o próprio Senhor sentiu o mesmo que nós sentimos hoje. Saber disso tem sido um grande conforto para mim.

No entanto, ao passar pela morte, o Senhor criou uma nova ordem para este mundo. Ele criou uma ordem eterna que jaz além do mundo dos homens. Eu seguirei Seu exemplo e, ao dar minha vida pelo Japão, ao derramar meu sangue sobre esse país, eu me tornarei parte dessa ordem.

“Eu vim para lançar fogo sobre a terra.” Essas também foram palavras do Senhor. Japão. Eu também vim ao Japão para lançar fogo. Japão, tu, que até hoje tens buscado apenas as recompensas deste mundo e a felicidade desta vida.

Nenhuma outra nação da terra é tão desinteressada e apática em relação a tudo além dessa esfera quanto tu. Tua astúcia e tua sabedoria são voltadas apenas para os lucros deste mundo. Tu te moves ágil, como um lagarto dando o bote em uma presa.

Japão. Eu vim ao Japão para lançar fogo. Por enquanto, não entenderás por que desisti de tudo e embarquei num navio para voltar a ti. Por enquanto, pensarás que, tendo fracassado em tudo, vim novamente apenas para morrer, mas não compreenderás o motivo. Por enquanto, não podes compreender por que o Senhor Jesus, que poderia lançar fogo, se apresentou em Jerusalém, onde seus inimigos esperavam, e morreu sobre a colina do Gólgota.

Mas o Senhor nunca abandonará aqueles que uma vez tiveram contato com Ele. *Ó Senhor, por favor, não abandoneis o Japão. Em vez disso, para me punir pelo pecado de usar este país e para trazer a verdadeira salvação a esta terra, tomai minha vida.*

O medo da morte. Durante o dia, enquanto cuido do padre Vásquez, sinto que posso aceitar qualquer destino. Mas, quando chega a noite e os guardas não nos concedem uma única vela, naquela escuridão preenchida com o fedor do excremento, enquanto escuto os gemidos do padre Vásquez, o medo da morte apunhala meu peito, crava unhas afiadas nele. Estou ensopado de suor. Suor como gotas de sangue.

— Pai, se for Vossa vontade — gemi —, removi de mim o peso da morte.

O medo da morte. Durante a noite, o padre Vásquez morreu. Foi uma morte desgraçada e miserável, indigna de um homem que veio para o Japão como um eminente missionário dominicano e que incansavelmente pregou a Palavra de Deus. O irmão Luís Sasada e eu escutamos enquanto ele urrava e uivava como uma fera. Aquelas foram suas palavras de despedida ao deixar esta terra por toda a eternidade. Atrapalhado no escuro, fechei seus olhos (estou grato porque estava escuro demais para enxergar; a sensação que eu tinha era de que os olhos estavam bem abertos de ressentimento) e recitei uma prece. A mesma prece que eu oferecera pelo jovem índio e por Tanaka...

Ao amanhecer, os guardas enrolaram o corpo do padre numa manta de palha e levaram-no embora. Os braços e as pernas, que saíam para fora da manta, estavam magros como agulhas, cobertos de sujeira e recobertos de barro. Enquanto observava a cena com Luís Sasada, tive um relance de uma revelação dos céus. Aquilo era a realidade. Não importa o quanto tentemos disfarçar ou idealizar, o mundo real é tão desgraçado quanto o corpo sujo e recoberto de barro do padre Vásquez. E o Senhor não evitou essa miserável realidade. Pois até Ele morreu

coberto de suor e sujeira. E por meio de Sua morte, lançou uma repentina luz sobre as realidades deste mundo.

Quando reflito sobre isso agora, sinto como se o Senhor tivesse me dado todos estes reveses para me forçar a olhar para essa realidade de frente. É como se minha vaidade, meu orgulho, minha arrogância e minha sede de conquistas, tudo existisse com a finalidade de esmagar aquilo que eu idealizara, para que eu pudesse ver o verdadeiro estado do mundo. Mas, assim como a morte do Senhor furou aquela realidade com a luz, para que minha morte um dia possa furar o Japão...

O corpo do padre Vásquez será queimado e reduzido a cinzas, e essas cinzas serão atiradas ao mar. Isso foi o que os japoneses fizeram com muitos missionários.

Hoje houve outro interrogatório. Na verdade, eles mal podem ser chamados de interrogatórios. Um funcionário do Escritório de Inspeção Religiosa de Nagasaki meramente cumpre o ritual de nos encorajar a apostatar (os japoneses se referem a isso como “cair”). Mas nem por um momento ele acha que faremos isso, e simplesmente balançamos a cabeça. Hoje, porém, ele começou a me questionar sobre um assunto diferente. Perguntou-me se Hasekura e Nishi tinham sido sinceros quando se converteram ao cristianismo na Europa. Pensando em sua segurança, respondi:

— Eles se converteram para o bem da missão.

— Então não podeis dizer que são cristãos? — O funcionário olhou fixamente para mim.

Eu não disse nada. Quando um indivíduo recebe o batismo, não importa em que circunstâncias, o poder daquele sacramento suplanta sua própria vontade. O funcionário olhou para mim e escreveu algo em um papel.

— Escutai... Não achais que essa coisa toda é ridícula? — A caminho de sair, o funcionário deu uma olhada indulgente em meu rosto. — Teríeis feito algum bem para os cristãos e outras pessoas se tivésseis permanecido quieto em Luzon... É quase como se tivésseis vindo ao Japão simplesmente para poderdes ser preso e morto numa morte sem sentido. Isso é loucura pura e simples.

— Não é loucura — respondi, com um sorriso. — Aconteceu por causa da maneira como sou. É bem como o que vossos sacerdotes budistas chamam de carma. Sim, foi meu carma. É como se parece para mim. Mas agora acredito que Deus usou meu carma para beneficiar o Japão.

— Como pensais que vosso Deus usou vosso carma para beneficiar o Japão? — perguntou o funcionário, ainda mais confuso que antes.

— Vossa pergunta é, em si, a resposta — afirmei. Falei com determinação, não apenas para que ele pudesse entender, mas também para reafirmar meus próprios sentimentos. — Dissestes que o que fiz foi ridículo. Compreendo. Mas por que fiz de propósito um ato tão ridículo? Por que fiz deliberadamente algo que

parece tão maluco? Por que vim ao Japão sabendo que iria morrer? Pensai nisso em algum momento. Se eu puder morrer e deixar que vós e o Japão lideis com essas perguntas, minha vida neste mundo terá tido significado.

— Não compreendo.

— Eu vivi... Não importa o que mais possa acontecer, eu vivi. Não tenho arrependimentos.

O funcionário saiu sem dizer mais nada. No caminho de volta para a cela, perguntei ao guarda se eu podia dar uma olhada no oceano, e ele consentiu. Em pé, ao lado da cerca pontiaguda em volta da cela, olhei para o mar de inverno.

O oceano brilhava ao sol da tarde. Várias ilhas circulares pontilhavam o mar. Não se via nenhum navio, e tudo estava calmo. Aquela era a sepultura do padre Vásquez, e a sepultura de muitos outros missionários. E logo aquele lugar se tornaria minha sepultura...

Quando caíam as primeiras nevascas, era costume no charco fazer bolinhos sem sal. Três folhas de capim *chigaya* eram inseridas em cada bolinho, e eles eram apresentados como uma oferenda a Buda. O bolinho consagrado era, então, cozido numa panela de água e comido pela família. Dizia-se que a primeira pessoa a pegar o bolinho da panela teria boa sorte. Na casa do samurai, Riku fez as serviçais pendurarem uma panela grande sobre a lareira encovada. Seu filho mais novo, Gonshiro, conseguiu pegar o bolinho, e risadas circularam em volta da lareira pela primeira vez em algum tempo.

No dia seguinte, porém, chegou um mensageiro de lorde Ishida dizendo que o samurai deveria ficar a postos em casa, no aguardo de ordens do conselho dos anciãos. Ordens do castelo nunca eram despachadas diretamente a anspeçadas, e sim enviadas por meio de seus senhores.

Seu tio, que estivera doente de cama desde o fim do outono, insistia repetidamente que isso deveria ter algo a ver com as terras em Kurokawa. Ou, pensando que talvez fossem notícias de uma recompensa de Sua Senhoria pela exaustiva viagem do samurai, o tio mandou serviçais fazerem insistentes perguntas. Mas de alguma forma, o samurai não conseguia acreditar que as notícias fossem boas.

Vários dias depois, dois oficiais chegaram. Eles entraram na casa imaculadamente varrida e desapareceram em um quarto separado para trocar de roupa. Riku ajudou o samurai a trocar-se para seus trajes formais brasonados; depois, ele sentou-se em posição formal à beira dos estrados de palha e esperou.

Os dois oficiais entraram e sentaram-se no lugar de honra. Um deles disse, baixinho:

— Ordens do conselho dos anciãos. — Então, começou a ler uma carta anunciando a decisão do conselho.

“Visto que Hasekura Rokuemon foi convertido à religião cristã em terras estrangeiras, violando a lei, ele deveria ser severamente punido, mas, devido à consideração excepcional por parte do conselho, ordena-se que fique confinado em sua própria casa.”

O samurai escutou aquelas palavras com as mãos pressionadas contra o assoalho e a cabeça na direção do chão. Enquanto escutava, sentia que estava caindo num abismo vazio. Ele estava tão cansado que não sentia nem mais remorso. Piscando profundamente, como costumava fazer, escutou quando o oficial acrescentou uma explicação verbal. Por causa da clemência de lorde Ayugai e lorde Tsumura, o confinamento significava apenas que ele nunca deveria deixar o charco. O oficial acrescentou que ele também deveria submeter um juramento de abjuração do cristianismo ao conselho dos anciãos uma vez por ano.

— Posso imaginar como vos sentis. — Depois de terem cumprido seu dever, os oficiais se sentiram obrigados a expressar condolências. Antes de montar em seus cavalos, um dos oficiais chamou o samurai de lado. — Isto é confidencial: tenho uma mensagem para vós de Matsuki Chusaku. O conselho dos anciãos recebeu um relatório de Edo dizendo que Velasco foi capturado em Satsuma. Foi por causa desse relato que vossa punição foi tão severa.

— Lorde Velasco? — Mesmo agora, o samurai só conseguiu piscar.

— Soube que ele foi mandado para o escritório de inspeção religiosa de Nagasaki e que agora está na prisão em Omura com alguns outros padres. Pelo que sei, ainda não apostatou.

Depois que os oficiais se foram, o samurai sentou-se, ainda vestido em seus trajes brasonados. A escuridão começava a se esgueirar na sala fria de tatame sem aquecimento. Pensando no que o oficial dissera, ele estava convencido de que o estrangeiro orgulhoso e arrogante nunca apostataria, que um homem daqueles nunca se trairia, não importavam os suplícios nem as torturas que ele tivesse que suportar.

Então ele voltou ao Japão...

Ele sabia que isso aconteceria desde que se separou de Velasco em Luzon. Não havia razão para acreditar que a natureza violentamente apaixonada do estrangeiro seria capaz de tolerar uma vida calma e sossegada. Muitas vezes durante a viagem, aquela natureza apaixonada ferira o samurai e seus companheiros emissários. Na viagem, o samurai sempre pensara em Velasco como um estrangeiro totalmente estranho aos japoneses e, por muito tempo, não fora capaz de sentir-se próximo a ele.

Ele percebeu um leve rebuliço. Virou a cabeça e descobriu Riku sentada no corredor. Os ombros de Riku tremiam na escuridão, enquanto ela lutava para controlar as emoções.

— Não te preocupes — disse gentilmente à esposa. — Devemos ser gratos porque a família Hasekura não foi obliterada e Yozo e os outros não foram punidos.

Daquele dia em diante, houve muitas vezes em que o samurai, depois de todos os outros terem ido dormir, sentava-se sozinho olhando para as chamas que corriam sobre os galhos secos. O que teria acontecido com Nishi? Ele provavelmente recebera as mesmas ordens, mas eles não tinham nenhuma maneira de se comunicar. Quando fechava os olhos, as cenas da Nova Espanha, enquanto ele cavalgava ao lado de Nishi e dos outros, passavam uma a uma diante dele. O sol como um disco ardente, o deserto em que agave e cactos cresciam, os rebanhos de cabras, os campos cultivados por índios de rabos de cavalo. Teria ele realmente presenciado aquelas cenas? Teria tudo sido um sonho? Ele ainda estaria sonhando? Nas paredes dos mosteiros em que ele ficara, aquele homem feio e emaciado sempre estava pendurado com os braços estendidos e a cabeça pendente.

Enquanto quebrava os galhos secos, o samurai pensou: *Cruzei dois grandes oceanos e fui até a Espanha encontrar-me com um rei. Mas nunca encontrei um rei. Jamais vi aquele homem.*

Ocorreu ao samurai que, em terras estrangeiras, aquele homem era chamado de “Senhor”, mas ele nunca conseguira entender por quê. Tudo o que ele sabia era que o destino não o juntara com nenhum rei deste mundo, apenas com um homem que se parecia com os mendigos que às vezes pediam esmolas no charco...

Embora ele estivesse confinado em casa, a família celebrou o Ano-Novo. No charco, cada família usava *hashis* para comer bolinhos de arroz, que eram dispostos numa cesta e colocados diante do altar budista. Na casa do samurai, também tinha sido costume por gerações oferecer bolinhos de arroz ao deus do ano e decorar o caminho de entrada com *otategi*, lenha amarrada num feixe com um galho jovem de pinheiro inserido no meio.

Também pela tradição, os membros das famílias colaterais e das famílias dos cadetes iam à casa do samurai oferecer saudações de Ano-Novo a ele, como patriarca da família principal; no entanto, por causa das circunstâncias, naquele ano a prática foi abandonada. Normalmente, seu tio também aparecia, mas ele não compareceu, por causa da doença. O único consolo do samurai foi seu filho Kanzaburo, que dirigiu-se até o pai vestido em trajes que significavam sua chegada à idade adulta e ofereceu suas saudações de Ano-Novo como homem.

No entanto, o Ano-Novo ainda era o Ano-Novo. Gotas d'água caíam com um alegre espirro da neve do telhado e dos pingentes de gelo nos beirais, e a família podia ouvir Gonshiro brincar em seu cavalo de madeira ao lado do estábulo.

De tempos em tempos, o estrondo de um mosquete ecoava distante pelo charco. O feudo permitia atirar em pássaros migratórios somente no Ano-Novo, e Kanzaburo aparentemente levava alguns camponeses consigo e saía para caçar no brejo. O eco dos tiros persistiu pelo charco.

Os camponeses voltaram com os patos em que haviam atirado. Entre os vários patos colocados no caminho de entrada, havia um cisne branco.

O samurai chamou Kanzaburo e o repreendeu.

— Eu te disse para não atirar nos cisnes brancos. — Ele pensou nas vezes, durante a viagem, em que os cisnes e ele haviam se fundido em um só, em seus sonhos.

O corpo do cisne já estava rijo e tinha começado a cheirar mal. Quando o samurai o pegou, duas, depois três, penas brancas do peito flutuaram até o chão como flocos de neve. O longo pescoço, manchado de sangue vermelho escuro e de lama, pendia sem vida dos braços do samurai, como a cabeça daquele homem. Uma película cinzenta nublava seus olhos. Por alguma razão, o samurai pensou novamente em seu mau destino.

Seu tio morreu no fim de janeiro. O samurai correu para a casa da família colateral. O corpo do tio murchara até ficar como o de uma criança, e suas bochechas tinham se esvaziado de carne, mas ele estava em paz. Até o apego do velho às terras de Kurokawa desaparecera completamente – ou assim pareceu ao samurai.

Com o caixão – que as pessoas do lugar chamavam de *gambako* – no centro, o cortejo fúnebre seguiu pelas estradas cobertas de neve de Shirata em direção à base de uma montanha. O *gambako* foi enterrado no mesmo cemitério em que o pai do samurai estava, e terra preta misturada com neve e lama foi posta em cima dele. O samurai mandou uma mensagem a seu senhor, lorde Ishida, informando a morte de seu tio.

Noite após noite, os ventos uivaram sobre a neve congelada do charco. Então, de repente chegou um mensageiro de lorde Ishida. Talvez por deferência ao conselho dos anciãos, lorde Ishida não oferecera nenhuma palavra de condolência quando o tio do samurai morreu. Riku sugeriu que aquela mensagem inesperada do senhor talvez significasse que o confinamento do samurai tivesse sido suspenso, e o próprio samurai convenceu-se da possibilidade. Afinal, apesar da declaração do

conselho dos anciãos de que o samurai não deveria deixar o charco, lorde Ishida o instruíra a ir a Nunozaawa com um de seus serviçais.

Outra vez, ele levou Yozo e partiu para Nunozaawa. Estava frio na estrada, e, embora um sol pálido ocasionalmente aparecesse por entre o céu cinzento de neve, o vento agitava flocos de neve fina da floresta e soprava-os repetidamente contra o rosto dos dois homens. Enquanto eles seguiam em cavalos ao lado do rio coberto por uma grossa camada de gelo, o samurai imaginou quantas vezes ele fizera o caminho indo e vindo por aquela estrada. As vezes em que ele recebera ordens de trabalho de corveia, as vezes em que submetera petições pela devolução das terras de Kurokawa, as vezes em que lhe disseram para desistir daquelas terras e ele voltara para casa com o coração pesado. Era um caminho impregnado de memórias. E, em todas as ocasiões, Yozo o acompanhara.

De tempos em tempos, o samurai se virava na sela e olhava para seu serviçal, que o seguia silenciosamente. Yozo vestia uma capa de chuva que as pessoas do lugar chamavam de *kakumaki*. Agora, assim como na viagem, Yozo nunca saía do lado do mestre.

— Está frio, não está? — gritou o samurai para o serviçal, com simpatia.

Ainda estava ventando quando eles chegaram a Nunozaawa, mas o céu tinha clareado. Debaixo do céu sem nuvens, uma cadeia de montanhas brancas se estendia ao longe, e, até onde se podia ver, os campos estavam cobertos de neve congelada. Ao contrário do charco, a terra arável ali era ampla e fácil de irrigar.

O fosso em volta da mansão de lorde Ishida estava congelado. O telhado de palha estava afundado pelo peso da neve, e pingentes de gelo pendiam dos beirais como presas brancas. O samurai deixou Yozo no jardim e esperou por um longo tempo no assoalho de madeira da sala de recepção.

— Roku? — disse lorde Ishida, numa voz rouca, quando sentou-se na plataforma elevada. — Passastes por muitos momentos difíceis. Quando eu tiver oportunidade, gostaria de visitar a sepultura dele. Mas deveríeis pelo menos estar contente porque a família Hasekura não foi exterminada.

O que eu fiz de errado? As palavras subiram à garganta do samurai, mas ele as segurou. Não haveria utilidade em dizê-las.

— Nada disso é vossa culpa. Tivestes má sorte. O feudo... — Lorde Ishida hesitou por um momento. — Se o feudo não vos tivesse tratado assim, eles não poderiam se justificar — completou, ofegante.

— Justificar-se...? — Confuso, o samurai levantou a cabeça e olhou magoado para seu senhor. — O que quereis dizer, “justificar-se”?

— Justificar-se perante Edo. Neste momento, Edo procura qualquer desculpa para esmagar os domínios poderosos, um depois do outro. Após todo esse tempo, Edo denunciou Sua Senhoria por, durante tantos anos, abrigar os cristãos que

fugiram de Kanto e por ceder aos desejos de Velasco e escrever uma carta à Nova Espanha dizendo que receberia padres cristãos. O feudo tinha que apresentar alguma justificativa positiva.

O samurai continuou ajoelhado com as mãos pressionadas contra o assoalho frio e não disse nada. Uma única grande lágrima caiu ao chão.

— Tivestes a má sorte de serdes apanhado nas marés cambiantes do governo.
— Lorde Ishida suspirou. — Sei o quanto isso é doloroso para vós. Este velho aqui compreende vossa dor melhor que ninguém.

O samurai ergueu a cabeça e olhou para o rosto de lorde Ishida. Naquela voz aparentemente suave, naquele rosto aparentemente gentil, ele sentiu uma mentira. Havia ainda mais mentiras na expressão facial do velho, em sua voz nasal e ofegante e em seus suspiros deliberados. Aquele homem não compreendia nada de seu ressentimento, de seu remorso. Ele apenas fingia compreender.

— Roku, não deixarei que a família Hasekura seja exterminada. Isso é o máximo que o conselho dos anciãos e lorde Ayugai permitirão. — Lorde Ishida repetiu sua observação anterior num tom firme: — Farei... tudo o que puder para cuidar de Kanzaburo...

O samurai estava atônito. O que o velho queria dizer com aquela observação inesperada?

— Não tendes ressentimentos.

— Não tenho... ressentimentos.

— Há novas ordens do conselho dos anciãos. — Lorde Ishida cuspiu a informação de um só fôlego, como se alijasse de um fardo pesado, depois se levantou cambaleando e desapareceu. Houve passos. Os mesmos oficiais que tinham ido ao charco entraram na sala.

— Ordens do conselho dos anciãos.

O samurai curvou-se até o chão e escutou as palavras do oficial.

— Como Hasekura Rokuemon se converteu a uma religião pagã, depois de novas investigações, ordena-se que ele compareça imediatamente perante o conselho dos anciãos.

O samurai notou que vários homens esperavam, sem fôlego, do lado de fora das portas que davam para o corredor. Eles aguardavam para prendê-lo, no caso de ele perceber as implicações daquelas ordens e freneticamente tentar resistir.

Depois de terminar de escrever para sua esposa e Kanzaburo, ele cortou uma mecha de seu cabelo e colocou-a junto da carta. Então, pediu ao assistente de lorde Ishida, que esperava ao lado:

— Por favor, chamaí meu serviçal, Yozo.

Quando o assistente saiu da sala, o samurai colocou as mãos sobre os joelhos e fechou os olhos. Sem dúvida, lorde Ishida e os oficiais do conselho dos anciãos estavam numa câmara interna. Dentro da mansão, tudo estava em silêncio.

De vez em quando, ele ouvia o som da neve escorregando do telhado de palha, incapaz de resistir ao próprio peso. Quando o som seco desaparecia, o silêncio ficava ainda mais intenso.

“Tivestes a má sorte de serdes apanhado nas marés cambiantes do governo.” As palavras de lorde Ishida ainda ecoavam em seus ouvidos. “Sei o quanto isso é doloroso para vós. Este velho aqui compreende vossa dor melhor que ninguém.”

Depois que terminou, o oficial, assim como antes, acrescentou:

— Isso é difícil para mim, ainda que seja meu dever.

O samurai ficou sentado, imóvel. Dentro da mansão, um silêncio estranho. Seu coração perdera a força de reunir qualquer emoção que fosse. Novas investigações. Aquilo não era nada mais que uma desculpa. Ele já explicara e se desculpara a lorde Tsumura e lorde Otsuka várias vezes. “Se o feudo não vos tivesse tratado assim... eles não poderiam se justificar.” As palavras de lorde Ishida voltaram a ocorrer-lhe. Tudo já estava decidido desde o início; ele simplesmente corria por trilhas predeterminadas. Caindo num abismo escuro e vazio.

A neve estalava no telhado e escorregava para o chão. O som lembrava ao samurai o ranger do cordame do navio. Num só momento, o cordame rangeu, as gaivotas brancas voaram por cima com um grasnar agudo, as ondas bateram contra o casco e o navio se moveu para o grande oceano – naquele momento foi decidido que aquele seria seu destino. Sua longa viagem agora o levava a seu destino final.

Quando olhou para cima, do lado de fora da porta aberta, ele viu Yozo sentado no jardim nevado, com a cabeça baixa. Sem dúvida, o assistente lhe contara tudo. Piscando, o samurai olhou para o fiel serviçal por alguns momentos.

— Depois de todas as provações pelas quais passaste... — As palavras ficaram presas na garganta.

Yozo não soube dizer se seu mestre estava falando da gratidão por ter suportado todas aquelas provações ou do ressentimento por causa delas. Ele continuou cabisbaixo, mas soube que seu mestre e o assistente haviam se levantado para sair.

Atrás do telhado, o samurai via a neve cair. Os flocos descendo num redemoinho pareciam os cisnes brancos do charco. Pássaros migratórios que vinham ao charco de um país distante e depois partiam para outro país distante. Pássaros que haviam visto muitos países, muitas cidades. Eram como ele mesmo. E agora, ele partia para outra terra desconhecida...

— De agora em diante... Ele estará a vosso lado.

De repente, ele ouviu a voz cansada de Yozo.

— De agora em diante... Ele cuidará de vós.

O samurai parou, olhou para trás e assentiu enfaticamente com a cabeça. Depois, partiu pelo corredor frio e reluzente em direção ao fim da viagem.

Foi marcado um dia para a execução. Na véspera, Velasco e o monge Luís Sasada obtiveram permissão especial para se banharem sob a vigilância dos guardas e para vestirem novas roupas de prisão. Nas palavras do guarda, isso resultara de “excepcional consideração” por parte do escritório do magistrado. Os corpos imundos estavam emaciados e as costelas sobressaíam. Sua refeição na última noite – de novo por excepcional consideração dos anfitriões – incluiu um peixe quase estragado e a habitual tigela com verduras. O guarda explicou que aquela seria a última refeição que eles teriam, pois havia uma regra de que os prisioneiros não recebessem desjejum na manhã da execução. Alguns prisioneiros ficavam tão aterrorizados que vomitavam tudo o que havia no estômago no local da execução.

— Tendes algum pedido?

Velasco e Luís Sasada pediram um pouco de papel limpo. Ambos queriam escrever um testamento. À pálida luz do sol filtrado pelas grades da cela, Velasco escreveu para os companheiros no mosteiro de Luzon.

“A cada momento que passa, sinto minha hora final aproximando-se de mim. Bendito seja Deus, que manda as chuvas do amor sobre esta terra rochosa e estéril. Espero que cada um de vós também perdoe meus pecados. Cometi muitos erros ao longo da vida. Como um homem ineficiente que tenta resolver tudo com um só esforço, aguardo agora meu martírio. Que a vontade de Deus seja feita nas terras sem rumo do Japão, assim como Sua vontade é feita nos céus. Por favor, perdoai-me por não ter levado até o fim o chamado de padre que Deus me concedeu. Por favor, relevai as muitas vezes em que vos feri com meu orgulho e minha arrogância. Que cada um de vós tenha sucesso como bons trabalhadores nos trigais do Senhor e que Ele nos reúna a todos na glória de nosso Senhor Celestial.”

Ao escrever seu testamento final, Velasco sentiu genuinamente que seu orgulho e sua arrogância haviam ferido incontáveis pessoas ao longo dos anos e que ele teria que suportar a agonia do dia seguinte como punição por isso.

No momento em que entregou o testamento ao guarda, a habitual escuridão gelada havia gradualmente se insinuado na cela. Ocorreu a ele que, àquela hora no dia seguinte, eles não estariam mais lá, mas a mesma escuridão cobriria sua cela deserta; Velasco de repente se sentiu ofendido.

Enquanto ele rezava com Luís Sasada, passos inesperados soaram da outra extremidade da prisão, e a porta gradeada de sua cela foi aberta. O rosto do guarda,

achataado como o de um peixe, apareceu de relance nas sombras da chama da vela.

— Para dentro.

À ordem do guarda, uma grande sombra agachada esgueirou-se desajeitadamente para dentro de sua cela. Ela falou com os dois homens em latim, sussurrando:

— *Pax Domini*.

No escuro, eles não puderam distinguir o rosto nem a forma daquele prisioneiro, mas ele exalava o mesmo odor repulsivo que eles.

— Sois padre?

Numa voz pedregosa, ele disse que era o padre Carvalho, da Companhia de Jesus.

— Eu estava na prisão de Suzuda. Devo ser executado amanhã, juntamente convosco.

Ele contou que estivera escondido perto de Nagasaki, mas fora capturado no fim do ano anterior e transportado para lá da prisão de Suzuda – situada entre Omura e Nagasaki – a fim de ser executado no dia seguinte.

No escuro, Velasco sorriu. Não era seu habitual sorriso condescendente. Ele sorriu ao perceber de repente que não sentira ressentimento nem raiva ao saber que o recém-chegado era um jesuíta, membro da ordem que empregara cada calúnia possível para armar ciladas para ele e obstruir seus planos durante a viagem. Embora o homem em pé diante dele fosse um padre daquela companhia, ele não sentiu ódio, sentiu até uma pontada de nostalgia. Talvez saber que eles compartilhariam a morte na manhã seguinte tivesse limpado tudo. Certamente, ódio e raiva eram assuntos triviais comparados à enormidade da morte que viria.

— Eu... sou o padre Velasco.

O padre Carvalho não disse nada. Era óbvio pelo silêncio que ele ouvira falar de Velasco e de suas atividades.

— Não vos preocupeis — disse Velasco, com gentil atenção. — Não tenho mais nenhum desses pensamentos. Amanhã estaremos juntos no mesmo país.

Ele perguntou se seria possível o padre Carvalho ouvir sua confissão. Ele se ajoelhou junto ao corpo malcheiroso à frente. Ele sabia que sua voz poderia ser ouvida claramente por Luís Sasada, mas não se importava mais com isso.

— Minha arrogância e meu orgulho desencaminharam e feriram muitas pessoas. Busquei satisfazer meu próprio orgulho tomando o nome de Deus em vão. Confundi minha própria vontade com a vontade de Deus. Houve vezes em que odiei a Deus. Porque a vontade de Deus não estava de acordo com a minha. Cheguei a negar a Deus, porque Ele ignorou meus desejos. Eu não tinha consciência de meu próprio orgulho nem de meu desejo de conquista. Eu me persuadi de que era tudo pela vontade de Deus.

Cuspindo mau hálito, o padre Carvalho entoou as palavras de exprobração numa voz rouca, depois se persignou.

— Estai em paz agora. Ide em paz.

Ao ouvir essas palavras, Velasco pensou no japonês cuja confissão ele escutara em Ogatsu. Ele não tinha ideia de onde aquele homem estava nem do que estaria fazendo naquele momento, mas ele iria para a morte tendo mentido para aquele homem. Ele precisa morrer como punição também por aquela mentira. Embora sua confissão tivesse sido completa, seu coração não estava em paz.

Durante a noite, Luís Sasada começou a chorar. Não pela primeira vez, sentia-se atormentado pelo medo da morte. Como sempre, Velasco segurou a mão magra de Sasada e fervorosamente pediu a Deus que transferisse toda aquela agonia para ele mesmo. O padre Carvalho também se ajoelhou ao lado de Sasada e rezou pelo jovem que chorava e tremia. Não demorou, e uma luz branca lentamente começou a penetrar na cela. O dia da execução raiara.

Alvorada.

O céu estava limpo, mas o vento era forte. Quando os condenados foram levados da cela, soldados rasos carregando lanças e mosquetes já haviam se alinhado no jardim da prisão, e flâmulas com o brasão dos domínios de Omura balançavam ao vento. Vários homens do clã estavam sentados em banquinhos à frente das flâmulas – entre eles o funcionário do escritório do magistrado que interrogara os prisioneiros.

Esse funcionário se levantou do banquinho e ordenou que os três homens declarassem seus nomes. Então, inclinou-se e murmurou alguma coisa para um homem que parecia ser seu superior. O velho corpulento desenrolou um papel contendo a sentença de morte e a leu em voz alta.

Ventava forte. A distância, o mar espumante parecia frio. Depois que a sentença foi lida, os guardas cercaram os três homens e ataram as mãos deles. Também foram colocadas cordas em volta dos pescoços, mas essas não foram apertadas.

O cortejo partiu. Eles seguiram por um caminho que serpenteava por pomares de tangerinas, os oficiais a cavalo e os prisioneiros, os guardas e os soldados a pé. Mulheres camponesas interromperam o trabalho e olharam, surpresas.

— *Crucifixus etiam pro nobis.*

Enquanto caminhavam com dificuldade pelo caminho inclinado, o padre Carvalho de repente começou a cantar.

— *Crucem passus.*

Oficiais e guardas não tentaram interromper. Depois de descer pelos pomares de tangerineiras, eles entraram na cidade de Omura. A estrada era margeada por casas com telhados de palha, e dos dois lados, homens carregando cestas nos ombros e mulheres carregando crianças olharam paralisados quando o cortejo passou por eles. Velasco tentou encorajar Luís Sasada, que ocasionalmente cambaleava e caía sobre ele.

— Em breve... Muito em breve, tudo estará terminado. O Senhor nos aguarda.

As filas de espectadores se estendiam até o fim da rua. “Pai, perdoai-os.” Com tal verso, o padre Carvalho concluiu seu hino. “Pois eles não sabem o que fazem.”

Uma paliçada de bambu apareceu ao fundo. Outro pelotão de soldados rasos com mosquetes estava alinhado ao lado dela. Aquela área, Hokonbaru, era o local de execução do feudo de Omura.

Enquanto caminhava pela praia, coberta de conchas e algas marinhas, Velasco olhou para o mar. O vento batia contra sua testa. Longe, no porto, as suaves colinas cor de orquídea da ilha de Hario podiam ser vistas. As ondas desse lado da pequena ilha rodavam e encharcavam as rochas com uma espuma nebulosa. O sol reservara seus raios mais brilhantes para os trechos de mar aberto. Aquela era a última visão do Japão que Velasco e os outros prisioneiros veriam.

Os soldados abriram a paliçada de bambu. O cortejo parou. Os condenados, expostos aos ventos do mar, estavam pálidos até os lábios. No meio da paliçada, três novas estacas haviam sido fincadas no chão, e palha e lenha foram empilhadas à volta delas. As estacas se erguiam retas e imóveis, como carrascos altos.

Enquanto os guardas ajustavam as amarras nas mãos dos três homens, o funcionário do escritório do magistrado se aproximou.

— Vamos lá, ainda não tendes vontade de apostatar? É vossa última chance.

Os dois missionários balançaram a cabeça firmemente. Depois de alguns momentos de silêncio, Luís Sasada também se recusou.

O oficial assentiu e recuou dois ou três passos. Então, como se de repente se lembrasse de algo, voltou para Velasco e, com um olhar firme, relatou:

— Esta informação é confidencial, mas... Hasekura e Nishi, que foram convosco para as terras estrangeiras, foram executados porque eram cristãos.

Um sorriso de deleite apareceu nos lábios pálidos de Velasco.

— Ah! — Um grito escapou de sua garganta, e ele se voltou para o padre Carvalho, gritando: — Agora posso me juntar a eles!

Os três homens rezaram um Pai-Nosso em uníssono enquanto andavam em fila na direção das estacas. As três estacas espreitavam de longe, esperando pacientemente a chegada deles. Os guardas empurraram cada um deles para a

frente das estacas e amarraram os corpos firmemente a elas. O barulho do vento era ensurdecedor.

Quando terminaram de amarrar os prisioneiros, gritaram:

— Que possais renascer no paraíso! — Então, dispersaram-se em todas as direções. Enquanto isso, os oficiais haviam se abrigado do vento e observavam os preparativos ao lado da paliçada de bambu.

Um soldado raso segurando uma tocha ateou fogo a cada uma das pilhas de lenha e palha na base das estacas. Insufladas pelo vento, as chamas ergueram-se violentamente e cuspiram fumaça. De dentro da fumaça que crescia, as preces de cada um dos homens podiam ser ouvidas clara e distintamente: *Libera me, Domine, de morte aeterna.*

* * *

Quando as chamas se tornaram mais ferozes, primeiro a voz de Luís Sasada, depois a do padre Carvalho, silenciaram-se abruptamente. Apenas o vento e o som de lenha desmoronando podiam ser ouvidos. Por fim, de dentro da fumaça branca que envolvia a estaca de Velasco, um único grito soou.

— Eu... vivi!

Os oficiais e os guardas ficaram em pé, tremendo, a alguma distância, até que a força das chamas esmoreceu. Mesmo depois que as chamas cederam, as três estacas, livres dos prisioneiros e curvadas como arcos, continuaram em brasa. Um guarda coletou os ossos e as cinzas e colocou-os numa manta de junco, depois carregou a manta com pedras e saiu para atirá-la no mar.

As ondas espumantes que arrebatavam na praia engoliram a manta de junco, colidiram e retrocederam. Esses movimentos se repetiram várias vezes, então o sol de inverno bateu na longa praia como se nada tivesse acontecido, e o oceano se estendia abaixo do som do vento. Os oficiais e os guardas não estavam mais na paliçada de bambu.

Pós-escrito: fato e verdade em *Samurai*

VAN C. GESSEL

Pano de fundo histórico

Quando Hasekura Rokuemon (1571-1622) zarpou de Tsukinoura em 28 de outubro de 1613, começou a escrever um diário relatando as experiências no estrangeiro. Depois de sua morte, o diário foi mantido por algum tempo por seus domínios no nordeste do Japão, mas, como quase tudo associado a essa viagem, foi extraviado ou destruído pelas autoridades feudais. Isso foi uma grande perda para nós, já que poderia ter sido a única fonte confiável a lançar luz sobre os muitos mistérios que envolveram a viagem de 1613.

Na verdade, sabe-se tão pouco sobre essa embaixada que tanto os historiadores japoneses quanto os ocidentais quase a ignoraram. Embora haja abundantes documentos secundários em Madri e Roma, as questões cruciais sobre os motivos da viagem continuam sem resposta. É verdade que Scipione Amati, arquivista italiano que viajou com o grupo como intérprete entre agosto de 1615 e janeiro de 1616, escreveu um relato da viagem chamado *Historia del regno di Voxu*. Mas não se pode confiar no relato de Amati, exceto quando se refere a algo que ele tenha testemunhado. Os detalhes dos eventos que levaram à viagem e os dois primeiros anos de seu progresso foram relatados a Amati por um ambicioso padre franciscano de Sevilha, que tinha em mente algo além de uma explicação da verdade ao ditar suas memórias da viagem ao escriba.

O padre Luís Sotelo (1574-1624), modelo para Velasco no romance, parece ter sido nos mínimos detalhes o fanático maquinador descrito por Endo. O relato exagerado que Sotelo deu a Amati dos próprios esforços de evangelização no Japão fez com que ele parecesse um evangelista mais persuasivo e bem-sucedido que o Homem que ele alegava representar. Já que Sotelo não pode ser tomado ao pé da letra, somos deixados por nossa própria conta ao determinarmos por que a embaixada chegou a ser organizada, para começar – o que o governante Ieyasu e o

senhor de Hasekura, lorde Date Masamune, verdadeiramente desejavam ganhar –, e por que Hasekura foi escolhido como o principal emissário.

Assim, o romance de Endo, além de ser uma obra de ficção magnificamente bem trabalhada, é uma valiosa obra de especulação. *Samurai* é meticulosamente fiel à história, de maneira que a obra anterior do autor, *O silêncio*, não tentou ser. Virtualmente, tudo a respeito de Hasekura no romance (com exceção da afirmação de que ele nunca participara de uma batalha) é verdade; a triste realidade é que sabemos bem pouco a mais sobre ele. Graças ao meticuloso trabalho de historiadores japoneses como Matsuda Kiichi, podemos verificar que Hasekura foi membro de um corpo de artilharia sob as ordens de Date e que foi senhor de uma propriedade relativamente insignificante no nordeste do Japão. No entanto, não encontramos nenhuma menção adicional a ele, até ele aparecer no convés do *San Juan Baptista*, com mais de cem japoneses e uns quarenta marinheiros espanhóis.

Esse navio aportou em Acapulco em 28 de janeiro de 1614 – ironicamente, quase no mesmo dia em que Ieyasu promulgou o notório decreto de expulsão dos cristãos que marcou o princípio do fim do esforço missionário no Japão. As atividades de Hasekura e de sua comitiva permanecem nebulosas mesmo depois de eles chegarem à Nova Espanha. Amati transmite em termos entusiasmados o relato de Sotelo de que setenta e oito japoneses foram batizados na Cidade do México, mas os registros existentes das igrejas de lá não fazem menção a esse evento. Na continuação, a *História* descreve a recepção entusiasmada que a embaixada recebeu ao longo da viagem pela Nova Espanha, mas Sotelo, responsável por esse relato oficial extático, estava ao mesmo tempo enviando cartas ao rei da Espanha, reclamando do tratamento frio que eles recebiam por parte de todos.

Os cerca de vinte japoneses que zarparam de Veracruz em 10 de junho de 1614 formaram provavelmente o primeiro grupo de compatriotas a fazer a viagem pelo oceano Atlântico. Só depois de chegarem à Europa foi que a documentação tornou-se razoavelmente confiável. Os emissários de fato foram calorosamente recebidos na cidade natal de Sotelo, Sevilha; eles realmente tiveram uma audiência com Felipe III da Espanha (na qual Hasekura, com típica deferência japonesa, anunciou que se considerava “a mais honrada dentre todas as pessoas de meu povo” por poder sair de uma terra de trevas e banhar-se na luz de uma nação cristã); Hasekura foi batizado em 17 de fevereiro pelo capelão pessoal do rei e foi nomeado patrício e senador romano quando chegou à Cidade Eterna. O governo espanhol, porém, de posse de relatos irados dos jesuítas questionando os reais motivos da embaixada, não chegou a um acordo quanto a uma resposta razoável às solicitações dos emissários, e o grupo definhou na Espanha por quase dez meses.

Sotelo concluiu que o papa era seu único recurso. A audiência com Paulo V em 3 de novembro de 1615, embora elaborada, gerou poucos resultados concretos.

Sotelo não foi nomeado bispo do Japão, e a questão das relações comerciais entre a Nova Espanha e o Japão foi habilmente evitada. Embora o papa tenha concordado em mandar mais franciscanos para o Japão, as notícias da violenta mudança de curso dos eventos por lá logo tornaram essa promessa vazia.

Endo condensa as etapas finais da viagem para dar um efeito dramático. Na verdade, os emissários permaneceram na Europa até o verão de 1617, embora não seja claro exatamente o que estavam fazendo. Quando seu navio chegou a Manila, em julho de 1618, os emissários receberam ordens do governo japonês de ficar lá até segunda ordem. Em 1620, o Conselho Católico das Índias instruiu Sotelo a voltar para a Nova Espanha e executar suas tarefas missionárias ali. Naquele mesmo ano, Hasekura finalmente teve permissão para retornar a sua terra. Ele encontrou um Japão dramaticamente diferente do país que ele deixara para trás. O cristianismo estava sendo sistemática e sangrentamente estrangulado, até deixar de existir – e, em poucos anos, o xogunato baniria o comércio com a maioria das nações estrangeiras e proibiria qualquer cidadão japonês de deixar o país. Os objetivos da missão de Hasekura tinham sido completamente abandonados durante sua ausência. O cristianismo que ele abraçara para servir a seu senhor de modo mais diligente passara a ser considerado uma heresia perigosa. E o próprio Hasekura era uma irritante anomalia na sociedade hostil e isolacionista do Japão do século XVII.

Depois de registrarem que Hasekura voltou a suas terras, os oficiais japoneses se calam. Os relatos tradicionais de seus últimos anos variam. Alguns dizem que ele abandonou voluntariamente o cristianismo, que ele assumira apenas por conveniência. Outros insistem que se apegou à nova fé e, por isso, foi condenado a morrer; outros, ainda, afirmam que ele repudiou publicamente a religião estrangeira, mas continuou a praticá-la em segredo. Embora não tenhamos como determinar qual desses relatos é verdadeiro, uma carta supostamente escrita pelo neto de Hasekura deve ter atizado a curiosidade de Endo. Essa carta alega que, em 1640, as autoridades Tokugawa descobriram que o filho de Hasekura, Gonshiro, furtivamente observava os rituais da religião ilegal. Por permitir isso, o filho mais velho, Kanzaburo, recebeu ordens de cometer *seppuku*.

Seja a carta autêntica ou não, sua intrigante sugestão torna a reconstrução da história feita por Endo ainda mais interessante. Em 1622, ano da morte de Hasekura, Sotelo disfarçou-se e voltou para o Japão. Seu martírio, em 25 de agosto de 1624, aconteceu exatamente como o romance descreve. A morte desses dois homens, assim como a vida deles, reafirma a tese fundamental de Endo de que a essência do cristianismo é determinada não por decretos burocráticos, mas pelos anseios particulares de cada crente.

O romance

Quando *Samurai* foi publicado no Japão, na primavera de 1980, foi universalmente aclamado pelos críticos e atraiu uma ampla audiência de leitores. Endo recebeu um dos mais importantes prêmios literários do Japão, o Noma, pelo romance. No entanto, lendo o que os críticos disseram sobre o livro, sentiu que muitos japoneses consideram-no uma fascinante história de aventura histórica e nada mais.

Parece-me que tanto os leitores como os críticos erraram o alvo. Como Endo declara na nota introdutória para o leitor ocidental, em *Samurai*, ele não está interessado nos fatos históricos. Afinal, os fatos nunca o atraíram tanto quanto a “verdade” menos substantiva a respeito de indivíduos e eventos. Assim como a história de Rodrigues em *Silêncio*, embora não estritamente fiel aos fatos, é inquestionavelmente “verdadeira” num sentido mais amplo, a versão de Endo da vida de Hasekura é um registro correto da viagem espiritual que é feita dentro do coração de um homem. Os leitores que esperam que o romance trate apenas de uma viagem temporal estão, se me permitem, perdidos no mar.

A preocupação primária de Endo no romance é demonstrada adequadamente pelo título provisório que ele tinha em mente quando começou a escrevê-lo. A princípio, era para o livro se chamar *Um homem que se encontrou com um rei*, que seria extremamente apropriado, porque tanto o Hasekura da realidade quanto o da ficção tiveram a oportunidade de se ver face a face com vários reis da terra. Todos esses encontros, porém, se demonstraram vazios e frustrantes. Hasekura e seus camaradas guerreiros são derrotados na arena da carne e voltam ao Japão humilhados e malsucedidos. Mas, quando Hasekura se vê diante de um abismo de desespero e morte provável, ele encontra mais um rei, que busca apenas aliviar suas feridas; um rei que também foi “desprezado e rejeitado pelos homens”. É quando Hasekura encontra e abraça esse rei patético que suas próprias dores se tornam suportáveis.

Essa imagem de um Cristo miserável, mas solidário, é familiar na literatura de Endo: foi o mesmo Cristo que encorajou Rodrigues a pisar no *fumie*. Uma diferença significativa em *Samurai* é que Endo não mostra os conceitos de Velasco sobre o cristianismo em conflito direto com os do samurai. Em *Silêncio*, os padres ocidentais tiveram que ser despidos dos adornos culturais de sua fé antes de compreenderem a verdadeira natureza de Cristo. No presente romance, porém, Endo é menos dogmático sobre as questões da fé e da cultura. Aqui é permitido a Velasco, uma vez tendo se livrado de seu orgulho, adorar e servir um Cristo glorificado com uma fé racional e agressiva, e sua morte de mártir é uma reflexão sem diluição de suas crenças ocidentais dinâmicas. Em contraste, Hasekura aceita

Jesus como companheiro de forma quase passiva. Sua fé é primariamente não racional e completamente internalizada, e os contornos vagos e nebulosos de sua morte são um símbolo apropriado de uma convicção diferente daquela de Velasco, mas não menos válida que ela. Em seu romance, Endo concede a ambos os homens um lugar nas mansões eternas do céu.

Se as derrotas e o eventual despertar para a fé de Hasekura são outro tipo de rejeição e triunfo final de Jesus, também representam algo muito mais pessoal para Endo. Numa entrevista publicada na época do lançamento do livro no Japão, Endo observou:

Samurai é, de certa maneira, um romance autobiográfico. Eu fui o primeiro japonês a estudar no exterior depois da guerra, o primeiro a viajar para a Europa. A viagem marítima de trinta e cinco dias foi uma agonia absoluta. As descrições do oceano neste romance são baseadas em minhas experiências de então; na vida de Hasekura e na forma de sua morte, expressei meu atual estado de espírito... (*Nami*, abril de 1980)

O romance é autobiográfico em mais coisas que só as aparências de uma viagem marítima à Europa. Os sentimentos de incompreensão e até de repugnância que Hasekura experimenta quando olha para os crucifixos que parecem persegui-lo por todo o mundo não são muito diferentes das emoções que Endo atribuiu a si mesmo em sua juventude. A cena de *Samurai* na qual Hasekura é batizado em Madri é uma reprodução exata da cerimônia de que Endo participou aos onze anos de idade. Assim como Hasekura, Endo não escolheu o cristianismo; inicialmente o teve empurrado sobre si e, por algum tempo, sentiu-se muito distante dele. Somente quando as provações da viagem de sua vida o levaram a um ponto em que ele pôde “encontrar um rei” foi que ele, assim como o protagonista do romance, chegou a um acordo com uma religião não mais estrangeira, e sim intensamente pessoal. Em certo nível, este romance é a história daquela viagem em direção à fé.

É o senso de afinidade que Endo teve com Hasekura e as maneiras em que a vida do autor e a do personagem se interligam e se enredam com a vida de Jesus que dão o sopro de vida definitivo a *Samurai*. O romance é, de várias maneiras, exatamente o que o autor esperava que ele fosse: uma peça sinfônica que oferece muitas ricas melodias e reúne o Oriente e o Ocidente, a fé e a descrença, o fervor e a passividade. Embora os executantes desta peça musical venham de tradições muito distintas e toquem instrumentos diferentes, o refrão final soa claramente e, mais importante, de forma harmônica.

1. Designação dada aos senhores feudais japoneses, membros de uma classe de chefes militares que haviam chegado ao poder no século XVI. Em 1614, havia quase duzentos daimios no Japão. (Nota da tradução americana)
2. *Daikon* é um rabanete grande, de casca branca, muito comum no Japão. (N.T.)
3. Casaco curto usado sobre quimono longo em ocasiões formais. (Nota da tradução americana)
4. Tokugawa Ieyasu (1542-1616), o último dos “três grandes unificadores” do Japão, estabeleceu o xogunato que levava o nome de sua família e que governaria durante mais de 250 anos um país isolado. Em 1605, Ieyasu deu o título de xogum a seu filho Hidetada, mantendo consigo o verdadeiro poder até a morte, sob títulos de nobreza como naifu. (Nota da tradução americana)
5. Edo é a atual Tóquio. (Nota da tradução americana)
6. Na versão impressa de *Samurai*, o sr. Endo se refere às duas ordens rivais como a Companhia de Pedro e a Companhia de Paulo. Com o encorajamento do autor, restaurei os nomes usados no manuscrito original – os jesuítas e os franciscanos, respectivamente. (Nota da tradução americana)
7. Antes de o clã Tokugawa ter consolidado seu domínio sobre o Japão, Toyotomi Hideyoshi (1536-1598), conhecido como *taiko*, ou “regente”, era o governante de fato. Após a morte de Hideyoshi, sua família continuou a exercer influência, até que os Tokugawa os aniquilaram em 1615. (Nota da tradução americana)
8. Carta ou escrito, também chamado breve apostólico, que costuma ter extensão e importância menor que os outros documentos papais, como as bulas ou as encíclicas. (N.T.)
9. Aproximadamente trinta e três metros de comprimento, dez de largura e vinte e seis de profundidade. (Nota da tradução americana)

1. Literalmente, “castanhas da vitória”, bons auspícios colocados em casa no Ano-Novo ou em preparação para uma batalha. (Nota da tradução americana)

1. Atual Hokkaido, a ilha mais ao norte das quatro principais do arquipélago japonês. (N.T.)
2. Em espanhol no original. (N.T.)
3. Bhechadjaguru, o “médico das almas” no panteão budista. (Nota da tradução americana)

[1.](#) Em espanhol no original. (N.T.)

[2.](#) Konishi Yukinaga (1558?-1600) e Takayama Ukon (1552-1615) foram daimios influentes de Kyushu que se converteram ao cristianismo. Depois da ordem de expulsão, Takayama morreu no exílio, em Manila; Konishi, que tomou o lado dos Tokugawa na decisiva batalha de Sekigahara, foi executado pelos vencedores. Ambos morreram cristãos fiéis. (Nota da tradução americana)

1. Naito (falecido em 1626) foi outro cristão eminente exilado para Manila. (Nota da tradução americana)

Table of Contents

NOTA DA TRADUÇÃO AMERICANA

PREFÁCIO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

PÓS-ESCRITO: FATO E VERDADE EM SAMURAI